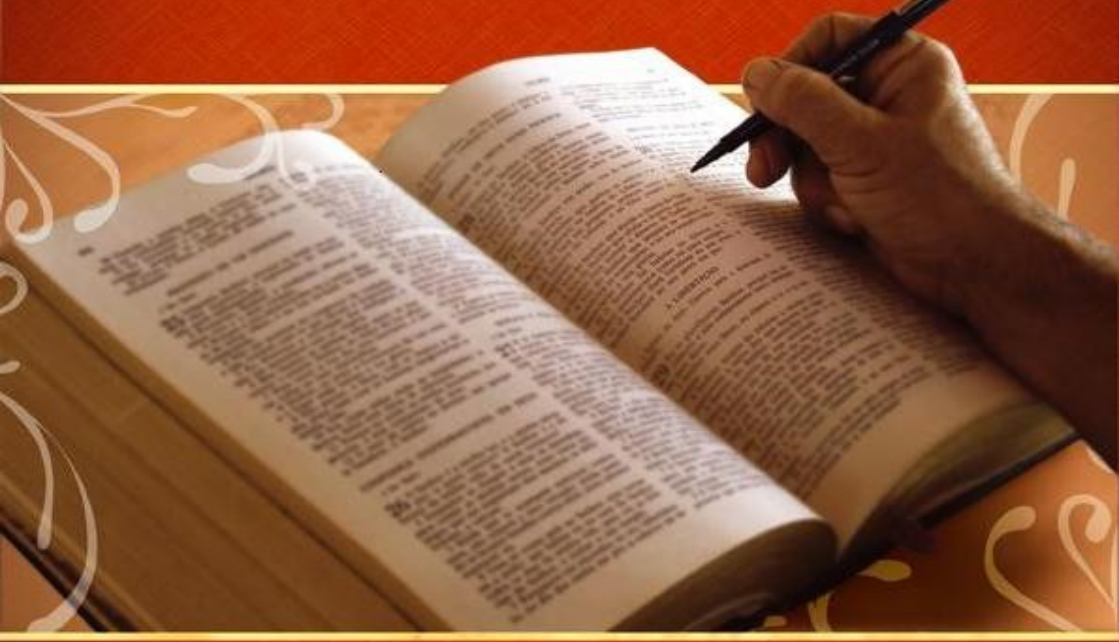
Vol. I

RELENDO A BÍBLIA
REVENDO A TEOLOGIA

ANÁLISE CRÍTICA DE ALGUNS TEMAS BÍBLICOS DE ACORDO COM UMA VISÃO NÃO DOGMÁTICA



PAULO NETO

Paulo Neto

RELENDO A BÍBLIA, REVENDO A TEOLOGIA

Volume I

Análise crítica de alguns temas bíblicos de acordo com uma visão não dogmática.

Agradecimentos

Os nossos sinceros agradecimentos a todos os membros do Grupo Apologético Espírita – GAE, (**www.apologiaespirita.org**) pelo apoio e incentivo nas pessoas dos amigos Maurício C. Pimenta, Dr. João Frazão de Medeiros Lima e Hugo Alvarenga Novaes pelas suas valiosas sugestões aos textos colocados nesse nosso livro.

Crédito aos amigos Thiago Toscano Ferrari e Vladimir Vitoriano da Silva cujos textos “A Serpente é Satanás?” e “Deuteronômio – Lei divina ou mosaica?”, respectivamente, os fizemos em conjunto.

Nossa eterna gratidão ao nosso companheiro e mestre Gil Restani, que antes de retornar à pátria espiritual nos honrou prefaciando essa obra.

À minha esposa Rosana e aos meus filhos Ana Luisa, Rebeca e João Pedro, que souberam compreender o tempo que lhes retiramos para dedicar a esse livro.

ÍNDICE

Agradecimentos.....3
Prefácio.....5
Introdução.....9
Inspiração dos textos sagrados.....18
Os textos originais na Bíblia.....45
O Paraíso Perdido.....78
A serpente é satanás?.....87
A Arca de Noé, verdade ou ficção?.....113
Torre de Babel: o carro na frente dos bois.....146
Sodoma e Gomorra: castigadas por Deus?.....165
Matança dos varões nascidos de hebreus.....203
Moisés, o Libertador.....215
Mar Vermelho: a travessia que nunca existiu.....223
E aconteceu no Sinai.....245
Deuteronômio – lei divina ou mosaica?.....263
Jericó: a cidade palco de feitos inauditos.....278
Os dois milagres de ordem cósmica.....292
A morte de Saul.....302
Os mortos estariam mesmo dormindo?.....308
Os arrebatamentos: de Henoc e de Elias.....317
A Lenda Bíblica de Jó.....375
Satanás – ser ou não ser, eis a questão.....404
Jonas e a baleia.....414
Comunicação com os mortos na Bíblia.....429
Conclusão Final.....453
Referências Bibliográficas.....456

Prefácio

A Bíblia é um livro excepcionalmente importante para toda a Humanidade.

Foi o primeiro livro a ser impresso tipograficamente, sendo também a obra publicada no maior número de idiomas em todo o mundo.

Para alguns, o livro representa a palavra de Deus, de capa a capa. Para outros, entretanto, seu texto deve conduzir à reflexão e apreciado como literatura alegórica, em muitas oportunidades.

A Bíblia é chamada de “O Livro Sagrado”, pelo respeito exacerbado que, ao longo dos séculos, foi construído pela Igreja. A reforma protestante exaltou, ainda mais, o texto bíblico, buscando torná-lo inatacável.

As gerações humanas se sucederam, sem que, mesmo quanto aos trechos da Bíblia notoriamente exagerados ou controversos se colocasse qualquer observação, sob pena de granjear, o audacioso que assim procedesse, o epíteto de herege ou sacrílego.

É inegável o excepcional valor de muitos ensinamentos do livro.

É inaceitável, contudo, afirmar-se ser, todo o seu conteúdo a palavra de Deus, tantas são as menções carentes de racionalidade.

Com a evolução temporal, surgiram vários estudiosos que deliberaram esclarecer, debater e reparar as passagens bíblicas merecedoras de observação.

No Brasil, anteriormente, destacaram-se, como críticos da Bíblia, o conspícuo Dr. Carlos Imbassahy, espírita convicto e militante e o Dr. Mário Cavalcanti de Melo, autor do livro "*Da Bíblia aos Nossos Dias*", cujo subtítulo é: "Suas lendas, seus erros e contradições", em obra prefaciada pelo Professor Deolindo Amorim.

Hodiernamente, irrompe outro grande estudioso da Bíblia, em seus múltiplos aspectos, o estimado confrade Paulo da Silva Neto Sobrinho, com os mesmos objetivos colimados por aqueles precursores ilustres, qual seja, o de retirar as *"escamas"* que perduram nos olhos de tantos, incrustados num dogmatismo irremovível.

O escopo de Paulo Neto, nesta obra, confunde-se integralmente ao daqueles baluartes, o que se pode depreender da transcrição que, com a devida vênia faremos, de excerto do prefácio do Professor Deolindo Amorim à obra de Mário Cavalcanti de Melo:

> *"A preocupação do Autor, entretanto, é de quem, não estando conformado com certos ensinos bíblicos até agora aceitos como definitivos e verdadeiros, quer rasgar o véu que ainda encobre muitas passagens da Bíblia e, assim, afastar dúvidas ou equívocos sensivelmente prejudiciais à exata compreensão de muitos pontos da História."*

A maior virtude desta nova obra analisadora e revisora dos textos bíblicos é o enfoque de novos aspectos, sob uma

ótica, raciocínio e lógica diferentes. Entretanto, acontece com todos aqueles que buscam estudar a Bíblia com base no realismo, serem considerados heréticos e inimigos da fé.

Anteriormente, Paulo Neto lançou outra apreciada obra sobre o mesmo tema: "*A Bíblia à Moda da Casa*".

Evidenciando o fato de que a análise do texto bíblico prossegue suscitando muito interesse, surgiu esta nova obra, com nova formatação, em que os temas são estudados em tópicos separados.

As incongruências, insubsistências e diatribes são exaustivamente estudadas, e o Autor demonstra excepcional capacidade ao demonstrá-las, e mais, de extrair conclusões eivadas de racionalidade das suas colocações.

Assim como aconteceu com a sua obra antecedente, "A Bíblia à Moda da Casa", este novo trabalho do Autor é um libelo contra o fanatismo e o dogmatismo.

Tudo porque o enfoque dado ao texto bíblico é calcado num raciocínio embasado na Doutrina dos Espíritos, de Allan Kardec.

O Espiritismo trouxe novos conhecimentos e novas luzes, em campos do saber humano até então inamovíveis, seja pelo tradicionalismo, seja pela oclusão mental. *"Mais vale repelir dez verdades do que admitir uma só mentira",* lecionou o Codificador.

Paulo Neto embasa suas reflexões, observações e conclusões no conhecimento espírita, que vem amealhando ao

longo de seus estudos, em estrita observância aos preceitos doutrinários.

Todo o seu trabalho é, mui certamente, oriundo de exaustivas pesquisas e de uma busca incessante de fontes confiáveis, pois a abordagem e a temária mexe e incomoda aos exegetas de plantão. O embasamento é necessário e, muitas vezes, imprescindível, para abafar reações esdrúxulas dos que se sentem atingidos com a exposição realista que é apresentada.

Não é possível, entretanto, que se continue aceitando como verdade intocável e inamovível certas colocações e certas passagens bíblicas, à vista de equívocos e impossibilidades que saltam à vista de quantos as compulsem.

Esta não é uma obra de leitura, mas sim de estudo. Apresentada em tópicos, cada um deles vai suscitar reflexão por parte do leitor. Alguns dos raciocínios e explicações apresentados serão apreciados com surpresa, levando o leitor a uma pergunta inevitável: *“como nunca pensei nisso antes?”*

Honra ao raciocínio, à crítica e à capacidade intelectiva de Paulo Neto, lançando esta nova obra sobre assunto tão delicado e tão profundo quanto o conteúdo da Bíblia.

Usufruamos desse manancial de informações.

Belo Horizonte, em 15/04/2005.

Gil Restani de Andrade (1941-2006)

Introdução

> “Não se deve aceitar qualquer ideia que nos vem dos livros, da tradição, da autoridade da Igreja, nenhuma deve ser aceita a não ser que resista a um exame rigoroso.” (DESCARTES).

Ao longo de nossos estudos da Bíblia sempre nos deparávamos com passagens controvertidas cujas respostas, oferecidas pela teologia dogmática, não nos deixavam satisfeitos. Assim, resolvemos fazê-los como se não tivéssemos nenhuma informação sobre o assunto enfocado para que nada pudesse nos influenciar, já que o que aprendemos no passado poderia nos levar, sem que o quiséssemos, ao mesmo lugar onde se encontram os equívocos teológicos, cujos conceitos parecem não preocupar a seus representantes.

Estamos vivendo na Era da Informação e os naturais questionamentos pipocam, quando nos vemos diante de determinadas passagens bíblicas, nas quais percebemos, por força da razão, que as explicações que nos foram dadas fogem da realidade contextual, histórica, geográfica e científica.

Por incrível que pareça, o raciocínio sempre nos guiou para resultados completamente diferentes dos que estávamos acostumados a acreditar. Entretanto, as bases consistentes e sólidas que buscamos para nossos questionamentos nos levaram a esses resultados, novos é verdade, porém dotados de razão e lógica para sustentá-los.

Sabemos que o presente estudo poderá chocar alguns, mas não mais que nós próprios o ficamos, quando nos deparamos com situações até contrárias ao que tínhamos em nossa bagagem cultural, que, segundo acabamos por perceber, estava cheia de peças colocadas por pessoas que não tinham o mínimo compromisso com a verdade, fato que nos levou a pensar: e se o que nos passaram não corresponder à realidade? Foi assim, em busca da verdade que fomos, nesse tempo todo, pautando os nossos estudos, não nos preocupando a qual resultado final poderíamos chegar.

Apesar de ter consciência de que o resultado que encontramos escandalizará a muitos, vamos seguir em frente porque achamos que a verdade deverá se sobrepor, até mesmo porque Jesus nos recomendou: *"Conhecereis a verdade e a verdade vos libertará."* (João 8,32). Agora, mais do que nunca, entendemos o verdadeiro sentido dessa frase. Falava o Mestre justamente das adulterações, das interpolações, das interpretações de conveniência que fariam de seus ensinamentos, buscando, principalmente, subjugar os fiéis, os quais se tornam, em suas mãos, nada mais que simples joguetes do interesse do poder social ou financeiro, base fundamental de seus princípios, que nada tem, é claro, a ver com a verdade que liberta.

Poderá nosso estudo causar descontentamento a certa liderança religiosa, essa a qual mais evidência o interesse do poder e do dinheiro, da qual já falamos. Mas encontrará repercussão favorável naqueles em que, como nós, o mais importante é a verdade legítima, não a fabricada por interesses

como essas que vigoram entre quase todas as denominações cristãs.

Esperamos, sinceramente, que outros autores, mais gabaritados que nós, possam levar adiante esse estudo que ora iniciamos com esse livro *Relendo a Bíblia, Revendo a Teologia*, que oferecemos ao leitor, como um trabalho crítico, livre dos conceitos dogmáticos tradicionais.

Uma revisão teológica, que achamos urgente e necessária de se fazer, acreditamos tem tudo para ser feita por um espírita, pois, em sua grande maioria, se desembaraça dos conceitos do passado, por ser um livre pensador, cujo compromisso é a verdade. Mas não são todos os espíritas que agem assim, já que em nosso meio existem ex-fiéis de quase todas as correntes religiosas, que ainda trazem, por atavismo, os conceitos equivocados da teologia tradicional.

Não raras vezes esta importante questão surgia-nos: Podemos questionar as escrituras? Todos sabemos que é comum apontarem a nós, os espíritas, como sendo um bando de heréticos, por causa do questionamento que fazemos de todo e qualquer escrito, não excluindo nem mesmo a Bíblia Sagrada, o que se torna a razão de nossa heresia. Dizem que somos os responsáveis pelo desvirtuamento da fé, quando, na verdade, estamos justamente querendo que as pessoas a tenham em maior solidez, embora, à primeira vista, isso possa parecer, contraditório.

O que percebemos é que, por tantas coisas absurdas, incoerentes, inconsistentes, lendárias e mitológicas contidas na

Bíblia – e não podemos nos esquecer que nela Deus é um carrasco que vinga a culpa dos pais nos filhos, como também nos imputa pecado que jamais cometemos –, muitas pessoas têm deixado desfalecer a sua fé. Um Deus que manda para o castigo eterno as pobres almas que, em sua generalidade, erram apenas por ignorância, porquanto o amor ainda não lhes germinou em seus corações, causa mais temor do que respeito e devoção. Coisas incompatíveis com a justiça humana são atribuídas a esse "deus" bíblico, muito diferente daquele que Jesus nos apresentou como sendo o nosso Pai.

Jesus, em certa oportunidade, disse: "*conhecereis a verdade e a verdade vos libertará*" (João 8,32). Ora, não há como conhecer a verdade sem que façamos um questionamento amplo e irrestrito em tudo quanto nós aprendemos, via ensinamentos dogmáticos comuns às culturas religiosas extremamente presas à letra, que, inclusive, proíbem a seus fiéis tudo que não leva o seu selo.

Se acontecer mesmo que *"[...] onde se acha o Espírito do Senhor aí existe a liberdade."* (2 Coríntios 3,17), concluímos que, consequentemente, onde não existe a liberdade o Espírito do Senhor não se encontra presente. Essa é uma verdade que deveria merecer, por parte desses líderes religiosos atuais, que vivem a proibir seus fiéis, disso ou daquilo, uma profunda reflexão.

Ler livros de outros autores que não os deles? Nem pensar... Excomunhão na certa! Com o tempo, passamos a acreditar que quem proíbe a leitura de alguma coisa é porque

está com medo de que a verdade seja descoberta fora daquilo em que foi induzido a crer; e daí a razão óbvia da proibição.

O que é interessante nisso tudo é a falta de senso crítico e de uma análise mais profunda dos ensinamentos de Jesus. Aliás, não fosse ele um HERÉTICO, em relação à religião de seus pais, não teríamos a Boa Nova. Jesus contestou, o tempo todo, tanto as tradições quanto algumas práticas religiosas de seu tempo, indo muito mais além, pois, até mesmo, certos ensinos contidos nas Escrituras foram, de sua parte, objeto de reformulações.

Por outro lado, existe um detalhe que faz uma enorme diferença; é que a liderança das instituições religiosas não se preocupa em ensinar a seus fiéis a devida diferenciação entre o que é história, o que é cultura e o que é realmente de origem divina. Por não ter esse conhecimento, os fiéis, como se diz popularmente, “embolam o meio de campo”. E, consequentemente, sem ter as condições de separar o joio do trigo, aceitam pacificamente tudo quanto contém a Bíblia como proveniente da vontade de Deus. É daí, também, que nascem o preconceito e o sectarismo religioso, uma vez que passam a acreditar que eles são os “eleitos de Deus”.

Vejamos, por exemplo, algumas coisas que Jesus reformulou. As Escrituras não permitiam que se trabalhasse no sábado (Êxodo 20,8-11); inclusive, os que ousassem desrespeitar eram punidos com a morte (Êxodo 31,15). Jesus foi, insistentemente, questionado sobre esse ponto; porém, sempre dizia a seus opositores: *“O sábado foi feito para servir*

ao homem, e não o homem para servir ao sábado." (Marcos 2,27)

O adultério, segundo a Lei Mosaica (Levítico 20,10), tinha como consequência a punição com a morte para aqueles que o praticassem; entretanto, Jesus disse à mulher surpreendida em adultério: *"[...] Eu também não a condeno. Pode ir, e não peques mais."* (João 8,11)

Havia uma tradição, entre os fariseus e doutores da Lei, que não era permitido comer pão sem lavar as mãos. A isso responde Jesus: *"Não é o que entra pela boca que contamina o homem, mas o que sai da boca, isto, sim, contamina o homem."* (Mateus 15,11). Obviamente, que devemos lavá-las, porém por preceito de saúde e não formalismo religioso.

Em relação ao casamento, a lei estabelecida por Moisés, permitia ao homem dar carta de divórcio (Deuteronômio 24,1), embora Jesus até tenha justificado Moisés, dizendo que ele havia feito isso por conta da dureza dos corações dos homens (Marcos 10,5); ainda assim não recomendou o divórcio. Disse: *"[...] o que Deus uniu o homem não separe."* (Marcos 10,9), acrescentando que o homem que se divorciar de sua mulher e casar com outra cometerá adultério contra a primeira (Marcos 10,10).

Naquele tempo, a lei em vigor era o "*olho por olho e dente por dente"* (Êxodo 21,24), ao passo que Jesus nos recomenda: *"[...] não se vinguem de quem fez o mal a vocês. Pelo contrário: se alguém lhe dá um tapa na face direita, ofereça também a esquerda!"* (Mateus 5,39).

Contrariamente à lei anterior, que entendiam permitir odiar os inimigos (Levítico 19,18), orientou o Mestre que *“amem os seus inimigos, e rezem por aqueles que perseguem vocês”* (Mateus 5,44).

A lavagem cerebral feita, e o terrorismo religioso implantado na sequência, fazem com que os fiéis não tenham a mínima coragem de questionar nada. Seguem a seus líderes, sem ao menos se darem conta de que muitos deles fazem parte daqueles a quem Jesus denominou de *“cegos, guiando cegos”*. O objetivo deles é tão bem atingido, que os fiéis morrem de raiva quando encontram alguém que questiona a Bíblia, dizendo não ser ela inerrante ou que não seja a palavra de Deus. Acham, acreditamos, que tais coisas são uma ofensa a Deus; entretanto, temos por nós que, ofensa maior é não usar a inteligência que Deus nos deu, pois agiremos como os irracionais.

A verdade prevalecerá de alguma forma aos que buscam ampliar seus conhecimentos; mas, para isso, é necessário ler muito e de tudo, até mesmo o que for contra ao que pensa. Essa é a única forma de se fazer um perfeito juízo das coisas. Mas, como fazer isso, se não há incentivo? Ao contrário, há inúmeras proibições! Essas proibições são o maior atestado de que aquilo que falam, pregam ou seguem, não é verdadeiro, pois quem está com a verdade não teme absolutamente nada.

Para nós, quem proíbe a leitura de alguma coisa é porque está com medo de que a verdade seja descoberta fora

daquilo em que foi induzido a crer, daí a razão óbvia da proibição.

Como provamos acima, aquele a quem seguimos (Jesus) foi um exímio contestador. Pena é que os fiéis amedrontados não vejam isso. Falando à maneira dos fundamentalistas: “no dia do juízo, coitados deles!...”

Muitos desses, ainda acreditam que a Bíblia seja totalmente de inspiração divina, de onde se deve, para entendê-la bem, buscar o significado oculto de suas narrativas. Por nossos estudos, estamos concluindo que, por ser um livro escrito por homens e como tal impregnado das visões distorcidas da realidade, mescladas com superstições e crendices, bem como inúmeros relatos que não encontrariam apoio científico, são, em parte, produtos da imaginação de seus autores.

Podemos, então, estar apenas mostrando a ponta do iceberg, para que outros possam identificar o muito ainda que se encontra camuflado pela teologia dogmática. Esperamos que isso possa fazer com que as pessoas venham a acreditar muito mais nas coisas divinas, do que como acontece agora, pela maneira como nos são transmitidos esses conhecimentos teológicos ultrapassados, que, na realidade, funcionam como verdadeiras fábricas de ateus. Esperamos, sinceramente, que Deus possa iluminar alguém para enxergar a extrema necessidade disso.

Faremos esse nosso estudo de forma a abranger a Bíblia como um todo, nesse primeiro volume trataremos de assuntos

ligados ao AT e dos que abrangem as duas alianças, ficando para o segundo volume apenas os relacionados ao NT. Aqui os textos serão colocados, quando for possível, na ordem em que os assuntos aparecem na Bíblia, quando não, obedecerão a ordem cronológica em que foram escritos.

Inspiração dos textos sagrados

> *"A verdade não pode existir em coisas que divergem"* (São Jerônimo).

O que a grande maioria dos religiosos fundamentalistas não se deram ao trabalho de analisar, é que, se a Bíblia for mesmo de inspiração do "Espírito Santo", nela não poderia haver nenhuma incoerência, nem tampouco qualquer tipo de contradição.

Se a fonte é a mesma, como explicar que tenham fatos divergentes, e até conflitantes? O máximo que se poderia admitir, supondo-se a origem como sendo a mesma, é que cada autor escrevesse sobre os acontecimentos com suas próprias palavras; entretanto, quanto ao conteúdo, eles não poderiam ser diferentes. Se isso acontece é porque, obviamente, a fonte não é a mesma; ou os textos foram modificados ou alterados.

Aliás, especificamente, sobre os autores dos Evangelhos, recomendamos nosso ebook: *Os nomes dos títulos dos Evangelhos designam seus autores?*, disponível em nosso site. ([1])

Vemos alguns dogmáticos, tentando explicar essas incoerências e contradições, as quais buscam amenizar para continuar mantendo a ideia de que foi escrito por inspiração

---

1 NETO SOBRINHO, link: http://www.paulosnetos.net/artigos/summary/6-ebook/10-os-nomes-dos-ttulos-dos-evangelhos-designam-seus-autores0

superior; não importa a eles os registros históricos, os conhecimentos científicos, as regras de interpretação de texto, pois quando tais coisas vêm de encontro aos relatos bíblicos, deixam-nas de lado, para se agarrarem à fé cega; isso quando não apelam para o tal de “a Bíblia se explica por si mesma”, sofisma no qual tentam segurar-se para salvarem-se desse apuro.

Não entendemos porque essas pessoas alimentam um ódio mortal contra os que buscam demonstrar que a verdade é bem outra daquilo que pregam, ao provarem que a Bíblia é cheia de incoerências e contradições. Só não vamos parar numa fogueira, por conta da legislação social da atualidade que nos protege; mas não deixam de, dedo em riste, nos apontar os “quintos dos infernos”.

Certamente, para que a Bíblia seja mesmo a palavra de Deus para uns, ou inerrante para outros, seria necessário que nela não existisse nenhum conflito entre seus textos. Entretanto, se bem observarmos, usando uma visão crítica isenta de preconceitos e dogmatismo, veremos que, ao contrário, ela está repleta de conflitos inconciliáveis, a não ser pela fé cega dos fundamentalistas que não enxergam isso. Apresentaremos apenas alguns deles, vistos numa leitura dinâmica, pois não temos a preocupação de relacioná-los todos; somente queremos citar uns poucos exemplos. Então vejamos:

1 – Quem apareceu junto à sarça: o próprio Deus ou foi apenas um anjo?

Êxodo 3,2: “***O anjo de Javé*** *apareceu a Moisés numa*

> *chama de fogo do meio de uma sarça. Moisés prestou atenção: a sarça ardia no fogo, mas não se consumia."* (grifo nosso)
>
> **Atos 7,35:** *"[...] Moisés que os israelitas haviam renegado, [...] Deus o enviou como chefe e libertador,* ***por meio do anjo que tinha aparecido*** *a ele na sarça."* (grifo nosso)

Quando se usa da expressão "Anjo de Javé", o objetivo é designar o próprio Deus, assim em Êxodo afirma-se que Deus apareceu a Moisés, enquanto que em Atos é dito que quem apareceu foi um simples anjo.

2 – Será que Deus não revelara o seu nome, conforme afirmara a Moisés?

> **Êxodo 6,2-3:** "*Deus falou a Moisés: 'Eu sou Javé. Apareci a Abraão, a Isaac e a Jacó [...],* ***mas a eles não dei a conhecer o meu nome: Javé'.***" (grifo nosso)
>
> **Gênesis 15,7:** "*Javé disse a* ***Abrão****: '****Eu sou Javé****, [...].'*" (grifo nosso)
>
> **Gênesis 26,25:** "***Isaac*** *levantou aí um altar,* ***invocou o nome de Javé****, [...].*" (grifo nosso)
>
> **Gênesis 28,13:** "*Javé [...] disse a* ***Jacó****: '****Eu sou Javé****, o Deus de seu pai Abraão e o Deus de Isaac [...].'*" (grifo nosso)

Segundo os relatos, Deus já havia revelado o Seu nome a Abraão, Isaac e Jacó; entretanto, depois isso é negado; ou será que foi apenas um "esquecimento"?

3 – Os hebreus foram expulsos, tiveram permissão para

sair ou fugiram do Egito?

> **Êxodo 12,39:** *"[...] é que,* ***expulsos do Egito****, não puderam parar, nem preparar provisões para o caminho."* (grifo nosso)
>
> **Êxodo 13,17:** "*Quando o* ***Faraó deixou o povo partir****, [...]."* (grifo nosso)
>
> **Êxodo 14,5:** "*Quando comunicaram ao rei do Egito que* ***o povo tinha fugido****, [...]."* (grifo nosso)

São três alternativas para se explicar o motivo pelo qual os hebreus saíram do Egito, mas qual delas será a verdadeira?

4 – Os pais sofrem mesmo pelos erros dos filhos ou vice-versa?

> **Êxodo 20,5:** *"[...] eu, Javé seu Deus, sou um Deus ciumento: quando me odeiam,* ***castigo a culpa dos pais nos filhos, netos e bisnetos****."* (grifo nosso)
>
> **Deuteronômio 24,16:** "***Os pais não serão mortos pela culpa dos filhos****, nem os filhos pela culpa dos pais. Cada um será executado por causa de seu próprio crime."* (grifo nosso)
>
> **Jeremias 31,29-30:** "*Nesses dias, ninguém mais dirá: 'Os pais comeram uva verde e a boca dos filhos ficou amarrada'. Ao contrário,* ***cada um morrerá por causa do seu próprio pecado****; quem comeu uva verde sente a boca amarrar."* (grifo nosso)
>
> **Ezequiel 18,20:** "*O indivíduo que peca, esse é que deve morrer.* ***O filho nunca será responsável pelo pecado do pai, nem o pai será culpado pelo pecado do filho****. O justo receberá a justiça que merece e o injusto pagará por sua injustiça."* (grifo nosso)

Enquanto que, num momento, Deus afirma que castiga os filhos pela culpa dos pais, em outro é afirmado que os filhos não serão responsáveis pelo erro dos pais, contradição difícil de explicar se usarmos de argumento lógico; talvez fácil se for teológico, já que, para usar este, apenas se necessita da fé cega.

5 – Guardar o sábado por qual motivo?

> **Êxodo 20,8-11:** "*Lembre-se do dia de sábado, para santificá-lo... o sábado de Javé seu Deus. Não faça nenhum trabalho, [...] Porque em seis dias Javé fez o céu, a terra, o mar e tudo o que existe neles; e* ***no sétimo dia ele descansou****.* ***Por isso, Javé abençoou o dia de sábado e o santificou****."* (grifo nosso)
>
> **Deuteronômio 5,15:** "*Lembre-se:* ***você foi escravo na terra do Egito, e Javé seu Deus o tirou de lá com mão forte e braço estendido. É por isso que Javé seu Deus ordenou que você guardasse o dia de sábado****."* (grifo nosso)

Ficamos sem saber por qual motivo não se deve trabalhar aos sábados, se é por conta dele ter sido o dia do descanso divino ou se foi porque nesse dia Deus tirou o povo do Egito.

6 – Quem escreveu os dez mandamentos?

> **Êxodo 24,3-4:** "*Moisés desceu e contou ao povo tudo o que Javé lhe havia dito e todas as leis. [...]* ***Moisés colocou por escrito todas as palavras de Javé****. [...]."* (grifo nosso)
>
> **Êxodo 24,12:** "***Javé*** *disse a Moisés: '[...] eu estarei aí*

> *para lhe dar* ***as tábuas de pedra com a lei e os mandamentos que escrevi****, para você os instruir'."* (grifo nosso)

Sabemos que Moisés ficou 40 dias e 40 noites no alto do monte Sinai, tempo que se levou para escrever os Dez Mandamentos. Só que agora a coisa complicou, pois se foi Deus mesmo quem os escreveu a dúvida é: seria necessário tanto tempo assim para quem fez o Universo em seis dias? Mas não é só isso; veja a questão seguinte.

7 – Afinal quem entregou os mandamentos a Moisés?

> **Êxodo 24,12:** *"****Javé*** *disse a Moisés: '[...]* ***estarei aí para lhe dar as tábuas de pedra com a lei e os mandamentos*** *que escrevi, para você os instruir'."* (grifo nosso)
>
> **Atos 7,53:** *"Vocês* ***receberam a Lei, promulgada através dos anjos****, e não a observaram!"* (grifo nosso)
>
> **Gálatas 3,19:** *"[...] A Lei foi promulgada* ***pelos anjos****, e um homem serviu de intermediário".* (grifo nosso)
>
> ***Hebreus 2,2:*** *"De fato, se a palavra transmitida* ***por meio dos anjos*** *se mostrou válida, e toda transgressão e desobediência recebeu um justo castigo."* (grifo nosso)

A situação aqui é pior que a anterior, uma vez que nem mesmo temos mais certeza se foi o próprio Deus ou se foi um ou vários anjos quem transmitiu os Dez Mandamentos a Moisés. Como um episódio tão simples assim pode causar tanta confusão?...

8 – Deus se mostrava a Moisés?

> **Gênesis 32,31:** *“[...] Jacó [...]* ***tenho visto Deus face a face,*** *e a minha vida foi preservada.”* (grifo nosso)
>
> **Êxodo 33,11:** “***Javé falava com Moisés face a face****, como um homem fala com o amigo...”.* (grifo nosso)
>
> **Êxodo 33,18-23:** *“Moisés pediu a Javé: 'Mostra-me a tua glória'. Javé [...] acrescentou: '****Você não poderá ver o meu rosto, porque ninguém pode vê-lo e continuar com vida****.’ [...] ‘****Minha face, porém, você não poderá ver****'.”* (grifo nosso)
>
> **Números 12,6-8:** *“[...] Javé disse: '[...] Não acontece assim com o meu servo* ***Moisés****, que é homem de confiança em toda a minha casa:* ***com ele eu falo face a face, às claras e sem enigmas; e ele vê a figura de Javé.*** *[...].'”* (grifo nosso)
>
> **Juízes 6,22:** “*Vendo Gideão que era o anjo do Senhor, disse: Ai de mim, Senhor Deus! pois* ***eu vi o anjo do Senhor face a face***.” (grifo nosso)
>
> **João 1,18:** “***Ninguém jamais viu a Deus****; quem nos revelou Deus foi o Filho único, que está junto ao Pai.”* (grifo nosso)

Se ninguém poderia ver o rosto de Deus (como se isso fosse possível) e ficar com vida, como explicar, de forma coerente, que Jacó, Moisés e Gideão tenham visto a face de Deus e mesmo assim continuaram vivos.

Por outro lado, se isso de fato aconteceu, então o evangelista teria mentido ao dizer que ninguém jamais viu a Deus? Observemos que está se afirmando “tenho visto”, “vê a figura” e “vi”. São expressões que nos induzem a acreditar que verdadeiramente essas pessoas viram Deus, ou, quem sabe, alguém que se apresentou como tal. Portanto, não prevalece a

explicação de que o “face a face” poderia significar que a pessoa não tinha visto, como dizem para escapar dessa incoerência, mas que esteve “pessoalmente”, “diretamente” ou “com intimidade” com Deus.

9 – Quem matou o filisteu Golias foi Davi ou uma outra pessoa, ou essa outra pessoa matou foi um filho de Golias?

> **1 Samuel 17,4-7:** *“Saiu então do exército **filisteu um guerreiro enorme chamado Golias, de Gat**, com quase três metros de altura. Tinha na cabeça um capacete de bronze, vestia um colete de malha de bronze que pesava mais de cinquenta quilos, usava perneiras de bronze e tinha nos ombros um escudo de bronze. **A haste de sua lança era como travessa de tear**, e a ponta da lança pesava seis quilos. Seu escudeiro ia na frente.”* (grifo nosso)
>
> **1 Samuel 21,9-10:** “***Davi** disse a Aquimelec: 'Você não tem à mão alguma lança ou espada? [...].' O sacerdote respondeu: 'Está ali embrulhada num manto, atrás do efod, a espada de Golias, o **filisteu que você matou** no vale do Terebinto. [...].'”* (grifo nosso)
>
> **2 Samuel 21,19:** *“Ainda em Gob, em outra guerra contra os filisteus, **Elcanã**, filho de Jair de Belém, **matou Golias de Gat**, que usava uma **lança comprida como cilindro de tear**.”* (grifo nosso)
>
> **1 Crônicas 20,5:** *“Houve ainda outra guerra contra os filisteus. Dessa vez, **Elcanã**, filho de Jair, **matou Lami, filho de Golias de Gat**. **A lança deste mais parecia cilindro de tear**.”* (grifo nosso)
>
> Mesmo que aqui se atribua a um erro de copista a

divergência entre quem matou a Golias, se foi Davi ou Elcanã, esse procedimento não faz da Bíblia uma verdade. Se há erro nela, então não se poderá admitir que ela seja a palavra de Deus, sem deixar o soberano criador do cosmo, como o inspirador dos autores bíblicos, em maus lençóis.

De qualquer forma, a comparação da lança deste filisteu com cilindro de tear compromete por demais as narrativas, deixando-nos supor que se trata inequivocamente da mesma pessoa. Segundo os tradutores da Bíblia de Jerusalém a passagem 2Sm 21,19 é a tradição mais antiga e que a tradição primitiva do capítulo 17 só se falava de uma vitória de Davi sobre um adversário anônimo, “o filisteu”. E que, ainda nesse capítulo, o nome de Golias foi acrescentado aos vv. 4 e 23.

10 – Saul morreu como? Qual o destino do seu corpo?

> **1 Samuel 31,1-13:** “*Os filisteus fizeram guerra contra Israel, [...] Todo o peso do combate se concentrou sobre Saul. Os arqueiros o surpreenderam e o feriram gravemente. Então Saul disse ao escudeiro: 'Desembainhe a espada e me atravesse, antes que esses incircuncisos cheguem e caçoem de mim'. O escudeiro ficou apavorado e não quis obedecer.* ***Então Saul pegou a espada e atirou-se sobre ela.*** *[...] No dia seguinte,* ***os filisteus foram despojar os cadáveres*** *e encontraram Saul e seus três filhos mortos no monte Gelboé.* ***Cortaram a cabeça de Saul*** *[...] e* ***dependuraram o cadáver dele na muralha de Betsã****. [...] Então todos os guerreiros caminharam a noite inteira, tiraram da muralha de Betsã* ***o cadáver de Saul e de seus filhos, e os levaram a Jabes, e aí os queimaram****. Depois* ***recolheram os ossos, os enterraram*** *debaixo da tamareira de Jabes, e jejuaram*

durante sete dias.” (grifo nosso)

2 Samuel 1,1-10: *“[...] Davi perguntou ao moço que o informava: 'Como é que você sabe que Saul e seu filho Jônatas estão mortos?' O mensageiro respondeu: 'Eu estava casualmente no monte Gelboé e vi Saul apoiado em sua própria lança, enquanto os carros e cavaleiros se aproximavam'. Saul virou-se, me viu e me chamou. Eu disse: 'Estou aqui'. Saul me perguntou: 'Quem é você?' Eu respondi:* ***'Sou um amalecita'****. **Então Saul me disse: 'Aproxime-se e mate-me, pois estou agonizando e não acabo de morrer'. Então eu me aproximei dele e o matei****, porque eu sabia que ele não iria mesmo sobreviver depois de caído. [...].'”* (grifo nosso)

2 Samuel 21,12: “*Então Davi foi pedir os ossos de Saul e de seu filho Jônatas aos cidadãos de Jabes de Galaad, que os tinham levado da praça de Betsã,* ***onde os filisteus os haviam enforcado****, quando venceram Saul em Gelboé.”* (grifo nosso)

1 Crônicas 10,1-12: “*Os filisteus estavam guerreando contra Israel. [...] Então a luta se concentrou sobre Saul. Os atiradores descobriram onde ele estava e lhe acertaram flechas. Saul disse ao seu escudeiro: 'Puxe a sua espada e me mate, senão esses incircuncisos vão rir de mim'. O escudeiro não quis fazer isso, pois teve muito medo.* ***Então Saul pegou a sua própria espada e se jogou sobre ela****. [...] No outro dia, quando* ***os filisteus*** *foram saquear os mortos no combate, encontraram Saul com seus filhos, todos mortos, no monte Gelboé.* ***Depois de despojar o corpo de Saul, levaram a cabeça*** *e [...]* ***pregaram o seu crânio no templo de Dagon****. Os habitantes de Jabes de Galaad ficaram sabendo o que os filisteus tinham feito com Saul.* ***Então todos os guerreiros foram buscar o corpo de Saul*** *e de seus filhos,*

> *levando-os para Jabes.* ***Sepultaram os corpos debaixo do terebinto de Jabes*** *e jejuaram durante sete dias."* (grifo nosso)

Saul suicidou-se, atirando-se sobre sua espada? Foi morto pelo amalecita, que atendeu ao seu pedido? Ou será que os filisteus o enforcaram? Como pode existir tanta divergência em relação a um só fato? Para saírem deste impasse os tradutores da Bíblia Anotada dizem, em nota a 2 Samuel 1,6-10, que: "**O relato do amalequita** é conflitante com o relato de 1 Samuel 31,3-6 e **é, claramente, uma invenção**. [...]." ([2]) (grifo nosso) fato não comprovado, já que Davi o matou por isso.

E quanto a seu corpo: sua cabeça foi cortada e seu corpo dependurado nas muralhas de Betsã, para depois ter sido queimado o seu cadáver junto com os de seus filhos? Ou a sua cabeça teria sido cortada e colocada no templo de Dagon e seu corpo sepultado? E sepultaram os corpos ou os ossos deles? Mas, independentemente do que foi enterrado, ainda fica a questão de saber debaixo de qual árvore isso foi feito: do terebinto (*Pistacea terebinthus)* ou da tamareira *(Phoenix dactylifera)*?

11 – Como proceder diante de um insensato?

> **Provérbio 26,4:** "***Não responda ao insensato*** *conforme a insensatez dele, para que você não se iguale a ele."* (grifo nosso)
>
> **Provérbio 26,5:** "***Responda ao insensato*** *conforme a*

2 A Bíblia Anotada, p. 406.

insensatez dele, para que ele não se considere sábio." (grifo nosso)

Afinal, vamos responder ou não ao insensato conforme a insensatez dele? Não há como sair desse estorvo. Criativas são as tentativas dogmáticas de explicar essa contradição; entretanto, elas não passam de sofismas que tentam inutilmente fazer algo parecido como querer carregar água num balaio. Aplica-se aqui o provérbio, já que estamos falando disso: "se correr o bicho pega, se ficar o bicho come".

12 – Qual das duas genealogias de Jesus é a verdadeira?

Mateus 1,1-17: "*Livro da geração de Jesus Cristo, filho de Davi, filho de Abraão. Abraão gerou a Isaque; Isaque, a Jacó; Jacó, a Judá e a seus irmãos; Judá gerou de Tamar a Perez e a Zerá; Perez gerou a Esrom;* Esrom*, a Arão; Arão gerou a Aminadabe; Aminadabe, a Naassom; Naassom, a Salmom; Salmom gerou de Raabe a Boaz; este de Rute gerou a Obede; e Obede, a Jessé; Jessé gerou ao rei Davi; e o rei Davi, a Salomão, da que foi mulher de Urias; Salomão gerou a Roboão; Roboão, a Abias; Abias, a Asa; Asa gerou a Josafá; Josafá, a Jorão; Jorão, a Uzias; Uzias gerou a Jotão; Jotão, a Acaz; Acaz, a Ezequias; Ezequias gerou a Manassés; Manassés, a Amom; Amom, a Josias; Josias gerou a Jeconias e a seus irmãos, no tempo do exílio em Babilônia. Depois do exílio em Babilônia, Jeconias gerou a Salatiel; e Salatiel, a Zorobabel; Zorobabel, a Abiúde; Abiúde, a Eliaquim; Eliaquim, a Azor; Azor gerou a Sadoque; Sadoque, a Aquim; Aquim, a Eliúde; Eliúde gerou a Eleázar; Eleázar, a Matã; Matã, a Jacó. E Jacó gerou a José, marido de Maria, da qual nasceu Jesus, que se chama o Cristo. De sorte que todas as gerações, desde Abraão até Davi, são catorze; desde Davi até ao desterro para a Babilônia,*

catorze; e desde o desterro para a Babilônia até Cristo, catorze."

Lucas 3,23-38: "*Ora, tinha Jesus cerca de trinta anos ao começar o seu ministério. Era, como se cuidava, filho de José, filho de Heli, Heli filho de Matã, Matã filho de Levi, Levi filho de Melqui, este filho de Janai, filho de José, José filho de Matatias, Matatias filho de Amós, Amós filho de Naum, este filho de Esli, filho de Nagaí, Nagaí filho de Máate, Máate filho de Matatias, Matatias filho de Semei, este filho de José, filho de Jodá, Jodá filho de Joanã, Joanã filho de Resá, Resá filho de Zorobabel, este filho de Salatiel, filho de Neri, Neri filho de Melqui, Melqui filho de Adi, Adi filho de Cosã, este de Elmadã, filho de Er, Er filho de Josué, Josué filho de Eliézer, Eliézer filho de Jorim, este de Matã, filho de Levi, Levi filho de Simeão, Simeão filho de Judá, Judá filho de José, este filho de Jonã, filho de Eliaquim; Eliaquim filho de Meleá, Meleá filho de Mená, Mená filho de Matatá, este filho de Natã; Natã filho de Davi, Davi filho de Jessé, Jessé filho de Obede, Obede filho de Boaz, este filho de Salá, filho de Naassom; Naassom filho de Aminadabe, Aminadabe filho de Admim, Admim filho de Arni, Arni filho de Esrom, este filho de Faréz, filho de Judá; Judá filho de Jacó, Jacó filho de Isaque, Isaque filho de Abraão, este filho de Terá, filho de Nacor; Nacor filho de Seruque, Seruque filho de Ragaú, Ragaú filho de Fáleque, este de Éber, filho de Salá; Salá filho de Cainã, Cainã filho de Arfaxade, Arfaxade filho de Sem, este filho de Noé, filho Lameque; Lameque filho de Matusalém, Matusalém filho de Enoque, Enoque filho de Jarete, este filho de Maleleel, filho de Cainã; Cainã filho de Enos, Enos filho de Sete, e este filho de Adão, e Adão, filho de Deus."*

Percebe-se claramente que não são concordes as genealogias narradas por Mateus e Lucas. Algumas pessoas

querem, para que não fique evidenciada essa divergência, que a narrada por Lucas esteja baseada em relação a Maria; entretanto, se esquecem que, naquela época, as mulheres não tinham nenhum valor, e todas as genealogias citadas na Bíblia são colocadas em relação aos homens e não baseando-se nas mulheres.

13 – Onde moravam os pais de Jesus?

> **Mateus 2,1:** "*Tendo Jesus nascido em **Belém** da Judeia, em dias do rei Herodes, eis que vieram uns magos do Oriente a Jerusalém.*" (grifo nosso)
>
> **Mateus 2,13-23:** *"[...] eis que aparece um anjo do Senhor a José em sonho, e diz: [...] toma o menino e sua mãe, foge para o Egito, e permanece lá até que eu te avise; porque Herodes há de procurar o menino para matar. [...] Tendo Herodes morrido, [...] tomou o menino e sua mãe, e regressou para a terra de Israel. [...] retirou-se para as regiões da Galileia. E foi **habitar** numa cidade chamada **Nazaré**, para que se cumprisse o que fora dito, por intermédio dos profetas: Ele será chamado Nazareno."* (grifo nosso)
>
> **Lucas 1,26-27:** "*No sexto mês foi **o anjo Gabriel enviado** da parte de Deus, para uma cidade da Galileia, chamada **Nazaré**, a uma virgem desposada com certo homem da casa de Davi, cujo nome era **José**; a virgem chamava-se **Maria***." (grifo nosso)
>
> **Lucas 2,1-5:** "*Naqueles dias foi publicado um decreto de César Augusto, convocando toda a população do império para recensear-se... Todos iam alistar-se, cada um à sua própria cidade. **José também subiu da Galileia, da cidade de Nazaré**, para a Judeia, à cidade de Davi, chamada **Belém**, por ser ele da casa e família*

> *de Davi, a fim de alistar-se com Maria, sua esposa, que estava grávida"*. (grifo nosso)

Pelo relato de Mateus, a família de Jesus morava em Belém, só depois é que se mudou para Nazaré. Entretanto, Lucas coloca a cidade de Nazaré como se fosse o local onde vivia a sagrada família, que teve que ir a Belém apenas para atender ao decreto do recenseamento.

14 – Onde se encontra essa profecia?

> **Mateus 2,23:** *"E foi habitar numa cidade chamada Nazaré, para que se cumprisse o que fora dito, por intermédio dos profetas:* ***Ele será chamado Nazareno****".* (grifo nosso)

Não há no Antigo Testamento um só profeta, quanto mais vários profetas, que tenha feito essa profecia citada por Mateus. Querem, alguns intérpretes, generalizar dizendo que isso pode ser encontrado naquilo que os profetas consideram como tipo característico do nazareno. Falácia, pois o texto de Mateus é claro quando diz que profetas, mais de um portanto, disseram que Jesus seria chamado Nazareno, declaração explícita de Mateus, sem margem a dúvidas. Agiram honestamente os tradutores da Bíblia de Jerusalém que afirmam: "Não se percebe claramente a que oráculos proféticos Mt alude aqui." ([3])

15 – O servo do centurião era paralítico que sofria muito ou um doente à beira da morte? E quem esteve com Jesus para pedir a cura dele?

---

3 Bíblia de Jerusalém, p. 1706.

> **Mateus 8,5-6:** *"Ao entrar em Cafarnaum, chegou-se a ele **um centurião** que o implorava e dizia: 'Senhor, meu criado está deitado em casa **paralítico, sofrendo dores atrozes**'."* (grifo nosso)
>
> **Lucas 7,1-3:** *"Quando acabou de transmitir aos ouvidos do povo todas essas palavras, entrou em Cafarnaum. Ora, **um centurião** tinha um servo a quem prezava e **que estava doente, à morte**; Tendo ouvido falar de Jesus, **enviou-lhe alguns dos anciãos** dos judeus para pedir-lhe que fosse salvar o servo."* (grifo nosso)

Mateus diz que o servo do centurião era paralítico e que se encontrava deitado em casa sofrendo muito, ao passo que Lucas diz apenas que ele estava quase à morte. Enfim, esse servo era um paralítico que sofria muito ou era um doente que estava à morte? O centurião falou pessoalmente com Jesus ou enviou alguns anciãos dos judeus para pedir-lhe a cura do seu servo?

16 – Quantos eram os possessos de Gádara ou será de Gérasa?

> **Mateus 8,28:** *"Tendo ele chegado à outra margem, á **terra dos gadarenos**, vieram-lhe ao encontro **dois endemoninhados**, saindo dentre os sepulcros, e a tal ponto furiosos, que ninguém podia passar por aquele caminho."* (grifo nosso)
>
> **Marcos 5,1-3:** *"Entrementes chegaram à outra margem do mar, à **terra dos gerasenos**. Ao desembarcar, logo veio dos sepulcros, ao seu encontro, **um homem possesso** de espírito imundo, o qual vivia nos sepulcros, e nem mesmo com cadeias alguém podia prendê-lo."* (grifo nosso)

> **Lucas 8,26-27:** "*Então rumaram para a* ***terra dos gerasenos****, fronteira da Galileia. Logo ao desembarcar, veio da cidade ao seu encontro* ***um homem possesso*** *de demônios que, havia muito, não se vestia, nem habitava em casa alguma, porém vivia nos sepulcros."* (grifo nosso)

Mateus afirma tratar-se de dois endemoninhados, ao passo que Marcos e Lucas dizem ser apenas um; afinal, quantos eram? Pueril a explicação de que todos eles estão corretos usando do argumento de que onde há dois tem sempre um, e que os narradores não disseram que havia apenas um. É fantástico como apresentam respostas ridículas para se safarem. Só que se esqueceram que a alternativa do "apenas" também serviria para o caso em que foi dito, dois, já que também não se afirmou apenas dois.

Mateus coloca o episódio como acontecido em Gádara, enquanto que Marcos e Lucas citam Gérasa. Consultado o Dicionário Bíblico Universal, encontramos que Gádara é uma "cidade da Decápole, hoje *Umm Qeis*, na Transjordânia, 10 km ao sudeste do lago de Tiberíades" ([4]) e que Gérasa, "grande cidade helenística da Transjordânia, numa rota de Amã para o norte, e regada por uma bela fonte, hoje *Djerash*.' ([5]) Calculando-se pelo mapa, distam, uma da outra, em cerca de 43 km.

17 – Houve dificuldade em levar o paralítico à presença de Jesus?

---

4 MONLOUBOU e DU BUIT, 1996, p. 310.

5 MONLOUBOU e DU BUIT, 1996, p. 324.

> **Mateus 9,1-2:** "*Entrando Jesus num barco, passou para a outra banda, e foi para a sua própria cidade. E eis que lhe* ***trouxeram um paralítico deitado num leito***. […]." (grifo nosso)
>
> **Marcos 2,1-4:** "*Dias depois, entrou Jesus de novo em Cafarnaum, e logo correu que ele estava em casa. Muitos afluíram para ali, tantos que nem mesmo junto à porta eles achavam lugar; e anunciava-lhes a palavra. Alguns foram ter com ele, conduzindo um paralítico, levado por quatro homens. E, não podendo aproximar-se dele, por causa da multidão,* ***descobriram o eirado*** *no ponto correspondente ao em que ele estava e****, fazendo uma abertura, baixaram o leito em que jazia o doente***." (grifo nosso)
>
> **Lucas 5,17-19:** "*Ora, aconteceu que num daqueles dias, estava ele ensinando, e achavam-se ali assentados fariseus e mestres da lei, vindos de todas as aldeias da Galileia, da Judeia e de Jerusalém. E o poder do Senhor estava com ele para curar. Vieram então uns homens trazendo em um leito um paralítico; e procuravam introduzi-lo e pô-lo diante de Jesus. E não achando por onde introduzi-lo por causa da multidão,* ***subindo ao eirado, o desceram no leito, por entre os ladrilhos****, para o meio, diante de Jesus."* (grifo nosso)

Na narrativa de Mateus, o paralítico é levado a Jesus, deixando a entender que não houve nenhum obstáculo para isso. Mas, Marcos e Lucas, dizem que tiveram que fazer descer tal paralítico pelo telhado, pois a multidão não deixava que o levassem a Jesus. Mateus diz que Jesus chegou à sua cidade. Seria Nazaré? Marcos diz ser Cafarnaum. Quanto a Lucas, ele não diz em qual cidade.

18 – Filha de Jairo já havia morrido?

> **Mateus 9,18:** *"Enquanto estas cousas lhes dizia, eis que **um chefe**, aproximando-se, o adorou, e disse: 'Minha filha **faleceu agora mesmo;** mas vem, impõe a tua mão, e viverá'."* (grifo nosso)
>
> **Marcos 5,22-23:** *"Eis que se chega a ele **um dos principais da sinagoga, chamado Jairo**, e, vendo-o, prostra-se a seus pés, e insistentemente lhe suplica: 'Minha filhinha **está à morte**; vem, impõe as mãos sobre ela, para que seja salva, e viverá'."* (grifo nosso)
>
> **Lcuas 8,41-42:** *Eis que veio **um homem chamado Jairo, que era chefe da sinagoga**, e, prostrando-se aos pés de Jesus, lhe suplicou que chegasse até a sua casa. Pois tinha uma filha única de uns doze anos, **que estava à morte**. [...]."* (grifo nosso)

Diferentemente de Marcos e Lucas que dizem que a filha de Jairo estava quase morrendo, Mateus já a tem como morta. Aqui não adianta apelar para "ela morreu depois", uma vez que todos os relatos iniciam colocando Jairo prostrado aos pés de Jesus suplicando-lhe pela filha.

19 – O possesso era cego e mudo ou só mudo?

> **Mateus 12,22:** *"Então lhe trouxeram um endemoninhado, **cego e mudo**; e ele o curou, passando o mudo a falar e a ver."* (grifo nosso)
>
> **Lucas 11,14:** *"De outra feita estava Jesus expelindo um demônio que era **mudo**. E aconteceu que, ao sair o demônio, o mudo passou a falar; [...]."* (grifo nosso)

Mateus diz ser o homem cego e mudo, mas Lucas diz tratar-se apenas de um mudo que estava possesso. Jesus simplesmente o curou ou praticou, na verdade, um exorcismo

ao expulsar o demônio?

20 – Os cegos de Jericó, quantos eram?

> **Mateus 20,29-30:** “*Saindo eles de Jericó, uma grande multidão o acompanhava. E eis que **dois cegos**, assentados à beira do caminho, tendo ouvido que Jesus passava, clamaram: Senhor, Filho de Davi, tem compaixão **de nós**!*” (grifo nosso)
>
> **Marcos 10,46-47:** “*E foram para Jericó. Quando ele saía de Jericó, juntamente com os discípulos e numerosa multidão, **Bartimeu, cego** mendigo, filho de Timeu, estava assentado à beira do caminho. E, ouvindo que era Jesus, o Nazareno, pôs-se a clamar: Jesus, Filho de Davi, tem compaixão de mim!*” (grifo nosso)
>
> **Lucas 18,35-38:** “*Aconteceu que, ao aproximar-se ele de Jericó, estava **um cego** assentado à beira do caminho, pedindo esmolas. E, ouvindo o tropel da multidão que passava, perguntou o que era aquilo. Anunciaram-lhe que passava Jesus, o Nazareno. Então ele clamou: Jesus, Filho de Davi, tem compaixão **de mim**!*” (grifo nosso)

Aqui temos Mateus dizendo que eram dois cegos, em contradição com Marcos e Lucas, que afirmam ser apenas um. Por que somente Marcos identifica nominalmente quem era este cego? Se forem dois e alguém disse um, faz dessa narrativa inverídica; se foi um e disseram dois, acontece o mesmo; não há alternativa lógica que explique isso. Só fanatismo cego para tentar explicar o inexplicável. Se alguém testemunhou duas pessoas cometendo um crime e no depoimento, junto ao júri, diz ter sido somente um, já que “onde há dois, sempre há um, sem exceção!”, ele além de

mentiroso será injusto, deixando condenar somente um dos culpados; ou, o que será mais provável, o advogado requererá ao Juiz seja desconsiderado o testemunho, por haver contradição.

21 – Quem era a mulher com alabastro?

> **Mateus 26,6-7:** "*Ora, estando Jesus em Betânia, em **casa de Simão**, **o leproso**, aproximou-se dele **uma mulher**, trazendo um vaso de alabastro cheio de precioso bálsamo, **que lhe derramou sobre a cabeça**, estando ele à mesa.*" (grifo nosso)
>
> **Marcos 14,3:** "*Estando ele em Betânia, reclinado à mesa, em **casa de Simão**, **o leproso**, veio **uma mulher** trazendo um vaso de alabastro com preciosismo perfume de nardo puro, e, quebrando o alabastro, **derramou** o bálsamo **sobre a cabeça** de Jesus.*" (grifo nosso)
>
> **Lucas 7,36-38:** "*Convidou-o um dos fariseus para que fosse jantar com ele. Jesus, entrando na **casa do fariseu**, tomou lugar à mesa. E eis que **uma mulher da cidade**, **pecadora**, sabendo que ele estava à mesa na casa do fariseu, levou um vaso de alabastro com unguento; e, estando por detrás, aos seus pés, chorando, regava-os com suas lágrimas e os enxugava com os próprios cabelos; e **beijava-lhe os pés e os ungia com o unguento**.*" (grifo nosso)
>
> **João 12,1-3:** "*Seis dias antes da páscoa, foi Jesus para **Betânia, onde estava Lázaro**, a quem ele ressuscitara dentre os mortos. Deram-lhe, pois, ali, uma ceia; Marta servia, sendo Lázaro um dos que estavam com ele à mesa. Então **Maria**, tomando uma libra de bálsamo de nardo puro, mui precioso, **ungiu os pés de Jesus** e os enxugou com os seus cabelos; e encheu-se*

toda a casa com perfume do bálsamo.” (grifo nosso)

Mateus e Marcos relatam que Jesus estava em casa de Simão, o leproso, e que uma mulher havia derramado um vaso de alabastro em sua cabeça, não identificando quem era ela. Só que João diz que a mulher era Maria a irmã de Lázaro, que o fato acontecera na casa de Lázaro e que em vez de jogar o perfume na cabeça, ela ungiu os pés de Jesus. Já Lucas diz que esta mulher é uma pecadora, o que exclui ser Maria, a irmã de Lázaro; não é mesmo?

22 – Quem carregou a cruz?

> **Mateus 27,32:** “*Ao saírem, encontraram um cireneu, chamado **Simão**, **a quem obrigaram a carregar-lhe a cruz**.”* (grifo nosso)
>
> **Marcos 15,21:** “*E **obrigaram a Simão** Cireneu, que passava, vindo do campo, pai de Alexandre e de Rufo, **a carregar-lhe a cruz**.”* (grifo nosso)
>
> **Lucas 23,26:** “*E como o conduzissem, constrangendo um cireneu, chamado **Simão**, que vinha do campo, **puseram-lhe a cruz sobre os ombros**, para que a levasse após Jesus*.” (grifo nosso)
>
> **João 19,17:** “*Tomaram eles, pois, **a Jesus; e ele próprio, carregando a sua cruz**, saiu para o lugar chamado Calvário, Gólgota em hebraico.”* (grifo nosso)

Mateus, Marcos e Lucas dizem que o cireneu chamado Simão foi obrigado a carregar a cruz de Jesus, enquanto que João diz que foi o próprio Jesus quem levou a cruz.

23 – O que aconteceu com o bom ladrão?

> **Mateus 27,38.44:** “*E foram crucificados com ele dois ladrões, um à sua direita e outro à sua esquerda. E os* ***mesmos impropérios lhe diziam também os ladrões*** *que haviam sido crucificado com ele.”* (grifo nosso)
>
> **Marcos 15,27.32:** “*Com ele crucificaram dois ladrões, um à sua direita, e outro à sua esquerda. Também* ***os que com ele foram crucificados o insultavam****.”* (grifo nosso)
>
> **Lucas 23,39-43:** “***Um dos malfeitores crucificados blasfemava contra ele****, dizendo: 'Não és tu o Cristo? Salva-te a ti mesmo e a nós também'. Respondendo-lhe, porém, o outro repreendeu-o dizendo: 'Nem ao menos temes a Deus, estando sob igual sentença? Nós na verdade com justiça, porque recebemos o castigo que os nossos atos merecem; mas este nenhum mal fez'. E acrescentou: 'Jesus, lembra-te de mim quando vieres no teu reino'. Jesus lhes respondeu: 'Em verdade te digo que hoje estarás comigo no paraíso'.”* (grifo nosso)
>
> **João 19,18:** “*Onde o crucificaram, e com ele outros dois, um de cada lado, e Jesus no meio.”* (grifo nosso)

Não fugindo das narrativas, para justificar essa contradição, temos que Mateus, Marcos e João nada relatam sobre qualquer diálogo entre os três crucificados. Os dois primeiros, ou seja, Mateus e Marcos, dizem que eles, os malfeitores, estavam, isto sim, entre os que escarneciam de Jesus. Só Lucas diz que Jesus teria dito para um deles que “hoje estarás comigo no Paraíso”. Ora, se Jesus, três dias após sua morte, ainda não havia subido ao Pai, como ele poderia ter afirmado ao “bom ladrão” que **hoje** estarás comigo, ou seja, justamente no dia de sua morte na cruz?

Também não deixa de ser estranho essa promessa, já que Jesus negou a uma mãe – a mulher de Zebedeu – um lugar à sua direita e outro à sua esquerda, para seus dois filhos, alegando que só ao Pai cabe fazer isso (Mateus 20,20-23). Como agora ele promete algo ao "bom ladrão", que nem mesmo se arrependeu confessando os seus pecados, mas apenas reconheceu que ele e seu companheiro tinham motivos para serem condenados, enquanto que Jesus não?

24 – As mulheres junto a sepulcro

> **Mateus 28,1-3:** "*Depois do sábado, ao amanhecer do primeiro dia da semana, Maria Madalena e a outra Maria foram ver a sepultura. De repente houve um grande tremor de terra:* ***o anjo do Senhor*** *desceu do céu e, aproximando-se,* ***retirou a pedra****, e sentou-se nela. Sua aparência era como a de um relâmpago, e* ***suas vestes eram brancas como a neve****."* (grifo nosso)
>
> **Marcos 16,1-5:** "*Quando o sábado passou, Maria Madalena, Maria, mãe de Tiago, e Salomé, compraram perfumes para ungir o corpo de Jesus. E bem cedo no primeiro dia da semana, ao nascer do sol, elas foram ao túmulo. E diziam entre si: 'Quem vai tirar para nós a pedra da entrada do túmulo?' Era uma pedra muito grande. Mas, quando olharam, viram que* ***a pedra já havia sido tirada****. Então entraram no túmulo e viram* ***um jovem****, sentado do lado direito,* ***vestido de branco****. E ficaram muito assustadas."* (grifo nosso)
>
> **Lucas 24,1-4:** "*No primeiro dia da semana, bem de madrugada, as mulheres foram ao túmulo de Jesus, levando os perfumes que haviam preparado.* ***Encontraram a pedra do túmulo removida****. Mas ao entrar, não encontraram o corpo do Senhor Jesus, e*

ficaram sem saber o que estava acontecendo. Nisso, ***dois homens, com roupas brilhantes****, pararam perto delas*." (grifo nosso)

João 20,1.11-12: "*No primeiro dia da semana, Maria Madalena foi ao túmulo de Jesus bem de madrugada, quando ainda estava escuro. Ela viu que a* ***pedra tinha sido retirada do túmulo****. Maria tinha ficado fora, chorando junto ao túmulo. Enquanto ainda chorava, inclinou-se e olhou para dentro do túmulo. Viu* ***então dois anjos vestidos de branco****, sentados onde o corpo de Jesus tinha sido colocado, um na cabeceira e outro nos pés."* (grifo nosso)

a) Afinal quais mulheres foram ao túmulo?

Mateus – Maria Madalena e outra Maria;

Marcos – Maria Madalena, Maria, mãe de Tiago, e Salomé;

Lucas – mulheres sem especificar;

João – Maria Madalena.

b) Afinal quem retirou a pedra do sepulcro?

Mateus – o anjo retirou a pedra;

Marcos – a pedra já havia sido retirada, não diz por quem;

Lucas – encontraram a pedra removida, sem dizer quem a retirou;

João – a pedra havia sido retirada, ninguém foi apontado como responsável.

c) Afinal foram vistos um ou dois anjos, um ou

dois homens?

Mateus – um anjo com vestes brancas como a neve;

Marcos – um jovem vestido de branco;

Lucas – dois homens com roupas brilhantes;

João – dois anjos vestidos de branco.

25 – O testemunho de Jesus tem ou não valor?

> **João 5,31:** *"Se eu* [Jesus] *dou testemunho de mim mesmo,* ***meu testemunho não vale****."* (grifo nosso)
>
> **João 8,14:** *"Jesus respondeu: 'Embora eu dê testemunho de mim mesmo,* ***o meu testemunho é válido****, […].'"* (grifo nosso)

Uma passagem entra em contradição com a outra, assim ficamos sem saber se o testemunho de Jesus é válido ou não. Sempre haverá os que tentam explicar isso; sofistas não faltarão.

Embora ainda venhamos a encontrar muitos defensores da inerrância bíblica, em sã consciência não há como admitir tamanho absurdo. Somente fundamentalistas se agarram a isso, pensando, esses pobres coitados, que "Deus tem mais valor se todas as palavras contidas na Bíblia refletirem a vontade Dele;". Só que o que acontece é exatamente o contrário, pois admitir que ela seja totalmente de inspiração divina é atribuir incoerência a quem lhe deu origem.

Valorizar a Deus é, a contragosto de muitos, demonstrar que a Bíblia é fruto do pensamento humano (joio) misturado

com inspiração divina (trigo), cabe a nós usar o bom senso e a lógica, para separar um do outro. É chegado o tempo da colheita e precisamos, para salvar o que há de bom nela, identificar o joio que foi semeado junto ao trigo. São chegados os tempos da verdade, aquela preconizada por Jesus: a que liberta. Oportuno retomarmos o pensamento de S. Jerônimo: “A verdade não pode existir em coisas que divergem”.

Outro ponto que merece ser abordado é quanto serem os textos bíblicos “cópia fiel dos originais”. É o que propomos no próximo capítulo.

Os textos originais na Bíblia

> *"A quem está escutando as palavras da profecia deste livro, eu declaro: 'Se alguém acrescentar qualquer coisa a este livro, Deus vai acrescentar a essa pessoa as pragas que aqui estão descritas. E se alguém tirar alguma coisa das palavras do livro desta profecia, Deus vai retirar dessa pessoa a sua parte na árvore da Vida e na Cidade Santa, que estão descritas neste livro'."* (Apocalipse 22,18-19)

Cansados de tanto ouvir de inúmeros fundamentalistas e também defendido por vários tradutores bíblicos, o argumento de que os textos na Bíblia estão conforme os originais, ou seja, estão reproduzidos tal e qual os autores bíblicos, por inspiração de Deus, os escreveram, procuramos fazer um breve levantamento para refutar essa informação e provar que a mentira anda à solta por aí, sem a menor preocupação de ser derrotada pela verdade.

Isso acontece porque a maioria de nós aceita piamente o que nos passam, seja por preguiça, ou seja, por comodidade, uma vez que a constatação dá mesmo muito trabalho.

Quanto à questão específica da inspiração não iremos nos preocupar aqui, uma vez que já foi falado em capítulo anterior, e, além disso, é algo que pode ser visto em nosso

ebook “*Toda Escritura é mesmo inspirada?*” ([6])

Vencendo este estado de inércia, nos propomos a um trabalho de pesquisa, tomando das dezenove Bíblias de nossa biblioteca, das quais trazemos algumas passagens que servirão de “a prova do crime”:

Ave-Maria

> Levítico 19,31: “*Não vos dirijais **aos espíritas nem adivinhos**: não os consulteis, [...].”* (grifo nosso)
>
> Levítico 20,6: “*Se alguém se dirigir **aos espíritas ou aos adivinhos** para fornicar com eles, [...].”* (grifo nosso)
>
> Levítico 20,27: “*Qualquer homem ou mulher que **evocar os espíritos ou fizer adivinhações**, será morto. [...].”* (grifo nosso)
>
> Deuteronômio 18,10-11: “*Não se ache no meio de ti quem faça passar pelo fogo seu filho ou sua filha, nem quem se dê à adivinhação, à astrologia, aos agouros, ao feiticismo, à magia, **ao espiritismo**, **à adivinhação** ou **à evocação dos mortos**.”* (grifo nosso)
>
> Isaías 8,19*: “Se vos disserem: **Consultai os espíritos dos mortos, os adivinhos**, os que conhecem segredos e dizem em voz baixa: Porventura um povo não deve consultar os seus deuses? Consultar os mortos a favor dos vivos?”* (grifo nosso) (Em nota, consta: seus deuses: os espíritos dos antepassados).
>
> 1 Samuel 28,3.7-8: *“[...] E Saul expulsara da terra **os necromantes,** os feiticeiros e **adivinhos**. [...] 'Procurai-*

---

6 NETO SOBRINHO, link: disponível em: http://www.paulosnetos.net/artigos/send/6-ebook/184-toda-escritura-mesmo-inspirada-ebook

> *me **uma necromante** para que eu a consulte'. [...] 'Predize-me o futuro, evocando um morto; faze-me vir aquele que eu te designar'."* (grifo nosso)

Como aparece a palavra necromante é porque os tradutores sabiam da realidade; assim, quando colocam os termos Espiritismo ou Espírita, é porque, deliberadamente, querem atingir aos adeptos da Doutrina Espírita. Isso é uma vergonhosa e manifesta adulteração que se fez sem o menor pudor.

Barsa

> Levítico 19,31: "*Não vos dirijais **aos mágicos**, nem consulteis **os adivinhos**, [...]."* (grifo nosso)
>
> Levítico 20,6: "*Se algum homem declinar para **os mágicos, e adivinhos**, e se der a eles por uma espécie de fornicação; [...]."* (grifo nosso)
>
> Levítico 20,27: "*Se qualquer homem, ou mulher **tem espírito de Piton**, ou **espírito de adivinho**, sejam punidos de morte. [...]."* (grifo nosso)
>
> Deuteronômio 18,10-11*: "Nem se ache entre vós quem pretenda purificar seu filho, ou filha, fazendo-os passar pelo fogo: nem quem consulte adivinhos, ou observe sonhos e agouros, nem quem seja feiticeiro, ou encantador, **nem quem consulte Piton ou adivinhos, nem quem indague dos mortos a verdade**."*
>
> Isaías 8,19: "*E quando vos disserem: **Consultai os pitões, e os adivinhos,** que murmuram em segredo em seus encantamentos: Acaso não consultará o povo ao seu Deus, há de ir falar com os mortos acerca dos vivos?"* (grifo nosso)

> 1 Samuel 28,3.7-8: *“[...] E Saul tinha lançado fora da terra **os mágicos, e adivinhos.** [...] 'Buscai-me uma mulher que tenha **o espírito de Piton**, e eu irei ter com ela, e a consultarei'. [...] 'Adivinha-me pelo espírito de Piton, e faze-me aparecer quem eu te disser'”.* (grifo nosso)

Aqui não vemos nenhum termo sendo usado para condenar o Espiritismo, como na versão anterior; o único detalhe, que é importante ressaltar, fica por conta de ser uma Bíblia mais antiga; em geral, é menos “preconceituosa” do que as atuais. Seria um sinal de que os tradutores das edições antigas de “a palavra de Deus” tinham preocupações diferentes das dos “tradutores” das edições das Bíblias da atualidade?

Bíblia de Jerusalém (1987 e 2002)

> Levítico 19,31: “*Não vos voltareis para **os necromantes** nem consultareis **os adivinhos**. [...].”* (grifo nosso)
>
> Levítico 20,6: “*Aquele que recorrer **aos necromantes** e **aos adivinhos** para se prostituir com eles, [...].”* (grifo nosso)
>
> Levítico 20,27*: “O homem ou a mulher que, entre vós, forem **necromantes ou adivinhos** serão mortos. [...].”* (grifo nosso)
>
> Deuteronômio 18,10-11*: “Que em teu meio não se encontre alguém que queime seu filho ou sua filha, nem faça presságio, oráculo, adivinhação ou magia, ou que pratique encantamentos, **que interrogue espíritos ou adivinhos**, ou ainda que **invoque os mortos**.”* (grifo nosso)

> Isaías 8,19: “*Se vos disserem: 'Ide **consultar os espíritos** e **os adivinhos,** cochichadores e balbuciadores', não consultará o povo os seus deuses, e os mortos a favor dos vivos?”* (grifo nosso)
>
> 1 Samuel 28,3.7-8: *“[...] Saul havia expulsado da terra **os necromantes** e os adivinhos. [...] 'Buscai-me uma mulher que **pratique a adivinhação** para que eu lhe fale e a consulte'. [...] 'Peço-te que pratiques para mim a adivinhação, evocando para mim quem eu te disser'.”* (grifo nosso)

Embora a maioria dos textos deva ser fiel aos originais, já que naquela época as práticas eram essas, ou seja, a necromancia, ainda assim colocam em Deuteronômio 18,10-11 e em Isaías 8,19 alguma coisa que, não obstante de forma velada, atinge ao Espiritismo. Um detalhe importante dessa tradução é que, na equipe de tradutores, ela contou com especialistas católicos e protestantes.

Bíblia do Peregrino

> Levítico19,31: “*Não consulteis **necromantes nem adivinhos** [...].”* (grifo nosso)
>
> Levítico 20,6: “*Se alguém consultar **necromantes** e **adivinhos** para se prostituir com eles, [...].”* (grifo nosso)
>
> Levítico 20,27: “*O homem ou a mulher que praticar a **necromancia ou a adivinhação**, é réu de morte. [...].”* (grifo nosso)
>
> Deuteronômio 18,10-11: “*Não haja entre os teus quem queime seus filhos ou filhas, nem adivinhos, nem astrólogos, nem agoureiros, nem feiticeiros, nem encantadores, **nem espiritistas**, **nem adivinhos**, **nem***

***necromantes**.”* (grifo nosso)

Isaías 8,19: “*Certamente vos dirão: **Consultai os espíritos e adivinhos,** que sussurram e cochicham: um povo não consulta seus deuses e os mortos a respeito dos vivos, em busca de instruções seguras?”* (grifo nosso)

1 Samuel 28,3.7-8: *“[...] Por outra parte, Saul havia desterrado **necromantes e adivinhos**. [...] Procurai-me **uma necromante** para que a consulte [...] Adivinha para mim o futuro, evocando os mortos, e faze que me apareça quem eu te disser”.* (grifo nosso)

A única vacilada ficou por conta do Deuteronômio 18,10-11, em que um termo é, diretamente, usado contra o Espiritismo. Em relação a Isaías 8,19 isso acontece, mas de forma indireta, como em outras nas quais também foi feito o mesmo.

Mundo Cristão

Levítico 19,31: “*Não vos voltareis para **os necromantes, nem para os adivinhos**; [...].”* (grifo nosso)

Levítico 20,6: “*Quando alguém se virar para **os necromantes** e **feiticeiros** para se prostituir com eles, [...].”* (grifo nosso)

Levítico 20,27: “*O homem ou mulher que sejam **necromantes, ou sejam feiticeiros**, serão mortos: [...].”* (grifo nosso)

Deuteronômio 18,10-11: “*Não se achará entre ti quem faça passar pelo fogo o seu filho ou a sua filha, nem adivinhador, nem prognosticador, nem agoureiro, nem*

> *feiticeiro; nem encantador,* ***nem necromante, nem mágico,*** *nem quem* ***consulte os mortos****.”* (grifo nosso)
>
> Isaías 8,19*: “Quando vos disserem:* ***Consultai os necromantes e os adivinhos****, que chilreiam e murmuram, acaso não consultará o povo ao seu Deus? A favor dos vivos se consultarão os mortos?”* (grifo nosso)
>
> 1 Samuel 28,3.7-8: *“[...] Saul havia desterrado* ***os médiuns*** *e adivinhos. [...] 'Apontai-me uma mulher que* ***seja médium****, para que me encontre com ela e a consulte [...].' 'Peço-te que me adivinhes pela necromancia, e me faças subir aquele que eu te disser'.”* (grifo nosso)

Apesar de saberem exatamente o que significa necromante, ainda assim, especialmente na passagem 1 Samuel 28,3.7.8, colocam o termo “médium”, num ataque direto contra o Espiritismo, pois a sequência dessa passagem v. 14-15 demonstra, de forma inequívoca, que Saul faz uma consulta ao espírito Samuel.

Bíblia Shedd

> Levítico 19,31: “*Não vos voltareis para* ***os necromantes, nem para os adivinhos****; [...].”* (grifo nosso)
>
> Levítico 20,6: “*Quando alguém se virar para* ***os necromantes*** *e* ***feiticeiros*** *para se prostituir com eles, [...].”* (grifo nosso)
>
> Levítico 20,27: “*O homem ou mulher que* ***sejam necromantes, ou sejam feiticeiros****, serão mortos: [...].”* (grifo nosso)
>
> Deuteronômio 18,10-11: “*Não se achará entre ti quem*

> *faça passar pelo fogo o seu filho ou a sua filha, nem adivinhador, nem prognosticador, nem agoureiro, nem feiticeiro; nem encantador,* ***nem necromante, nem mágico****, nem quem* ***consulte os mortos****.”* (grifo nosso)
>
> Isaías 8,19*: “Quando vos disserem: '****Consultai os necromantes e os adivinhos****, que chilreiam e murmuram, acaso não consultará o povo ao seu Deus? A favor dos vivos se consultarão os mortos?'.”* (grifo nosso)
>
> 1 Samuel 28,3.7-8: *“[...] Saul havia desterrado* ***os médiuns e adivinhos****. [...] 'Apontai-me uma mulher que* ***seja médium****, para que me encontre com ela e a consulte [...].' 'Peço-te que me adivinhes pela necromancia, e me faças subir aquele que eu te disser'.”* (grifo nosso)

O termo usado nessa tradução é o mesmo usado na anterior; porém, nas notas explicativas sobre elas é que descarregam seus impropérios: “**19.31** *Necromantes*. Pessoas que se comunicam com os mortos, ou seja, médiuns, 20.6. Aqui há uma forte condenação das práticas espíritas existentes no dia de hoje. A Bíblia condena taxativamente a invocação dos mortos” ([7]); **20.6** cf v 27; 19,26. Consultar médiuns, numa tentativa de se comunicar com os espíritos dos mortos, era um pecado que acarretava a penalidade da morte, tanto para o médium como para aquele que o consultava. Estes versículos também são uma condenação ao espiritismo dos nossos dias. ([8]); **18.9-14** Magia, feitiçaria e consulta aos mortos (cf Is 8.19) foram proibidas. Os poderes sobrenaturais de origem satânica, muitas vezes, se manifestam nessas práticas. A seita religiosa

---

7 Bíblia Shedd, p. 169.

8 Bíblia Shedd, p. 169.

do espiritismo é incompatível com o cristianismo bíblico" ([9]). E em **28.3,** dizem "A mediunidade é pecado gravíssimo, condenado pela Bíblia de ponta a ponta, e é castigada com a pena máxima, pena de morte (Lv 20.27; Dt 18.10-12; At 16.18; Ap 21.8...." ([10]). Ora, essa última nota prova categoricamente que falam do que não entendem, pois a mediunidade é uma faculdade humana não uma prática como creem ser.

O que achamos interessante nisso tudo é que ainda têm a coragem de dizer que seguem a Jesus, quando manipulam os textos, adaptando-os a seus dogmas, visando dominar os incautos fiéis, dos quais extorquem o dízimo, inclusive dizendo que quem não o paga está desobedecendo às Escrituras.

Novo Mundo

> Levítico 19,31: "*Não vos vireis para **médiuns espíritas** e não consulteis **prognosticadores profissionais de eventos**, [...].*" (grifo nosso)
>
> Levítico 20,6: "*Quanto à alma que se vira para **os médiuns espíritas** e para **os prognosticadores profissionais de eventos**, [...].*" (grifo nosso)
>
> Levítico 20,27: "*E quanto ao homem ou à mulher em que se mostre **haver um espírito mediúnico ou um espírito de predição**, sem falta devem ser mortos! [...].*" (grifo nosso)
>
> Deuteronômio 18,10-11: "*Não se faça achar em ti alguém que faça seu filho ou sua filha passar pelo fogo, alguém que empregue adivinhação, algum praticante de*

9 Bíblia Shedd, p. 278.

10 Bíblia Shedd, p. 430.

> *magia ou quem procure presságios, ou um feiticeiro, ou alguém que prenda outros com encantamentos, ou alguém que vá* ***consultar um médium espírita****, ou* ***um prognosticador profissional de eventos****, ou alguém* ***que consulte os mortos****.”* (grifo nosso)
>
> Isaías 8,19*: “E caso vos digam:* ***Recorrei aos médiuns espíritas*** *ou aos que têm espírito de predição, que chilram e fazem pronunciações em voz baixa, não é a seu Deus que qualquer povo devia recorrer? [Acaso se deve recorrer] a pessoas mortas a favor de pessoas vivas?”* (grifo nosso)
>
> 1 Samuel 28,3.7-8: *“[...] Quanto a Saul, tinha removido do país* ***os médiuns espíritas e os prognosticadores profissionais de eventos****. [...] 'Procurai-me uma mulher que* ***seja dona de mediunidade espírita****, e eu irei ter com ela e a consultarei. [...].' 'Por favor, use de adivinhação para mim por meio da mediunidade espírita e faze-me subir aquele que eu te indicar'.”* (grifo nosso)

Esta tradução é, por enquanto, a mais tendenciosa de todas, pois em todos os seus textos há termos claros contra o Espiritismo, provando claramente a intencionalidade em se fazer isso.

Tanto esta última tradução quanto as duas imediatamente anteriores são provenientes do seguimento protestante; daí se justifica porque eles, mais do que os católicos, são contrários às práticas espíritas. Inclusive é onde o radicalismo impera com maior vigor e seus fiéis são mais intolerantes com os que não lhes seguem fileiras.

Pastoral

> Levítico 19,31: “*Não se dirijam **aos necromantes, nem consultem adivinhos**, [...].”* (grifo nosso)
>
> Levítico 20,6: “*Quem recorrer **aos necromantes** e **adivinhos**, para se prostituir com eles, [...].”* (grifo nosso)
>
> Levítico 20,27: “*O homem ou mulher que **pratica a necromancia ou adivinhação**, é réu de morte. [...].”* (grifo nosso)
>
> Deuteronômio 18,10-11: “*Não haja em teu meio alguém que queime seu filho ou filha, nem que faça presságio, pratique astrologia, adivinhação ou magia, nem que pratique encantamentos, **consulte espíritos ou adivinhos**, ou também que **invoque os mortos**.”* (grifo nosso)
>
> Isaías 8,19: “*Quando disserem a vocês: '**Consultem os espíritos e adivinhos**, que sussurram e murmuram fórmulas; por acaso, um povo não deve consultar seus deuses e consultar os mortos em favor dos vivos?'”* (grifo nosso)
>
> 1 Samuel 28,3.7-8: *“[...] De outro lado, Saul tinha expulsado do país **os necromantes e adivinhos**. Então Saul disse a seus servos: 'Procurem **uma necromante**, para que eu faça uma consulta'. [...] 'Quero que você me adivinhe o futuro, evocando os mortos. Faça aparecer a pessoa que eu lhe disser'.”* (grifo nosso)

A não ser o “consultem os espíritos” nada de mais grave é colocado, apesar, de que, como em outras traduções, eles também demonstram ter conhecimento do termo correto, que verdadeiramente deveria ser o empregado.

Paulinas (1957, 1977 e 1980)

> Levítico 19,31: "*Não vos dirijais **aos magos nem interrogueis os adivinhos**, [...].*" (grifo nosso)
>
> Levítico 20,6: "*A pessoa que se dirigir **a magos** e **adivinhos** e fornicar com eles, [...].*" (grifo nosso)
>
> Levítico 20,27: "*O homem ou mulher em que **houver espírito pitônico ou de adivinho**, sejam punidos de morte. [...].*" (grifo nosso)
>
> Deuteronômio 18,10-11*: "Não se ache entre vós quem purifique seu filho ou sua filha, fazendo-os passar pelo fogo, nem quem consulte adivinhos ou observe sonhos e agouros, nem quem use malefícios, nem quem seja encantador, nem quem **consulte aos nigromantes, ou adivinhos**, ou **indague dos mortos a verdade**.*" (grifo nosso)
>
> Isaías 8,19: "*E, quando vos disserem: **Consultai os magos e os adivinhos**, que murmuram em segredo nos seus encantamentos, (respondei): Porventura o povo não há de consultar o seu Deus? Há de ir falar com os mortos acerca dos vivos?*" (grifo nosso)
>
> 1 Samuel 28,3.7-8: *"[...] Saul tinha lançado fora do país **os magos e adivinhos**. [...]. 'Buscai-me uma mulher **necromante**, e eu irei ter com ela e a consultarei [...].' 'Adivinha-me pelo espírito de necromante e faze-me aparecer quem eu te disser'."* (grifo nosso)

Essa é a única versão que não traz nada contra o Espiritismo. Parabéns aos tradutores! O destaque que fazemos é em relação à expressão "indague dos mortos a verdade", que é totalmente divergente em relação às outras traduções, fato que nos coloca diante da dúvida: qual delas tem o verdadeiro significado do termo que reflete o que quis dizer o autor bíblico?

Santuário

> Levítico 19,31: “*Não recorrais* ***às evocações e aos sortilégios****: [...].”* (grifo nosso)
>
> Levítico 20,6: “*Se alguém recorrer* ***às invocações*** *e* ***aos sortilégios****, entregando-se a essas práticas, [...].”* (grifo nosso)
>
> Levítico 20,27: “*O homem ou a mulher que se* ***entregar a evocação ou sortilégio*** *será condenado à morte; [...].”* (grifo nosso)
>
> Deuteronômio 18,10-11*: “Não haja ninguém no meio de ti que faça passar pelo fogo o seu filho ou a sua filha; ou se dê à prática de encantamento, ou se entregue a augúrios, à adivinhação ou à magia, ao feiticismo,* ***ao espiritismo, aos sortilégios*** *ou* ***à evocação dos mortos***.” (grifo nosso)
>
> Isaías 8,19: “*Hão de dizer-vos:* ***consultai os espíritos e os adivinhos*** *que murmuram e segredam. Porventura o povo não deve consultar os seus deuses e consultar os mortos acerca dos vivos para obter uma revelação e um testemunho?”* (grifo nosso)
>
> 1 Samuel 28,3.7-8: *“[...] Saul tinha expulsado do país* ***os feiticeiros e os adivinhos****. [...]. 'Buscai-me uma* ***necromante*** *para que eu a consulte [...].' 'Predize-me o futuro, evocando um morto, e faze-me aparecer quem eu te designar'.”* (grifo nosso)

A correlação ao que presumem ser o Espiritismo é bem clara, já que, como a maioria das pessoas, são ignorantes em relação a seus fundamentos e práticas; pressupõem que seja algo estritamente relacionado a evocação dos mortos; daí ser essa a característica predominante nessa tradução, que

também não deixa de citar nominalmente o Espiritismo.

SBB

> Levítico 19,31: “*Não vos virareis para **os adivinhos e encantadores**; [...].”* (grifo nosso)
>
> Levítico 20,6: “*Quando uma alma se virar para **os adivinhadores e encantadores**, para se prostituir após deles, [...].”* (grifo nosso)
>
> Levítico 20,27: “*Quando pois algum homem ou mulher em si **tiver um espírito de adivinho, ou for encantador**, certamente morrerão: [...].”* (grifo nosso)
>
> Deuteronômio 18,10-11: “*Entre ti se não achará quem faça passar pelo fogo o seu filho ou a sua filha, nem adivinhador, nem prognosticador, nem agoureiro, nem feiticeiro; nem encantador de encantamentos, nem **quem consulte um espírito adivinhante**, nem mágico, nem **quem consulte os mortos**.”* (grifo nosso)
>
> Isaías 8,19: “*Quando vos disserem: **Consultai os que têm espíritos familiares e os adivinhos**, que chilreiam e murmuram entre dentes; - não recorrerá um povo ao seu Deus? a favor dos vivos interrogar-se-ão os mortos?”* (grifo nosso)
>
> 1 Samuel 28,3.7-8: *“[...] e Saul tinha desterrado **os adivinhos e encantadores**. [...]. 'Buscai-me uma mulher que tenha o **espírito de feiticeira**, para que vá a ela e a consulte [...].' 'Peço-te que me adivinhes pelo espírito de feiticeira, e me faças subir a quem eu te disser'.”* (grifo nosso)

Poderia passar despercebido se não tivesse o “consulte os mortos”; entretanto, está, como se diz popularmente, menos pior do que outras. Mais uma tradução protestante; disso

poderá acertadamente concluir, caro leitor, que todas as outras são de origem católica, exceto a de Jerusalém que já dissemos ser tradução feita por exegetas dessas duas correntes religiosas, conforme consta da “Apresentação” feita pelos editores.

Vozes

> Levítico 19,31: “*Não recorrais **aos médiuns, nem consulteis os espíritos**. [...].”* (grifo nosso)
>
> Levítico 20,6: “*Se alguém recorrer **aos médiuns** e **adivinhos**, prostituindo-se com eles, [...].”* (grifo nosso)
>
> Lv 20,27: “*O homem ou a mulher que **se tornar médium ou adivinho**, serão mortos por apedrejamento. [...].”* (grifo nosso)
>
> Deuteronômio 18,10-11: “*Não haja em teu meio quem faça passar pelo fogo o filho ou a filha, nem quem se dê à adivinhação, nem haja astrólogo nem macumbeiro nem feiticeiro; nem quem se dê à magia, **consulte médiuns, interrogue espíritos ou evoque os mortos**.”* (grifo nosso)
>
> Isaías 8,19: “*Se vos disserem:* '***Consultai os necromantes e os adivinhos*** *que sussurram e murmuram; acaso não consultará um povo os seus deuses, os mortos em favor dos vivos?*'”
>
> 1 Samuel 28,3.7-8: *“[...] Saul tinha eliminado do país **os necromantes e os adivinhos**. [...]. 'Procurai-me uma mulher **entendida em evocar os mortos**, pois quero ir a ela e consultá-la'. [...]. 'Por favor, adivinha para mim por meio da necromancia e evoca-me aquele que eu te disser!'.”* (grifo nosso)

Mais uma tradução direcionada, que usa o termo “médium”, próprio dos espíritas, numa evidente tentativa de relacionar-se o Espiritismo a algo condenável por Deus.

A Bíblia TEB

> Levítico 19,31: “*Não pratiqueis **a adivinhação**; não a procureis, [...].”* (grifo nosso)
>
> Levítico 20,6: “*Aquele que se prostituir praticando **a adivinhação**, [...].”* (grifo nosso)
>
> Levítico 20,27*: “Quanto um homem ou uma mulher se prestarem **à adivinhação**, serão mortos; [...].”* (grifo nosso)
>
> Deuteronômio 18,10-11*: “Não haverá no meio de ti ninguém que raça passar pelo fogo seu filho ou sua filha, que interrogue oráculos, pratique sortilégios, magia, encantamentos, enfeitiçamentos, recorra **à adivinhação** ou **consulte os mortos**.”* (grifo nosso)
>
> Isaías 8,19: “*E se vos disserem: 'Consultai **os que praticam a adivinhação**, os que assobiam e murmuram. Não deve o um povo consultar os seus deuses,/os mortos em favor dos vivos?”* (grifo nosso)
>
> 1 Samuel 28,3.7-8: *“E Saul abolira **necromancia** em todo o país. [..]. 'Procurai-me uma necromante, para que eu possa consultá-la. [...] 'Exerce para mim a **necromancia** e evoca-me aquele que te direi.”* (grifo nosso)

Vemos que A Bíblia – Tradução Ecumênica, publicação das editoras Paulinas e Loyola, tem na tradução tudo para o significado de adivinhação, incluindo aqui a necromancia, que, como dito, é uma de suas espécies.

Bíblia Sagrada – NTLH

> Levítico 19,31: “*Não procurem a ajuda* ***dos que invocam os espíritos dos mortos*** *e* ***dos que adivinham*** *o futuro.”* (grifo nosso)
>
> Levítico 20,6: “*Se alguém procurar a ajuda dos que i****nvocam os espíritos dos mortos*** *e* ***dos que adivinham*** *o futuro, […].*” (grifo nosso)
>
> Levítico 20,27: “*Qualquer homem ou mulher que* ***invocar os espíritos dos mortos*** *ou* ***praticar feitiçarias*** *deverá ser morto a pedradas.”* (grifo nosso)
>
> Deuteronômio 18,10-11: “*Não ofereçam os seus filhos em sacrifício, queimando-os no altar. Não deixem que no meio do povo haja* ***adivinhos ou pessoas que tiram sortes; não tolerem os feiticeiros, nem quem faz despachos****, nem os que* ***invocam os espíritos dos mortos****.”* (grifo nosso)
>
> Isaías 8,19*: “Algumas pessoas vão pedir que vocês* ***consultem os adivinhos e os médiuns****, que cochicham e falam baixinho. Essas pessoas dirão: 'Precisamos receber mensagens dos espíritos, precisamos consultar os mortos em favor dos vivos!'”* (grifo nosso)
>
> 1 Samuel 28,3.7-8: “*Saul tinha expulsado de Israel todos* ***os médiuns espíritas*** *e adivinhos. […] 'Procurem uma mulher que* ***seja médium,*** *e eu irei consultá-la'. […] 'Consulte para mim os espíritos e me diga o que vai acontecer. Eu vou dizer o nome de um homem, e você vai mandar subir o espírito dele'”* (grifo nosso)

Talvez essa seja a tradução em que o objetivo de “detonar” o Espiritismo é mais forte. E aí têm o disparate de dizerem que essa Bíblia é fiel aos originais; é lamentável que

distorçam a verdade bíblica para ajustá-la a seus dogmas e preconceitos.

SBTB

> Levítico19,31: "*Não vos virareis para **os adivinhos e encantadores**; [...].*" (grifo nosso)
>
> Levítico 20,6: "*Quando alguém se virar para **os adivinhadores e encantadores**, para se prostituir após deles, [...].*" (grifo nosso)
>
> Levítico 20,27: "*Quando, pois, algum homem ou mulher em si **tiver um espírito de necromancia ou espírito de adivinhação**, certamente morrerá; [...].*" (grifo nosso)
>
> Deuteronômio 18,10-11: "*Entre ti se não achará quem faça passar pelo fogo a seu filho ou a sua filha, nem adivinhador, nem prognosticador, nem agoureiro, nem feiticeiro; nem encantador, nem **quem consulte a um espírito adivinhador**, nem mágico, nem **quem consulte os mortos**.*" (grifo nosso)
>
> Isaías 8,19: "*Quando, pois, vos disserem: **Consultai os que têm espíritos familiares e os adivinhos**, que chilreiam e murmuram: Porventura não consultará o povo ao seu Deus? A favor dos vivos consultar-se-á aos mortos?*" (grifo nosso)
>
> 1 Samuel 28,3.7-8: *"[...] e Saul tinha desterrado **os adivinhos e encantadores**. [...] 'Buscai-me uma mulher que tenha o **espírito de feiticeira**, para que vá a ela e consulte por ela [...]' 'Peço-te que me adivinhes pelo espírito de feiticeira, e me faças subir a quem eu te disser'."* (grifo nosso)

Tradução quase idêntica à da SBB, vale, portanto, o que

lá dissemos.

Julgamos interessante acrescentar o que consta no judaísmo, porquanto a Torá, livro sagrado dos judeus, deveria ser a base dos livros correlatos dos cristãos.

Tanah – Bíblia Hebraica

> Levítico 19,31: "*Não vos voltareis **para as magias e para as feitiçarias**, [...].".* (grifo nosso)
>
> Levítico 20,6: "*E a alma que voltar **para as magias e para as feitiçarias**, errando atrás delas, Eu porei Minha ira contra aquela alma, e a banirei do meio de seu povo.*" (grifo nosso)
>
> Levítico 20,27: "*E homem ou mulher que **fizerem magia ou feitiçaria**, serão mortos; [...].*" (grifo nosso)
>
> Deuteronômio 18,10-11: "*Não se achará entre ti quem faça passar seu filho ou sua filha pelo fogo, nem agoureiro, nem astrólogo, nem adivinho, nem feiticeiro, nem encantador de animais, **nem necromante ou** **Ideonita**, **nem quem consulte os mortos**.*" (grifo nosso)
>
> Isaías 8,19: *"Se te disserem: '**Busca resposta entre os magos e os adivinhos** que resfólegam e se esganiçam', responde: Não deveria qualquer povo buscar resposta com seu próprio Deus? Deveríamos perguntar aos mortos sobre os vivos?"* (grifo nosso)
>
> *1 Samuel 28,3.7-8: "[...] e Saul havia expulso da terra **os necromantes e os adivinhadores ideonitas**. [...]'. Buscai-me **uma necromante**, para que eu vá a ela e a consulte. [...]' 'Rogo-te que me adivinhes pela necromancia e me faças subir aquele eu te disser'."* (grifo nosso)

Na Torá – Lei de Moisés, em nota de rodapé, explicam-nos: *Yideonita* – Feiticeiro que coloca o osso de um animalzinho chamado *Yadúa* dentro da sua boca e adivinha. ([11])

Aqui não vemos nenhuma condenação aos Espíritas, pois é provável que para os judeus tudo quanto se proíbe em Deuteronômio 18 está resumido no versículo 14: *"Porque estas nações que hás de herdar ouvem **os prognosticadores e os agoureiros**; mas quanto a ti, o Eterno, teu Deus, não te permitiu tal coisa"*. (grifo nosso) Aliás, esse resumo é fatal para colocar em evidências as adulterações já apontadas pelos tradutores bíblicos, que, certamente, defendem dogmas e não a verdade.

Vejamos em mais duas outras obras, ambas de cunho espírita.

Do livro *O Céu e o Inferno*

Nessa obra Kardec cita alguns destes passos, os quais, provavelmente, tenha transcrito da Bíblia de Sacy; assim, é dela que tomaremos as passagens faltantes.

> Levítico 19,31: "*Não vos desvieis do vosso Deus para procurar **mágicos**; não consulteis **os adivinhos**, e receai que vos contamineis dirigindo-vos a eles. Eu sou o Senhor vosso Deus.*" ([12]) (grifo nosso)
>
> Levítico 20,6: "*Se um homem se afasta de mim para obter **mágicos e adivinhos**, e os deixa com um tipo de fornicação, ele fará recair sobre ele a ira do meu olho, e*

11 Torá – Lei de Moisés, 2001, p. 559.

12 KARDEC, 2007d, p. 167.

eu vou cortar a meio do seu povo." ([13]) (grifo nosso)

Levítico 20,27: "*O homem ou a mulher que tiver **Espírito pitônico, ou de adivinho**, morra de morte. Serão apedrejados, e o seu sangue recairá sobre eles.*" ([14]) (grifo nosso)

Deuteronômio 18,10-12: "E *entre vós ninguém haja que pretenda purificar filho ou filha passando-os pelo fogo; que use de malefícios, sortilégios e encantamentos; que consulte os que têm o Espírito de Piton e **se propõem adivinhar, interrogando os mortos para saber a verdade**. O Senhor abomina todas essas coisas e exterminará todos esses povos, à vossa entrada, por causa dos crimes que têm cometido."* ([15]) (grifo nosso)

Isaías 8,19: "*Quando vos disserem: **Consultai os mágicos e adivinhos** que balbuciam encantamentos, respondei: – Não consulta cada povo ao seu Deus? E aos mortos se fala do que compete aos vivos?"* ([16]) (grifo nosso)

1 Samuel 28,3.7-8: *"[...] E Saul tinha conduzido **os mágicos e adivinhos**. [...] 'Procurai-me uma mulher que tenha **espírito de Piton**, para que eu venha a encontrá-la, e por seu meio, possa o consultar. [...] Profetize-me o futuro pelo **espírito de Piton** que está em vós, e fazei-me vir aquele que vos dizer.*" ([17]) (grifo nosso)

Nessa tradução francesa da Bíblia também nada encontramos contra o Espiritismo, até mesmo porque a sua

---

13 SACY, 1855, p. 103.

14 KARDEC, 2007d, p. 167.

15 KARDEC, 2007d, p. 167.

16 KARDEC, 2007d, p. 168.

17 SACY, 1885, p. 261 (1 Rs 28,3.7-8).

publicação é de 1855, ou seja, anterior ao “nascimento” da Doutrina Espírita, sem com isso estarmos insinuando que o tradutor poderia realizar uma “tradução à moda da casa”; ao contrário, acreditamos que Le Maitre Sacy jamais faria este tipo de coisa.

Do livro *Analisando as Traduções Bíblicas*

> Levítico 19,31*: “Não ireis aos **necromantes** e nem aos adivinhos. Não procureis vos contaminar com eles [...].”* ([18]) (grifo nosso)
>
> Levítico 20, 6: *“Contra esse ser ou alma que vai diante dos **necromantes** e dos adivinhos para se prostituir seguindo-os, eu darei as minhas faces e eu o cortarei de dentro do seu povo.”* ([19]) (grifo nosso)
>
> Levítico 20, 27: “*E o homem ou mulher que for **necromante** ou adivinho, será condenado à morte; [...].”* ([20]) (grifo nosso)
>
> Deuteronômio 18,9-11: “*Não se achará em ti quem faça passar seu filho ou sua filha pelo fogo, nem adivinhador, nem feiticeiro, nem agoureiro, nem cartomante, nem bruxo, nem mago e semelhante,, nem quem **consulte o necromante** e o adivinho, **nem quem exija a presença dos** '**mortos**'.”* ([21]) (grifo nosso)
>
> Isaías 8,19: “*E se vos disserem **consulte ou exija a presença dos antepassados ou dos patriarcas** e dos adivinhos, cochichadores e balbuciadores. Por acaso o povo não poderá exigir a presença dos seus deuses?*

18 SILVA, 2001, p. 80.

19 SILVA, 2001, p. 81.

20 SILVA, 2001, p. 83.

21 SILVA, 2001, p. 87.

> *Consultar os mortos em favor dos vivos?”* ([22]) (grifo nosso)

Para que você, caro leitor, possa fazer uma comparação é importante ressaltar que o autor Severino Celestino afirma que a tradução feita ele foi baseada diretamente dos textos hebraicos.

Embora invariavelmente todos os tradutores digam que seus textos guardam fidelidade aos textos originais, percebemos claramente que só se for naquilo que lhes interessam, pois, como provamos acima, nos textos das dezenove bíblias existem passagens que contêm termos que são colocados propositalmente para atingir outra corrente filosófico-religiosa, qual seja, o Espiritismo, que, em obediência à ética cristã, não adota o mesmo comportamento utilizado por eles.

Quem sabe se esses tradutores não se “esqueceram” que os termos **médium, espírita, espiritista e Espiritismo** foram neologismos levados a público por Kardec em 18 de abril de 1857, quando da publicação de “*O Livro dos Espíritos*”, conforme ele mesmo diz na introdução desse livro? Ora, se encontramos tais termos em trechos bíblicos, só há uma explicação para esse fato: **vergonhosa adulteração para combater o Espiritismo!** Qualquer pessoa sensata verá isso; menos os que se comportam como fundamentalistas.

Observemos que, a bem da verdade, qualquer palavra que fosse usada deveria estar relacionada à necromancia, que

---

22 SILVA, 2001, p. 207.

é a evocação dos mortos para fins de adivinhação, coisa que nada tem a ver com o Espiritismo; sabem muito bem disso; entretanto, no seu combate, usam de armas sutis, já que dificilmente o crente deixará de acreditar no que “está escrito” ou na palavra deles, para perceber que a verdade é bem diversa daquilo que colocam.

Importa-nos demonstrar que, realmente, certos tradutores bíblicos, com as informações que passam, buscam dar sustentação à crença generalizada de que o que temos hoje reflete os textos originais. Vejamos o que se encontra na Bíblia de Jerusalém, considerada, pelos entendidos, uma das melhores traduções:

> A tradução foi feita a partir dos textos originais hebraicos, aramaicos e gregos. Para o Antigo Testamento utilizou-se o texto; massorético, isto é, o texto hebraico estabelecido entre os séculos VII e IX d.C. por sábios judeus, que fixaram a sua grafia e vocalização. É o texto reproduzido pela maioria dos manuscritos. Quando esse texto apresenta dificuldades insuperáveis, recorre-se a outros manuscritos hebraicos ou a versões antigas, principalmente a grega, a siríaca e a latina. Neste caso, as correções são sempre assinaladas em nota. Para os livros gregos do Antigo Testamento (“deuterocanônicos”) e para o Novo Testamento utilizou-se o texto estabelecido na época moderna por um trabalho crítico sobre os principais, testemunhos manuscritos da tradição, também com o auxílio das versões antigas. Quando a tradição oferece diversas formas do texto, foi escolhida a leitura mais segura, não sem indicar em nota a ou as variantes que têm importância ou conservam alguma probabilidade.

> As passagens consideradas como **glosas** estão entre parênteses no texto.
>
> Houve um esforço para reduzir a diversidade das traduções que temos ou expressões idênticas do original recebem às vezes em outras edições. Todavia, levou-se em conta a amplidão do sentido de certos termos, para os quais nem sempre é possível encontrar um único equivalente em português. Respeitaram-se também as exigências do contexto, sem esquecer que uma tradução servil e por demais literal pode às vezes não reproduzir senão imperfeitamente o sentido real de uma frase ou expressão. Mas os termos técnicos cujo sentido unívoco são sempre traduzidos pelo mesmo equivalente em português. **Quando necessário, preferiu-se a fidelidade ao texto a uma qualidade literária que não seria a do original**. ([23]) (grifo nosso)

Quem lê essa explicação fica com a impressão de que tomaram os textos originais para a tradução; entretanto, a questão é: temos em mãos os textos originais, aqueles que foram assinados pelos autores bíblicos? Certamente, que não; porém, raros são os tradutores que esclarecem este ponto, de forma que o leitor tome plena consciência de que não temos mais nenhum dos originais. Vejamos, por exemplo, o que Pe. Matos Soares (?-?), tradutor da *Bíblia Sagrada Paulinas*, afirma:

> TEXTOS E VERSÕES. - “Todos os Padres e Doutores tiveram firmíssima persuasão” - escreve Leão XIII na citada encíclica Providentissimus - “de que as divinas Escrituras, quais saíram da pena dos autores sagrados, são inteiramente isentas de qualquer erro”.

---

23 Bíblia de Jerusalém, p. 13.

Mas será que todas nos chegaram tais "quais saíram da pena dos autores sagrados?" Nenhum autógrafo, nem sequer do último dos autores inspirados, chegou até nós, como também o de nenhum escritor da antiguidade profana; só possuímos deles cópias remotas. Ora, os copistas não tiveram a assistência do Espírito Santo como os hagiógrafos, e enquanto copiavam à mão, era natural que se introduzissem no texto alterações de várias espécies. No longo período de 1500-3000 anos, desde as primeiras cópias até a invenção da imprensa (séc. XV), era moralmente impossível que dois exemplares de um mesmo livro, ao menos os mais extensos, fossem exatamente iguais, e Deus, que preservou de todo erro os originais dos livros sagrados, não quis obrigar-se a milhares de milagres que seriam necessários para que se conservassem intactas as cópias. Bastava conservar inalterada a substância do depósito da fé contido nos livros sagrados. E para tanto foi magnificamente providenciado, como precisamente nos ensina a história do texto.

Os textos originais da Bíblia, em particular os do Novo Testamento, são comprovados por tamanha abundância e antiguidade de documentos, que também sob o aspecto da transmissão textual a Bíblia mantém o seu primado, o seu lugar eminente na literatura mundial. Confrontada aos célebres monumentos da literatura profana, tais como as obras-primas da literatura grega e latina, ela brilha como o sol entre as estrelas. As obras de autores gregos e latinos, não raramente, nos chegaram num único manuscrito, e as mais afortunadas gloriam-se de algumas dezenas deles; os manuscritos do Novo Testamento, porém, contam-se às centenas e aos milhares. Deles possuímos ainda códices inteiros em pergaminho, do século IV; com fragmentos de papiros podemos remontar aos séculos III e II, isto é, a menos de um ou dois séculos da morte dos autores,

enquanto que para Cícero e Virgílio a distância das cópias mais antigas é de cinco ou seis séculos, para Homero de um milênio e mais. O testemunho da transmissão direta dos códices gregos é reforçado quer por antiquíssimas versões – já no séc. II, como a antiga versão latina –, quer pelas abundantes citações de escritores cristãos, a partir do séc. II. Ora, nesses antiquíssimos testemunhos encontramos a máxima parte do texto das modernas versões. Verdade é que a própria quantidade de manuscritos (além de versões e citações) ocasionou, pela razão já dita, um número proporcionado de variantes, ou seja, de alterações; **pretende-se que no Novo Testamento inteiro, em 150.000 palavras, haja 200.000 variantes**, mas na maioria são minúcias que não atingem absolutamente o sentido. Ademais, a riqueza de documentação oferece à crítica meios mais eficientes para precisar o texto original. Segundo o cálculo de juízes tão competentes como os críticos Westcott e Hort, sete oitavos de todo o Novo Testamento são transmitidos, concordemente, sem variantes, por todas as testemunhas. Quanto às variantes, somente a milésima parte atinge o sentido e só umas vinte assumem verdadeira importância. Nenhuma atinge a alguma verdade de fé. Auxiliados pela crítica textual podemos concluir, com os supracitados críticos, que o texto genuíno do Novo Testamento é assegurado não só na substância, mas também em quase todos os minuciosos particulares.

Quanto ao Antigo Testamento, as coisas apresentam-se um pouco diversamente. Antes das recentes descobertas junto ao mar Morto (1947), os códices hebraicos conhecidos, não anteriores aos séculos VIII-X d.C., dependiam todos de uma recensão ou arquétipo do fim do séc. I d.C., posterior, portanto, a cinco ou mais séculos dos originais. Dessa fonte temos o texto consonântico, isto é, só as consoantes das palavras hebraicas, segundo o uso das línguas

semíticas, de não escreverem as vogais. Somente por volta do séc. VII d.C., para facilitar a leitura e para uso didático, foram inventados os sinais vocálicos e inseridos no texto, quando o hebraico tinha cessado há séculos (pelo séc. IV a.C.), de ser idioma falado. No longo período do séc. I ao X d.C., o texto hebraico foi objeto dos mais minuciosos e diligentes cuidados da parte dos rabinos, chamados massoretas (de massorá = tradição). É ao trabalho infatigável deles, que se deve a conservação inalterável do texto e dos manuscritos tão uniformes que não apresentam senão raríssimas variantes e de leve monta. Também as antigas versões, com uma só exceção, quer as gregas do séc, II (Áquila, Símaco, Teodocião, dos quais contudo não nos chegaram senão fragmentos), quer a siríaca, chamada Pechitta, o Targum aramaico (também chamado paráfrase caldaica), e a latina de S. Jerônimo, sendo todas posteriores à recensão do séc. I, e dela dependentes, raras vezes supõem forma diversa do texto hebraico normal (massorético).

Tanto mais preciosa, em tais circunstâncias, é para nós a antiga versão grega, feita no Egito (mais exatamente. em Alexandria, motivo por que também é chamada “alexandrina”) entre os séc. III e II a.C. Considerada até os tempos modernos como obra coletiva de setenta e dois doutos hebreus vindos para isso de Jerusalém, a pedido de Ptolomeu Filadelfo (285-247 a.C.), como narra uma pseudocarta de Aristeia, continua ainda a chamar-se a versão dos Setenta ou os Setenta (LXX). Na realidade, como mostra o exame interno, os tradutores foram muitos; traduzindo quem este, quem aquele livro, em épocas diversas, até que, reunidas as traduções, formou-se um A. Testamento totalmente grego, mais amplo do que o hebraico massorético, segundo o que acima foi dito. Entra, aqui o testemunho – precioso pelo fato e pela época – do neto do autor do Eclesiástico, o qual, no prólogo de sua

tradução da obra do avô, assevera ter ido ao Egito pelo ano XXXVIII do rei Evérgetes (cerca de 132 a.C.) e ali já ter encontrado traduzidos em greto, a Lei (Pentateuco), os Profetas e os outros Escritos, isto é, as três partes em que os judeus dividem a sua Bíblia.

Assim, a versão grega dos LXX tem para nós valor de um manuscrito hebraico do séc. III a.C. ou mais antigo, representando um tipo de texto sensivelmente diferente, como o demonstra um confronto com o texto corrente na Palestina. Ela é para nós, portanto, o instrumento principal para a emenda crítica do texto hebraico. É, contudo, um instrumento de emprego frequentemente delicado. Além de, **por causa das divergências dos tradutores, alguns literais e até servis outros mais livres, não termos um critério geral para remontar da tradução grega ao original hebraico** o próprio texto dos LXX, através de tantas vicissitudes de séculos, chegou-nos em manuscritos com tão grande número de variantes que nem sempre é fácil, entre essa selva de variantes, descobrir o texto genuíno.

Causaram enorme confusão, sem o querer, três recensões feitas no séc. III e difundidas largamente na igreja grega. Um século depois, um ótimo perito e testemunha ocular dos fatos, S. Jerônimo (Prefação as Crônicas) escreve: “Alexandria com todo o Egito, nos seus LXX louva a obra de Hesíquio; de Constantinopla até Antioquia usam-se os exemplares do mártir Luciano; as províncias situadas entre essas duas regiões leem os códices palestinenses, elaborados por Orígenes e divulgados por Eusébio e Pânfilo; de modo que todo o orbe se debate entre esta tríplice variedade”. Felizmente nos foi conservado em poucos manuscritos, sobretudo no famoso Vaticano 1209 (assinalado com a sigla B), um texto anterior àquelas recensões e por elas tomado por base, o que facilita o trabalho do crítico em busca da forma primitiva.

Todavia, **o exame atento e consciencioso nos revela que também o texto hebraico usado pela vetusta versão grega já estava bem afastado da primitiva pureza e integridade e que a maioria das alterações agora deploradas no texto massorético,** já existiam nos séculos imediatos ao exílio babilônico. Faltando o apoio dos LXX para emendar um texto corrompido, não nos resta senão o recurso, crítica interna, ou seja, **à reconstituição conjetural**. A legitimidade e a medida da aplicação destes critérios no Antigo Testamento, provam-nos alguns capítulos que, nos próprios livros canônicos, nos foram transmitidos em dois exemplares diversos. Como, por exemplo, o salmo 18 (Vulgata 17), reproduzido em 2Rs 22 e, no próprio Saltério, o salmo 14 (Vulgata 13) repetido com o número 53 (Vulgata 52). No tocante do Pentateuco, além disso, temos como reforço o texto conservado entre os samaritanos, pertencente a um tipo mais antigo que o massorético, abstração feita de certos acréscimos e adaptações em favor do culto deles no monte Garizim (veja Jo 4,20). O arcaísmo do Pentateuco samaritano reflete-se até na forma de escritura que eles ainda adotam. Trata-se dum descendente direto da primitiva escrita hebraica, mais próxima das origens fenícias (e portanto também de nosso alfabeto), do que o alfabeto em uso há séculos entre os hebreus. De fato, a hodierna escrita hebraica (chamada, pela forma geral das letras, quadrada) deriva do ramo aramaico do alfabeto adotado por eles na época persa (cerca do séc. V a.C.) em lugar da antiga, na qual anteriormente foram escritos os livros sagrados. No exame crítico do texto original, esta mudança de alfabeto deve ser levada em conta. É o primeiro estudo a ser feito por todo bom tradutor ou intérprete da Bíblia, como de qualquer outro livro: certificar-se da leitura genuína, isto é, das palavras exatas escritas pelo autor. “O primeiro cuidado de quem quer entender a divina Escritura [sentencia Sto.

> Agostinho no seu magistral *De Doctrina Christiana*, 1. II, c. 21] deve ser o de corrigir os códices". Traduzido em linguagem moderna pelo Pontífice Leão XIII, na encíclica *Providentissimus Deus*, este preceito soa assim: "Examinada com todo cuidado a leitura genuína do texto, quando for o caso, passar-se-á a sondar e expor o sentido" do texto sagrado. ([24]) (grifo nosso)

Vejamos a opinião de um especialista em Novo Testamento, igreja primitiva, ortodoxia e heresia, manuscritos antigos e da vida de Jesus que é o estudioso bíblico Bart D. Ehrman, Ph.D. em Teologia pela *Princeton University,* que dirige o Departamento de Estudos Religiosos da *University of North Carolina*, Chapel Hill:

> Com tamanha profusão de indícios, qual será o total de variantes atualmente conhecidas? **Os pesquisadores fazem estimativas muito discordantes – alguns falam de duzentas mil variantes conhecidas, outros de trezentas mil, alguns falam de quatrocentas mil, ou mais**! Mas não se tem certeza, porque, apesar dos impressionantes avanços da informática, ainda não houve quem fosse capaz de contar todas. ([25]) (grifo nosso)

Essa informação de Ehrman é importante, pois, segundo se afirma, ele é a maior autoridade em Bíblia do mundo; é por isso que dele ainda tomamos:

---

24 Bíblia Sagrada – Paulinas, p. 10-13.

25 EHRMAN, 2006, p. 100.

> […] examinando as formas pelas quais os textos dos livros que posteriormente se tornaram **o Novo Testamento foram mudados por copistas (indubitavelmente) bem-intencionados, que alteravam propositadamente seus textos para torná-los mais adequados a suas próprias perspectivas teológicas e impróprios às perspectivas teológicas de seus oponentes**. ([26]) (grifo nosso)

Além de textos mudados pelos tradutores, encontramos até mesmo alguns que não existiam, sendo acréscimo posterior, como por exemplo, no Evangelho segundo Marcos, conforme nos informa James D. Tabor:

> O que se passou foi que **os devotos escribas, que copiavam Marcos, criaram e acrescentaram um fim a seu texto, por volta do século IV d.C**. - mais de trezentos anos depois de o texto original ter sido escrito! Esse final forjado foi transformado nos **versículos 16:9-20**, mas **não é encontrado em nenhuma das mais antigas e confiáveis cópias de Marcos** ([27]). **Trata-se, na realidade, de uma combinação canhestra das aparições de Jesus narradas por Marcos, Lucas e João.** Não contém qualquer informação independente que possa ser atribuída especificamente a Marcos, e **o estilo grego da escritura decididamente não é o dele**. Clemente de Alexandria e Orígenes, dois de nossos mais antigos estudiosos cristãos, que viveram no século

---

26 EHRMAN, 2006, p. 164-165.

27 N.t.: Esse final acrescentado não aparece em nossos dois manuscritos mais antigos, Sinaiticus e Vaticanus, datados do início do século IV d.C. Também não consta de cem manuscritos armênios, da versão em latim antigo, nem do Sináitico siríaco. Até mesmo as cópias de Marcos, contendo o final, costumam incluir notas do tradutor, explicando que ele não estava presente nos manuscritos mais antigos.

> III d.C., desconheciam a existência desse final mais longo que, naquele tempo, não tinha ainda surgido. Eusébio e Jerônimo, autores cristãos do começo e do final do século IV d.C., sabiam de sua existência, mas assinalam estar ausente de quase todos os manuscritos gregos que conheciam. Dois outros finais "fabricados" foram, mais tarde, postos em circulação, como alternativas mais curtas a esse final tradicional mais longo. Claramente, ninguém poderia aceitar que Marcos terminasse seu livro da forma escolhida – era por demais chocante e problemático para a fé cristã. ([28]) (grifo nosso)

Apesar de muitos tradutores colocarem essa informação, poucas são as pessoas que dão conta desse fato, especialmente, aqueles que defendem "a ferro e fogo" a inerrância bíblica, uma vez que só enxergam o que lhes interessam ou "convém" transmitir a seus fiéis.

Então, o que efetivamente temos é que os textos bíblicos não são, nem de longe, os originais e que, ao longo dos tempos, sofreram mudanças e acréscimos, incluindo as adulterações de má-fé por conta dos teólogos; portanto, não podem ser nominados genericamente de originais, a não ser que se explique de que tipo de "originais" se fala. Os fiéis, coitados, em sua maioria, nada sabem disso; porém, mesmo assim, ardorosamente defendem esse mito. Que a luz possa lhes chegar, abrindo-lhes os olhos para a verdade.

---

28 TABOR, 2006, p. 247.

O Paraíso Perdido

> “Um dogma, isto é, uma profissão de fé indiscutível surge apenas quando se pretende esmagar uma dúvida, de uma vez por todas.” (JUNG)
>
> “Da escuridão em que se encontravam os nossos avós, passamos para uma época em que a luz da inteligência ilumina o caminho do espírito humano.” (MELO)

Sempre ouvimos falar dessa história do paraíso, mas até hoje não nos apontaram a sua exata localização. É de estranhar-se, pois, supondo-se, como querem muitos, que a Bíblia seja a palavra de Deus; isso não poderia ocorrer de forma alguma, por colocar em cheque a onisciência divina. Será que estamos diante de um paraíso perdido, isto é, não localizado? E como é de se esperar, os bibliólatras de plantão não gostarão desse nosso novo questionamento. Mas o que fazer?... Não abrimos mão de usar a inteligência que Deus nos deu, uma vez que é pelo uso dela que nos diferenciamos dos irracionais.

A passagem em questão é:

> Gênesis 2,8-14: “*Iahweh Deus plantou um jardim em Éden* (b), *no oriente, e aí colocou o homem que modelara. Iahweh Deus fez crescer do solo toda espécie de árvores formosas de ver e boas de comer, a árvore da vida no meio do jardim, e a árvore do conhecimento do bem e do mal. Um rio saía de Éden para regar o*

> *jardim e de lá se dividia formando quatro braços* (d). *O primeiro chama-se Fison; se encontram o bdélio e a pedra de ônix. O segundo rio chama-se Geon: rodeia toda a terra de Cuch. O terceiro rio se chama Tigre: corre pelo oriente da Assíria. O quarto rio é o Eufrates."*

A descrição é tão confusa que nem mesmo os vários tradutores e exegetas bíblicos conseguiram explicá-la de maneira uniforme; senão vejamos:

> b) "Jardim" é traduzido por "paraíso" na versão grega, e depois em toda a tradição. **"Éden" é nome geográfico que foge a qualquer localização**, e inicialmente pode ter tido o significado de "estepe": poderia ser comparado ao *bit adini* assírio-balbilônico, região à margem do Eufrates de que falam também alguns textos bíblicos (Am 1,5; 2Rs 19,12; Is 37,12; Ez 27,23). Mas os israelitas interpretaram a palavra segundo o hebraico, "delícias", raiz '*dn*. A distinção entre Éden e o jardim, expressa aqui e no v. 10, se esfuma em seguida; fala-se do "jardim de Éden" (v. 15; 3,23.24) Em Ez 28,13 e 31,9, "Éden é o jardim de Deus", e em Is 51,3, Éden o "jardim de Iahweh", é o oposto ao deserto e à estepe. ([29]) (grifo nosso)

Aqui está se admitindo, sem rodeios, que Éden é nome geográfico que foge a qualquer localização. Louvável atitude, pois, como veremos mais adiante, não se consegue mesmo saber a exata localização desse "paraíso".

Na sequência explicam-nos:

---

29 Bíblia de Jerusalém, p. 36

> d) Os vv. 10-14 são um parêntesis, provavelmente introduzido pelo próprio autor, que utilizava velhas noções sobre a configuração da terra. **Sua intenção não é localizar o jardim do Éden, e sim mostrar que os grandes rios, que são as artérias vitais das quatro regiões do mundo, têm sua fonte no paraíso**. O Tigre e o Eufrates são muito conhecidos e têm sua fonte nos montes da Armênia, **mas o Fison e o Geon são desconhecidos**. Hévila é, segundo Gn 10,9, uma região da Arábia, e Cuch em outro lugar designa a Etiópia, mas não é seguro que esses dois nomes devam ser tomados aqui em sentido habitual. ([30]) (grifo nosso)

Os versículos citados são os que nomeiam os rios que correm pelo jardim de Éden, que, em condições normais, seriam para identificar sua localização, conforme lemos:

> Este inciso **é uma tentativa de localizar o paraíso, cuja posição permanece vaga**. Trata do antigo tema do rio paradisíaco que irrigava os quatro pontos da terra. A bênção da fertilidade proporcionada pelos atuais rios é vista como uma sombra da fertilidade produzida pelo rio paradisíaco. ([31]) (grifo nosso)

Entretanto, aqui ocorreu justamente o contrário, ou seja, manteve-se a confusão, uma vez que, paradoxalmente, se "reúne os rios mais ilustres e caudalosos e lhes atribui um manancial único". (Bíblia do Peregrino, p. 18).

E, deixando-se de lado a descrição, explicam, tentando "salvar a pátria", que:

---

30 Bíblia de Jerusalém, p. 36.

31 Bíblia Sagrada – Vozes, p. 30.

> *Éden* em sumério **significa "planície fértil". Aqui indica uma região ao sul da Mesopotâmia**. A ressonância do termo com a **palavra hebraica que significa "delícia"**, e a presente descrição, levaram a entender o jardim em Éden como "jardim de delícias" ou "paraíso" (cf. Is 51,3; Ez 31,9). ([32]) (grifo nosso)

Essa região ao sul da Mesopotâmia é onde se localiza a Babilônia, cujo povo, certamente, era mais antigo que os hebreus e, por conseguinte, culturalmente mais desenvolvido, do qual, entre outras coisas, tomaram emprestados de sua cultura: a Torre de Babel e o dilúvio bíblico. Agora, pelo que foi dito, estabelecem essa região como sendo o paraíso. Também, não podemos deixar de registrar que "os babilônios desenvolveram as leis morais, mais tarde incorporadas por Moisés nos Dez Mandamentos e que ainda hoje constituem os alicerces do cristianismo" ([33]).

Por outro lado, dizer que "os rios Fison e Geon são desconhecidos" é somente para fugir da evidente contradição, pois, conforme veremos um pouco à frente, o historiador hebreu Flávio Josefo os identifica perfeitamente.

Mas... (não poderia faltá-lo) sempre aparecem os que, firmando o pé que a Bíblia não contém erros, buscam, desesperadamente, interpretar seus textos de maneira a demonstrar que nela não existem contradições. Vejamos o que Norman L. Geisler e Thomas A. Howe, dizem sobre o assunto:

---

32 Bíblia Sagrada – Vozes, p. 29.

33 VAN LOON, 1951, p. 103.

> **Gn 2,8: O jardim do Éden foi um lugar real ou apenas um mito?**
>
> **Problema:** A Bíblia declara que “plantou o Senhor um jardim no Éden, na banda do Oriente” (Gn 2,8), mas não há evidência arqueológica de que tal lugar tenha existido. Será apenas um mito?
>
> **Solução:** Em primeiro lugar, não seria de se esperar evidência arqueológica alguma, uma vez que não há indicação de que Adão e Eva tenham feito objetos de cerâmica ou construído edificações duradouras. Em segundo lugar, há uma evidência geográfica do Éden, já que dois dos rios mencionados ainda existem hoje – o Tigre (*Hiddekel*) e o Eufrates (Gn 2,14). Além disso, a Bíblia até mesmo os localiza na “Assíria” (v. 14), atual Iraque. Finalmente, qualquer evidência que tenha havido do Jardim do Éden (Gn 2,3), foi provavelmente destruída por Deus por ocasião do dilúvio (Gn 6-9). ([34])

A questão não é procurar evidência arqueológica, mas provar sua localização geográfica. A citada evidência geográfica, apontando dois rios, é parte da verdade, pois o texto bíblico diz que são quatro os rios afluentes de um outro maior que existia na região.

Para elucidar melhor essa questão, vamos recorrer a Flávio Josefo, escritor e historiador judeu, que viveu entre 37 a 103 d.C., que, contando a história de seu povo, diz:

> Moisés narra em seguida como **Deus plantou do lado do oriente um jardim muito delicioso**, que encheu de todas as espécies de plantas e, dentre outras, de duas árvores, uma das quais era a Árvore da

34 GEISLER e HOWE, 1999, p. 38.

> Vida e a outra, a da Ciência que ensinava a discernir o bem do mal. **Colocou Adão e Eva nesse jardim** e mandou que cultivassem as plantas. Ele **era regado por grande rio que o rodeava completamente e que se dividia em quatro outros rios**. O primeiro, chamado ***Fison*****,** que significa plenitude e os gregos chamam de *Ganges*, corre para a Índia e desemboca no mar. O segundo, que se chama ***Eufrates*** e *Fora*, em nossa língua, significa dispersão ou flor e o terceiro, a que chamam de ***Tigre*** ou *Diglath*, que significa estreito e rápido, ambos desembocam no mar Vermelho. O quarto, de nome ***Geon***, significa quem vem do Oriente, e os gregos o chamam de *Nilo*, atravessa todo o Egito. ([35]) (grifo nosso)

Josefo aqui identifica os quatro rios: Ganges (Fison), Eufrates, Tigre e Nilo (Geon). Porém, sem termos um mapa para visualizar a descrição de Josefo, fica difícil perceber as aberrações contidas nesse trecho, onde explica o capítulo 2 de Gênesis. Assim, vejamos:

35 Josefo, 2003, p. 48-49.

Como pode os quatro rios juntos formar um só rio caudaloso, que circulava o jardim em Éden, uma vez que o rio Nilo e o Ganges estão completamente distantes dos outros dois, o Tigre e o Eufrates? Suas localizações estão destacadas, com setas em vermelho, no mapa acima. Um no Egito, o Nilo, cuja nascente é na república de Burundi, (África); outro na Índia, o Ganges, que nasce no Himalaia; os dois restantes, o Tigre e o Eufrates, nascem na Turquia, evidenciando a impossibilidade total do descrito no relato. Por outro lado, o Eufrates e o Tigre, que formam a Mesopotâmia, em grego “entre rios”, deságuam no Golfo Pérsico e não no Mar Vermelho como dito por Josefo que, sem dúvida, refletia a crença de sua época.

Certamente que não podemos considerar o relato bíblico como uma ocorrência real, mas apenas uma lenda inventada para tentar dar aos homens uma explicação sobre suas origens.

Para corroborar o nosso pensamento, trazemos:

> Em Hesíodo, fala-se do homem formado do limo da terra, do caos primitivo e da luz que sucede às trevas. A Pérsia, por sua vez, conserva a mesma lenda, aquela de um só homem e de uma só mulher colocados em um jardim de delícias e expulsos dele por se terem deixado seduzir por Arhiman, o mistificador e mentiroso. ([36])

> A lenda do Éden, continua Will Durant ([37]), aparece em quase todos os folclores, na Índia, no Egito, no Tibet, na Babilônia, na Pérsia, na Grécia, na Polinésia, no México, etc. Muitos jardins do Éden possuem árvores e serpentes ou dragões que roubam a imortalidade do homem, ou envenenam o Paraíso. ([38])

Outra citação que nos serve de apoio, é a seguinte:

> **A Perda do Paraíso** – A Pérsia considerava a lenda só de um homem e uma mulher, colocados em um jardim de delícias, expulsos por terem-se deixado seduzir por Arihman, o mistificador e mentiroso (158/24) ([39]). P. Góes comenta que foi por intermédio de Zoroastro "que se popularizou, entre as nações civilizadas, a crença no paraíso". Charles Potter, em "História das Religiões", afirma que "paraíso" é uma

36 MELO, 1954, p. 16.

37 MELO cita de Will Durant o livro *História da Civilização*.

38 MELO, 1954, p. 239.

39 É a primeira citação de Mário Cavalcanti de Melo que transcrevemos acima.

> palavra persa; e paraíso é a morada zoroastrina dos bem-aventurados. Zoroastro foi conduzido à presença de Deus, a fim de receber dele os princípios da verdadeira religião. Há uma perfeita semelhança com Hamurábi, recebendo as tábuas da lei, das mãos de Deus (166/89) ([40]). ([41])

Nosso sonho é que um dia se mude a forma de ver a Bíblia, pois, a manter as interpretações vigentes, provavelmente, num futuro não muito distante, as novas gerações irão desprezá-la por completo. Por isso, julgamos necessário separar nela o joio do trigo, para que, quando se for jogar fora a água da bacia, não se jogue também a criança que está dentro dela.

Para finalizar, passemos a palavra a Mário Cavalcanti (?-?): "A verdade não conhece mistérios, nem dogmas, nem milagres. *A necessidade de enganar, de iludir faz parte sempre* dos mesmos mistérios, dogmas e milagres." ([42]) e "Essas obscuridades existem em cada página da Bíblia e não podem ser clareadas senão por uma fé cega e incondicional que mate no homem todo o poder de raciocínio." ([43])

---

40 Nota da Transcrição (N.T.:) Charles Francis Potter, "*História das Religiões*", traduziu J. Sampaio Ferraz, Editora Universitária, SP, 1ª ed., conforme citação bibliográfica.

41 ARAÚJO, 2000, p. 119.

42 MELO, 1954, p. 91.

43 MELO, 1954, p. 145.

A serpente é satanás?

> *"Disse o Senhor a Moisés: 'Faze uma serpente abrasadora, põe-na sobre uma haste, e será que todo mordido que a mirar viverá". Fez Moisés uma serpente de bronze e a pôs sobre uma haste; sendo alguém mordido por alguma serpente, se olhava para a de bronze, sarava".* (Números 21,8-9).

Até hoje não conseguimos entender o porquê dos teólogos estarem sempre relacionando, no episódio da tentação de Eva, a serpente a satanás. Isso para nós é muito estranho, sabendo que Jesus nos recomenda sermos ***"prudentes como as serpentes"*** (Mateus 10,16), fato que torna sem sentido algum esse entendimento.

Quem admitir a correlação entre a serpente e satanás fatalmente colocará Jesus numa situação insustentável, já que Ele, ao nos recomendar ter a prudência da serpente, estaria, certamente, admitindo que satanás também possui essa qualidade.

E, além disso, não sabemos por que cargas-d'água, de contínuo, colocam essa palavra (satanás) com a inicial maiúscula, o que veementemente repudiamos; por isso nós sempre a escrevemos com letra minúscula mesmo, deixando para usar maiúscula apenas quando estamos nomeando uma divindade específica.

Ao se referir à serpente como o mais astuto de todos os animais (Gênesis 3,1), é porque ela agiu de moto-próprio; portanto, não foi usada por ninguém para dizer o que disse, abstraindo-se da questão de que esse animal não fala.

Allan Kardec (1804-1869), em *A Gênese*, ao fazer suas considerações sobre esse versículo, explica:

> A serpente está longe hoje de ser atualmente o tipo da esperteza. **Entra aqui mais pela sua forma que por sua índole. É, pois, uma alusão à perfídia dos maus conselhos**, que se insinuam como a serpente e dos quais, frequentemente, por essa razão não se desconfia dele.
>
> Alias, se a serpente, por ter enganado a mulher, foi condenada a rastejar sobre o ventre, sê-lo-ia preciso dizer que anteriormente ela tinha pernas, e então não seria uma serpente.
>
> **Por que impor a lealdade ingênua e crédula das crianças como verdades alegorias também evidentes**, e que, em se falseando seu julgamento, fazem-no mais tarde verem a Bíblia como uma trama de fábulas absurdas? ([44]) (grifo nosso)

Aliás, estamos cansados de ouvir pessoas dizerem que satanás é o pai da mentira; entretanto, contrariamente, tudo quanto a serpente disse a Eva foi verdade. Vejamos:

1º) Ao dizer que *"É certo que não morrereis"* (Gênesis 3,4) a serpente falou absolutamente a verdade, pois o casal continuou vivo; inclusive, relata-se que Adão viveu até

---

44 KARDEC, 2018, p. 262.

completar 930 anos (Gênesis 5,5).

Se formos buscar o verdadeiro sentido do texto veremos que “Adão é a personificação da humanidade; sua falta individualiza a fraqueza do homem, onde predominam os instintos materiais que não sabe resistir.” ([45])

2º) Ao explicar o porquê de Deus proibir que comessem do fruto da árvore, ela, a serpente, disse: *“Porque Deus sabe que no dia em que dele comerdes se vos abrirão os olhos e, como Deus, sereis conhecedores do bem e do mal”* (Gênesis 3,5), exatamente como acontecido, pois os olhos de ambos se abriram (Gênesis 3,7) e passaram a ser conhecedores do bem e do mal como Deus, uma vez que se afirma *“Eis que o homem se tornou como um de nós, conhecedor do bem e do mal”* (Gênesis 3,22).

Lembramos que: “A árvore, como árvore da vida, é o emblema da vida espiritual, como árvore da Ciência é o da consciência que o homem adquire do bem e do mal pelo desenvolvimento de sua inteligência e do livre-arbítrio em virtude do qual ele escolhe entre os dois. [...].” ([46])

Como consequência, Deus, temendo que o casal também comesse do fruto da árvore da vida, e, em virtude disso, se tornasse igualmente imortal, expulsa-o do jardim do Éden (Gênesis 3,22). Para nós a falta de Adão significa a infração da lei de Deus, e a vergonha de Adão e Eva, ante o olhar divino, é a confusão do culpado na presença do ofendido,

---

45 KARDEC, 2018, p. 261,

46 KARDEC, 2018, p. 261.

e o suor no rosto, para conseguir sua alimentação, representa o trabalho, neste mundo, que se deve ter para atingir o progresso.

Quanto à questão do *"tu és pó e ao pó tornarás"* (Gênesis 3,19), na verdade, era algo que Adão já devia saber, uma vez que, pela narrativa, se trata apenas de uma explicação e não um castigo como muitos pensam; vejamos a redação do versículo na íntegra: *"No suor do rosto comerás o teu pão, até que tornes à terra, pois dela foste formado: porque tu és pó e ao pó tornarás"*. O "castigo" aqui é comer com o suor do rosto, pois se a morte fosse realmente um castigo, estaríamos em sérios apuros para explicar porque os animais e as plantas, que não pecaram, até mesmo porque não têm como fazê-lo, também morrem.

Não podemos também nos esquecer de que, se supondo um castigo, ele foi aplicado somente a Adão, considerando que Eva já tinha recebido o seu – as dores do parto; por questão de justiça, não poderia ainda receber o de Adão, já que Adão não recebeu o dela. Não vimos nenhum homem "parir com dor" (graças a Deus!). Por outro lado, se Deus falou mesmo pelos profetas, Jeremias afirmou que *"cada um, porém, será morto pela sua iniquidade"* (Jeremias 31,30) o que Ezequiel reafirmou quando disse "*a alma que pecar, essa morrerá"* (Ezequiel 18,20); e, mais importante ainda, foi confirmado por Jesus, quando disse: *"a cada um segundo suas obras"* (Mateus 16,27).

Muitos estudiosos dizem, com razão, que a maioria das correntes religiosas ditas cristãs é, na verdade, puro

“paulinismo” e não “cristianismo”, pois, para elas, a opinião de Paulo prevalece sob a de Jesus. Visando demonstrar aos adeptos do “paulinismo” que, nesse ponto também, estão equivocados (por não seguirem seu entendimento), pegaremos uma de suas opiniões, sobre o assunto de que estamos tratando; leiamo-la: *“[...] a serpente enganou a Eva com a sua astúcia, [...].”* (2 Coríntios 11,3), astúcia essa que, conforme se pode concluir, ele atribui à própria serpente, culpando-a de ter enganado a Eva e não culpando satanás.

Não há como aludir a serpente como sendo satanás, pois:

> Satã – significa “o adversário”, “o acusador”. O termo “acusador” existia no Império Persa, cuja função era a de percorrer secretamente o reino Persa e fiscalizar tudo o que estava sendo feito de mal no sentido de apresentar denúncias diante do imperador, que mandava chamar os funcionários faltosos e os castigava. Com a evolução da doutrina religiosa judaica, satã acabou se transformando, de um acusador dos pecados dos homens, num deus secundário, oposto a Javé. ([47])

Os enciclopedistas Russell Norman Champlin (1933-2018) e João Marques Bentes, esclarecem que:

> […] A serpente que andava e falava é outro elemento cru e sem imaginação, da narrativa do autor. **Precisamos lembrar que a teologia hebreia original**

47 GREGÓRIO, link: Http://www.ceismael.com.br/artigo/artigo125.html.

> **não representava essa serpente como satanás. Isso foi uma associação posterior**. Além disso, é um toque estranho, dentro dessa narrativa, fazer com que algo tão crítico como a queda e o destino humano dependam do ato de comer certo fruto no jardim do Éden. Por certo, o caos da degradação humana deve ter tido uma outra origem bem diferente disso, que não passa de uma invenção simplista e sem sofisticação.
>
> Finalmente, **devemos lembrar que as declarações de que a Bíblia não contém erro alicerçam-se sobre o dogma humano e levaram séculos para se desenvolver**. A própria Bíblia não reivindica isso para si mesma. Em consequência, ao negarmos elementos fantásticos da Bíblia, e estamos meramente repelindo os dogmas humanos, e não o que a Bíblia diz por si mesma. **O livro de Gênesis, pelo menos em suas porções iniciais, onde encontramos questões sobre origens remotas, foi composto para responder indagações que intrigavam mentes primitivas, e vários mitos foram compilados para das essas respostas.** […]. ([48]) (grifo nosso)

De forma indiscutivelmente taxativa Champlin e Bentes arrematam: “Aquele que precisa apelar para o mito da inerrância é um infante espiritual que precisa de mamadeira adredemente preparada”. ([49])

É preciso também esclarecer que Satã não é Lúcifer, mencionado em Isaías 14,12, pois Isaías, certamente, se referia ao Rei da Babilônia, já que a narrativa da passagem inicia-se no capítulo treze, que assim diz: *“**Sentença** que, numa visão,*

---

48 CHAMPLIN e BENTES, 1995a, p. 36.

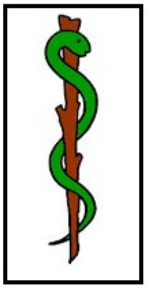
49 CHAMPLIN e BENTES, 1995a, p. 36.

recebeu Isaías, filho de Amós, ***contra a Babilônia****"*. (Isaías 13,1) (grifo nosso) Sentença que se proferia "contra a Babilônia" (e não a um anjo que houvera caído), contrariando a opinião dos que se apegam à letra que mata. Ele, satã, não é um anjo que se revoltou contra o Senhor. Ele é apenas um acusador, ou seja, um dos "olhos" do Senhor, que anda pela Terra e comparece perante o Senhor para acusar os faltosos e não para se opor contra Javé.

Não poderemos deixar de citar uma outra interessante passagem onde, segundo o relato bíblico, o próprio Deus recomenda que se coloque num poste a imagem de uma serpente. Quem quiser comprovar é só ler Números 21,8-9. Naquela ocasião, ainda no deserto, os hebreus chegaram a uma região infestada de serpentes venenosas, que, ingenuamente, atribuíram a um castigo de Deus.

A serpente de bronze feita por Moisés, seguindo recomendação divina, serviu como meio de cura das pessoas que foram mordidas, que, após olharem para ela, ficavam curadas.

Essa imagem foi objeto de adoração pelo período de cerca de 700 anos. Esta mesma serpente, levantada no deserto por Moisés, veio a ser mencionada por Jesus, quando este esteve com o fariseu Nicodemos *"[...]* ***E do modo por que Moisés levantou a*** **serpente** ***no deserto, assim importa que o Filho do Homem seja levantado,"*** (João 3,14) (grifo nosso), fazendo a alusão de que Ele, Jesus, viria a ser elevado no madeiro, predizendo a sua crucificação.



Curiosamente ela é o símbolo da medicina, que é representado por uma serpente enrolada num poste, se chama Bastão de Asclépios (do grego Asklépios) e o da farmácia que é uma serpente enrolada numa taça, também tem sua origem na Antiguidade grega; em ambos, representa o poder da cura.

Os que mantêm essa visão estreita de que a serpente é satanás terão que admitir que esses dois símbolos – o da medicina e o da farmácia – têm algo de demoníaco.

Visando tornar mais clara possível essa questão é oportuno apresentarmos a passagem bíblica que, geralmente, é tomada como base para se justificar a existência de satanás, como sendo a antiga serpente.

> Apocalipse 12,7-9: "*Houve então uma batalha no céu: Miguel e os seus anjos guerrearam contra o Dragão. O Dragão batalhou, juntamente com seus Anjos, mas foi derrotado, e não se encontrou mais um lugar para eles no céu. Foi expulso o grande Dragão,* ***a antiga serpente, o chamado Diabo ou Satanás****, sedutor de toda a terra habitada – foi expulso para a terra, e seus Anjos foram expulsos com ele."* (grifo nosso)

Destacamos o trecho "a antiga serpente, o chamado Diabo ou Satanás", pois, se não estivermos de todo enganados, é dele que fazem uma relação dessa "antiga serpente" com aquela que tentou Eva (e não Adão e Eva!), a qual dizem, sem

nenhuma base teológica consistente, tratar-se de satanás.

Aliás, é bom esclarecer, para evitar os costumeiros equívocos, que este vocábulo não designava um ser; porém uma função:

> A palavra 'Satã' em hebraico, ou 'Satanás' na forma mais grega que alguns aplicam, **significa *adversário*** quando traduzida para o grego. […]. ([50]) (grifo nosso)

> Em nenhuma passagem do Velho Testamento, o Diabo é citado**. Satanás é mostrado no livro de Jó mais como um anjo oficial a serviço de Deus do que como um inimigo**. E as poucas referências a demônios contidas no antigo livro, sempre no plural e genéricas, tratam de divindades pagãs dos povos antigos. ([51]) (grifo nosso)

> **Satã, que em hebraico quer dizer o adversário, mas também o acusador, ou o caluniador**, foi corretamente traduzido em grego pelo termo *Diabolos*, que deu *Diable*, em francês, e *Daiboo*, em português arcaico. **Nos textos bíblicos mais antigos, Satã aparecia como um auxiliar da justiça divina** (Zacarias 3,1-2). **Mas, pouco a pouco, o nome comum tornou-se próprio e, no Novo Testamento, Satã (ou Satanás) já se apresentava como o Inimigo de Deus e o Príncipe dos Demônios**. ([52]) (grifo nosso)

Apenas para situarmos mais essa história de Adão, Eva e a serpente, transcrevemos da obra *O poder do Mito* de Joseph

---

50 ORÍGENES, 2004, p. 496.

51 GIASSETTI e CORCI, s/d, p. 12.

52 VISSIÈRE, s/d, p. 8-9.

Campbell (1904-1987), norte-americano que foi estudioso de mitologia e religião comparada:

> MOYERS: Gênesis 1: “Então Deus criou o homem à sua própria imagem, à imagem de Deus o criou; macho e fêmea os criou. E Deus os abençoou e Deus lhes disse: 'Sede férteis e multiplicai-vos’”.
>
> CAMPBELL: Esta agora é de uma **lenda dos bassari, povo da África ocidental**: “Unumbotte fez um ser humano. Seu nome era Homem. Em seguida, Unumbotte fez um antílope, chamado Antílope. Unumbotte fez uma serpente, chamada Serpente … E Unumbotte lhes disse: 'A terra ainda não foi preparada. Vocês precisam tornar macia a terra em que estão sentados'. Unumbotte deu-lhes sementes de todas as espécies e disse: ‘Plantem-nas.’”
>
> […].
>
> MOYERS: Mas o Gênesis continua: "'Vós comestes da árvore da qual ordenei que não comêsseis?' O homem disse: 'A mulher que me destes para estar comigo, essa mulher me deu o fruto da árvore e eu comi'. Então o Senhor Deus disse à mulher: 'Que fizestes vós?' E a mulher disse: 'A serpente me enganou e eu comi'".
>
> Isso de transferir responsabilidades começou muito cedo.
>
> CAMPBELL: É verdade, e foi muito severo com as serpentes. **A lenda bassari** continua no mesmo caminho. “**Um dia a Serpente disse**: 'Nós também devíamos comer desses frutos. Por que devemos ficar com fome?' O Antílope disse: 'Mas não sabemos nada desse fruto'. Então o Homem e sua mulher colheram alguns frutos e comeram-nos. Unumbotte desceu do céu e perguntou: 'Quem comeu o fruto?' Eles responderam:

> 'Nós comemos'. Unumbotte perguntou: 'Quem lhes disse que podiam comer desse fruto?' Eles responderam: 'A Serpente disse'." É praticamente a mesma história. ([53]) (grifo nosso).

E um pouco mais a frente, continua Campbell:

> […] **Essa identificação da mulher com o pecado, da serpente com o pecado, e portanto da vida com o pecado, é um desvio imposto à história da criação, no mito e na doutrina da Queda, segundo a Bíblia**.
>
> […] **O Jardim é o lugar da serpente. Esta é uma velha, velha história. Existem sinetes sumerianos, que remontam a 3500 a.C.**, mostrando a serpente, a árvore e a deusa, e esta oferecendo o fruto da vida ao visitante masculino. A velha mitologia da deusa está toda aí. ([54]) (grifo nosso)

Considerando que a existência do povo bassari, da África, remonta a seis mil anos, o que cronologicamente, poderá até colocá-lo antes da data em que viveu o suposto primeiro casal humano, então, não é difícil aceitar que os hebreus, nada mais fizeram, que copiar alguns mitos de outros povos; entre tais mitos, o da serpente tentando a mulher.

O termo "satanás" só vem a aparecer na Bíblia em Jó, livro "mais antigo que o próprio Moisés" ([55]), que, como sabemos, trata-se de uma lenda, e, pelo visto acima, não é nome próprio de um inimigo de Deus; porém, mais uma função

---

53 CAMPBELL, 1997, p. 46-47.

54 CAMPBELL, 1997, p. 49.

55 ORÍGENES, 2004, p. 495.

de um de Seus anjos. Fato que, também, podemos corroborar com teólogo Bart D. Ehrman, que, ao explicar esse termo em Jó 1,6, diz:

> O narrador então se transfere para um cenário celestial em que os "seres celestiais" (literalmente: os filhos de Deus) se apresentam perante o Senhor, Satanás entre eles. **É importante perceber que aqui Satanás não é o anjo caído que foi expulso do paraíso, o inimigo cósmico de Deus. Aqui ele é retratado como um dos membros do conselho divino de Deus, um grupo de divindades que regularmente se reportam a Deus e, evidentemente, percorrem o mundo fazendo a sua vontade**. Apenas em um estágio posterior da religião israelita (como veremos no capítulo 7) Satanás se torna "o Diabo", inimigo mortal de Deus. **O termo Satanás em Jó não parece ser tanto um nome quanto uma descrição de sua função**: literalmente, significa "o Adversário" (ou o Acusador). **Mas ele não é adversário de Deus: é um dos seres celestiais que se reportam a Deus**. É um adversário no sentido de que faz o papel de "advogado do diabo", questionando a sabedoria convencional para tentar provar uma tese. ([56]) (grifo nosso)

Vê-se, portanto, que satanás era um dos anjos de Deus, e não um inimigo como querem fazer-nos crer; apenas ele exerceu a função de acusador.

Entendemos, perfeitamente, que muitos pensem dessa forma, ou seja, fazendo essa relação como sendo a "tentadora" de Eva; entretanto, fora a questão dessa historinha ser pouco

---

56 EHRMAN, 2008, p. 148.

convincente, não há nenhum fundamento bíblico para que isso seja feito. Tendo-se que somos sempre tentados por "demônios", não foi difícil, posteriormente, ligar a serpente que tentou Eva a ser um demônio, pois somente eles nos tentam para fazer algo de mau, e, no caso, a "maldade" de Eva foi desobedecer a Deus ao comer uma simples "maçã". Especificamente sobre essa serpente que tentou Eva, nos diz Ehrman: "Aliás, **não é dito que a serpente é satanás; essa é uma interpretação posterior**. Essa é uma serpente de verdade. Com pernas". ([57]) (grifo nosso)

Ao que nos parece, essa crença tem tudo para ser originária do livro Apócrifo intitulado *Caverna dos tesouros*, do qual transcrevemos:

> 3. Quando **Satã** viu que Adão e Eva viviam em esplendor no Paraíso, ele, o Rebelde, **ficou dilacerado e morto de inveja**. Então **introduziu-se na serpente**, e nela morou; voou com ela pelo espaço até os limites do Paraíso.
>
> 4. Por que introduziu-se na serpente e nela se escondeu? Porque ele sabia que o seu aspecto era horripilante. Se Eva tivesse visto a sua aparência, teria dele fugido imediatamente. Quando alguém deseja ensinar o grego a um pássaro, busca um espelho grande e coloca-o entre si e a ave; começa então a falar com ela. Tão logo a ave escuta a sua voz, volta-se para trás, e vê a sua própria imagem no espelho; e fica satisfeita de ver a suposta companheira falando com ela.

57 EHRMAN, 2008, p. 66.

> 5. Presta naturalmente atenção e escuta as palavras daquele que está a falar com ela; observa e apura o ouvido, e assim aprende a falar grego. Assim fez Satã, introduziu-se na serpente e morando nela; aguardou o momento certo, e quando viu que Eva estava sozinha, chamou-a pelo nome.
>
> 6. Quando esta se voltou, viu nele a sua própria imagem; e ele dirigiu-lhe a palavra e **enganou-a com as suas palavras mentirosas**, pois a natureza da mulher é fraca. Quando ouviu da sua boca as coisas sobre a árvore, correu imediatamente para ela e colheu o fruto da desobediência, da árvore da transgressão do Mandamento, e comeu-o. ([58]) (grifo nosso)

Noutro livro Apócrifo, cujo título é *Livro de Adão e Eva: o conflito de Adão e Eva com satã*, encontramos mais alguma coisa interessante, no Capítulo XVII:

> 2. Mas ao aproximarem-se dele, defronte ao portão oeste, do qual viera Satã quando enganou Adão e Eva, **encontraram a serpente que se tornara Satã**, e que tristemente lambia o pó e se arrastava com seu peito ao chão, por causa da maldição de Deus. ([59]) (grifo nosso)

Ainda nesse livro, um pouco mais à frente, no Capítulo XVIII, temos o real motivo pelo qual a serpente não fala mais:

> 6. Então a Palavra de Deus veio à serpente, dizendo: “Da primeira vez Eu te fiz loquaz e te fiz andar sobre teu ventre; mas eu não te havia privado da fala.

---

58 TRICCA, 1996, p. 39-40.

59 TRICCA, 1995a, p. 45.

> 7. “Agora, entretanto, sê muda: e não mais falará, tu e tua raça; porque da primeira vez a ruína das minhas criaturas aconteceu através de ti, e agora tu querias matá-las”. ([60])

É dele também, no Capítulo XXVII, que, provavelmente, se tem que satanás pode, para enganar as pessoas, se transformar em “anjo de luz”:

> 12. Tão logo Adão disse essas palavras, um anjo de Deus apareceu-lhe na caverna e disse-lhe: “Ó Adão, não tenhas medo. Este é Satã com suas hostes; ele deseja enganar-vos como vos enganou antes. **Da primeira vez, ele escondeu-se na serpente**; mas **desta vez ele veio a vós na semelhança de um anjo de luz** para que, quando o adorásseis, ele pudesse subjugar-vos bem na presença de Deus.
>
> 13. Em seguida o anjo afastou-se de Adão, agarrou Satã e o despojou do disfarce que assumira, e levou-o em sua verdadeira forma, horrenda, a Adão e Eva, que ficaram com muito medo de vê-lo.
>
> 14. E o anjo disse a Adão: “Esta forma horrenda tem sido dele desde que **Deus o fez cair do céu**. Ele não poderia aproximar-se de vós assim; por isto é que ele **se transformou num anjo de luz**”. ([61]) (grifo nosso)

Não entendemos como isso pôde ou poderá acontecer, pois “*Quem pratica o mal, tem ódio da luz, e não se aproxima da luz, para que suas ações não sejam desmascaradas*” (João 3,20).

---

60 TRICCA, 1995a, p. 46

61 TRICCA, 1995a, p. 55.

Falta-nos ainda demonstrar de onde poderiam ter retirado a história sobre "queda" dos anjos, com satanás na liderança. Ela está narrada no apócrifo *Caverna dos tesouros*:

> **II. A criação do homem**
>
> […].
>
> 10. Os Anjos e as Potestades ouviram a voz de Deus, quando falou a ele: "Adão! Eu te constitui rei, sacerdote e profeta, bem como senhor, chefe e guia de todos os seres vivos e de toda a Criação. Todas as criaturas deverão servir-te como coisa tua; dei-te o domínio sobre tudo o que foi por mim criado".
>
> 11. Ao ouvirem essas palavras, **os Anjos todos puseram-se de joelhos e o adoraram**.
>
> **III. Adão e Eva no Paraíso**
>
> 1. **Quando o Chefe da ordem inferior viu a grandeza que foi conferida a Adão, teve inveja dele a partir daquele dia, não quis reverenciá-lo**, e falou assim aos seus potentados: "Não o adoreis, nem vos submetais a ele como os anjos o fizeram! Convém a ele adorar a mim, que persigo na luz e no espírito; não convém a mim adorar o barro, adorar aquele que foi formado de um grãozinho de pó".
>
> 2. Assim propôs o Orgulhoso e tornou-se insubmisso; dessa forma, ele afastou-se de Deus, por seu livre-arbítrio. **Então ele foi expulso e caiu, ele com todas as suas hostes**. A sua queda ocorreu no sexto dia, na segunda hora. Foram-lhe tiradas as vestes da sua glória. **O seu nome passou a ser Satanás, porque se apartou; e Scheda, porque foi precipitado; e Daiwa, porque perdeu as vestes da sua glória**. ([62]) (grifo

62 TRICCA, 1996, p. 37-38.

nosso)

Entretanto, longe de significar o mal a serpente representa a sabedoria; tanto o é que Jesus, repetimos, recomendou-nos "*sejam prudentes como as serpentes*" (Mateus 10,16), porquanto a prudência é virtude dos sábios: "*No coração prudente mora a sabedoria.*" (Provérbio 14,33)

Vamos confessar que temos enorme dificuldade para entender o livro Apocalipse, motivo pelo qual nada citamos dele. Veja, por exemplo, caro leitor, que, embora tenham-no como algo para o futuro, nele está se afirmando, tanto no seu início quanto no fim, que "*o tempo está próximo*" (Apocalipse 1,3; 22,10). Também se afirma "*Eis que eu venho em breve*" (Apocalipse 22,12) e que, novamente, se confirma: "... *Sim, venho muito em breve*". Ora, já se passaram quase dois mil anos sem que essa previsão tenha acontecido. Salva-nos Ehrman, com o seguinte esclarecimento: "Mas há no livro claros indícios de que o autor não está preocupado com o futuro distante, digamos, o século XXI, e sim se referindo simbolicamente ao que iria acontecer em sua própria época" ([63]).

Logo no início do passo (Apocalipse 12,8) fala-se do "dragão e seus anjos", que é citado em versículos anteriores, nos quais se fala alguma coisa dele:

> Apocalipse 12,3-4: *"Apareceu, então, outro sinal no céu: um grande* ***Dragão****, cor de fogo. Tinha* ***sete cabeças*** *e*

63 EHRMAN, 2008, p. 220.

> *dez chifres. Sobre as cabeças sete diademas. Com a cauda ele varria a terça parte das estrelas do céu, jogando-as sobre a terra. [...].”* (grifo nosso)

Puxa! Que infantilidade a nossa, pois nem sabíamos que existia dragão. A nossa ignorância é tanta, que até mesmo sua descrição está na Bíblia:

> Jó 40,25-41,26: *“Por acaso você é capaz de pescar o **Leviatã** com anzol e amarrar-lhe a língua com uma corda? Você é capaz de furar as narinas dele com junco e perfurar sua mandíbula com gancho? Será que ele viria até você com muitas súplicas ou lhe falaria com ternura? Será que faria uma aliança com você, para você fazer dele o seu criado perpétuo? Você brincará com ele como se fosse um pássaro, ou você o amarrará para suas filhas? Será que os pescadores o negociarão, ou os negociantes o dividirão entre si? Poderá você crivar a pele dele com dardos ou a cabeça com arpão de pesca? Experimente colocar a mão em cima dele: você se lembrará da luta, e nunca mais repetirá isso! Veja! Diante dele, toda segurança é apenas ilusão, pois basta alguém vê-lo para ficar com medo. Ninguém é tão corajoso para provocá-lo. Quem poderia enfrentá-lo cara a cara? Quem jamais se atreveu a desafiá-lo, e saiu ileso? Ninguém debaixo de todo o céu. **Não deixarei de descrever os membros dele, nem sua força incomparável**. Quem abriu **sua couraça** e penetrou por sua dupla armadura? Quem abriu as duas portas de **sua boca**, rodeadas de dentes terríveis? **Suas costas** são fileiras de escudos, ligados com lacre de pedra; são tão unidos uns com os outros, que nem ar passa entre eles; cada um é tão ligado com o outro, que ficam travados e não se podem separar. **Seus espirros** lançam faíscas, e **seus olhos** são como a cor rosa da aurora. **De sua boca irrompem tochas acesas** e*

> *saltam centelhas de fogo.* ***De suas narinas jorra fumaça****, como de caldeira acesa e fervente.* ***Seu bafo queima como brasa****, e* ***sua boca lança chamas****. Em* ***seu pescoço*** *reside a força, e diante dele dança o terror.* ***Os músculos do seu corpo*** *são compactos, são sólidos e imóveis.* ***Seu coração*** *é duro como rocha e sólido como pedra de moinho. Quando ele se ergue, os heróis tremem e fogem apavorados. A espada que o atinge não penetra, nem a lança, nem o dardo, nem o arpão. Para ele o ferro é como palha, e o bronze como madeira podre. A flecha não o afugenta, e as pedras da funda se transformam em palha para ele. A maça é para ele como estopa, e ele zomba dos dardos que assobiam.* ***Seu ventre****, coberto de escamas pontudas, é uma grade de ferro que se arrasta sobre o lodo. Ele faz ferver o fundo do mar como caldeira, e a água fumegar como vasilha quente cheia de unguentos. Atrás de si deixa uma esteira brilhante, e a água parece cabeleira branca.* ***Na terra ninguém se iguala a ele, pois foi criado para não ter medo.*** *Ele se confronta com os seres mais altivos, e é o rei das feras soberbas."* (grifo nosso)

Sim, já percebemos que aqui não se fala em dragão; mas no Leviatã. Correto?! Entretanto, observe, caro leitor, que a descrição é, sem sombra de dúvida, de um dragão mesmo, o que pode ser confirmado: "Leviatã, muitas vezes representado pelo crocodilo, é propriamente um dragão mítico, que simboliza o poder do mal que ameaça a criação". ([64]); na versão dos LXX aparece como "um dragão" ([65]). E o pior disso tudo é que foi Deus mesmo quem o criou, conforme se lê em *Contra Celso*:

---

64 Bíblia Sagrada – Pastoral, p. 669.

65 Novo Mundo, p. 667.

> **As escrituras judaicas, qualquer que seja o sentido que elas surgiram, dizem que este Leviatã foi criado por Deus como um brinquedo**. Pois encontramos no salmo: "Quão numerosas são as tuas obras, Senhor, e todas fizestes com sabedoria! A terra está repleta de tuas criaturas. Eis o vasto mar, com braços imensos, onde se movem, inumeráveis, animais pequenos e grandes; ali circulam navios, e **este dragão, que formaste para com ele brincar**" (Sl 103,24-26). Em vez de "dragão", havia em hebraico "Leviatã". […]. ([66]) (grifo nosso)

Brinquedo perigoso esse, pois lhe escapou do controle e agora vive a atazanar as nossas vidas.

Vejamos como os tradutores da *Bíblia de Jerusalém* explicam esse termo:

> **Leviatã** (**ou também o Dragão, a Serpente Fugitiva** – cf. 26,13; 40,25+; Is 27,1; 51,9; Am 9,3; Sl 74,14; 104,26) **era, na mitologia fenícia, monstro do caos primitivo** (cf. 7,12+); a imaginação popular podia sempre recear que despertasse, atraído por uma eficaz maldição contra a ordem existente. **O dragão de Ap 12,3**, que encarna a resistência do poder do mal a Deus reveste determinados traços desta serpente caótica. ([67]) (grifo nosso)

Então, temos aqui, na verdade, um ser encontrado na mitologia fenícia que foi utilizado pelos autores bíblicos. Ficamos mais aliviados em saber disso, pois achávamos

---

66 ORÍGENES, 2004, p. 475-476.

67 Bíblia de Jerusalém, p. 805.

estranho que Deus tenha criado um ser assim descrito.

Em *O diabo no imaginário cristão*, o autor Carlos Roberto F. Nogueira, explica-nos:

> Do mesmo modo, a figura do Dragão, presente no Antigo Testamento sob os diferentes nomes de *Rahab*, *Leviathan* e *Tehom Rabbah*, **é proveniente do mito babilônico da criação, simbolizando o *caos* primordial**, e **não a ação do Mal no mundo após a criação, com a qual será assimilado na literatura hebraica pós-testamentária**. ([68]) (grifo nosso).

Vê-se, portanto, que não há razão em querer associá-lo à serpente que esteve no paraíso, tentando Eva a comer a "maçã". Alguma coisa nos fez lembrar da Branca de Neve...

Pe. Manuel de Matos e Silva Soares de Almeida, mais conhecido como Pe. Matos Soares (?-?), na sua tradução da *Vulgata*, em se referindo a Jó 3,8, informa:

> *Os que amaldiçoam o dia* são os feiticeiros. Era crença de que eles eram capazes de mudar os dias fastos em nefastos e de causar eclipses em que o Leviatã engolia momentaneamente o Sol. ***Leviatã*** é tomado aqui em sentido etimológico. É conhecido também em antigos **textos fenícios, como serpente *fugidia tortuosa*, o poder das sete cabeças**; **monstro do caos primitivo**, que a imaginação popular acreditava pudesse ser evocado pela magia. ([69]) (grifo nosso)

---

68 NOGUEIRA, 2002, p. 18.

69 Bíblia Sagrada – Paulinas, p. 581.

Muito interessante é que a serpente fugidia tortuosa dos fenícios tinha sete cabeças, tal e qual ao dragão bíblico, citado em Apocalipse 12,3-4, onde ainda lemos "*Com a cauda ele varria a terça parte das estrelas do céu, jogando-as sobre a terra"*. Jogar a terça parte das estrelas do céu na Terra… Como pode ser isso? É muito confuso mesmo.

Mas o que é esse caos primitivo que tanto se fala? É o estado "em que se encontrava o mundo na madrugada da criação (Gênesis 1,2)." ([70]), ou seja, quando "*A terra estava sem forma e vazia; as trevas cobriam o abismo e um vento impetuoso soprava sobre as águas*".

Leiamos novamente o mesmo passo, visto termos mais algumas considerações sobre ele:

> Apocalipse 12,7-9: "***Aconteceu então uma batalha*** *no céu:* ***Miguel*** *e seus Anjos guerrearam contra o Dragão. O Dragão batalhou juntamente com os seus Anjos, mas foi derrotado, e no céu não houve mais lugar para eles. Esse grande Dragão é a antiga Serpente, é o chamado Diabo ou Satanás. É aquele que seduz todos os habitantes da terra.* ***O Dragão foi expulso para a terra, e os Anjos do Dragão foram expulsos com ele***." (grifo nosso)

Essa "batalha" de Miguel pode ser encontrada no apócrifo *O Livro de Enoch*, quando o "Chefe do Exército" de Deus, venceu os revoltosos, prendendo-os. Será que essa prisão foi na Terra, para onde o texto bíblico diz que foram enviados? Mas que injustiça, expulsá-los para cá; por que não

---

70 Bíblia Sagrada – Santuário, p. 13.

foram enviados diretamente para prisão eterna no inferno?

Quem sabe se essa "batalha" não teria sido tomada de outra fonte? Essa suspeita veio-nos, quando, na obra *Contra Celso*, vimos este argumento de Celso, um filósofo grego do século II:

> Os antigos falam em termos enigmáticos de **uma guerra divina**. Heráclito assim se expressa: "É preciso saber que o conflito é comunidade, a justiça discórdia, tudo vem a ser pela discórdia e pela necessidade". E **Ferecides**, bem mais antigo de Heráclito, **conta o mito de um exército em ordem de batalha contra um exército**, onde de um lado o chefe é Crono e de outro Ofioneu. Ele conta seus desafios, seus combates, o acordo estabelecido segundo o qual aquele dos dois partidos que caísse no oceano seria vencido, e aquele que tivesse expulso e vencido possuiria o céu. […]. ([71]) (grifo nosso)

Coincidência ou não, Ofioneu, também chamado Ofion, é um deus da mitologia grega, cujo significado é "serpente"; provavelmente é daí que, para se designar as serpentes, usa-se o termo ofídio.

Ainda uma dúvida: por que motivo ele, diabo ou satanás, foi preso só por mil anos, como mencionado?:

> Apocalipse 20,1-3: *"Depois disso vi um Anjo descer do céu. Nas mãos tinha a chave do Abismo e uma grande corrente. Ele agarrou o Dragão, a antiga Serpente, que é o Diabo, Satanás.* ***Acorrentou o Dragão por mil anos****,*

71 ORÍGENES, 2004, p. 492-493.

> *e o jogou dentro do Abismo. Depois trancou e lacrou o Abismo, para que o Dragão não seduzisse mais as nações da terra, até que terminassem os mil anos.* ***Depois disso, o Dragão vai ser solto****, mas por pouco tempo."* (grifo nosso)

Será que o Anjo (Miguel?) não teve poder para trancar o Dragão por mais tempo? Por que razão não o deixou acorrentado e trancado no abismo, para todo o sempre? Perguntas, em relação, às quais ainda não tivemos respostas convincentes.

Uma informação importante nos vem de Nogueira, no livro *O diabo no imaginário cristão*; leiamo-la:

> **No primeiro século de nossa era, estabeleceu-se uma ligação explícita entre as crenças isoladas do judaísmo tardio**: Satã, o anjo caído, incorpora-se na serpente do Jardim do Éden, sendo a serpente um disfarce adotado pelo Diabo para levar a cabo a sua ação maligna. **Este paralelo aparece pela primeira vez de modo acabado em alguns textos apócrifos do século I d.C**., provenientes de meios cristãos ou fortemente impregnados pelas ideias cristãs. […]. ([72]) (grifo nosso)

Mais uma vez se corrobora a questão de não se poder dizer que satanás é a antiga serpente e prova que a ligação estabelecida aparece em alguns textos apócrifos do século I da E.C.; portanto, não é uma crença da antiguidade e, muito menos, da época de Jesus.

---

72 NOGUEIRA, 2002, p. 28.

Celso, o filósofo platônico-eclético, com toda razão, questionava essa crença absurda dos cristãos, conforme se lê em *Contra Celso*:

> Eles se extraviam numa impiedade extrema, por causa desta profunda ignorância que já os havia arrastado da mesma forma para longe dos enigmas divinos: **imaginam um adversário de Deus, chamam-no de diabo e em hebraico de Satã**. Sem dúvida alguma, **é um erro devido inteiramente aos mortais e uma impiedade dizer que o Deus altíssimo**, em sua vontade de fazer o bem aos homens, encontra um ser que se opõe a ele e permanece impotente. […]. ([73]) (grifo nosso)

Uma coisa que temos percebido é que essa entidade do mal ainda existe pelo simples fato dela ser um excepcional e, ao mesmo tempo, imprescindível instrumento de dominação. Os fiéis medrosos se colocam à mercê dos líderes, que lhes extorquem o dízimo e impõem a fé pelo terror. O dia em que tal expediente for punido pela legislação humana, o diabo, satanás, ou qualquer nome que lhe queiram dar, desaparecerá de vez da face da Terra.

Complementando, conforme citação de Ehrman, o que Celso disse encaixa-se como uma luva às perguntas, ainda não respondidas, de Epicuro, um dos grandes filósofos da Era Helênica ([74]):

---

73 ORÍGENES, 2004, p. 492.

74 EHRMAN, 2008, p. 18.

> Deus quer impedir o mal, mas não consegue? Então ele é impotente.
>
> Ele é capaz, mas não quer? Então é malévolo.
>
> Ele é capaz e quer? Donde, então, o mal?

Esses questionamentos tornam-se um “espinho na carne” para os líderes religiosos, porquanto, apegados às suas teologias dogmáticas, não conseguem argumentos lógicos para explicá-los, embora o tentem utilizando-se de sofismas.

Nota: (texto em parceria com Thiago Toscano Ferrari).

A Arca de Noé, verdade ou ficção?

> "Em nossos dias, não é mais importante que uma teoria científica seja entendida pelo senso comum; essa exigência foi descartada por Galileu Galilei." (Stanislav Grof).

Tomando como base para estudo a análise crítica, evitando, especialmente, o fanatismo religioso, analisaremos alguns textos bíblicos buscando a resposta para a dúvida: ficção ou realidade? Em qual das duas pode-se enquadrar a narrativa desse assunto?

Para isto tomaremos alguns versículos dos capítulos 6 a 9 da Gênesis.

> Gênesis 6,6: *"O Senhor arrependeu-se de ter criado o homem na terra, e teve o coração ferido de íntima dor."*

Que Deus é este que chega ao absurdo de Se arrepender de ter criado o homem? Onde estava a sua onisciência? Talvez seja um deus de carne e osso, ou seja, como um ser humano, pois até mesmo um coração Ele o tinha.

> Gênesis 6,7: *"E disse: 'Exterminarei da superfície da terra o homem que criei, e com ele os animais, os répteis as aves dos céus, porque me arrependo de os haver criado'."*

Se Deus, após ver a maldade dos homens, conforme se

vê em "*O Senhor viu que a maldade dos homens era grande na terra, e que todos os pensamentos do seu coração estavam continuamente voltados para o* mal" (Gênesis 6,5), arrepende-Se e, por isso, resolve eliminar os homens da face da terra, até que poderia ter lá suas razões; mas, quanto aos animais, aos répteis e às aves dos céus não tinha nenhum motivo para exterminá-los, a não ser por pura "maldade"; porém, se esse foi o móvel de Sua atitude, então, temos uma evidente contradição, porquanto a Sua resolução em condenar os homens foi justamente por eles estarem agindo assim. E os animais que vivem nas águas, certamente, não morreram no dilúvio; aí perguntamos: Qual a razão deles terem sido privilegiados? Eram inocentes ou não?

Parece-nos que foi nesse momento (Gênesis 6,7) que tomou a decisão inundar a terra de água; entretanto, essa história, contada pelo autor bíblico, certamente um hebreu, não é nada original. Vejamos o que dizem os tradutores da *Bíblia de Jerusalém*:

> […] **O tema de um dilúvio está presente em todas as culturas**, mas **os relatos da antiga Mesopotâmia têm um interesse particular por causa das semelhanças com o relato bíblico**. Este não depende delas diretamente (mas tal passagem pode trair esse tipo de influência; assim, 8,6-12 e a tabuinha XI da *Epopeia de Gilgamesch*). **O autor sagrado carregou essas tradições com um ensinamento eterno sobre a justiça e misericórdia de Deus**, sobre a malícia do homem e a salvação concedida ao justo. […]. ([75]) (grifo

75 Bíblia de Jerusalém, p. 42.

nosso)

A tentativa de salvar o relato bíblico é muito evidente; porém, deve-se levar em conta que a cultura babilônica era bem mais antiga que a dos hebreus, o que nos induz, por questão de lógica, a concluir que realmente esses últimos plagiaram os primeiros. Apesar dessa ressalva, estamos vendo aqui que os próprios tradutores apontam para a não originalidade do relato do dilúvio bíblico.

Visando confirmar isso, trazemos de Leonardo Arantes Marques, em *História das Religiões e a dialética do sagrado*, o seguinte:

> Quase todas as lendas, contos e mitos ([76]) foram compilados e acrescidos de histórias mirabolantes e fantásticas, pelas mentes férteis de nossos antepassados. Mas nenhuma história impressiona mais nossos cérebros que a **da grande inundação**. ([77]) “Por meio de sondagens, consegue-se estabelecer a extensão geral da enorme inundação. Segundo a opinião de Woolley, a catástrofe cobriu, a nordeste do golfo Pérsico, uma extensão de 630 quilômetros de comprimento por 160 quilômetros de largura. Visto no mapa (vai do golfo Pérsico até Bagdá), **aquilo foi apenas um 'acontecimento local'**, como diríamos hoje… mas para os habitantes daquelas bacias essa região era todo o seu mundo”. ([78])

76 N.T.: *Eliade, M.* Tratado da História das Religiões, Caps. 12 e 13.

77 N.T.: Gênesis, 6 a 10 (*Melamed*).

78 N.T.: *Keller, W*. E a Bíblia Tinha Razão, p. 44.

Conta-nos a epopeia babilônica que Marduk, ([79]) ao combater Tiamat e suas hostes de demônios, que causavam o caos, estabeleceu a harmonia do Universo e criou o homem a partir do barro para o serviço dos deuses e para reverenciá-lo como "rei para sempre" ([80]). **O homem vivia bem no paraíso**, onde a simplicidade e a ignorância faziam parte de sua existência, até que um dia Oannes, um semideus representado como meio peixe, meio filósofo, tirou-o das trevas e lhe deu o conhecimento do "bem e do mal", das artes, das ciências, das construções de cidades e das leis. **Os deuses desaprovaram tal atitude e resolveram matar o homem com uma grande inundação**. Mas Ea, também chamado Enki (considerado o pai de Marduk), o deus da sabedoria e da magia, apiedando-se do gênero humano, resolve salvar pelo menos um da espécie. Diz então Ea a Shamash: "A inundação vem e o mar encher-se-á de homens, como ovos de peixe". **Após a grande inundação que devastou toda a humanidade, os deuses choraram diante da própria loucura,** perguntando-se: "Quem agora nos proporcionará sacrifícios?". **Os únicos que escaparam ilesos da grande inundação foram Shamash-napishtim e sua família, que construíram uma grande arca a pedido de Enki. Navegaram meses a fio até finalmente atracar na ponta da montanha de Nisir, o pico mais alto da terra, onde Shamash soltou uma pomba para inspeção do local. Depois de vários dias de espera e muita angústia, a pomba volta com um ramo seco no bico, demonstrando que as águas haviam baixado e o local poderia ser habitado com segurança**. Shamash, em agradecimento por ter conseguido salvar-se, sacrificou a pomba aos deuses, os quais se sentiram cheios de surpresa e gratidão. "Os deuses cheiraram o

79 N.T.: *Hinnells, J.* Dicionário das Religiões, p. 163.

80 N.T.: *Ling, T.* História das Religiões, 1.15.

fumo do sacrifício e juntaram-se como moscas ao redor da oferenda". ([81])

Quando Layard encontrou, em 1845, algumas tábuas com escritas cuneiformes, na biblioteca do palácio de Senaqueribe, rei da Assíria, **sobre uma possível inundação, o mundo escandalizou-se, colocando a verdade bíblica em discussão**. Esta mesma inundação foi confirmada quando encontraram novas tábuas nas ruínas da biblioteca de Assurbanipal, em Nínive, do século VII a.C., mas datando de cerca de mil anos antes do rei Hammurabi. Se as tábuas encontradas na biblioteca de Assurbanipal datavam cerca de 3200 a.C. e o **dilúvio apresentado no primeiro livro bíblico só fora "escrito" por Moisés em aproximadamente 1220 a.C., isso prova que o escritor ou escritores do Gênesis compilaram este e muitos outros relatos da Mesopotâmia**. A prova definitiva disso ocorreu em 1920, quando Woolley desenterrou a cidade de Ur, encontrando nesse local tábuas com escrita cuneiforme, relatando a história sobre uma grande inundação, contada por Gilgamesh, rei de Uruck ou Erech, em aproximadamente 3000 a.C. Gilgamesh era descendeste de Shamash-napishtim, rei de Shurupak, que, segundo a lenda, se tornou imortal. Conta-nos a lenda que a grande Alquimia de Gilgamesh era a busca existencial da imortalidade. Como Napishtim foi salvo pelo deus Ea, contou a história a Gilgamesh e este a escreveu para a posteridade. "O mito do dilúvio, com todas as suas implicações, revela como a vida pode ser valorizada por outra consciência diferente da humana; vista do nível netuniano, a vida humana aparece como algo frágil, que é preciso reabsorver periodicamente, pois o destino de todas as formas é dissolver-se a fim de poder reaparecer. Se não fossem regeneradas pela reabsorção periódica nas águas, as

81 N.T.: *Durant, W.* Nossa Herança Oriental, p. 162.

'formas' se desfariam, esgotariam as suas possibilidades e extinguir-se-iam definitivamente. Os atos maus acabariam por desfigurar a humanidade; esvaziada dos germes e das forças criadoras, a humanidade estiolaria, decrépita e estéril. Em vez da regressão lenta às formas submarinas, o dilúvio conduz à reabsorção instantânea nas águas, nas quais os pecados são purificados e das quais nascerá a humanidade nova, regenerada". ([82]).

Em 1965, o Museu Britânico fez novas descobertas e trouxe à luz duas tábuas escritas em Sippar, **Babilônia**, no século XVII a.C. no reinado de Ammisaduqa. Essas tábuas referem-se a Ziusudra, um possível rei-sacerdote de Shuruppak, por volta de 2900 a.C., aparecendo como uma das figuras mais antigas da lista de reis sumerianos. **Quando Deus resolveu afogar a humanidade**, Enki (Ea), o deus que dominava as águas, chamou Ziusudra, homem piedoso e honesto, e contou-lhe sobre o plano catastrófico de Deus de destruir o gênero humano, afogando-o. Ziusudra construiu um imenso barco, salvou-se a si, sua esposa e filhos do grande dilúvio que transformou toda humanidade em lodo.

Lendo vagarosamente o texto bíblico sobre o dilúvio, **percebemos uma diferença acentuada dos relatos do dilúvio babilônico e sumeriano para o judaico**. Noé, diferentemente de Ziusudra, aparece como uma figura moral, obediente e determinada pela fé em seu Deus. Não foi "outro" deus que disse a Noé que Deus afogaria a humanidade por causa de seus "pecados", mas o próprio Eterno. Na história de Gilgamesh os episódios aparecem fragmentados e isolados de um contexto histórico e moral. A versão judaica do dilúvio "vê cada evento encerrando questões morais e, coletivamente, dando testemunho de um projeto providencial. Essa é a diferença entre a literatura secular

82 N.T.: *Johnson, P.* História dos Judeus, p. 21.

> e a religiosa e entre os escritos de um simples folclore e uma história consciente e determinada". ([83]). ([84]) (grifo nosso)

Marques, dessa forma, corrobora a antiguidade da crença no dilúvio, o que torna evidente ser o texto bíblico cópia, ou, simplesmente, uma adaptação dela.

Em Jonathan Sarfati, no artigo "O Dilúvio de Noé e o Épico de Gilgamesch" ([85]), encontramos um gráfico bem interessante, no qual é demonstrada a existência da crença em dilúvio nas várias culturas:

---

83 N.T.: *Unterman, A*. Dicionário Judaico de Lendas e Tradições, p. 96.

84 MARQUES, 2005, p. 101-103.

85 SARFATI, O Dilúvio de Noé e o Épico de Gilgamesch, imagem Tradições diluvianas, Link: http://considereapossibilidade.wordpress.com/2009/03/05/o-dilvio-de-no-e-o-pico-de-gilgamesh/.

Prova-se que o dilúvio bíblico não é mesmo algo original.

Gênesis 6,9: *"Noé era um homem justo e perfeito no meio dos homens de sua geração. Ele andava com Deus."*

Vejamos se ele se comportava mesmo como um homem justo e perfeito:

Gênesis 9,20-22: *"Noé, que era agricultor, plantou uma vinha. Tendo bebido vinho, embriagou-se, e apareceu nu no meio de sua tenda. Cam, o pai de Canaã, vendo a nudez do seu pai, saiu e foi contá-lo aos seus dois irmãos."*

Na sequência:

> Gênesis 9,24-25: "*Quando Noé despertou de sua embriaguez, soube o que tinha feito o seu filho mais novo.* '*Maldito seja Canaã, disse ele; que ele seja o último dos escravos de seus irmãos*'."

Embebedar-se e sair nu pelo acampamento é uma atitude a se esperar de um "homem perfeito"? É um exemplo que devemos seguir? Por outro lado, ao castigar a Canaã, seu neto, em vez de a seu filho Cam, que não parece ser o filho mais novo e sim o do meio (*"Noé teve três filhos: Sem, Cam e Jafet",* em Gênesis 6,10), por ter visto a sua nudez, quando a culpa era dele mesmo, o próprio Noé, por ter saído nu como se estivesse desfilando no Sambódromo em pleno Carnaval, teria agido com justiça?

> Gênesis 6,13: "*Então Deus disse a Noé:* '*Eis chegado o fim de toda a criatura diante de mim, pois eles encheram a terra de violência. Vou exterminá-los juntamente com a terra*'."

Pronto: decisão tomada; veio o comunicado, agora era só fazer as águas jorrarem...

Na *Bíblia Sagrada Paulinas (1980)*, explicam-nos que:

> A história do dilúvio que se inicia e se estende até o cap. 8, **contém diversas repetições, devidas a duas fontes de que se serviu o hagiógrafo, justapondo-as, sem lhes limar as diferenças**. Sem dúvida, a narração, **baseia-se em fato histórico – lembrado também em numerosas narrativas babilônicas** – que não nos é dado estabelecer. Talvez se trate de **uma das numerosas inundações do vale do Tigre e do**

> **Eufrates, que a tradição ampliou até transformá-la em cataclisma universal**, estendido a toda a terra enxuta. O que é certo, porém, é que o autor sagrado não entende falar do cataclisma em si, mas, antes, ensinar importantes verdades, a primeira das quais, que Deus, justo juiz, castiga a humanidade culpada. A segunda é que também castigando, ele usa de misericórdia, quer deixando tempo para o arrependimento, quer salvando os justos. Terceira verdade é a da unidade da criação: **Deus pusera as criaturas a serviço do homem, de sorte que agora o castigo infligido ao homem atinge também os animais**. Também são Paulo dirá que a criação agora geme sob a opressão do pecado, aguardando a redenção definitiva, com a ressurreição final (Rom 8,22). ([86]) (grifo nosso)

A não ser que se preste bem a atenção, não é fácil perceber que nas entretinhas está admitindo-se ter o dilúvio vindo dos babilônios, de uma tradição que transformou as inundações na região de um fato local para um cataclismo universal.

Por outro lado, não conseguimos evitar em ficarmos pasmos diante dos absurdos que se diz para, piamente, justificar certas aberrações bíblicas, como esta que aqui encontramos que põe Deus matando todos os animais porque a eles compartilham a sorte do homem.

> Gênesis 6,14-16: *"Faze para ti uma arca de madeira resinosa, dividi-la-ás em compartimentos e a untarás de betume por dentro e por fora. E eis como o farás: seu*

86 Bíblia Sagrada – Paulinas, 1980, p. 31.

> *comprimento será de trezentos côvados, sua largura de cinquenta côvados, e sua altura de trinta. Farás no cimo da arca uma abertura com dimensão dum côvado. Porás a porta da arca a um lado, e construirás três andares de compartimentos."*

Na *Bíblia Sagrada Santuário*, reprodução de publicação dos Missionários Capuchinhos de Portugal, temos a seguinte nota a respeito de Gênesis 6,14:

> *A arca*: **Seria um transatlântico, inconcebível para as possibilidades daqueles tempos, o que denota o seu caráter lendário**. Teria 150x25x15 metros. **Além disso, como por lá tanto animal e dar-lhes alimento?** Temos, pois, uma narração hiperbólica pertencente ao gênero de epopeia. **Os Santos Padres veem nela uma figura da Igreja na tempestade do mundo** (cf. 2Ped 2,5). ([87]) (grifo nosso)

Temos, portanto, os próprios tradutores bíblicos afirmando sobre o caráter lendário do dilúvio.

No livro *A História da Bíblia*, de Hendrik Willem Van Loon (1882-1944), tradução de Monteiro Lobato (1882-1948), podemos ler o seguinte: "Noé e os filhos puseram-se ao trabalho, sob a chacota dos vizinhos. Que estranha ideia construir um navio num lugar onde não havia água – rio nenhum, e o mar a mil milhas distante!" ([88]). Ora, se uma milha equivale a 1.609 metros, temos, então, que estavam a 1.609 km do oceano. Assim, pela distância que moravam deste, é

87 Bíblia Sagrada – Santuário, p. 12.

88 VAN LOON, 1981, p. 8.

certo que Noé, sendo um simples lavrador (Gênesis 9,20), não tinha a menor experiência em construção naval, ou seja, faltava-lhe o *know-how;* não é mesmo?

E o pior: em nenhum momento foi dito que ele teve alguma ajuda dos filhos para construir a arca; ao contrário, coloca-o construindo sozinho (Hebreus 11,7; 1 Pedro 3,20); provavelmente julgavam-no um louco. Portanto, cabe a pergunta: como é que conseguiu construí-la? Se conseguiu, parece-nos que o tradutor da Bíblia Shedd, Luís Alonso Schökel (1920-1998), tem grandes chances de ter acertado em cheio ao dizer:

> A Estrutura do que ficou a flutuar por ocasião do dilúvio é adequadamente de "Arca", já que não se tratava de nenhuma embarcação capaz de singrar nas águas. **Provavelmente, foi construída em forma quadrada, capaz só de flutuar**. ([89]) (grifo nosso)

Conforme pudemos apurar, o côvado equivale a 45 cm. Então, temos: comprimento 135,00 m, largura 22,50 m e altura 13,50 m; com isso cada um dos três andares mediria 3.037,50 m² e a área total da arca seria de 9.112,50 m².

Inegavelmente área muito pequena para caber tudo o que Deus ordenara a Noé colocar lá dentro ([90]), como vemos nesta passagem:

---

89 Bíblia Shedd, p. 9.

90 Noé e a Arca (imagem), disponível em: https://i.pinimg.com/564x/e8/98/b1/e898b1342cc8314de98aff045f2e7536.jpg

Gênesis 6,19-22: *“De tudo o que vive, de cada espécie de animais, farás entrar na arca dois, macho e fêmea, para que vivam contigo. De cada espécie de aves, e de cada espécie de animais que se arrastam sobre a terra, entrará um casal contigo, para que lhes possa conservar a vida. Tomarás também contigo de todas as coisas para comer, e armazena-los-ás para que te sirvam de alimento, a ti e aos animais. Noé obedeceu, e fez tudo o que o Senhor lhe tinha ordenado.”*

Imaginemos: Noé com sua família eram 8 pessoas; soma-se a isso um casal de todos os animais vivos e mais alimentação para todas essas criaturas que deveria durar por um ano – quando desembarcou Noé já tinha um neto, Canaã –, qual seria o peso e o volume disso tudo? Caberia tudo isso nestes poucos mais de 9.100 m²? Além de que a diversidade da alimentação dos animais, como colocar isto dentro da arca?

Mais ainda: como não foi ordenado a Noé pôr água dentro da arca, como os seres viveram, nesse período de pouco mais de um ano, sem esse precioso líquido para beber? E o que se come não é forçosamente eliminado pelo organismo? Qual foi o destino dos dejetos do tudo quanto ali vivia, uma vez que a embarcação que Noé construíra estava quase que totalmente fechada? E o ar lá dentro, como deveria estar? Haveria ainda oxigênio para se respirar? Será que, com somente 8 pessoas, eles conseguiriam, no tempo que ficaram confinados na arca,

alimentar diariamente toda a bicharada, sem um único dia para o merecido descanso? Como os animais carnívoros foram alimentados? São inúmeras as interrogações que nos surgem à mente.

> Gênesis 7,1-3: *"O Senhor disse a Noé: 'Entre na arca, tu e toda a tua casa, porque te reconheci justo diante dos meus olhos, entre os de tua geração. De todos os animais puros tomarás sete casais, macho e fêmea, e de todos os animais impuros tomarás um casal, macho e fêmea, das aves dos céus igualmente sete casais, machos e fêmeas, para que se conserve viva a raça sobre a terra'."*

Aqui se fala em sete casais de animais puros e também de aves; mas, anteriormente, em Gênesis 6,19-20, já não havia sido dito ser apenas um casal de cada uma dessas espécies? Não estaria isso em contradição um texto com o outro?

> Gênesis 7,11: "*No ano seiscentos da vida de Noé, no segundo mês, no décimo sétimo dia do mês, romperam-se naquele dia todas as fontes do grande abismo, e abriram-se as barreiras dos céus.*"

Aqui, nesse passo, temos o início da grande catástrofe bíblica. É curiosa a maneira sobre a qual pensavam virem as águas das chuvas, como explicam, respectivamente, na Bíblia Sagrada Vozes e na Bíblia Sagrada Santuário:

> **Os antigos imaginavam que acima do firmamento, ou da abóbada do céu, feita de material sólido, estavam as águas a serem despejadas por ocasião das chuvas** (Gn 1,6). A terra estava fundada

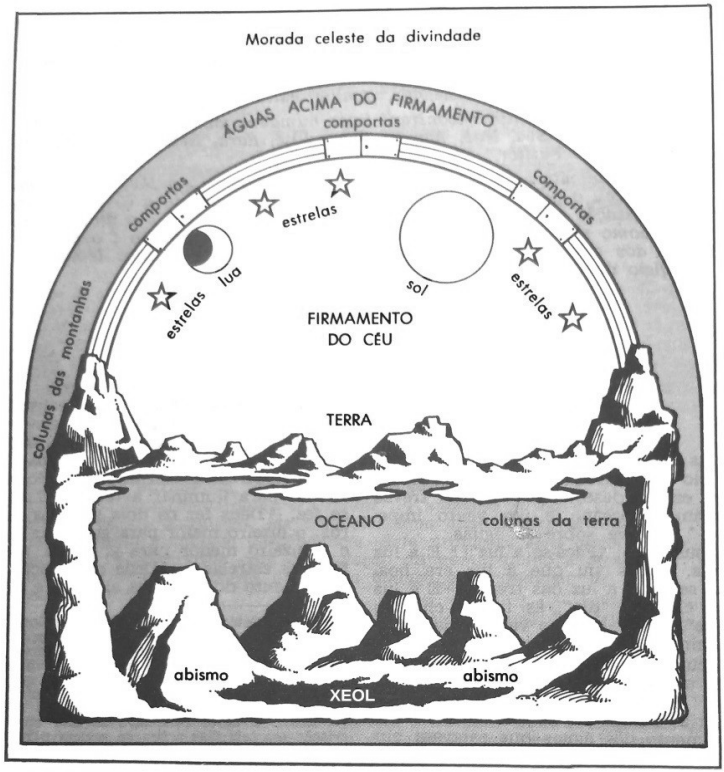
> sobre. colunas que atingiam o fundo do grande abismo, o Oceano subterrâneo. Este aparecia na superfície em forma de mares, lagos ou fontes (Gn 1,1-10). **Na hora do dilúvio, romperam-se todos os registros superiores e inferiores**, ameaçando fazer voltar o caos primitivo (cf: Jó 12,15). ([91]) (grifo nosso)
>
> *Fontes do abismo… cataratas do céu*: Já vimos que os hebreus imaginavam o mundo como uma "Casa cósmica" e **pensavam que sobre o firmamento existia um mar de água doce**. Dentro desta concepção, **imagina-se agora que se abrem todas as torneiras do céu** e que as águas dos abismos sobem impetuosas, regressando tudo ao caos primitivo, em que se encontrava o mundo na madrugada da criação (Gn 1,2). Temos, portanto, uma linguagem poética, condicionada pelos conhecimentos daquele tempo (cf. Gn 8,2). ([92]) (grifo nosso)

Para se ter uma boa ideia de como pensavam ser a Terra, vejamos esta imagem, tomada da Bíblia Sagrada Vozes (p. 28):

---

91 Bíblia Sagrada – Vozes, p. 35.

92 Bíblia Sagrada – Santuário, p. 13.



No fundo, acreditavam também existir um mar de água – no caso, água doce – lá no céu, que, para eles, era algo sólido, do qual vinham as águas das chuvas. Para que elas precipitassem sobre a terra, era preciso abrir-se os seus “registros”. Usava-se, antigamente, a palavra firmamento para designar o céu, como pode-se ver, por exemplo, no primeiro capítulo de Gênesis (v. 6-8; 14-17). Ela é derivada de “firme”, que significa sólido, tal como pensavam que ele seria.

Gênesis 7,17-20: *“O dilúvio caiu sobre a terra durante*

quarenta dias. As águas incharam e levantaram a arca, que foi elevada acima da terra. As águas inundaram tudo com violência, e cobriram toda a terra, e a arca flutuava na superfície das águas. As águas engrossaram prodigiosamente sobre a terra, e cobriram todos os altos montes que existem debaixo dos céus; e elevaram-se quinze côvados acima dos montes que cobriam."

Na terra, a água é encontrada nos rios, nos mares, na atmosfera, nas nuvens, nos lençóis subterrâneos e em forma de gelo, nas altas montanhas e nos polos. Aquelas que nascem ou caem na superfície, fatalmente, escorrem para as partes mais baixas do planeta, formando os seus mares. E, segundo a ciência, dois terços do nosso planeta é composto de água e cerca de 97,5% dela compõem os oceanos. E, diga-se de passagem, que o mais lógico era ele ser chamado de "Planeta Água". Assim, para se ter tanta água, a ponto de se cobrir todos os altos montes da terra, apresentamos duas hipóteses:

1ª – afundamento de toda a superfície de terra; ou...

2ª – as águas da chuva vieram de outro lugar que não a Terra, pois toda a água existente em nosso planeta é bem pouca para se cobrir todos os montes, até os mais altos, incluindo o Monte Everest que é o mais alto de todos com 8.848 metros de altura.

A favor da hipótese de afundamento transcrevemos de ***Apócrifos III – Os Proscritos da Bíblia***, o capítulo no *Livro de Enoch*, cap. LXV – Noé, a seguinte narrativa:

1 Naqueles dias, **Noé viu como a terra afundava e**

> **como se aproximava a sua destruição**. Então ele partiu daquele lugar e foi até os confins da terra, e chamou pelo seu avô Enoch. Por três vezes ele gritou com voz aflita: “Escuta-me! Escuta-me! Escuta-me!”
>
> 2 E assim eu falei a ele: “Explica-me o que está acontecendo com a terra, pois que está tão atingida e abalada! Tenho receio de perecer junto com ela!” Neste momento aconteceu um grande tremor na terra, e uma voz do céu fez-se ouvir, eu caí sobre a minha face.
>
> 3 Então apareceu o meu avô Enoch, aproximou-se de mim e falou-me: “Por que clamaste a mim com voz tão amarga e em lágrimas? **De junto do Senhor foi emitida uma ordem relativa aos habitantes da terra, e ela significará o seu fim,** porque aprenderam dos Anjos todos os segredos e todos os atos violadores dos Satãs, bem como todas as energias ocultas e as forças da magia, e além disso o poder dos esconjuros e as faculdades dos que fundem imagens para toda a terra, e, finalmente, porque aprenderam como se obtém a prata da areia nobre, e como se forma o metal doce sobre a terra. ([93]) (grifo nosso)

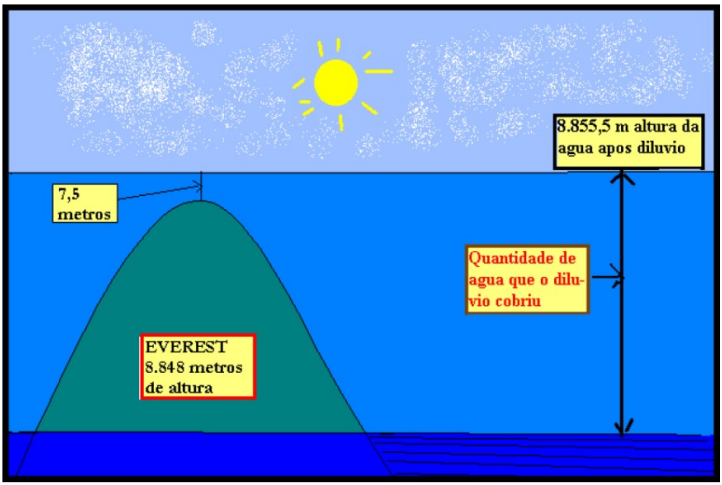
Se considerarmos que houve apenas um dilúvio localizado, em determinada região da Terra, e não nela toda, é bem possível a 1ª hipótese; fora disto só mesmo em filmes de Steven Spielberg: ficção pura!

Para melhor se mencionar essa suposta catástrofe universal, tem-se que levar em conta que, em relação ao nível do mar, as águas subiram quase 9.000 m, fazendo com que os 2/3 da superfície do planeta sofressem esse acréscimo de águas, que derramaram, pasmem, caros leitores, por apenas 40

---

93 TRICA, *Apócrifos III – Os Proscritos da Bíblia*, p. 155.

dias e 40 noites. Eis uma ilustração do que teria acontecido em toda a Terra:



Somente em 1/3 da superfície terrestre não se atingiria esses quase 9 km, justamente a parte que corresponde a toda a área seca do Planeta, a altura da água seria variável de acordo com a topografia de cada região, partindo-se do zero (nível do mar) até 8.848 m (altura do Everest).

Na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia*, os autores Russell Norman Champlin e J. M Bentes, questionam sobre a possibilidade de um dilúvio universal levando-se em conta a quantidade de água existente na Terra:

> *A quantidade de água.* **Fatal à teoria do dilúvio universal é a observação de que a quantidade de água necessária para cobrir a face da terra até**

> **encobrir o monte Everest, o mais alto monte do planeta, teria de ser seis vezes maior do que atualmente existe na terra**. Teria sido impossível haver chuvas assim abundantes, dentro do tempo determinado em Gênesis 7:12, quarenta dias e quarenta noites, incluindo os depósitos naturais de água na terra, para que isso pudesse suceder. **Além disso, como tanta água teria se evaporado**? Só se essa água estivesse perdida no espaço, o que sabemos que jamais acontece. **Verdadeiramente, para que esse efeito fosse conseguido, teria de ter chovido durante vários anos, com água vinda do espaço exterio**r. Isso posto, teríamos de supor, em primeiro lugar, um suprimento *sobrenatural* de água e em segundo lugar, uma retirada *sobrenatural* de água, da face do planeta. ([94]) (grifo nosso)

Muito interessante a afirmação de Champlin e Bentes de que se necessitaria de seis vezes mais água do que a atualmente existente na Terra para que o dilúvio cobrisse o mais alto monte, e assim os bibliólatras pudessem ter elementos para sustentar sua crença no dilúvio.

Basta usar um pouquinho só de lógica para ver a impossibilidade científica do dilúvio como narrado na Bíblia; só mesmo por puro fanatismo pode-se nele acreditar. A não ser que a superfície subaquática da terra tenha dilatado a tal ponto que as águas tenham subido, na mesma proporção, até encobrir o mais alto cume e, após, tenha-se retraído.

Interessante a seguinte nota de rodapé relacionada a essa passagem, constante na *Bíblia Sagrada Vozes:*

---

94 CHAMPLIN e BENTES, 1995, p. 158.

> **O dilúvio não foi universal mas uma grande inundação que cobriu o horizonte geográfico de Noé**. A existência de histórias do dilúvio em outros povos primitivos mostra que há uma consciência geral sobre uma catástrofe que ameaçou a humanidade dos primórdios. ([95]) (grifo nosso)

Ótimo, confirma-se a possibilidade de ter sido localizado; entretanto, o que não compreendemos é que, apesar disso, ainda teimam em dizer que o dilúvio foi universal...

Em *A Gênese* tratando do dilúvio bíblico, argumenta Kardec:

> **4. O dilúvio bíblico**, também conhecido pela denominação de "grande dilúvio asiático", **é fato cuja realidade não se pode contestar**. Deve tê-lo ocasionado o levantamento de uma parte das montanhas daquela região, como o do México. Corrobora esta opinião a existência de um mar interior, que ia outrora do mar Negro ao oceano Boreal, comprovada pelas observações geológicas. O mar de Azov, o mar Cáspio, cujas águas são salgadas, embora nenhuma comunicação tenham com nenhum outro mar; o lago Aral e os inúmeros lagos espalhados pelas imensas planícies da Tartália e as estepes da Rússia parecem restos daquele antigo mar. Por ocasião do levantamento das montanhas do Cáucaso, posterior ao dilúvio universal, parte daquelas águas foi recalcada para o norte, na direção do oceano Boreal; outra parte, para o sul, em direção ao oceano Índico. Estas inundaram e devastaram precisamente a Mesopotâmia e toda a região em que habitaram os antepassados do

95 Bíblia Sagrada – Vozes, p. 35.

povo hebreu. **Embora esse dilúvio se tenha estendido por uma superfície muito grande, é atualmente ponto averiguado que ele foi apenas local**; que não pode ter sido causado pela chuva, pois, por muito copiosa que esta fosse e ainda que se prolongasse por quarenta dias, **o cálculo prova que a quantidade d'água caída das nuvens não podia bastar para cobrir *toda a terra*, até acima das mais altas montanhas**.

Para os homens de então, que não conheciam mais do que uma extensão muito limitada da superfície do globo e que nenhuma ideia tinham da sua configuração, desde que a inundação invadiu os países conhecidos, invadida fora, para eles, a Terra inteira. Se a essa crença aditarmos a forma imaginosa e hiperbólica da descrição, forma peculiar ao estilo oriental, já não nos surpreenderá o exagero da narração bíblica.

5. O dilúvio asiático foi evidentemente posterior ao aparecimento do homem na Terra, visto que a lembrança dele se conservou pela tradição em todos os povos daquela parte do mundo, os quais o consagraram em suas teogonias. ([96])

É igualmente posterior ao grande dilúvio universal que assinalou o início do atual período geológico. Quando se fala de homens e de animais antediluvianos,

---

96 N.T.: **A lenda indiana sobre o dilúvio** refere, segundo o livro dos Vedas, que Brama, transformado em peixe, se dirigiu ao piedoso monarca Vaivaswata e lhe disse: "Chegou o momento da dissolução do Universo; em breve estará destruído tudo o que existe na Terra. Tens que construir um navio em que embarcarás, depois de teres embarcado sementes de todos os vegetais. Esperar-me-ás nesse navio e eu virei ter contigo, trazendo à cabeça um chifre pelo qual me reconhecerás." O santo obedeceu; construiu um navio, embarcou nele e o atou por um cabo muito forte ao chifre do peixe. O navio foi rebocado durante muitos anos com extrema rapidez, por entre as trevas de uma tremenda tempestade, abordando, afinal, ao cume do monte Himawat (Himalaia). Brama ordenou em seguida a Vaivaswata que criasse todos os seres e com eles povoasse a Terra.

> a referência é àquele primeiro cataclismo. ([97]) (grifo nosso)

Portanto, Kardec admite como uma boa possibilidade o dilúvio bíblico; porém, como um acontecimento local e não universal, ou seja, na Terra inteira. Entretanto, o que coloca o dilúvio bíblico sob suspeita é que há na cultura indiana, mais antiga que a dos hebreus, relato de fenômeno idêntico, o que, forçosamente, nos leva a crer que o autor bíblico tomou a história para seu povo.

Mais à frente questionando sobre a possibilidade de toda a população da Terra ter vindo do casal Adão e Eva, Kardec tece a seguinte consideração:

> **42.** Ainda mais evidente se torna a impossibilidade, desde que se admita, com a Gênese, que **o dilúvio destruiu *todo o gênero humano*, com exceção de Noé e de sua família, que não era numerosa, no ano de 1656 do mundo**, ou seja, 2.348 anos antes da era cristã. Em realidade, pois, daquele patriarca é que dataria o povoamento da Terra. Ora, **quando os hebreus se estabeleceram no Egito, 612 anos após o dilúvio, já o Egito era um poderoso império, que teria sido povoado, sem falar de outros países, em menos de seis séculos, só pelos descendentes de Noé, o que não é admissível**.

É flagrante a analogia desta lenda com a narrativa bíblica de Noé. Da Índia ela passara ao Egito, como uma multidão de outras crenças. **Ora, sendo o livro dos Vedas anteriores ao de Moisés, a narração que naquele se encontra, do dilúvio, não pode ser uma cópia da deste último**. O que é provável é que Moisés, que aprendera as doutrinas dos sacerdotes egípcios, haja tomado a estes a sua descrição.

97 KARDEC, 2007b, p. 206-207.

> Notemos, de passagem, que os egípcios acolheram os hebreus como estrangeiros. Seria de espantar que houvessem perdido a lembrança de uma tão próxima comunidade de origem, quando conservaram religiosamente os monumentos de sua história. ([98]) (grifo nosso)

Aqui, mais uma vez, temos Kardec traçando uma argumentação lógica para confirmar a impossibilidade do gênero humano ter vindo de Adão e Eva e, por tabela, atinge também os decentes de Noé como os que, levando-se em conta o texto bíblico, seriam os que povoaram a Terra, supondo-se um dilúvio universal.

> Gênesis 7,11*: "No ano seiscentos da vida de Noé, no segundo mês, no décimo sétimo dia do mês, romperam-se naquele dia todas as fontes do grande abismo e abriram-se as barreiras dos céus."*
>
> Gênesis 8,13-14: *"No ano seiscentos e um, no primeiro mês, no primeiro dia do mês, as águas tinham secado sobre a terra. Noé descobriu o teto da arca, olhou e viu que a superfície do solo estava seca. No segundo mês, no vigésimo sétimo dia do mês, a terra estava seca."*

Do início do dilúvio até o dia em que a terra ficou totalmente seca, segundo esses passos, passaram-se, aproximadamente, 1 ano e poucos dias, segundo a Bíblia Shedd, exatos 371 dias ([99]). Período confirmado com o nascimento de Canaã, neto de Noé, filho de Cam. Certamente,

---

98 KARDEC, 2007b, p. 261.

99 Bíblia Shedd, p. 10.

que, com um período tão longo desse, toda a vegetação que cobria a terra deve ter apodrecido; assim, é de se perguntar: como se alimentaram os animais herbívoros depois do dilúvio, porquanto, demandaria um bom tempo para tudo se recompor novamente e haver alimentação para esses animais? Quanto aos animais carnívoros, com um só casal de cada espécie, não teriam sido extintos vários deles, visto se alimentarem uns dos outros?

Observe, caro leitor, que Noé descobriu o teto da arca, o que leva a crer que, neste período todo, ela estava totalmente fechada, em plena escuridão. Como viveram os que lá estavam – homens e animais –, neste período todo, sem a luz do sol, que sabemos ser necessária para a manutenção da vida?

> Gênesis 8,1: *"Ora, Deus lembrou-se de Noé, e de todos os animais e de todos os animais domésticos que estavam com ele na arca."*

Ainda bem que Deus lembrou-se, pois, se isto não tivesse acontecido, é bem provável que, até hoje, estaria ainda chovendo, o que faria que as águas transbordassem do planeta.

Encontramos, em nota de rodapé, a seguinte explicação nesse versículo: "*Dilúvio*, etapa da História da Salvação: **A narração do Dilúvio, uma lenda babilônica assumida pela Bíblia**, [...]. ([100]) (grifo nosso).

Ótimo! Até os tradutores dizem tratar-se o dilúvio de uma lenda babilônica e com o *nihil obstat*, i*mprimi potest* e

---

100 Bíblia Sagrada – Santuário, p. 13.

imprimatur, por parte da própria liderança católica, sancionando essa informação.

Gênesis 8,2-5: *"As fontes do abismo fecharam-se assim como as barreiras dos céus e foram retidas as chuvas. As águas foram-se retirando progressivamente da terra; e começaram a baixar depois de cento e cinquenta dias. No sétimo mês, no décimo sétimo dia do mês, a arca parou sobre as montanhas do Ararat. Entretanto as águas iam diminuindo pouco a pouco até o décimo mês; e no décimo mês, no primeiro dia do mês apareceram os cumes das montanhas."*

Provavelmente, imaginam a arca encalhada no monte Ararat conforme essa imagem acima; porém, ele é bem assim, todo coberto de gelo:

Se está coberto de gelo, certamente, é pelo motivo de

se elevar a 5.165 metros de altura – Grande Ararat, onde as condições atmosféricas são totalmente inóspitas, com baixa temperatura. A questão é: Seria possível sobreviver àquela altitude, com temperatura baixa e ar rarefeito, toda uma turma, que passou mais de um ano confinada dentro de uma arca?

"As águas foram retirando-se progressivamente da terra"; para onde elas foram? Não evaporaram, pois cairiam novamente em forma de chuvas, já que as nuvens estariam sobrecarregadas de vapor d'água. Teriam escorrido para fora do planeta Terra? Talvez, apelando-se, por não se achar uma alternativa lógica para explicar a questão.

> Gênesis 8,20: *"E Noé levantou um altar ao Senhor: tomou de todos os animais puros e de todas as aves puras, e ofereceu-os em holocausto ao Senhor sobre o altar."*

É incrível que depois de todo sacrifício para salvar os animais, Noé, sem o mínimo de constrangimento, queima alguns deles em oferta ao "Senhor", ou seja, ao mesmo Deus que lhe ordenara conservá-los, guardando-os e mantendo-os vivos.

> Gênesis 8,21: *"O Senhor respirou um agradável odor, e disse em seu coração: 'Doravante, não mais amaldiçoarei a terra por causa do homem – porque os pensamentos do seu coração são maus desde a sua juventude –, e não ferirei mais todos os seres vivos, como o fiz'."*

Os animais oferecidos em sacrifício eram queimados

num altar por acreditarem que Deus se deliciasse em respirar o cheiro “agradável” de carne queimada como qualquer um de nós mortais. Aqui, novamente, Deus é de carne e osso, pois também respira e sente cheiro. Na fala do texto, entendemos que Deus, finalmente, por compreender que o homem tinha os pensamentos maus desde a juventude, coisa que parecia não saber quando o criou, se arrepende de o ter eliminado; então, promete não mais ferir os seres vivos.

> Gênesis 9,2: *“Vós sereis objeto de terror e espanto para todo o animal da terra, toda a ave do céu, tudo que se arrasta sobre o solo e todos os peixes do mar: eles vos são entregues nas mãos.”*

Bom, deve ter havido algum engano, pois, se um leão faminto estiver em nossa frente, ele não vai tremer por estarmos diante dele; com certeza, depois de comer-nos, vai deitar-se e roncar feliz da vida.

> Gênesis 9,12-15.17*: “Deus disse: ' Eis o sinal da aliança que eu faço convosco e com todos os seres vivos que vos cercam, por todas as gerações futuras. Ponho o meu arco nas nuvens, para que ele seja o sinal da aliança entre mim e a terra. Quando eu tiver coberto o céu de nuvens por cima da terra, o meu arco aparecerá nas nuvens, e me lembrarei da aliança que fiz convosco e com todo ser vivo de toda a espécie e as águas não causarão mais dilúvio que extermine toda criatura”. Dirigindo a Noé, Deus acrescentou: 'Este é o sinal da aliança que faço entre mim e todas as criaturas que estão na terra'.”*

Como antes Deus quase Se esqueceu que Noé estava na

arca durante o dilúvio, e para não correr o risco de esquecer-se da aliança que agora fazia com Noé, resolve colocar um arco nas nuvens, assim como fazem as pessoas que amarram fitinhas nos dedos para não se esquecerem de algo que não podem deixar de fazer.

Afinal, sabe, caro leitor, que arco é esse? Não?! Então vamos ver o que é na versão da Bíblia Sagrada, Editora Vozes:

> Gênesis 9,14.16: "*Quando cobrir de nuvens a terra, aparecerá o arco-íris. Quando* ***o arco-íris*** *estiver nas nuvens eu o olharei como recordação da aliança eterna entre Deus e todos os seres vivos, com todas as criaturas que existem sobre a terra."* (grifo nosso)

É isto mesmo; o famoso arco-íris, um fenômeno natural, que aparece no céu após uma chuva, com o raio do sol refletindo nas águas das nuvens e se decompondo em sete cores principais. Ele é um arco multicolorido, cuja ordem completa é: vermelho, laranja, amarelo, verde, azul, anil (ou índigo) e violeta ([101]). Isso também é obtido usando-se um prisma de cristal; mas Deus ainda não tinha conhecimento disto; não é mesmo?

> Gênesis 9,28-29: *"Noé viveu ainda depois do dilúvio trezentos e cinquenta anos; a duração total da vida de Noé foi de novecentos e cinquenta anos, e morreu."*

Entre outros de "longa vida", temos Noé com 950 anos, frontalmente contra as perspectivas dos cientistas que colocam

---

101 Link; http://pt.wikipedia.org/wiki/Arco-%C3%ADris.

a vida humana bem abaixo disto, com um tempo próximo ao que se diz nesta narrativa bíblica:

> Gênesis 6,3: *"O Senhor então disse: 'Meu espírito não permanecerá para sempre no homem, porque todo ele é carne, e* ***a duração de sua vida será só de cento e vinte anos****'."* (grifo nosso)

É de se perguntar: será que Deus não se lembrou de Noé e ele conseguiu ultrapassar a duração da vida que Ele tinha fixado em 120 anos?

Como conclusão, podemos verificar que existem fatos narrados na Bíblia que fogem ao censo lógico e científico. Não deixando de citar as adulterações efetuadas, como no caso do arco-íris, que não consta da Bíblia editada pela Editora Ave-Maria, sabe-se lá porque motivos. Assim, podemos aceitar que a história de Noé, como relatada, é fantasiosa. Entretanto, como a questão do dilúvio parece constar da cultura de outros povos, poderemos até aceitá-lo; mas somente se ele tiver sido algo localizado e não sobre a Terra inteira.

E para confirmar que a história de Noé não passa de uma lenda, vamos ver o que consta da *Revista Galileu* nº. 115:

> **As raízes de Noé**
>
> **Lendas sobre grandes dilúvios estão espalhadas entre diferentes culturas. Estima-se que cerca de 300 histórias desse tipo já tenham sido registradas.** A de Noé, no entanto, é a mais famosa na civilização ocidental.
>
> **Estudiosos apontam que o Dilúvio, parte do livro**

> **do Gênesis, tenha sido escrito entre 550 a.C. e 450 a.C., período em que os judeus mais influentes de Jerusalém foram aprisionados na Babilônia**. "O Gênesis cumpria o papel de reforçar a identidade desse povo", explica Fernando Altemeyer, professor de teologia da PUC. Inspirado na literatura babilônica, o livro mostrava que os judeus tinham uma história e um passado respeitável e deveriam buscar seu futuro a partir daqueles ensinamentos de seus antepassados.
>
> **A história de Noé tem muito em comum com um poema babilônico escrito por volta de 1600 a.C., que faz parte do Épico de Gilgamesh**. O poema trata de um rei mítico chamado Atrahasis, que é avisado a tempo pelos deuses de que um dilúvio está prestes a destruir a humanidade. Atrahasis constrói então uma enorme embarcação, e nela coloca sua família, seus pertences e alguns animais. As semelhanças entre o Gênesis e Gilgamesh são muitas. A lenda babilônica, por sua vez, também não é original, mas baseada em uma história suméria cerca de mil anos mais antiga, provavelmente assimilada pelos babilônicos durante a conquista da região.
>
> **A versão babilônica não influenciou somente o Antigo Testamento**. Entre os gregos, a lenda era muito popular, pois eles mesmos já tinham presenciado a fúria das águas devido à erupção de um vulcão no século 15 a.C. Dos gregos, a história passou aos romanos, e dessa vez, quem assume a autoria do dilúvio é o deus Júpiter, enfurecido com a má conduta humana. ([102]) (grifo nosso)

Já tínhamos dado por terminado esse texto, mas encontramos fatos novos que merecem ser incluídos neste

---

102 FERRONI, 2001, p. 55-61.

estudo, pois, ao consultar a palavra dilúvio no *Dicionário Bíblico Universal*, vimos confirmar muito do que já dissemos; veja:

> **Os “dilúvios” extrabíblicos**
>
> As mitologias populares, constatando inundações catastróficas das quais escaparam alguns raros preferidos dos deuses, são inúmeras. A literatura babilônica, que oferece um conjunto de textos referindo-se a um “dilúvio” ao qual teria escapado uma família, graças a uma “arca”, é apenas um exemplo.
>
> Este poema é chamado “epopeia de Gilgamesh”: uma versão sumérica e duas recensões acádicas chegaram até nós. **As semelhanças entre as aventuras de Gilgamesh e as de Noé são impressionantes: a decisão de destruir a humanidade, o aviso feito a um homem para construir uma barca e embarcar nela animais, soltar aves quando as águas abaixassem, oferecer um sacrifício depois de passada a catástrofe e a bênção divina, tudo é idêntico.**
>
> Mas existem diferenças significativas; segundo o relato bíblico, Javé é um deus único, enquanto que todos os deuses babilônicos se agitam no texto paralelo; e, mais ainda, o dilúvio não se deve à malvadez ou à inveja de Javé, mas é um castigo da humanidade pecadora, querido por Deus. ([103]) (grifo nosso)

É importante ressaltar um trecho dos comentários colocados, neste dicionário, após a explicação sobre o dilúvio; vejamo-lo:

---

103 MONLOUBOU e DU BUIT, 1996, p. 197.

> **O texto bíblico do dilúvio é a versão israelita do mito babilônico**. O original foi expurgado do politeísmo que o impregnava e utilizado por uma fé monoteísta e um sentido bem aperfeiçoado da divindade.
>
> A bênção que Deus Enlil concedeu a Ut-napishtim foi transposta para uma bênção de Javé a Noé; a promessa de não mais destruir a humanidade também foi conservada. Mas o relato bíblico exprime duas teses que são pontos essenciais da fé javista: a eleição e a aliança. ([104]) (grifo nosso)

Assim, se confirma, mais uma vez, que os mais sérios estudiosos estão conscientes que o dilúvio não passa de uma versão israelita do mito babilônico, como temos visto desde o início desse estudo.

---

104 MONLOUBOU e DU BUIT, 1996, p. 197.

Torre de Babel: o carro na frente dos bois

> *Pior que a mais completa ignorância é quando se acredita em tudo que se fala ou se escreve, sem ao menos se dar ao trabalho de fazer uma mínima análise crítica.*

Em nossos estudos, sobre os mais variados temas bíblicos, sempre encontramos alguns que nos chamam mais a atenção, quer por se classificar entre os mais falados quer por ser inusitado. Alguns ficam insistentemente como que martelando em nosso pensamento, que só saem quando resolvemos fazer um estudo sobre eles. Se isso é inspiração não sabemos, mas que sentimos como algo fora de nós, isso sim.

O nosso tema de agora é sobre a tão famosa Torre de Babel, que, segundo a Bíblia, deu o início à multiplicidade de línguas faladas na terra, como resultado do castigo Divino a seus construtores. Analisemos, então o texto bíblico.

Colocaremos o trecho um pouco mais longo do que poderia parecer necessário, pois há algo importante nele que comentaremos oportunamente. Vamos empregar reticências naquilo que não julgamos, no momento, ser útil em relação ao nosso propósito.

Leiamos os capítulos 10 e 11 do Gênese, cujo objetivo é relacionar toda a descendência de Noé a Abraão, os quais

dividiremos em três partes.

1ª Parte – Gênesis 10,1-32:

"Esta é a descendência dos filhos de Noé: ***Sem, Cam e Jafé****, que tiveram filhos depois do dilúvio.*

Filhos de Jafé*: Gomer, Magog, Madai, Javã, Tubal, Mosoc e Tiras. [...] Foi destes que se separaram as* ***populações das ilhas, cada qual segundo o seu país, língua****, família e nação.*

Filhos de Cam: *Cuch, Mesraim, Fut e Canaã. [...] Cuch gerou Nemrod, que foi o primeiro valente na terra. [...] As capitais do seu reino* ***foram Babel****, Arac e Acad, cidades que estão todas na* ***terra de Senaar****. Dessa terra saiu Assur, que construiu Nínive, Reobot-Ir, Cale e Resen, entre Nínive e Cale. Esta última é a maior. [...] Esses foram os filhos de Cam,* ***segundo suas famílias e línguas****, terras e nações. [...].*

Filhos de Sem*: Elam, Assur, Arfaxad, Lud e Aram. [...] Jectã gerou Elmodad, Salef, Asarmot, Jaré, Aduram, Uzal, Decla, Ebal, Abimael, Sabá, Ofir, Hévila e Jobab; todos esses são filhos de Jectã. Eles habitavam desde Mesa até Sefar, a montanha do oriente. Foram esses os filhos de Sem,* ***conforme suas famílias e línguas****, suas terras e nações. [...]."* (grifo nosso)

2ª Parte Gênesis 11,1-9:

"O mundo inteiro falava a mesma língua*, com as mesmas palavras. Ao emigrar do oriente, os homens encontraram uma planície no país de* ***Senaar****, e aí se estabeleceram. E disseram uns aos outros: 'Vamos fazer tijolos e cozê-los no fogo!' Utilizaram tijolos em vez de pedras, e piche no lugar de argamassa. Disseram: 'Vamos construir uma cidade e uma torre que chegue até o céu, para ficarmos famosos e não nos*

dispersarmos pela superfície da terra'. Então Javé desceu para ver a cidade e a torre que os homens estavam construindo. E Javé disse: 'Eles são um povo só e falam uma só língua. Isso é apenas o começo de seus empreendimentos. Agora, nenhum projeto será irrealizável para eles. ***Vamos descer e confundir a língua deles****, para que um não entenda a língua do outro'. Javé os espalhou daí por toda a superfície da terra, e eles pararam de construir a cidade. Por isso, a cidade recebeu o nome de Babel, pois foi aí que Javé confundiu a língua de todos os habitantes da terra, e foi daí que ele os espalhou por toda a superfície da terra."* (grifo nosso)

3ª Parte Gênesis 11,10-32:

"Esta é a descendência de Sem*: Quando Sem completou cem anos, gerou Arfaxad, dois anos depois do dilúvio. Depois do nascimento de Arfaxad, Sem viveu quinhentos anos, e gerou filhos e filhas. [...] Quando Taré completou setenta anos, gerou Abrão, Nacor e Arã. [...] Abrão e Nacor se casaram: a mulher de Abrão chamava-se Sarai; a mulher de Nacor era Melca, filha de Arã, que era o pai de Melca e Jesca. Sarai era estéril e não tinha filhos. Taré tomou seu filho Abrão, seu neto Ló, filho de Arã, e sua nora Sarai, mulher de Abrão. Ele os fez sair de Ur dos caldeus para que fossem à terra de Canaã; mas, quando chegaram a Harã, aí se estabeleceram. [...]."* (grifo nosso)

Essa divisão foi necessária, pois por ela dá para se desconfiar que o texto correspondente à segunda parte, exatamente o que fala da Torre de Babel, é uma interpolação, uma vez que, ele corta a sequência natural do que vinha sendo narrado, que trata da descendência de Noé até Abraão, inclusive, pela Bíblia de Jerusalém ela recebe o título de: DO

DILÚVIO A ABRAÃO. Isso é uma ocorrência que já tínhamos visto em outras oportunidades (ver vv de 3 a 10 em Mt 27,1-26 e vv de 12 a 16 em Jo 11,1-44), fazendo-se, portanto, lugar-comum na Bíblia. Não nos perguntem com qual intenção, pois não saberemos responder exatamente o porquê disso. Entretanto, nos parece que o objetivo é que com esses enxertos nos textos bíblicos, formam base de apoio para neles sustentar crenças, em alguns casos, e dogmas em outros.

Cumpre-nos esclarecer que, segundo o texto, foi a descendência de Cam que se instalou na região de Senaar (Gênesis 10,10). Para a qual encontramos a seguinte explicação: "*Região de Senaar* é a antiga Mesopotâmia Inferior, hoje Iraq, onde os dois rios, Tigre e Eufrates, se aproximam até uns 40 km entre si antes de lançar suas águas no golfo Pérsico." ([105])

Vejamos o que encontramos para explicar essa passagem:

> * *Babel*. Nome hebraico de Babilônia. Só em Gn 11,2 aparece como **"terra de Senaar",** onde os descendentes de Sem começaram a construir a torre que faria seus nomes famosos. Por causa de seu orgulho Deus os confundiu e os espalhou pela terra. Seguindo a etimologia popular, os hebreus associaram a palavra Babel à palavra hebraica correspondente a "confusão"; mas sabe-se, hoje, que o verdadeiro significado de Bab-el é "porta do deus". ([106]) (grifo nosso)

---

105 Bíblia Sagrada – Paulinas, 1980, p. 35.

106 Dicionário Prático Barsa, p. 29.

* A tradição se interessou pelas ruínas de uma dessas altas torres em andares, de um **zigurate** que se construía na Mesopotâmia como símbolo da montanha sagrada e repositório da divindade. Os construtores teriam desse modo procurado um meio de encontrar seu deus. Mas o autor do relato bíblico vê nisso iniciativa de orgulho insensato. Este tema da torre combina com o da cidade: é condenação da civilização urbana (cf. 4,17+). ([107]) (grifo nosso)

* Vários temas se mesclam neste breve e famoso relato. Um eco da rebelião dos titãs que tentaram escalar o céu; uma etiologia sobre a multiplicidade atual das línguas; uma crítica política. As línguas se multiplicaram como castigo de Deus, para que os homens não se entendam em seus planos soberbos – paranomásia popular com o nome de Babel. A cultura urbana, que poderia ser centro de convivência pacífica, desperta o desejo de domínio imperialista – crítica a Babilônia. **A pirâmide sagrada ou zigurate**, vista como a torre do assalto humano ao céu; mas que não chega, de modo que Deus deve descer para vê-la. A subida acaba em caída, a concentração em dispersão, o nome famoso em nome infamante. A maldição será anulada no dia de Pentecostes (At 2). ([108]) (grifo nosso)

* Babel (Torre de) - Etim. Acádica: porta de Deus.

Narrada no mesmo tom poético dos relatos que precedem, **a anedota da Torre de Babel** (Gn 11, 1-9) quer traduzir em imagens uma profunda verdade, útil a toda a humanidade.

O relato tem origem popular: a aproximação etimológica de Babel e o hebraico *babal*, “confundir,

---

107 Bíblia de Jerusalém, p. 48.

108 Bíblia do Peregrino, p. 29.

> misturar" **é fictícia**. O relato é composto de elementos arcaicos: Deus fica com receio dos projetos humanos e tem ciúme de suas façanhas (v. 6-7). O ponto de partida são as torres grandiosas, em forma de pirâmide, que os habitantes da Mesopotâmia erguiam ao lado de seus templos, **as *ziggurat***. A da Babilônia deveria ter, na base, mais de 90m de lado, e uma altura equivalente. Escadas ou rampas a contornavam, levando a terraços de dimensões progressivamente menores. No vértice se achava um santuário. **A *Ziggurat* da Babilônia se chamava *Etemenanki***, "casa em cima da qual são construídos o céu e a terra"; e se relacionava com a *Esagil*, "casa daquele que ergue a cabeça", **templo do deus Marduc**.
>
> Essas torres representam, de forma convencional, **as montanhas onde as civilizações primitivas situavam seus santuários e que consideram como o local da morada divina** (cf. o v. 4). Assim a torre se tornava a escada que permitia aos homens subir até Deus (cf. Gn 28,11-19).
>
> **Como talvez tivessem visto uma ou outra ziggurat inacabada ou já danificada pelas intempéries, os autores bíblicos viram nela o símbolo da vã pretensão dos homens** a rivalizar com Deus (comparar Gn 3,3-5; Is 14,12-15; Ez 28,2-10.14-19), obstinados a organizar a sociedade independentemente do verdadeiro Deus, tendo como referência só esses ídolos que são afinal de contas apenas os espelhos onde o homem fita a própria imagem. ([109]) (grifo nosso)

Como citado acima, não só os babilônicos, mas também os hebreus adoravam a Deus nos montes. Ver, por exemplo:

---

109 MONLOUBOU e DU BUIT, 1996, p. 78.

Abraão constrói um altar e invoca o nome de Javé numa montanha (Gênesis 12,8); ao lhe ordenar que sacrificasse seu filho Isaac, Deus recomenda-o subir à montanha (Gênesis 22,14); Moisés chega ao Horeb (Sinai), a montanha de Deus (Êxodo 3,1), onde aconteceu o fenômeno da sarça é nesse local que Deus manda o povo O servir (Êxodo 3,12), é lá que se edifica um altar e onde também se recebe os Dez Mandamentos (Êxodo 24,12), fato também acontecido com Jesus que sempre procurava os montes para orar e onde fazia suas pregações. Conhecemos o famoso Sermão do Monte dito, obviamente num monte, (Mateus 5,1), são nominalmente citados o da Oliveira e o Tabor.

Aqui também percebemos que os teólogos tentam, de todas as maneiras, manter seus dogmas, já que têm conhecimento dos fatos, mas fingem não conhecê-los e pior é que mantêm o povo na ignorância, uma vez que não falam a verdade.

No site *Portal dos Deuses*, no artigo "Tábuas e Barras Mesopotâmicas", encontramos informações que confirmam isso, leiamos:

> **Inferências**: O "Gênesis e o Antigo Testamento Bíblico" são comuns a todas as religiões judaico-cristãs. É o que se encontra impresso na "A BÍBLIA" - das edições Paulinas: – recomendação – assinada por D. Luciano Mendes de Almeida, Presidente da **CNBB** – Arcebispo de Mariana. E pelo Bispo Primaz da Igreja Episcopal Anglicana do Brasil e Presidente do Conselho Nacional de Igrejas Cristãs - Glauco S. de Lima (Lima

em assinatura pouco compreensível).

Na “Introdução” ao GÊNESIS encontra-se:

> **As Fontes**: Ao contarem as origens do mundo e da humanidade, os autores bíblicos não hesitaram em haurir, direta ou indiretamente, das tradições do Antigo Oriente Próximo. As descobertas arqueológicas de aproximadamente um século para cá, mostram que existem muitos pontos comuns entre as primeiras páginas do GÊNESIS e determinados textos líricos, sapienciais ou litúrgicos da Suméria, da Babilônia, de Tebas ou Ugarit. Este fato nada tem de estranho quando se sabe que a terra em que Israel se instalou era aberta às influências estrangeiras e que o povo de Deus manteve relações com seus vizinhos. Mas os progressos da arqueologia revelam igualmente que os escritores bíblicos, responsáveis pelos primeiros capítulos do GÊNESIS, não foram imitadores servis. Souberam trabalhar as suas fontes, repensá-las em função das tradições específicas do seu povo, enfatizando a originalidade da fé javista. ([110]) (grifo do original)

Está aí a confirmação de quem sabe que muitas coisas da Bíblia são produto de tradições de outros povos.

O que diz a Arqueologia? Vejamos o que encontramos a esse respeito:

> Os pesquisadores alemães tiveram de retirar trinta mil metros cúbicos de entulho para descobrir uma parte do **templo de Marduck**, no Eufrates, o qual foi

---

110 Portal dos Deuses (site), link: http://tantettaus.blogspot.com/2013/03/tabuas-e-barras-mesopotamicas.html

reconstruído sob Nabucodonosor. A obra, juntamente com os anexos, ocupava uma superfície de quatrocentos e cinquenta por quinhentos e cinquenta metros! Em frente ao templo erguia-se a **Zigurate**, **a torre do santuário de Marduck**.

"Vinde, façamos tijolos e cozamo-los no fogo. E Serviram-se de tijolos em vez de pedras, e de betume em vez de cal traçada; e disseram: vinde, façamos para nós uma cidade e uma torre, cujo cimo chegue até o céu; e tornemos célebre o nosso nome" (Gênese 11.3,4).

Até a técnica de construção da torre de Babel descrita na Bíblia corresponde aos resultados das pesquisas. Na construção, revelaram as pesquisas, foram, com efeito, empregados somente tijolos betumados, sobretudo nos alicerces. Isso se fez evidentemente por motivos de segurança do edifício. Pois nas construções perto do rio era preciso levar em conta as enchentes regulares e a permanente umidade. Com "betume", isto é, asfalto, os muros se tornavam impermeáveis e resistentes.

O início da construção é referido no Gênese, tendo lugar, portanto, antes do tempo dos patriarcas. Abraão viveu por volta do século XIX a.C., segundo se conclui dos achados feitos em Mari. Uma contradição? A história da torre *"cuja ponta chegava até o céu"* remonta a um passado obscuro. Mais de uma vez ela foi destruída e reconstruída. Depois da morte de Hamurabi, os hititas tentaram arrasar a imensa construção. Nabucodonosor renovou-a apenas.

Quatro escalões, "quatro blocos quadrados", se elevavam uns sobre os outros. A tabuinha de um "arquiteto" encontrada no templo estabelece que o comprimento, a largura e a altura deviam ser absolutamente iguais e que só os terraços deviam ter dimensões diferentes. As medidas da tabuinha dão para

> os lados da base um pouco mais de oitenta e nove metros. Os arqueólogos mediram noventa e um metros e meio. A torre devia ter, portanto, uns noventa metros de altura.
>
> A torre de Babel servia também a um culto sinistro. Heródoto informa a esse respeito: “Sobre a última torre (refere-se ao escalão superior) há um espaçoso templo, e dentro dele um sofá de tamanho incomum, ricamente adornado, com uma mesa de outro ao lado. Não há estátua de qualquer espécie no lugar, nem a câmara é ocupada à noite senão por uma única mulher babilônia, escolhida para si pela divindade entre todas as mulheres do país. Declaram eles também – mas eu por mim não lhes dou crédito – que o próprio deus desce em pessoa a essa câmara e dorme no sofá. Essa história é como a que me contaram os egípcios sobre o que acontece na sua cidade de Tebas, onde uma mulher também passa a noite no templo do Zeus tebano…” ([111]) (grifo nosso)

A versão da história é completamente diferente da dos teólogos. Aqui nada mais é que um templo religioso dos babilônios. A essa complexa construção que os autores bíblicos viriam como sendo uma ousadia dos homens em querer chegar ao céu, lugar onde presumiam ser a morada de Deus.

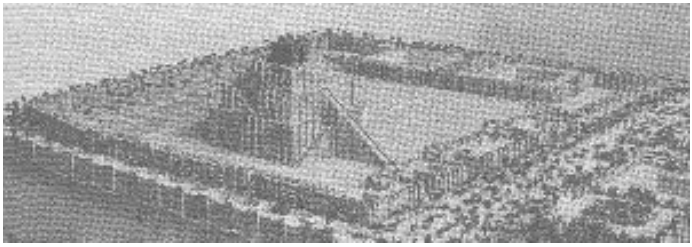
Levantamos uma informação interessante na Internet, site *Angelfire*, leiamos:

> A TORRE DE BABEL
>
> Etemananki, ou Torre de Babel, era o principal zigurate da Babilônia e o ponto mais importante da cidade. Cidades dos tempos sumérios, babilônicos e

111 KELLER, 2000, p. 314-315.

assírios possuíam zigurates, ou torres construídas em andares, de vários tamanhos. Erguendo-se a cerca de 91 metros de altura, o Etemananki foi o maior e mais imponente zigurate já construído. Ele dominava os céus da cidade e era o centro da vida religiosa na Babilônia. Etemananki significa “apedra de fundação do céu e da terra”.

O Etemananki começou a ser construído pelo rei Nabopolassar e foi completado por seu filho Nabucodonossor.



Vista esquemática do zigurate de Marduk na Babilônia, o Etemananki

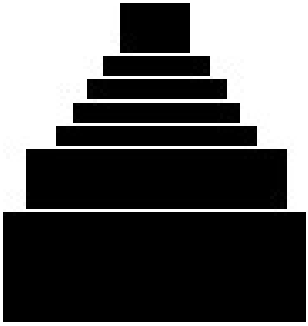
FINALIDADE

Em primeiro lugar, um zigurate não é uma pirâmide: a) zigurates têm andares, e são construídos em estágios, enquanto que uma pirâmide é triangular e de quatro lados; b) um zigurate tem função religiosa, enquanto que a pirâmide é um túmulo para um rei ou pessoa de importância; c) pirâmides são do Egito, enquanto que zigurates são encontrados na Mesopotâmia, América do Sul (incas) e Ásia.

O Etemananki era um prédio religioso, com um templo dedicado a Marduk, o Deus principal da Babilônia, representando o poder deste Deus. No topo estava localizado este templo, onde o rei Nabucodonossor principalmente, tomou parte em muitos rituais.

O templo tinha outros usos, como uma plataforma de observação para os astrônomos fazerem suas medições e observações. Também era usado como ponto de observação para proteção da cidade e arredores.

Etemananki consistia de sete estágios e um templo, algumas vezes chamado de oitavo estágio.



Planta dos andares (vistos a partir do lado Sul)

Fonte: ([112]).

Samuel Noah Kramer (1897-1990), por sua vez, em *Mesopotâmia – berço da civilização*, informa:

Uma torre para rivalizar com o céu

Só pelo seu tamanho a Torre de Babel se tornou a maior maravilha arquitetônica do mundo antigo. Uma vasta pirâmide de muitos níveis, encimada por um **templo dedicado ao deus Marduk**, lançava-se a mais de cem metros de altura sobre o terreno ao redor. A sua base, com mais de 100 metros de cada lado, assentava-se num pátio com cerca de 560 metros quadrados; nos

112 Angelfire (Site), link:
http://www.angelfire.com/me/babiloniabrasil/torredebabel.html

> muros que fechavam o recinto havia depósitos e aposentos para sacerdotes.
>
> **A originária Torre de Babel, referida no Livro do Gênesis como o epítome da vaidade humana, foi construída centenas de anos antes do reinado de Nebuchadrezzar**. No decurso dos séculos, foi destruída, reconstruída e destruída novamente. A sua última restauração, iniciada por Nabopolasar. foi concluída pelo seu filho, o próprio **Nebuchadrezzar, que ordenou aos arquitetos reais "erguerem a Torre a uma altura em que ela pudesse rivalizar com o céu"**.
>
> Mesmo depois que Babilônia foi devastada pelos persas, a Torre continuou a fascinar a imaginação dos homens. Alexandre, o Grande, que ocupou a cidade arruinada em 331 a.C., planejou reconstruí-la como um monumento à sua conquista, mas calculou que só para a retirada dos escombros teriam de ser empregados 10.000 homens durante dois meses. A tarefa era demasiadamente grande e a gigantesca edificação foi se esboroando e ruindo através dos tempos. ([113]) (grifo nosso)

Não eram só os babilônicos que construíram torres, leiamos o que nos informa o norte-americano James Hillman (1926-2011), psicólogo e conferencista internacional:

> Existem muitíssimos mitos das origens; não da origem da língua, mas da construção de uma torre que chegue a tocar o céu – os Nyambos têm uma no México, em Cholula, e, ainda no México os Toltecas têm uma também, também se apresenta entre os Cuki em Assam e entre os Karen na Birmânia: se trata sempre de

113 KRAMER, 1983, p. 162.

> manifestações de hybris, de soberba, de arrogância, da tentativa de escalar e de agredir a potência de Deus… ([114]).

Pelo que observamos na Bíblia, a origem da grande diversidade de línguas do mundo foi proveniente de um castigo de Deus, cujos textos, entretanto nos apontam para a unicidade da língua nos tempos remotos. Situação que só mudou quando os homens se atreveram em construir uma torre que pudesse chegar ao céu. Isso foi o bastante para atiçar a ira divina e o castigo não tardou a chegar: confundiu-lhes a língua. Como ninguém mais entendia ninguém, tiveram que parar a construção desse ambicioso projeto.

Interessante é que nessa anedota, repetindo o que disseram antes, Deus parece estar com medo do homem conseguir tal feito. Mas como? Se a uma altura de, aproximadamente, 10.000 metros o homem não consegue sobreviver, por falta de oxigênio, será que Deus não sabia disso? Como se não bastasse, a altura dessas torres era de cerca de 90 metros, então, como justificar que iriam alcançar o céu?

Veja o exemplo da torre de Babel:

---

114 HILLMAN, link: http://www.rubedo.psc.br/artigosb/babel.htm

http://pintoresfamosos.juegofanatico.cl/images/bruegel/torre_babel.jpg

Se uma torre de 90 metros de altura poderia chegar ao céu, imagine nos tempos de hoje que existe um prédio com 508 metros de altura. Veja:

> **Taiwan inaugura prédio mais alto do mundo, com 508m de altura**

TAIPEI – Uma multidão compareceu à inauguração do edifício Taipei 101, uma construção de 508 metros de altura e 101 andares, que abrigam escritórios, um shopping e um observatório.

A construção custou US$ 1,7 bilhão e os administradores do Taipei 101 pretendem alugar metade das salas de escritório do edifício até o fim do ano.

O Taipei 101 supera as Torre Petrona, de Kuala

Lumpur, na Malásia. As torres, que têm 452 metros de altura, eram tidas como o edifício mais alto do mundo.

No entanto, há controvérsias quanto ao fato do Taipei 101 ser de fato a construção mais alta do mundo.

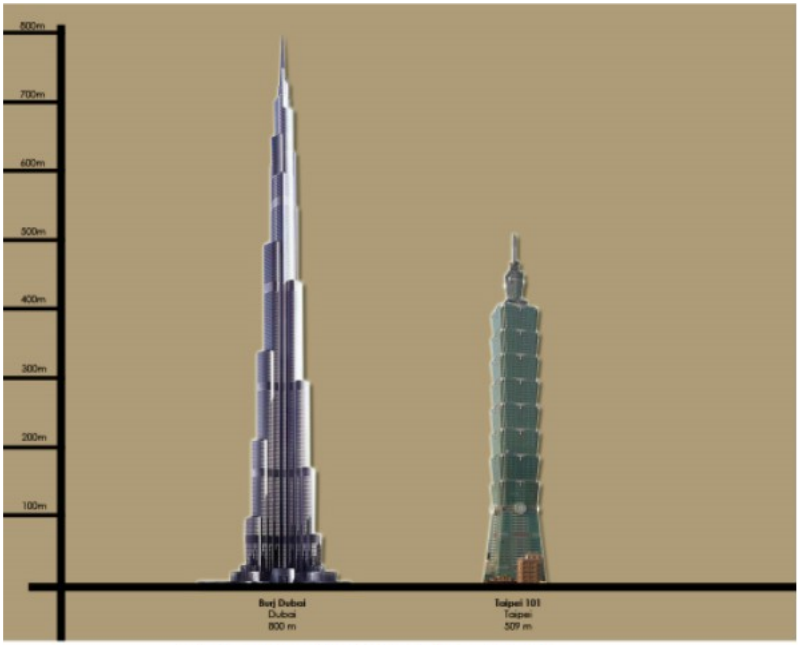
> No mês passado, o Conselho de Edifícios Altos e Habitats Urbanos disse que a construção de Taiwan não havia atendido a todos os pré-requisitos para ser considerado o mais alto prédio do mundo.
>
> Ron Klemencic, o presidente da organização, diz que, para que um edifício pleiteie essa posição, é preciso que primeiro seja ocupado e esteja em uso. ([115])

E, ao que parece, a corrida pelo prédio mais alto do mundo não acabou, pois em Xangai, na China, o prédio do Centro Financeiro Mundial, está em construção, e, segundo seus construtores, ocupará o primeiro lugar.

Mas, ao que parece, foi pura ilusão, pois quem desponta na frente é o Edifício Burj Dubai, inaugurado em 04.01.2010, com 828 metros de altura. Veja a comparação com o Taipei 101:

---

115 Links: https://pt.wikipedia.org/wiki/Lista_dos_arranha-c%C3%A9us_mais_altos_do_mundo e http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/story/2003/11/031114_edificiobg.shtml



http://www.taipei-101.info/taipei-101-burj-dubai.jpg

Já sabemos que, você leitor, deve estar intrigado com relação ao título desse estudo. Correto, deixamos de propósito para o final. Gostaríamos que voltasse lá no início quando colocamos os textos bíblicos; observe bem o que fizemos de destaque neles. Notou que há versículos falando da descendência dos filhos de Noé onde está dito que, em cada uma delas, já se falava segundo suas línguas (Gênesis 10,4.20.31)? Então, como explicar que depois disso, no episódio da torre de Babel, se fala que a partir dele é que os homens passaram a ter várias línguas? A descendência de Cam (Gênesis 10,10) é que foi habitar essa região, mas também ela está entre os que anteriormente já falavam várias línguas (Gênesis 10,20). Como ficamos diante disso? Esperamos que

com isso tenhamos lhe respondido a questão do “carro na frente dos bois”.

Sodoma e Gomorra: castigadas por Deus?

> Sabemos que a ignorância campeia desenfreada e para os que vivem nela mergulhados admitimos a aceitação de postulados antigos, hoje completamente destruídos pela ciência oficial. (MELO)
>
> Não se deve aceitar qualquer ideia que nos vem dos livros, da tradição, da autoridade da Igreja, nenhuma deve ser aceita a não ser que resista a um exame rigoroso. (DESCARTES)

Quem lê o Antigo Testamento, sem a viseira imposta pela teologia tradicional, certamente verá que foram atribuídos a Deus comportamentos típicos de nós, os seres humanos, como ira, raiva e vingança. Somente uma pessoa totalmente bitolada, ou bem encabrestada por sua liderança religiosa, poderá admitir que tais sentimentos inferiores, próprios de seres atrasados, possam igualmente possuí-los a divindade. Curioso é que sempre nos afirmam que “Deus é amor”, inclusive, é uma expressão bíblica (1 João 4,8.16); então como Lhe atribuir coisas desse nível?

Queremos que nosso leitor veja isso, por si mesmo, no assunto que abordaremos agora.

Embora, provavelmente, todos nós conheçamos a história onde, segundo os autores bíblicos, Deus, por castigo, destrói as cidades de Sodoma e Gomorra, vale a pena acompanhar a narração bíblica. Para isso transcreveremos

alguns trechos bíblicos, em relação aos quais teceremos os nossos comentários, esperando que você, caro leitor, possa também ver quanta coisa absurda há neles.

> **Gênesis 13,13:** "*Ora, os homens de* ***Sodoma*** *eram maus e grandes pecadores contra o Senhor."* (grifo nosso)

Em outras versões bíblicas em vez de "homens" encontramos que foram os "habitantes", o que amplia sobremaneira os "culpados", pois assim estariam incluídas as mulheres e, obviamente, também as crianças e, como não há nenhuma exclusão, pasmem, até mesmo os bebês de colo. Ao que nos parece, os tradutores deveriam definir quem eram, na verdade, os criminosos e pecadores, para que se estabeleça a justiça. Como tal castigo atingiu gente inocente, então o que foi dito sobre Deus está furado? Veja: *"Tu, porém, és justo, e governas todas as coisas com justiça. Consideras incompatível com o teu poder condenar alguém que não mereça castigo."* (Sabedoria 12,15).

Chamamos sua especial atenção quanto ao nome da cidade, uma vez que aqui se atribuem tais coisas apenas aos que moravam em Sodoma, mas, como veremos mais adiante, os habitantes de outras cidades também foram castigados. A pergunta é: foram castigados mesmo não sendo criminosos e pecadores? É desnecessário repetir o que, por último, dissemos no parágrafo anterior.

Sobre essa cidade nos informam: "Sodoma – a principal das cinco cidades da planície, cuja fertilidade rivalizava com a

do Egito, situada perto do Jordão e do Mar Morto (Gn 13,10), e tristemente célebre por suas iniquidades (Gn 13,13; 18,20; Is 3,9; Lm 4,6)". ([116])

> **Gênesis 14,10:** "*Ora, o vale de Sidim estava **cheio de poços de betume**; [...].*" (grifo nosso)

Betume, segundo o dicionário Houaiss é: "mistura, escura e viscosa, de hidrocarbonetos pesados com outros compostos oxigenados, nitrogenados e sulfurados; usado como impermeabilizante, na pavimentação de estradas, na fabricação de borrachas, tintas etc.; asfalto, pez mineral". Acreditamos que esse material é inflamável, o que poderia ocasionar um grande incêndio nessa região, desde que se manifestassem as condições necessárias para que ele pudesse ocorrer.

> **Gênesis 18,20-21:** "*Disse mais o Senhor: Porquanto o **clamor de Sodoma e Gomorra** se tem multiplicado, e porquanto o seu pecado se tem agravado muito, **descerei agora, e verei se em tudo têm praticado segundo o seu clamor**, que a mim tem chegado; e se não, sabê-lo-ei.*" (grifo nosso)

Os tradutores da Bíblia de Jerusalém, afirmam que "O Javista recolheu e transformou **uma velha lenda sobre a destruição de Sodoma**, na qual intervêm três personagens divinas". ([117]). Então, por que ainda se faz de tudo para que os fiéis acreditem que tudo isso foi fato verdadeiro?

---

116 Dicionário Prático, Barsa, p. 257.
117 Bíblia de Jerusalém, p. 56.

Aqui já nos aparece a cidade de Gomorra, sem que se tivesse afirmado nada sobre ela. É muito interessante que Deus, apesar de ser onisciente, não tivesse conhecimento daquilo que ocorria nessas duas cidades, precisando "descer" para ver pessoalmente. Mas e como fica a passagem que afirma que Deus contempla e vê todos os homens e discerne todos os seus atos (Salmo 33,13-15)? Não bastasse essa, ainda temos uma outra afirmando categoricamente que *"o espírito do Senhor enche o universo, dá consistência a todas as coisas e tem conhecimento de tudo o que se diz"* (Sabedoria 1,7), demonstrando que nada acontece sem que Deus o saiba.

Por outro lado, se entendermos clamor como reclamação ou queixa, fica-nos a interrogação: quem o fazia? Seriam os justos que viviam naquelas cidades? Foram as mulheres? Quem, afinal, não estava concordando com os crimes e pecados cometidos pelos que nelas moravam? Certamente quem fez isso tinha comportamento exemplar; mas, mesmo assim, mereciam ser mortos junto com eles?

> **Gênesis 18,26-32:** "*Então disse o Senhor: Se eu achar em* ***Sodoma cinquenta justos*** *dentro da cidade, pouparei o lugar todo por causa deles. [...] Disse ainda Abraão: Ora, não se ire o Senhor, pois só mais esta vez falarei. Se porventura se acharem ali dez? Ainda assentiu o Senhor: Por causa* ***dos dez*** *não a destruirei."* (grifo nosso)

Depois de Deus ter baixado à Terra e ver o que estava acontecendo, decidiu, literalmente, riscar do mapa a cidade de Sodoma. Uai, cadê Gomorra! Deus, apesar da dúvida, se devia

ou não contar a Abraão, resolve expor-lhe o Seu "plano maligno". Ao saber do plano, imediatamente o patriarca toma a defesa da cidade, e, de certa forma, repreende a Deus ao dizer: *"Longe de fazeres tal coisa: fazer morrer o justo com o pecador, de modo que o justo seja tratado como o pecador"! Longe de ti! Não fará justiça o juiz de toda a terra?* (Gênesis 18,25). O fato é tão absurdo que até mesmo foi reconhecido pelos tradutores da Bíblia de Jerusalém, que explicam: "Há mais injustiça em condenar alguns inocentes do que em poupar uma multidão de culpados". ([118])

A passagem citada é o momento em que Abraão defende os justos da cidade, conseguindo de Deus uma promessa que se nela fosse achado cinquenta justos Ele não a destruiria. Abraão pechinchando, consegue que Deus abaixe a dez o número dos justos, a fim de poupar todos os habitantes de Sodoma do "riscamento" do mapa. Foi um cara ousado, não é mesmo? Mas ficamos a pensar... e se Abraão resolvesse perguntar a Deus, deixando-O numa situação difícil: destruirá mais três cidades – Zeboim, Adma e Gomorra – por conta do pecado de Sodoma?

> **Gênesis 19,1-13:** "*À tarde* ***chegaram os dois anjos a Sodoma****. Ló estava sentado à porta de Sodoma e, vendo-os, levantou-se para os receber; prostrou-se com o rosto em terra, e disse: Eis agora, meus senhores, entrai, peço-vos, em casa de vosso servo, e passai nela a noite, e lavai os pés; de madrugada vos levantareis e ireis vosso caminho. Responderam eles: Não; antes na*

118 Bíblia de Jerusalém, p. 57.

> *praça passaremos a noite. Entretanto, Ló insistiu muito com eles, pelo que foram com ele e entraram em sua casa; e ele lhes deu um banquete, assando-lhes pães ázimos, e eles comeram. Mas* ***antes que se deitassem****, cercaram a casa os homens da cidade, isto é,* ***os homens de Sodoma****, tanto os moços como os velhos, sim, todo o povo de todos os lados; e, chamando a Ló, perguntaram-lhe: Onde estão os homens que entraram esta noite em tua casa? Traze-os cá fora a nós,* ***para que os conheçamos****. Então Ló saiu-lhes à porta, fechando-a atrás de si, e disse: Meus irmãos, rogo-vos que não procedais tão perversamente; eis aqui,* ***tenho duas filhas que ainda não conheceram varão; eu vo-las trarei para fora, e lhes fareis como bem vos parecer****: somente nada façais a estes homens, porquanto entraram debaixo da sombra do meu telhado. Eles, porém, disseram: Sai daí. Disseram mais: Esse indivíduo, como estrangeiro veio aqui habitar, e quer se arvorar em juiz! Agora te faremos mais mal a ti do que a eles. E arremessaram-se sobre o homem, isto é, sobre Ló, e aproximavam-se para arrombar a porta. Aqueles homens, porém, estendendo as mãos, fizeram Ló entrar para dentro da casa, e fecharam a porta; e feriram de cegueira os que estavam do lado de fora, tanto pequenos como grandes, de maneira que cansaram de procurar a porta. Então disseram os homens a Ló: Tens mais alguém aqui? Teu genro, e teus filhos, e tuas filhas, e todos quantos tens na cidade, tira-os para fora deste lugar;* ***porque nós vamos destruir este lugar, porquanto o seu clamor se tem avolumado diante do Senhor****, e o Senhor nos enviou a destruí-lo.”* (grifo nosso)

Muito estranha essa história de dois anjos, que acompanharam Deus em sua descida do céu, serem recebidos por Ló, que, após insistir, os convence a pernoitar em sua casa.

Só que os homens de Sodoma vão à casa de Ló exigir que os entregue para que eles os “conhecessem”. Conhecer aqui é um eufemismo empregado para esconder que os homens de Sodoma queriam, suas intenções eram ter relações sexuais com esses dois anjos. Mas será que seres carnais conseguiriam praticar um ato sexual com os anjos, que são seres espirituais? Meu Deus!

Diante dessa situação, qual foi a atitude de Ló? Bom, para evitar tal perversidade para com os anjos, esse “bondoso” pai oferece suas duas filhas, ainda virgens, aos “sedentos” homens, para que fizessem com elas o que quisessem. Será que algum pai faria isso para com suas filhas?

Entretanto, como esses anjos sabem se defender, o fazem ferindo de cegueira todos aqueles homens, e, ainda não satisfeitos, dizem a Ló, que destruirão toda a cidade, como se não tivessem ido para lá, justamente para fazer isso. Coitados dos que não estavam nessa torpe empreitada... Seriam mortos por algo que não fizeram. Que justiça!... E olhem a incoerência: a vingança tinha o objetivo de destruir “este lugar”, ou seja, Sodoma e não toda a região como relatam ter acontecido.

> **Gênesis 19,18-25:** “*Respondeu-lhe Ló: Ah, assim não, meu Senhor! Eis que agora o teu servo tem achado graça aos teus olhos, e tens engrandecido a tua misericórdia que a mim me fizeste, salvando-me a vida; mas eu não posso escapar-me para o monte; não seja caso me apanhe antes este mal, e eu morra. Eis ali perto aquela cidade, para a qual eu posso fugir, e é pequena. Permite que eu me escape para lá (porventura não é pequena?), e viverá a minha alma. Disse-lhe:*

> *Quanto a isso também te hei atendido, para não subverter a cidade de que acabas de falar.* ***Apressa-te, escapa-te para lá****; porque nada poderei fazer enquanto não tiveres ali chegado. Por isso se chamou* ***o nome da cidade Zoar****. Tinha saído o sol sobre a terra, quando Ló entrou em Zoar. Então o Senhor, da sua parte,* ***fez chover do céu enxofre e fogo sobre Sodoma e Gomorra****. E subverteu* ***aquelas cidades e toda a planície****, e todos os moradores das cidades, e o que nascia da terra."* (grifo nosso)

Curioso é que o anjo poupou da destruição a cidade de Zoar, porquanto Ló foi para lá, então por que não fez o mesmo com Sodoma porque ele morava lá, não é estranho isso? "Fez chover do céu enxofre e fogo" coisas que nos lembram algum fenômeno de ordem natural.

E, pior ainda do que pensávamos, não só Gomorra, mas também outras cidades foram destruídas, sem que fossem citadas como pervertidas, coisa que, pelas narrativas, só se atribui a Sodoma; que injustiça!

Encontramos a seguinte explicação para o versículo 24:

> É provável que Deus se tenha servido de **algum cataclisma natural para castigar a cidade pecadora. São frequentes nessas zonas**, isto é, na região meridional do mar Morto. As cidades teriam sido submergidas no mar, ao sul do mesmo, de acordo com os últimos dados dos trabalhos arqueológicos, em execução ainda atualmente no fundo marítimo. ([119]) (grifo nosso)

---

119 Bíblia Sagrada – Paulinas, 1980, p. 42.

O que não entendemos é que, apesar de admitirem que tal fato foi uma catástrofe natural, mesmo assim pregam que a destruição daquela região aconteceu por um "milagre" divino. E em relação ao enxofre e fogo, esclarecem-nos:

> Depósitos de enxofre e asfalto (ou betume, cf. 14,10) têm sido encontrados naquela região. **Possivelmente ocorreu um terremoto e relâmpagos provocaram a ignição dos gases liberados, provocando uma chuva de fogo e fumaça**. ([120]). (grifo nosso)

Nessa explicação também admitem a possibilidade de ter ocorrido algum fenômeno de ordem natural.

Ora, então não temos um milagre divino que teria acontecido por castigo, mas apenas um "cataclisma natural", que eram frequentes naquela região. A informação dos trabalhos arqueológicos apontaram para uma inundação, conforme se verá, mais à frente, quando citarmos Werner Keller (1909-1980).

> **Gênesis 19,26:** "*Mas a mulher de Ló olhou para trás e ficou convertida em uma estátua de sal*." (grifo nosso)

Quando lemos esse versículo, instintivamente, lembramo-nos de um mágico, num palco de circo, fazendo suas mágicas para divertir o povo. Como é possível acreditar numa história dessas? Daí é que percebemos quanto é o atraso do ser humano na questão de compreender a divindade.

---

120 A Bíblia Anotada, p. 31.

Esclarecem-nos os tradutores bíblicos, sobre esse passo:

> **Explicação popular de uma rocha de forma caprichosa** ou de um bloco salino. ([121]) (grifo nosso)
>
> **Explicação popular sobre a origem de alguma rocha com forma humana**, coberta de sal, fato comum na região. É a punição pela desobediência e indecisão da mulher (19,17). ([122])
>
> Saga etiológica: havia na região **uma formação salina que, vista de determinado ponto, se assemelhava a uma mulher**. O povo a chamava "mulher de Ló" e contava sua história temerosa. Olhou para trás com nostalgia ou curiosidade: sua figura petrificada passou à nossa cultura como símbolo de nostalgia covarde do passado, uma nostalgia que paralisa. Sb 10,7. ([123]) (grifo nosso)

O interessante é que, apesar de não concordarem com a "mágica" divina, ao transformar a mulher de Ló numa estátua de sal, mesmo assim, usam argumentos teológicos retrógrados, afirmando que é um fato real, resultado do castigo divino a uma mulher que poderia ter olhado para trás apenas por sentimento de compaixão com aqueles que estavam, literalmente, virando cinzas.

Sobre esse assunto, vejamos o que Keller, tem a nos dizer:

---

121 Bíblia de Jerusalém, p. 58.

122 Bíblia Sagrada – Vozes, p. 46.

123 Bíblia do Peregrino, p. 42.

Quanto mais nos aproximamos da extremidade sul do mar Morto, mais deserta e selvagem se torna a região e mais sinistro e impressionante é o cenário das montanhas. Um eterno silêncio paira nos montes, cujas vertentes escalavradas pendem a prumo sobre o mar, onde se reflete sua brancura cristalina. A inaudita catástrofe deixou seu selo indelével de tristeza e desolação naquelas paragens. Raramente passa por algum daqueles vales fundos e escarpados um grupo de nômades a caminho do interior.

Onde terminam as águas pesadas e oleosas, ao sul, termina também, bruscamente, o impressionante cenário de rochedos, dando lugar a uma região pantanosa de água salgada. O solo avermelhado é riscado por inúmeros ribeiros, perigosos para o viajante incauto. Essa baixada estende-se a grande distância para o sul até o deserto vale de Araba, que chega até o mar Vermelho.

A oeste da costa sul, na direção do *país do meio-dia* bíblico, o Neguev, estende-se um espinhaço de quarenta e cinco metros de altura e quinze quilômetros de comprimento na direção norte-sul. O sol, batendo nas suas encostas, produz reflexos de diamante. É um estranho fenômeno da natureza. **A maior parte dessa pequena serra é constituída de puros cristais de sal**. Os árabes chamam-lhe Djebel Usdum, nome antiquíssimo em que está contida a palavra “Sodoma”. A chuva desloca numerosos blocos de sal que rolam até a base. **Esses blocos têm formas caprichosas e alguns deles são eretos como estátuas. Às vezes em seus contornos a gente pensa distinguir, de repente, formas humanas.**

As estranhas estátuas de sal trazem logo à lembrança a história da Bíblia sobre a mulher de Lot, que foi transformada em estátua de sal. E tudo o que está próximo ao mar salgado ainda hoje se cobre em

> pouco tempo com uma crosta de sal. ([124]) (grifo nosso)

Então, Keller confirma ser uma questão não real, ligada à superstição ou crendice popular que fez de blocos de sal, com forma semelhante a um ser humano, uma mulher verdadeira. Nada como a ciência para derrubar mitos!

> **Gênesis 19,27-28:** "*E Abraão levantou-se de madrugada, e foi ao lugar onde estivera em pé do Senhor; e, contemplando* ***Sodoma e Gomorra e toda a terra da planície, viu que subia da terra fumaça como a de uma fornalha****.*" (grifo nosso)

Algum fenômeno natural produziu a fumaça que subia como a de uma fornalha. Essa comparação lembra-nos um vulcão em erupção, ou coisa bem próxima disso. E aqui temos a comprovação de que toda região foi destruída, tudo por conta da prevaricação de uma só cidade. Pela Bíblia de Jerusalém, tivemos conhecimento de que "A história de Sodoma, destruída pelos pecados de seus habitantes, pode ter sido primitivamente um paralelo transjordânico da narrativa do dilúvio" ([125]). Essa hipótese compromete a realidade da narrativa, não é mesmo?

Antes de terminar essa história, vamos seguir um pouco mais adiante para vermos como procederam as filhas de Ló que foram salvas, porquanto não eram criminosas nem pecadoras como os outros habitantes de Sodoma.

> **Gênesis 19,30-38:** "*E subiu Ló de Zoar, e habitou no*

---

124 KELLER, 2000, p. 92.

125 Bíblia de Jerusalém, p. 59.

> *monte, e as suas duas filhas com ele; porque temia habitar em Zoar; e habitou numa caverna, ele e as suas duas filhas. Então a primogênita disse à menor: Nosso pai é já velho, e não há varão na terra que entre a nós, segundo o costume de toda a terra;* ***vem, demos a nosso pai vinho a beber, e deitemo-nos com ele****, para que conservemos a descendência de nosso pai. Deram, pois, a seu pai vinho a beber naquela noite; e, entrando a primogênita, deitou-se com seu pai; e não percebeu ele quando ela se deitou, nem quando se levantou. No dia seguinte disse a primogênita à menor: Eis que eu ontem à noite me deitei com meu pai; demos-lhe vinho a beber também esta noite; e então, entrando tu, deita-te com ele, para que conservemos a descendência de nosso pai. Tornaram, pois, a dar a seu pai vinho a beber também naquela noite; e, levantando-se a menor, deitou-se com ele; e não percebeu ele quando ela se deitou, nem quando se levantou. Assim as duas filhas de Ló conceberam de seu pai. A primogênita deu a luz a um filho, e chamou-lhe Moabe; este é o pai dos moabitas de hoje. A menor também deu à luz um filho, e chamou-lhe Ben-Ami; este é o pai dos amonitas de hoje.”* (grifo nosso)

As duas filhas de Ló o embebedam para ter relações sexuais com ele, cujo resultado foi o de terem ficado grávidas; em virtude disso, ele tornou tudo confuso, pois ele se tornou em pai e avô ao mesmo tempo dos filhos nascidos de suas filhas. Mas isso não é proibido por Deus? Ou seja, o pai ter relações sexuais com as filhas? O pior que não. Não??? Exato! Não é proibido; há várias outras uniões sexuais com parentes que não são permitidas, menos essa; vejamos as que estão proibidas:

> **Levítico 18,7-18:** "*Ninguém tenha relações sexuais* ***com sua mãe****. Ela é de seu pai, e é sua mãe; [...]* ***com a concubina*** *de seu pai; [...]* ***com sua irmã****, seja por parte de pai, seja de mãe, nascida em casa ou fora dela [...]* ***com suas netas****, [...]* ***com a filha da concubina*** *de seu pai, [...]* ***com sua tia*** *paterna, [...]* ***com sua tia*** *materna, [...]* ***com a mulher dele*** *[seu tio], [...]* ***com sua nora****, [...]* ***com sua cunhada****, [...]* ***com uma mulher e com a filha dela****, [...]* ***com uma mulher e com a irmã dela****, [...].*" (grifo nosso)

Destacamos dessa passagem aqueles parentes que não podiam ter relações sexuais com os demais. É brincadeira, pois não se pode ter relação sexual com nenhum parente; entretanto, quanto ao próprio pai isso não foi proibido. Falha da lei? Mas, sendo ela de origem divina, não pode haver nenhuma falha... Então, como é que ficamos nessa? Sim, já sabemos, pois alguém poderá dizer que, em sua Bíblia, o versículo 7 proíbe relações sexuais com o pai. Sem dúvida que fatalmente se encontrará isso em algumas traduções; mas corresponderá à realidade do texto? Vejamos as narrativas, conforme as Bíblias:

> **Bíblia de Jerusalém:** "*Não descobrirás a nudez do teu pai, nem a nudez da tua mãe. É tua mãe, e tu não descobrirás a sua nudez*."
>
> **Bíblia Pastoral:** "*Não tenha relações sexuais com sua mãe. Ela é de seu pai, e é sua mãe; não tenha relações sexuais com ela.*"
>
> **Bíblia Sagrada Vozes:** "*Não desonrarás teu pai, tendo relações sexuais com tua mãe. É tua mãe: não terás relações com ela*."
>
> **Bíblia do Peregrino:** "*Não terás relações com tua mãe.*

> *Ela é de teu pai e é tua mãe; não terás relações com ela."*
>
> **Bíblia Anotada:** "*Não descobrirás a nudez de teu pai e de tua mãe: ela é tua mãe; não lhe descobrirás a nudez.'*

Não precisa ser muito inteligente para perceber que o segundo período é fatal para aqueles que quiseram mudar (ou seria adulterar?) o sentido do texto. Ainda que considerado, por alguns, como se fosse para os dois, ou seja, seu pai e sua mãe, vê-se que o texto se refere apenas a mãe, porquanto, caso fosse em relação aos dois, haveria de ser: São teus pais (ou é teu pai e é tua mãe) não terá relações sexuais com eles (ou com seu pai e com sua mãe).

Aqui terminamos de transcrever as passagens bíblicas relacionadas com o nosso assunto; mas seria interessante, antes de continuar, ver o que o escritor e historiador hebreu Flávio Josefo, relata no livro *História dos Hebreus* sobre o episódio. Vejamos:

> […] Os assírios para se vingar, voltaram segunda vez sob o comando de *Marfede*, de *Arioque*, de *Codologomo* e de *Tidal,* devastaram toda a Síria, submeteram os descendentes dos gigantes e encontraram nas terras de Sodoma, onde acamparam no vale que tinha o nome de poços de betume, por causa dos **poços de betume que ali existiam então**, mais que depois da destruição de Sodoma foi mudado num lago que se chama Asfaltite, porque o betume dele

sai continuamente aos borbotões. […]. ([126]) (grifo nosso)

Os povos de Sodoma, cheios de orgulho, por sua abundância e grandes riquezas, esqueceram-se dos benefícios que tinham recebido de Deus e não foram menos ímpios para com Ele do que ultrajosos para com os homens. Odiavam os estrangeiros e chafurdaram-se em prazeres inomináveis. **Deus, irritado por seus crimes, resolveu castigá-los**, destruir sua cidade de tal modo que não restasse o menor vestígio dela, tornando o país tão estéril que jamais pudesse produzir fruto ou planta alguma. ([127]) (grifo nosso)

[…] **Deus então lançou do céu, os raios de sua cólera e de sua vingança contra essa cidade criminos**a. Ela foi imediatamente reduzida a cinzas, com todos os seus habitantes; aquele mesmo fogo destruiu toda a região vizinha, como que já disse na minha história da guerra dos judeus. ([128]) (grifo nosso)

Eu penso ter mostrado bastante com quantos favores a natureza embelezou e enriqueceu as cercanias de Jericó; e eu creio dever falar agora do **lago Asfaltite**. Sua água é salgada, imprópria para os peixes; é tão leve que as coisas, mesmo as mais pesadas, não vão ao fundo. Vespasiano teve a vontade de lá ir e atirou à água, alguns homens que não sabiam nadar com as mãos atadas às costas. Todos voltaram à tona, como se alguma força estranha os impelisse de baixo para cima. Não se poderia assaz admirar de que esse lago mude de cor três vezes por dia, segundo os diversos aspectos do sol. Ele impele para vários lugares, **massas de betume, negras**, que parecem touros sem cabeça e

126 JOSEFO, 2003, p. 56.
127 JOSEFO, 2003, p. 57.
128 JOSEFO, 2003, p. 58.

> que nadam nas águas. Os do país, que navegam no lago, vão com barcas recolher esse betume e como ele é tão extremamente pegajoso, gruda de tal modo que só pode ser desligado com urina de mulher e com aquele mau sangue de que elas se desfazem de tempos em tempos. Esse betume não somente serve para calafetar os navios, mas entra também em vários remédios, próprios para muitas doenças. O cumprimento desse lago é de quinhentos e oitenta estádios e ele se estende até Zoara, que está na Arábia. Sua largura é de cinquenta estádios.
>
> As terras de Sodoma, vizinhas deste lago e que outrora eram abundantes não somente em toda espécie de frutos, mas também muito célebres por suas riquezas e pela beleza e suas cidades, **agora só conserva a imagem espantosa daquele incêndio que a detestável impiedade de seus habitantes atraiu sobre ela, quando Deus, para castigar seus crimes**, lançou do céu seus raios vingadores, que a reduziram a cinzas. **Ali vemos ainda alguns restos das cinco cidades abomináveis e suas cinzas malditas** produzem frutos por que parecem bons para se comer, mas apenas nós os apanhamos, reduzem-se logo a pó. Assim, não é somente pela fé que nos persuadimos desse horrível acontecimento; mas pode-se ainda constatá-lo com os próprios olhos. ([129]) (grifo nosso)

O que podemos perceber desses relatos de Josefo é que inicialmente ele dá a entender que a destruição foi somente da cidade de Sodoma, mas ao final acaba por estender às outras cinco cidades, nisso não está concorde com a Bíblia que cita apenas duas delas – Sodoma e Gomorra – e que a cidade de Zoar teria sido poupada. Veja no mapa que colocamos logo no

---

129 JOSEFO, 2003, p. 629.

início a localização delas.

O que, de fato, aconteceu? A essa altura do campeonato é difícil saber exatamente o que aconteceu; entretanto, algumas hipóteses são levantadas para o fato. A questão fica apenas em distinguir a que mais se aproxima da realidade e que seja isenta de fenômenos sobrenaturais como explicação. Vamos agora, portanto, ver algumas opiniões sobre o episódio.

1 – Bíblia de Jerusalém

Sabemos que a sua equipe de tradutores foi composta de católicos e protestantes. Ela é, segundo os mais entendidos, uma das melhores traduções bíblicas, embora isso não implique que ela não tenha os seus problemas. Vejamos o que dizem sobre Gênesis 19,25: “O texto permite situar o cataclismo na região meridional no mar Morto. De fato, o abaixamento da parte sul do mar Morto é geologicamente recente, e a região permaneceu instável até a época moderna...” ([130])

Pelo que entendemos a ocorrência é atribuída a um fenômeno de ordem natural, sem apelação para algum tipo de “milagre” que veio para castigar os que habitavam a região.

2 – Dicionário Bíblico Universal

Esse dicionário bíblico explica a palavra Sodoma, da seguinte forma:

> Primeira cidade da Pentápole do sul do mar Morto no limite de Canaã (Gn 10,19). […].

130 Bíblia de Jerusalém, p. 58.

> Podemos aproximar este relato de uma descoberta arqueológica recente. Entre 1975 e 1980 foram estudados quatro sítios arqueológicos da margem sudeste do mar Morto: todos foram destruídos pelo incêndio por volta da metade do Antigo Bronze, isto é, cerca de 2500 a.C. Não é impossível que uma lembrança local, ou uma reflexão sobre as ruínas ainda visíveis, tenha sido incorporada à tradição dos patriarcas que chegaram mais tarde.
>
> Devido ao fato de Ló ter morado nela, e também por sua proximidade de Jerusalém, Sodoma é mais frequentemente mencionada na Bíblia do que as três outras cidades destruídas (Is 3,9; Ez 16,46; Lm 4,6).
>
> O nome de Sodoma foi transferido para o sudoeste do mar Morto, designando a montanha de sal do Djebel Usdum, ou Har Sedom, onde os visitantes reconheciam a estátua de sal da mulher de Ló (Gn 18,26). ([131])

Se o local foi destruído em cerca de 2500 a.C., então essa catástrofe nada tem a ver com a história de Ló, uma vez que o seu tio Abraão, que o levou junto para Canaã, viveu por volta de 1850 a.C. ([132]). Assim, pode-se perceber que é realmente uma tradição incorporada à história dos hebreus; por isso, não corresponde aos fatos que estamos estudando. Pena que não deram alguma explicação para a ocorrência.

3 – Revista Mistério

O assunto é levado à conta de mistério, visto não se saber exatamente o que aconteceu. Mas leiamos o que dizem:

---

131 MONLOUBOU e DU BUIT, 1996, p. 763.

132 Superinteressante, ed. 178, julho 2002, p. 43.

Destruição de Sodoma e Gomorra

Disse, pois, o *Senhor: "O clamor de Sodoma e Gomorra aumentou, e o seu pecado agravou-se extraordinariamente". Fez, pois,* o *Senhor chover sobre Sodoma e Gomorra enxofre e fogo do céu; e destruiu essas cidades, e todo* o *país em roda, todos os habitantes da cidade, e toda a verdura da terra. E a mulher de Ló, tendo olhado para trás, ficou convertida numa estátua de sal. E viu que se elevavam da terra cinzas inflamadas, como* o f*umo de uma fornalha (Gn 18.20;* 19.24,26,28).

A sinistra força dessa narrativa bíblica tem impressionado profundamente os ânimos dos homens em todos os tempos. Sodoma e Gomorra transformaram-se símbolos de vício e iniquidade, e também sinônimos de aniquilação completa. Assim, a destruição das cidades de Sodoma e Gomorra tornou-se uma das mais emblemáticas passagens da Bíblia e um dos mais conhecidos desastres da história da humanidade. Embora ela seja encarada por diversos exegetas (intérpretes dos textos bíblicos) como apenas uma passagem simbólica, há décadas arqueólogos e pesquisadores buscam indícios ou mesmo provas concretas da existência das cidades gêmeas e, principalmente, dos motivos que as levaram elas a desaparecer. De acordo com o livro do Gênesis, ambas foram destruídas por enxofre e fogo. Os cientistas trabalham com conjeturas. As cidades realmente existiram? Qual fenômeno seria capaz de varrer as duas do mapa?

O QUE DIZ A CIÊNCIA?

Algumas pistas já foram levantadas na tentativa de esclarecer as perguntas. No "Quarterly Journal of Engineering Geology", os geólogos britânicos Graham Harris e Anthony Beardow apresentaram algumas

> evidências e teorias a cerca da localização e do trágico destino das cidades. De acordo com a dupla de pesquisadores, o legendário Vale de Siddim, berço de Sodoma e Gomorra, situava-se a nordeste da Península de Lisan, que divide o Mar Morto em duas bacias. Com base em análises do solo da região, Harris e Beardow chegaram à conclusão de que o Vale de Siddim foi assolado por um terremoto de grandes proporções. Além de pôr abaixo as edificações (o abalo teria feito aflorar grandes quantidades de betume, que incendiou-se, agravando a destruição), liquefez o solo e as rochas abaixo das cinco cidades que comporiam o Vale. Como consequência, Sodoma e Gomorra perderam-se nas águas da bacia norte do Mar Morto.
>
> O fenômeno apontado pelos geólogos já foi registrado em épocas e regiões bem distintas. Em 37 a.C., a antiga cidade grega de Helice desapareceu devido à liquefação, assim como uma extensa área da China, que desapareceu devido a sismos em 1921. Nos idos de 1950, uma parte de Valdez, no Alasca, também sucumbiu liquefeita. ([133])

4 – E a Bíblia tinha razão...

Vejamos agora o que o Werner Keller diz sobre essa questão:

> Só no começo deste século, com as escavações realizadas no resto da Palestina, foi despertado também o interesse por Sodoma e Gomorra. Os exploradores dedicaram-se à procura das cidades desaparecidas que nos tempos bíblicos estariam situados no *vale de Sidim.*
>
> Na extremidade a sudeste do mar Morto, encontram-

133 Revista Mistério, s/d, p. 18.

se os restos de uma grande povoação. Esse sítio ainda hoje é chamado Segor. Os pesquisadores se regozijaram, pois *Segor* era uma das cinco cidades ricas do vale de Sidim que se recusaram a pagar tributo aos quatro reis estrangeiros. Mas as escavações experimentais realizadas trouxeram apenas decepção. Assim, há dúvidas ainda se Segor é o mesmo sítio citado na Bíblia.

A verificação das ruínas descobertas revelou tratar-se de restos de uma cidade que floresceu no princípio da Idade Média. Da antiga Segor do rei de Bala (Gênese 14.2) e das capitais vizinhas não se encontrou vestígio. Entretanto, diversos indícios encontrados nos arredores da Segor medieval sugerem a existência de uma povoação muito densa naquele país em época muito anterior.

Na costa oriental do mar Morto, estende-se mar adentro, como uma língua de terra, a península de El-Lisan. Em árabe, “el-Lisan” significa “a língua”. A Bíblia menciona-a expressamente quando se refere à partilha do país depois da conquista. As fronteiras da tribo de Judá são traçadas com precisão. Para isso Josué dá uma estranha característica a fim de indicar os limites do sul: “O *seu princípio é desde a ponta do mar salgado, e desde a língua que ele forma, olhando para* o *meio-dia” (Josué* 15.2).

Uma narrativa romana refere-se a essa língua de terra numa história que sempre foi injustamente considerada com grande ceticismo. Dois desertores fugiram para essa península. Os legionários que os perseguiram procuraram-nos em vão por toda parte. Quando finalmente os avistaram, era tarde demais. Os desertores já escalavam os altos rochedos da outra margem... Tinham atravessado o mar a vau!

Evidentemente o mar naquela época era mais raso que hoje. Invisível, o fundo ali forma uma dobra

gigantesca que divide o mar em duas partes. À direita da península, desce a prumo até quase quatrocentos metros de profundidade. À esquerda da península, o fundo é extraordinariamente raso. Medições feitas nos últimos anos acusaram profundidades de quinze a vinte metros apenas.

Os geólogos tiraram dessas descobertas e observações outra interpretação, que poderia explicar a causa e fundamento da narrativa bíblica da aniquilação de Sodoma e Gomorra.

A expedição americana dirigida por Lynch foi a primeira que, em 1848, deu a notícia da grande descida do Jordão em seu breve curso pela Palestina. O fato de, em sua queda, o leito do rio descer muito abaixo do nível do mar é, como só pesquisas posteriores comprovaram, um fenômeno geológico singular. “É possível que haja em algum outro planeta coisa semelhante ao que ocorre no vale do Jordão; no nosso não existe”, escreve o geólogo George Adam Smith em sua obra *A geografia histórica da Terra Santa.* *“*Nenhuma outra parte não submersa da nossa Terra fica mais de cem metros abaixo do nível do mar”.

O vale do Jordão é apenas parte de uma fenda imensa na crosta da nossa Terra. Hoje já se conhece sua extensão exata. Começa muitas centenas de quilômetros ao norte da fronteira da Palestina, nas faldas da montanha do Tauro, na Ásia Menor. Ao sul, vai desde a costa sul do mar Morto, atravessa o deserto de Araba até o golfo de Ácaba e só vai terminar do outro lado do mar Vermelho, na África. Em muitos lugares dessa imensa depressão há vestígios de antiga atividade vulcânica. Nos montes da Galileia, nos planaltos da Jordânia oriental, nas margens do afluente Jabbok, no golfo de Ácaba, há basalto negro e lava.

Será que Sodoma e Gomorra afundaram quando - acompanhado por terremotos e erupções vulcânicas –

um pedaço do chão do vale ruiu um pouco mais? E o mar Morto se alongou naquela época em direção ao sul, como é mostrado (figura 12) no esboço?

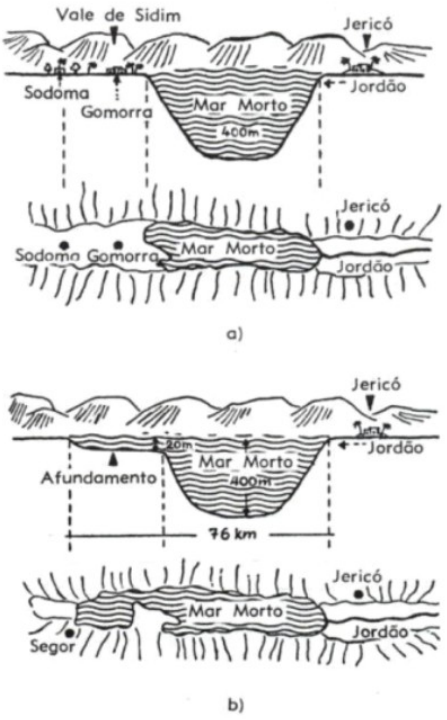


Figura 12: O mar Morto: a) 2000 a.C., antes do afundamento de Sodoma e Gomorra; b) 1900 a.C., depois da catástrofe.

A ruptura da terra liberou as forças vulcânicas contidas há muito tempo nas profundezas da greta. Na parte superior do vale do Jordão, junto a Basan, erguem-se ainda hoje as crateras de vulcões extintos, e sobre o terreno calcário há grandes campos de lava e enormes camadas de basalto. Desde tempos imemoriais, os territórios ao redor dessa depressão são sujeitos a terremotos. Repetidamente temos notícia deles, e a própria Bíblia fala a respeito. Como para

confirmar a teoria geológica do desaparecimento de Sodoma e Gomorra, escreve textualmente o sacerdote fenício Sanchuniathon em sua *História antiga* redescoberta: “O vale de Sidimus ([134]) afundou e se transformou em mar, sempre fumegante e sem peixe, exemplo de vingança e morte para os ímpios”.

[…].

Da mesma forma, a tradição de Sodoma e Gomorra parece ser ainda mais problemática do que a referente aos camelos de Abraão. Antes de mais nada, convém frisar que está fora de qualquer cogitação a hipótese segundo a qual a depressão do rio Jordão teria se originado somente há uns quatro milênios, pois, conforme as pesquisas mais recentes, a origem dessa depressão remontaria ao Oligoceno (Terciário, entre o Eoceno e o Mioceno). Portanto, neste caso é preciso calcular não em milhares, mas sim milhões de anos. Embora, em tempos posteriores, fosse comprovada uma atividade vulcânica mais intensa, relacionada com a abertura da depressão do rio Jordão, mesmo assim chegamos a parar no Plistoceno, encerrado há uns dez mil anos, e ficamos longe do chamado “período dos patriarcas”, convencionalmente datado no terceiro ou até segundo milênio antes de Cristo. Ademais, justamente ao sul da península de Lisan, onde supostamente teria acontecido o ocaso de Sodoma e Gomorra, perdem-se todos os vestígios de erupções vulcânicas. Em outras palavras, naquela área as condições geológicas não permitem comprovar uma catástrofe ocorrida em época geológica bem recente que destruiu cidades e foi acompanhada por violentas erupções vulcânicas.

Por outro lado, o que se achou a respeito da entrada do mar Morto na bacia do sul, mais rasa? No decorrer

---

134 N.T.: *Isto é, Sidim.*

de sua história bastante movimentada, o mar Morto (e seus antecessores no Plistoceno) estendeu-se, frequentemente, além da atual bacia meridional, invadindo o Uadi e 'Arab. Por vezes, seu nível ficou até cento e noventa metros mais alto do que hoje. Naqueles tempos, o lago imenso ali represado encheu toda a depressão do Jordão, desde o Uadi e 'Arab, e subiu até o lago de Genesaré. Em seguida, esse lago diminuiu, como o atestam nada menos que vinte e oito antigos terraços nas suas margens, ou, possivelmente, até secou, e somente depois (presumivelmente, acompanhado por fortes tremores de terra) houve a formação do mar Morto. Mas igualmente esse acontecimento ocorreu ainda em fins do Plistoceno, quando, embora o homem já existisse, ainda não havia cidades. Todavia, há uma vaga possibilidade de que se teria tratado de experiências vividas naquela região pelo homem da Idade da Pedra, que, transmitidas de boca em boca, geração após geração, criaram as tradições das “cidades devastadas” e vieram a dar origem à tradição em apreço, pois essa tradição parece ser muito antiga, bem mais antiga do que se supôs até agora. Logo mais, voltaremos ao assunto. Decerto, houve terremotos no mar Morto em tempos posteriores, como, por exemplo, o ocorrido em 31 a.C., cujos horrores foram relatados por Flávio Josefo, bem como o registrado em Qirbet Qumran (local do achado dos famosos “rolos manuscritos do mar Morto”), onde persistem os vestígios da destruição então causada. Contudo, em parte alguma há indícios de uma catástrofe que, no início do segundo milênio antes da nossa era, teria aniquilado cidades inteiras. Aliás, nomes de locais geográficos, como Bahr el Lat (“mar de Lot”), termo árabe para o mar Morto, Djebel Usdum (“monte de Sodoma”) e Zoar, não precisam necessariamente ser oriundos de uma tradição autêntica, independente, imediata, primária e paralela à Bíblia. É bem possível

que, posteriormente e em aditamento aos relatos bíblicos, esses locais recebessem seus nomes (no caso, poderia tratar-se de uma mera “tradição secundária”). Situação análoga apresenta-se com referência ao “canal de José” (em árabe: Bahr Yusuf), em Fayum, no Egito, a ser mencionado no próximo capítulo. Aliás, o “José egípcio” da Bíblia existe também na tradição islâmica, e provavelmente o nome do respectivo curso de água poderia (ou deveria) estar relacionado com ele.

Foi apenas recentemente que a escavação do Tell el-Mardikh, na Síria setentrional (ao sul de Alepo), conduzida pelo cientista italiano Giovanni Pettinato, causou sensação. Ali, Pettinato achou Ebla, uma cidade do terceiro milênio antes da era cristã, e a esse respeito foram três os fatos que causaram espécie. Primeiro, em tempos pré-históricos, existia ali uma civilização avançada, com uma estrutura social altamente diferenciada para a época; segundo, Ebla possuía um rico arquivo de tabuinhas de barro. Como costuma acontecer com todos esses arquivos, sua descoberta promete uma série de conhecimentos novos, quando, por outro lado, tais noções recém-adquiridas bem poderiam abalar algumas das doutrinas até então consideradas certas e garantidas. Recentemente, um colega alemão do Prof. Pettinato comentou: “Depois de estudados e explorados os textos, provavelmente poderemos esquecer os resultados obtidos em todo um século de pesquisas do antigo Oriente”. Contudo, a terceira e, no caso, a mais importante sensação causada pela descoberta do Prof. Pettinato prende-se ao fato de os textos de Ebla conterem nomes que nos são familiares pela leitura da Bíblia e, assim, aparecem no terceiro milênio antes de Cristo! Ali são mencionados tanto o nome de Abraão quanto os nomes das cidades pecadoras de Sodoma e Gomorra, aniquiladas pelo fogo, de Adma e Zeboim, no mar Morto. Aliás, quanto a isso, há um certo ceticismo entre alguns colegas do

> Prof. Pettinato. Será que ele interpretou corretamente aqueles textos? Sem dúvida, pois como já mencionamos em outro trecho, os nomes dos patriarcas foram encontrados também em outros locais. Mas o que se deve pensar do fato de os nomes Sodoma e Gomorra constarem de um arquivo encontrado na Síria, terceiro milênio antes de Cristo? Assim, será que essas cidades existiram de fato? Ou será que sua tradição remonta a tempos remotos, a ponto de *antecederem* o início convencionado para o "tempo dos patriarcas"? Decerto, ainda levará muito tempo para se encontrar respostas a todas essas perguntas. Em geral, o cientista não costuma ir à cata de sensações, e falta muito para reunirmos as condições necessárias para avaliar, sem sombra de dúvida, quanto de realmente sensacional há na arqueologia bíblica do Tell el-Mardikh, descontado todo sensacionalismo. ([135])

5 – Os grandes enigmas do universo

Richard Hennig, autor do livro *Os grandes Enigmas do Universo*, também não deixou de falar sobre esse assunto. Leiamo-lo:

> **SODOMA E GOMORRA**
>
> "ENTÃO, o Eterno fez cair do céu fogo e enxofre sobre Sodoma e Gomorra. Destruiu estas cidades, a planície e aniquilou todos os habitantes, bem como as plantas... E eis que da terra se elevou uma coluna de fumo, como duma fornalha".
>
> Os investigadores já procuraram muitas vezes desvendar o mistério desta catástrofe, que teve por

135 KELLER, 2000, p. 83-95.

teatro a primitiva Palestina. Com efeito, os tremores de terra ou as erupções vulcânicas nunca são acompanhadas por chuvas de fogo ou de enxofre. No entanto, trata-se dum acontecimento histórico, pois até os próprios historiadores pagãos o mencionam. Assim, Estrabão escreveu no ano 20 d.C.: “São dignas de crédito as tradições chegadas até nós através dos habitantes, as quais asseguram ter havido outrora treze prósperas cidades nesta região; afirma-se até que as muralhas de Sodoma, a cidade principal, ainda existem e que medem sessenta estádios de perímetro. O lago saiu do leito em virtude dum grande tremor de terra, tendo vomitado betume em ebulição misturado com água sulfurosa, ao mesmo tempo que as rochas eram calcinadas pelas chamas que brotaram do solo. As cidades afundaram-se parcialmente nas entranhas da Terra ou foram abandonadas pelos habitantes em pânico”. A descrição de Estrabão está, de fato, muito mais próxima da realidade do que a contida no Gênese, como veremos dentro em pouco. Todavia, Estrabão não foi o único escritor grego a conhecer a catástrofe, porquanto Ptolomeu não a iignorava, pois chama ao mar Morto *Sodomorum Lacus,* nem Fílon, que também se refere ao assunto.

Entre os Romanos, Tácito evoca igualmente nas suas *Histórias* a destruição de Sodoma: “Não longe do mar Morto estendiam-se planícies que foram outrora muito férteis e onde se erguiam grandes cidades. Contudo, diz-se que estas foram destruídas pelo raio... Quanto a mim, admito perfeitamente que algumas cidades célebres tenham sido devoradas pelo fogo do céu”. O historiador Flávio Josefo menciona por sua vez a catástrofe.

Finalmente, o próprio Alcorão alude ao acontecimento no seguinte versículo: “Revolveu as cidades destruídas e o que elas recobriam recobriu-as por sua vez”.

Não se trata, pois, duma lenda inventada duma ponta à outra. A natureza exata desta catástrofe e a região da Palestina em que ocorreu é que nos ocuparão a seguir na sequência deste capítulo.

Uma passagem da Bíblia relativa a uma época anterior à destruição das cidades assinala que os cinco "reis" de Sodoma, Gomorra, Hadama, Seboim e Zoer se tinham reunido no "vale de Siddim, que é atualmente o mar Salgado", para ali conduzirem em comum uma guerra. Muito provavelmente, este "mar Salgado" é o mar Morto, cujo teor em sal é extremamente elevado. Além disso, os apócrifos precisam que "caiu fogo" sobre as cinco cidades referidas e que o local onde cada uma delas se erguia ficou totalmente devastado "e ainda fumega em sinal de opróbrio". Sodoma, Gomorra, Seboim e Hadama foram destruídas e só a "pequena" cidade de Zoer, onde Loth se teria refugiado, foi poupada.

Pode, pois, perguntar-se se realmente houve quatro cidades que foram riscadas do mapa. Sodoma era sem dúvida a mais importante. Aliás, é só dela que trataremos neste capítulo. Com efeito, **não é certo que Gomorra**, **citada sempre ao mesmo tempo que Sodoma, fosse o nome duma cidade, mas tão-somente o duma planície vizinha, igualmente submersa, tanto mais que o significado etimológico da palavra é o de "planície que as águas tornaram a cobrir"**.

Desde já se pode admitir que a causa imediata da catástrofe foi um tremor de terra. Mas que pensar a respeito da chuva de fogo e de enxofre?

A primeira ideia que vem à cabeça é que tal chuva se deveria a um vulcão que teria entrado em erupção. Com efeito, as regiões vizinhas do vale do Jordão e do mar Morto abundam em vulcões extintos, um dos quais, e não dos menos célebres, é o monte Tabor. No entanto,

a verdade é que todos esses vulcões se encontram extintos há dezenas e dezenas de milhares de anos. Que um deles tenha acordado bruscamente no início dos tempos históricos é teoricamente possível. No entanto, um acontecimento geológico tão recente devia ter deixado vestígios fáceis de serem detectados pelos geólogos. Com efeito, tanto a lava como os produtos da erupção deveriam subsistir se o fenômeno tivesse ocorrido no início do segundo milênio antes de Jesus Cristo. Ora, a verdade é que em toda a região não aparece o menor vestígio, pelo que se pode afirmar com probabilidade mínima de erro que nenhum fenômeno vulcânico se verificou na Palestina nos últimos quatro mil anos.

A fim de resolver esta contradição entre os textos e os dados fornecidos pela geologia, Gunkel e Edouard Meyer admitiram que a «lenda» da destruição das duas cidades teria provindo da Arábia, donde teria passado para a Palestina. Mas esta hipótese não conduz a coisa alguma. A tradição bíblica menciona com demasiada precisão a “mar Salgado”, de que faz ponto de referência da sua narrativa. Além disso, não existe na Arábia nenhum vulcão em atividade. Se é fato que, em 1256 e em 1276, se verificaram erupções isoladas perto de Medina, em 1824 na ilha Saddle, em 1834 no *dejbel* Tair, etc., a sua amplitude foi sempre limitada, não havendo prova alguma de que, desde as tempos históricos, se tivesse produzido na Arábia uma catástrofe vulcânica importante.

Blackenhorn é que resolveu o enigma graças às pesquisas que excetuou no local: o mar Morto ter-se-ia formado parcialmente no Período Terciário, a seguir ao afundamento do “fosso leste africano”. A crosta terrestre aluiu então desde o lago Niassa até à Síria, dando origem a numerosos vulcões, aos grandes lagos africanos, ao mar Vermelho, ao mar Morto e ao lago Tiberíades. A princípio, este constituía um todo com o

mar Morto, mas naquele clima desértico e devido à evaporação constante das águas, a lago e o mar acabaram por se separar, enquanto ia aumentando o seu teor em sal.

O mar Morto é, com o mar Cáspio e o lago Baikal, a mais profunda depressão continental da crosta terrestre. Com efeito, a fundo do mar Morto encontra-se a setecentos e noventa e três metros abaixo do nível do mar Mediterrâneo e a sua superfície está ainda a trezentos e noventa e quatro metros abaixo do nível mediterrânico devido à fortíssima evaporação das suas águas. Atualmente, o mar Morto mede setenta e oito quilômetros de comprimento, dezessete de largura e trezentos e noventa e nove metros de profundidade. Como nenhum grande rio, à exceção do Jordão, se lança nas suas águas, o seu teor em sal é seis vezes mais forte da que o dos oceanos. Por consequência, nenhum peixe ali pode viver ou, o que é o mesmo, não se encontram pescadores ao longo das suas margens. Nenhum barco o percorre, podendo pois dizer-se que o seu nome de mar Morto está plenamente justificado.

Mas o mar Morto, que nasceu do afundamento do solo durante o Período Terciário, era então menos extenso do que nos nossos dias. Nessa época, terminava por alturas da actual península de El-Lisan, situada no seu litoral sudeste. Este primitivo mar Morto atingia cinco sextos daquele que hoje conhecemos, sendo aquela a parte mais profunda da depressão. Quanta à parte meridional, situada abaixa da península de El-Lisan, é de formação muito mais recente, variando a sua profundidade entre um e seis metros. Por consequência, esta região só ficou submersa muito mais tarde. No início dos tempos históricos ainda era habitada e nela existiam várias povoações.

Este afundamento foi obviamente um fenômeno de origem sísmica e foi ele que deve ter destruído Sodoma

e Gomorra.

A este respeito, Blanckenhorn escreveu o seguinte: “O solo da parte meridional do atual mar Morto aluiu bruscamente. Abriram-se fendas que engoliram cidades inteiras ou que as fizeram positivamente dar voltas nas profundezas da Terra, de tal maneira que o mar Morto acabou por cobrir toda a região... Não se pode considerar como hipótese séria a erupção dum vulcão situado debaixo dos pés dos Sodomitas, nem a de uma inundação de lava incandescente”.

Todavia, um simples sismo, por mais violento que fosse, ao provocar o aluimento de uma região inteira, logo a seguir coberta pelas águas, não explica a narração bíblica no que ela tem de mais notável – a chuva de fogo e de enxofre. Mas a verdade é que este problema está hoje igualmente explicado.

Com efeito, a região do mar Morto é rica em fontes termais, tanto sulfurosas como carbónicas, bem como em poços de betume e de asfalto, que são outros tantos testemunhos da intensa atividade vulcânica do subsolo da região. Assim, na margem meridional do mar Morto existe uma nascente frequentemente visitada pelos turistas em virtude da intensidade do seu cheiro a enxofre, afirmando uma antiga tradição popular, aliás pouco digna de crédito, que, em virtude do odor fétido da referida nascente, as aves evitam sobrevoar o mar Morto.

Estas verificações levam-nos a dar mais atenção à descrição de Estrabão do que à narração bíblica. A verdade é que não caiu sobre Sodoma qualquer “chuva” de fogo e de enxofre. As fendas do solo é que deixaram escapar toda a espécie de gases, os quais não tardaram a inflamar-se, provocando as chamas e o fumo que envolveram toda a região. “E eis que da terra se elevou fumo como duma fornalha”, reconhece a Bíblia, o que é sem dúvida exato.

Em Julho de 1927, esta interpretação recebeu uma brilhante confirmação. Ao norte do mar Morto, perto de Zerka, sentiu-se de repente um forte abalo, e uma nuvem de fumo, semelhante àquela a que a Bíblia se refere, elevou-se na atmosfera. Os gases brotaram do solo exatamente como o deviam ter feito há uns quatro mil anos, isto é, inflamaram-se quase a seguir, ao mesmo tempo que por toda a atmosfera se espalhava um forte cheiro a enxofre.

Em 1929, o padre Mallon e o arqueólogo René Neuville, ao efetuarem pesquisas por conta do Instituto Bíblico do Vaticano, puseram a descoberto, a seis quilômetros da margem nordeste do mar Morto, uma cidade antiga datando da Idade do Bronze e que parecia ter sido teatro duma alta civilização. Entre as descobertas feitas pelos dois pesquisadores contavam-se casas, vastos depósitos de trigo, joias artisticamente trabalhadas e incrustadas de pérolas, nácar e pedras preciosas, bem como fragmentos duma escrita até hoje desconhecida. Esta cidade devia ter sido destruída por um gigantesco incêndio por alturas do ano 2000 a.C. Como se ignorava tudo a respeito de qualquer cidade situada naquele lugar da antiga Palestina, veio imediatamente à ideia de que se trataria das ruínas de Sodoma. No entanto, a hipótese não podia ser mantida, pois, se atendermos à cronologia, a destruição de Sodoma devia ter sido mais recente do que a da cidade descoberta em Tel Gessul, como os próprios católicos admitiram pouco depois. Com efeito, a Bíblia chama expressamente a atenção para o fato de que o local onde outrora se encontrava Sodoma e Gomorra passou a estar ocupado pelo mar Salgado. Portanto, na margem nordeste do mar Morto esteve localizada uma cidade cujo nome não chegou até nós, embora se tenha de reconhecer, por outro lado, que Sodoma e Gomorra só podiam situar-se na região atualmente coberta pela zona meridional daquele mar. Com efeito, está hoje

provado que Zoer, onde Loth se refugiou, se erguia a sudeste do mar Morto, num local que Flávio Josefo ainda conheceu. Necessariamente, Zoer localizar-se-ia na vizinhança imediata de Sodoma, que, por consequência, só poderá ser procurada na zona sul do referido mar.

A tradição bíblica fornece ainda outro argumento em apoio desta teoria: ao fugir da catástrofe, a mulher de Loth voltou-se, desobedecendo à proibição de Deus, tendo sido punida, e por isso ficou transformada numa estátua de sal. A explicação deste episódio parece fácil. Com efeito, a margem meridional do mar Morto está cheia de rochas de sal com as formas mais bizarras e variáveis, devido à influência do vento e dos fenômenos atmosféricos. Com um pouco de imaginação, muitos desses blocos podem assemelhar-se a silhuetas humanas ou a animais, e por isso um deles, que sem dúvida se parecia com uma estátua de formas femininas, serviu de base para a história da mulher de Loth. Ainda hoje os Árabes, a quem nunca faltou imaginação, designam determinado rochedo de sal por *djebel* Usdum – Usdum em árabe significa Sodoma – e consideram-no como sendo "a mulher de Loth". Seja qual for a verdadeira explicação, a verdade é que este pormenor da tradição bíblica mostra que só está em causa a margem meridional do mar Morto e não a região nordeste. Neste caso, a ciência e a história estão de acordo, pelo que o problema de Sodoma e Gomorra pode considerar-se solucionado.

Para terminar este assunto, assinale-se ainda com as devidas reservas uma outra hipótese, aliás inverificável. Se realmente o desaparecimento de Sodoma e Gomorra foi consequência dum aluimento da crosta terrestre, existe a possibilidade de esta catástrofe se ter verificado ao mesmo tempo que a grande convulsão vulcânica que afetou o arquipélago de Santorin, da qual falaremos no capítulo seguinte. Com

> efeito, os dois acontecimentos datam aproximadamente da mesma época, ou seja, primeira metade do segundo milênio antes de Jesus Cristo. Com efeito, muitos abalos telúricos ou vulcânicos em determinado ponto do Globo provocam muitas vezes outros abalos em regiões diferentes. Ora a distância que separa o arquipélago de Santorin do mar Morto não é tão grande que se possa excluir a impossibilidade duma relação entre os dois fenômenos. No entanto, não se pode apresentar qualquer prova desta hipótese; quando muito, há uma possibilidade, aliás frágil, de que as coisas se tenham passado assim. ([136]) (grifo nosso)

6 – Da Bíblia aos nossos dias

O escritor Mário Cavalcanti de Melo (?-?), também fala sobre esse assunto; vejamos o que coloca citando Léo Taxil e Strabão:

> O mais interessante em tudo isso, é que os israelitas, segundo Strabão, não atribuem a destruição de Sodoma e Gomorra a castigos dos Céus, mas, apenas, a fenômenos naturais e erupções vulcânicas". ([137]).
>
> Vejamos, agora, o que nos diz o grande geógrafo grego:
>
> "A região de Sodoma e Gomorra tem sido muito trabalhada pelo fogo, o que disso há muitas provas: rochedos queimados, numerosas crateras, uma terra de cinzas, rios que espalham de longe um odor infecto, e aqui e ali, habitações em ruínas. Tudo isto faz crer que outrora havia treze cidades e que Sodoma era a metrópole; mas que, por tremores de terra, erupções de

---

136 HENNING, 1950, p. 55-62.

137 N.T.: Léo Taxil – *La Biblie Amusante* – pgs. 147 a 152.

> fogo subterrâneo e as águas betuminosas e sulfurosas incendiadas, o fogo invadiu a terra e os rochedos guardam a marca do cataclismo. Entre estas cidades, umas foram tragadas, as outras abandonadas pelos habitantes que puderam salvar-se". ([138]) ([139])

Esperamos ter oferecido dados para que você, leitor, possa tirar suas próprias conclusões a respeito do assunto. Uma coisa é certa: que tudo não passou de um fenômeno natural, tomado à conta do humor de Deus, é um fato. Naquela época, por exemplo, o trovão era voz de Deus (Êxodo 19,19) e os raios eram setas com as quais enchia as mãos para atirá-las num alvo certo (Jó 36,32); isso somente para corroborar quanto era ingênuo o pensamento de outrora sobre a divindade.

Se Deus destruiu mesmo Sodoma, então ele não cumpriu o *"a cada um conforme as suas obras"* (Jó 34,11; Salmo 62,13 e Mateus 16,27), pois pessoas inocentes foram castigadas. Mas aí como fica o: *"Tu, porém, és justo, e governas todas as coisas com justiça. Consideras incompatível com o teu poder condenar alguém que não mereça castigo."* (Sabedoria 12,15)? Fato que também é contrário a outra coisa que Deus "detesta": condenar o inocente (Provérbio 17,15). Por outro lado, parece-nos que, se agiu desse modo, Deus não corrigiu como um pai corrige ao filho (Probérbio 3,11-12), nem mesmo teria tido compaixão de todos, não levando em conta os pecados dos homens (Sabedoria 11,22-23), contrariando esses passos. Castigar com fogo não é uma ação que possa ser

---

138 Strabão – Livro XVI c. II.

139 MELO, 1954, p. 163.

enquadrada como algo feito com brandura (Sabedoria 12,2), para que viesse a ser recuperado o pecador. Tão-pouco seria um castigo tipo “pouco a pouco”, de forma a dar oportunidade de arrependimento (Sabedoria 12,10).

Assim, podemos ver que várias passagens bíblicas são contrariadas a ser verdadeiro o castigo imposto a Sodoma. Mas não somos fanáticos a tal ponto de aceitar tal aberração; por isso, preferimos acreditar que tudo não passou mesmo de fenômeno de ordem natural, ao qual se submetem todos nós, que estamos encarnados na Terra, que é um planeta de provas e expiações.

Matança dos varões nascidos de hebreus

> As histórias da Bíblia foram contadas com base nos pressupostos de quem as contava e de acordo com a função que queriam dar a elas. (ZUURMOND [140]).

Segundo Jerônimo “A verdade não pode existir em coisas que divergem”, ora, se isso de fato acontece, então estamos diante de uma situação constrangedora aos que acreditam piamente que os relatos bíblicos se pautam na mais pura verdade. Iremos ver mais um caso em que a “inerrância” bíblica fica arranhada pelos fatos históricos desvendados pela ciência humana. Quando os arqueólogos revolveram a poeira que esconde o passado, através das escavações, foram revelados fatos desconhecidos, mas também jogou baldes de água fria nos que eram tidos como verdades intocáveis.

Leiamos a narrativa bíblica sobre o caso em estudo:

Êxodo 1, 6-22: “*Depois José morreu, bem como todos os seus irmãos e toda aquela geração. Os israelitas foram fecundos e se multiplicaram; tornaram-se cada vez mais numerosos e poderosos, a tal ponto que o país ficou repleto deles. Chegou ao poder sobre o Egito um novo rei, que não conhecia José. Ele disse à sua gente: 'Eis que o povo dos israelitas tornou-se mais numeroso e mais poderoso do que nós. Vinde, tomemos sábias*

140 Rochus Zuurmond, professor de teologia bíblica da Universidade Livre de Amsterdã, na Holanda.

medidas para impedir que ele cresça; pois do contrário, em caso de guerra, aumentará o número dos nossos adversários e combaterá contra nós, para depois sair do país'. Portanto impuseram a Israel inspetores de obras para tornar-lhe dura a vida com os trabalhos que lhe exigiam. Foi assim que ele construiu para Faraó as cidades-armazéns de Pitom e de Ramsés. Mas, quanto mais oprimiam, tanto mais se multiplicavam e cresciam, o que fez temer os israelitas. Os egípcios obrigavam os israelitas ao trabalho, e tornavam-lhes amarga a vida com duros trabalhos: a preparação da argila, a fabricação de tijolos, vários trabalhos nos campos, e toda espécie de trabalhos aos quais os obrigavam.

*O Rei do Egito disse às parteiras dos hebreus, das quais uma se chamava Sefra e a outra Fuá: '**Quando ajudardes as hebreias a darem à luz, observai as duas pedras. Se for menino, matai-o**. Se for menina, deixai-a viver'. As parteiras, porém, temeram a Deus e não fizeram o que o rei do Egito lhes havia ordenado, e deixaram os meninos viverem. Assim, pois, o rei do Egito chamou as parteiras e lhes disse: 'Por que agistes desse modo, e deixastes os meninos viverem?' Elas responderam a Faraó: As mulheres dos hebreus não são como as egípcias. São cheias de vida e, antes que as parteiras cheguem, já deram à luz. Por isso Deus favoreceu essas parteiras; e o povo tornou-se muito numeroso e muito poderoso. E porque as parteiras temeram a Deus, ele lhes deu uma posteridade. **Então, Faraó ordenou a todo o seu povo: 'Jogai no Rio todo menino que nascer. Mas, deixai viver as meninas**'."*

Explicam-nos os tradutores da *Bíblia de Jerusalém* que a cidade-armazém de Ramsés é o nome da residência do Faraó Ramsés II no Delta, identificada como Tânis ou Qantir. Essa menção aponta Ramsés II (1290-1224) como o Faraó opressor e

fornece aproximadamente a data do Êxodo. ([141])

Vamos, na sequência, ver esse relato na ótica do historiador hebreu Flávio Josefo (37-103 d.C.). São estas as suas palavras sobre o acontecimento:

> 85. *Êxodo 1*. Como os egípcios são naturalmente preguiçosos e voluptuosos e só pensam no que lhes pode proporcionar prazer e proveito, eles olhavam com inveja a prosperidade dos hebreus e as riquezas que conquistavam com seu trabalho; conceberam mesmo certo temor pelo grande aumento de seu número. Tendo o tempo apagado a memória das obrigações que todo o Egito devia a José e tendo o reino passado a outra família, eles começaram a maltratar os israelitas e a oprimi-los com trabalhos. Empregaram-nos em cavar vários diques para deter as águas do Nilo e diversos canais para levá-las. Faziam-nos trabalhar na construção de muralhas para cercar as cidades, levantar pirâmides de altura prodigiosa e mesmo os obrigavam a aprender com dificuldade artes e diversos ofícios. Quatrocentos anos assim se passaram; os egípcios procurando sempre destruir nossa nação e os hebreus, ao contrário, esforçando-se por vencer todos esses obstáculos.
>
> 86. Este mal foi seguido por um outro, que aumentou ainda mais o desejo que os egípcios tinham de nos perder. **Um dos doutores da sua lei**, ao qual eles dão o nome de escribas das coisas santas e que passam entre eles por grandes profetas, **disse ao rei, que naquele mesmo tempo deveria nascer um menino entre os hebreus, cuja virtude seria admirada por todo o mundo, o qual elevaria a glória de sua nação, humilharia o Egito e cuja reputação seria imortal**. O

141 Bíblia de Jerusalém, p. 103.

> rei, assustado com essa predição, **publicou um edito**, segundo o conselho daquele que lhe fazia essa advertência, pelo qual ordenava **que se deveriam afogar todos os filhos dos hebreus do sexo masculino** e ordenou às parteiras do Egito que observassem exatamente, quando as mulheres deveriam dar à luz, porque ele não confiava nas parteiras da sua nação. Esse edito ordenava também que aqueles que se atrevessem a salvar ou criar alguma dessas crianças seriam castigados com a pena de morte juntamente com toda a família. ([142]) (grifo nosso)

A história aqui é outra, pois, pela pena de Josefo, o faraó Ramsés II, mandou matar as crianças por pura superstição, já que acreditou num presságio de que um menino hebreu seria a glória de sua nação e humilharia o Egito. A narrativa bíblica conta que isso ocorreu para limitar o nascimento dos hebreus, já que o faraó temia que eles viessem a sobrepujar o seu povo.

Certamente, alguém poderá objetar que o que estamos trazendo aqui nesse ponto não serve como prova. Concordamos plenamente, enquanto coisa isolada, entretanto, como isso vem corroborar uma das versões anteriores, achamos por bem colocá-la mesmo diante disso, já que ela se reveste de uma provável veracidade. Leiamos:

> Devo mencionar aqui um fato, que só vim a saber mais tarde, mas aqui o consigno por parecer-me conveniente: trata-se de **uma profecia terrível, feita nessa ocasião por velho sacerdote de Heliópolis**, célebre pelas suas revelações:

---

142 JOSEFO, 2003, p. 79.

> - “Dentro em breve – teria dito o profeta – **nascerá de pai hebreu uma criança do sexo masculino, que, ao atingir a maioridade, cobrirá o país de desgraças**; por sua culpa, o Nilo sagrado será emprestado; as cidades e campos cobertos de cadáveres, a nação arruinada, todos os primogênitos do Egito feridos de morte e o sarcófago do Faraó que suceder a Ramsés, ostentando a coroa do Alto e Baixo Egito, permanecerá vazio para sempre, pois só haverá peixes no lugar em que o corpo do rei vai ser sepultado”.
>
> Ramsés, sobremaneira impressionado, convocou um conselho secreto e discutiu os meios de conjurar tão horrorosas desgraças. Deliberaram ocultar ao povo a predição, porque, tímido e supersticioso, poderia entregar-se a sanguinolentos excessos contra os semitas em geral. Por outro lado, porém, **pretextando que os hebreus eram muitos prolíferos, resolveram eliminar, durante doze luas, todos os varões que lhes nascessem**. ([143]) (grifo nosso)

A título de informação, já que ninguém é obrigado a saber disso, o espírito que se apresenta como Conde J. W. Rochester, afirma que foi, naquela época passada, o próprio Faraó Mernephtah.

Pena que as coisas não ficaram somente nisso, pois há, ainda, uma outra versão diferente das anteriores. Vamos vê-la no livro *A História da Bíblia*, do qual transcrevemos o seguinte:

> No século 14 a.C., quando Ramesés, o Grande governava o Egito, as relações entre os nativos e os judeus chegaram a ponto de explosão. Ia rebentar a

---

143 KRIJANOWSKY, 1999, p. 23-24.

> luta. Os bem-vindos hóspedes de algumas centenas de anos antes haviam-se degradado de toas as maneiras. Os reis do Egito eram grandes construtores de obras públicas. As pirâmides já não estavam em moda, mas havia acampamentos, quartéis e diques a serem construídos, o que determinava uma constante procura de trabalhadores. Não era trabalho bem pago; os nativos evitavam-no; tinha, pois, de ser feito pelos judeus.
>
> Mesmo assim grande número de **judeus comerciantes conseguiam manter-se nas cidades, provocando a inveja dos egípcios** que não podiam superá-los em matéria comercial. **Os prejudicados foram então pedir ao Faraó o extermínio dos judeus**. O soberano, entretanto, pensou em outra solução. **Deu ordem para que todas as crianças judias do sexo masculino fossem mortas** – um remédio simples, embora cruel. Extinguiria a raça, sem perda dos atuais operários. ([144]) (grifo nosso)

Agora a coisa se complicou ainda mais, porquanto, permanece a dúvida de qual das versões podemos tirar a realidade dos acontecimentos. Muitos tentam explicar isso. Mas além dessa divergência em relação ao motivo algo mais grave acontece em relação a tudo isso. É que iremos ver agora.

Será que Ramsés II foi mesmo o Faraó daquela época? Trazemos ao leitor a explicação que os autores dum livro que busca exatamente explicar as contradições bíblicas:

ÊXODO 5:2 – Quem foi o Faraó de Êxodo?

---

144 VAN LOON, 1981, p. 32.

PROBLEMA: A posição predominante dos eruditos nos dias de hoje é que o Faraó de Êxodo era Ramsés II. Se assim for, isso significa que o êxodo ocorreu aproximadamente entre 1270 e 1260 a.C. Entretanto, de várias referências da Bíblia (Jz 11:26; 1 Rs 6:1; At 13:19-20), a data do êxodo é inferida como sendo 1447 a.C. Assim, de acordo com o sistema de datas normalmente aceito, o Faraó de Êxodo seria Amenotep II. Quem foi de fato o Faraó mencionado no livro de Êxodo, e quando foi que o êxodo ocorreu?

SOLUÇÃO: Conquanto muitos eruditos da atualidade tenham proposto uma data posterior para o evento do êxodo, de 1270 a 1260 a.C., há evidências suficientes para se dizer que não é necessário aceitar essa data. Uma explicação alternativa nos fornece um melhor relato de todos os dados históricos, e coloca o êxodo por volta de 1447 a.C.

Primeiro, as datas bíblicas para o êxodo o colocam nos anos em torno de 1400 a.C., já que 1 Reis 6:1 declara que ele ocorreu 480 anos antes do quarto ano do reinado de Salomão (o que foi por volta de 967 a.C.). Isso colocaria o êxodo por volta de 1447 a.C., de acordo com Juízes 11:26, que afirma que Israel passou 300 anos na terra, até o tempo de Jefté (o que foi cerca de 1000 a.C.).

De igual modo, Atos 13:20 diz ter havido 450 anos de juízes, de Moisés a Samuel, sendo que este último viveu por volta de 1000 a.C. O mesmo ocorre com respeito aos 430 anos mencionados em Gálatas 3:17 (veja os comentários deste versículo), abrangendo o período de 1800 a 1450 a.C. (de Jacó a Moisés). O mesmo número é usado em Êxodo 12:40. Todas essas passagens indicam uma data em torno de 1400 a.C., não em torno de 1200 a.C., como os críticos afirmam.

Segundo, John Bimson e David Livingston propuseram uma revisão da data tradicionalmente

> atribuída ao fim da Idade do Bronze Média e início da Idade do Bronze Avançada, de 1550 para um pouco antes de 1400 a.C. A Idade do Bronze Média caracterizava-se por cidades grandemente fortificadas, cuja descrição se enquadra muito bem com o relato que os espias trouxeram a Moisés (Dt 1:28). Isso significa que a conquista de Canaã se deu por volta de 1400 a.C. Como as Escrituras afirmam que Israel vagueou pelo deserto por cerca de 40 anos, isso dataria o êxodo por volta de 1440 a.C., totalmente de acordo com a cronologia bíblica. Se aceitarmos os registros tradicionais dos reinos dos Faraós, isso significaria que o Faraó do livro de Êxodo foi Amenotep II, que reinou de cerca de 1450 a 1425 a.C.
>
> Terceiro, outra possível solução, conhecida como a revisão de Velikovsky-Courville, propõe uma revisão na cronologia tradicional dos reinados dos Faraós. Velikovsky e Courville afirmam que há 600 anos a mais na cronologia dos reis do Egito. Evidências arqueológicas podem ser juntadas para substanciar esta proposta que de novo data o êxodo em 1440 a.C. De acordo com este ponto de vista, o Faraó nesse tempo era o rei Tom. Isto se harmoniza com a afirmação de Êxodo 1:11, de que os israelitas foram escravizados para construírem a cidade chamada Pitom (residência de Tom). Quando a cronologia bíblica é tomada como padrão, todas as evidências arqueológicas e históricas se encaixam direitinho. (Veja Geisler e Brooks, *When Skeptics Ask* [Quando os Cépticos Questionam], Victor Books, 1990, cap. 9). ([145])

Então temos duas datas aproximadas para o Êxodo, uma em 1440 a.C. e outra 1.270 a.C. Uma referência importante é encontrada na passagem bíblica transcrita, no início, onde no

---

145 GEISLER e HOWE, 1999, p. 73-74.

versículo 11 lemos: "*Foi assim que ele construiu para Faraó as cidades-armazéns de Pitom e de Ramsés".* Para definir qual é a da data dos acontecimentos temos que saber quem foi que construiu esses armazéns. É unanimidade entre os historiadores que foi Ramsés II, o que evidência uma contradição na Bíblia, quando, por suas narrativas, pode-se inferir também que a época seja 1440 a.C.

Werner Keller, informa-nos:

> O quadro do túmulo aberto na rocha mostra uma cena da construção do templo de Amon na cidade de Tebas. As "clássicas" cidades da escravidão os filhos de Israel eram, entretanto, Pitom e Ramsés. Ambos esses nomes aparecem sob forma um tanto modificada em inscrições egípcias. "Per-Itm", "Casa do deus Atum", é uma cidade que não existia antes da época de Ramsés II. E a já citada Per-Ramsés-Meri-Imen é a bíblica Ramsés. Uma inscrição do tempo de Ramsés II fala de "pr" "que arrastam pedras para a grande fortaleza da cidade de Per-Ramés-Meri-Imen". A língua egípcia designa como "pr" os semitas. ([146]).

Isso resolve em parte o nosso problema, entretanto, cria-nos um outro, senão vejamos o que dizem FINKELSTEIN e SILBERMAN ([147]), autores de *A Bíblia não tinha razão*:

---

146 KELLER, 2000, p. 126.

147 **Israel Finkelstein** é diretor do Instituto de Arqueologia Sonia e marco Nadler, da Universidade de Tel Aviv, em Israel e **Neil Asher Silberman** é diretor de interpretação histórica do Centro Ename de Arqueologia Pública e Apresentação do Legado Histórico, na Bélgica, além de contribuir regularmente, como editor, para a revista *Archaeology*.

> […] as fontes egípcias relatam que a cidade de Pi-Ramsés (‘A Casa de Ramsés’) foi construída no delta na época do grande rei egípcio Ramsés II, que governou de 1279 a 1213 a.C., e que aparentemente semitas foram aproveitados na sua construção. […] a menção mais antiga de Israel num texto extrabíblico foi encontrada no Egito, na estela que descreve a campanha do faraó Meneptah[148] – o filho de Ramsés II – em Canaã, no exato final do século XIII a.C. A inscrição relata uma destrutiva campanha militar egípcia naquela região, durante a qual um povo chamado Israel foi dizimado ao ponto de o faraó ter-se vangloriado de que “a semente de Israel não mais existe!” ([149])

Se Israel é vencido pelo faraó Merneptah, como explicar o Êxodo conforme a narrativa bíblica que o coloca no reinado de Ramsés II? Se o povo hebreu saiu do Egito por volta de 1270 e tendo ficado 40 anos no deserto, isso nós remete ao ano de 1230 a.C. para a ocupação de Canaã. Mas nesse período o Egito era regido pelo faraó Ramsés II e não por Merneptah. Sabemos que Ramsés II morreu em agosto de 1213 a.C., com cerca de 90 anos ([150]), só então assumiu o trono Merneptah. Veja, caro leitor, que as coisas estão se complicando cada vez mais, difícil saber o que de fato aconteceu neste período histórico.

Ainda mais coisas colocam esses dois arqueólogos, que acabamos de citar:

> […] nas abundantes fontes egípcias que descrevem

148 Aqui nome do faraó parece com outra grafia.
149 FINKELSTEIN e SILBERMAN, 2003, p. 86.
150 Nacional Geographic, p. 60.

a época do Novo Império em geral, e o século XIII em particular, não há referência aos israelitas, nem mesmo uma única pista. Sabemos sobre grupos nômades de Edom que entraram no Egito pelo deserto. A estela de Meneptah se refere a Israel como um grupo de pessoas que viviam em Canaã. Mas não há pistas, nem mesmo uma única palavra, sobre antigos israelitas no Egito: nem nas inscrições monumentais nas paredes dos templos, nem nas inscrições em túmulos, nem em papiros. Israel inexiste como possível inimigo do Egito, como amigo ou como nação escravizada. E simplesmente não existem achados arqueológicos no Egito que possam estar associados de forma direta com a noção de um grupo étnico distinto (em oposição a uma concentração de trabalhadores migrantes de muitos lugares), vivendo numa área específica a leste do delta, como subentendido no relato bíblico sobre os filhos de Israel vivendo juntos na terra de Gessen (Gênesis 46,27).

Há algo mais: parece altamente improvável, como também é a travessia do deserto e o ingresso em Canaã, que um grupo, mesmo que pequeno, pudesse fugir do controle egípcio na época de Ramsés II. No século XIII a.C., o Egito estava no auge de seu poder e autoridade, o poder dominante do mundo. O controle sobre Canaã era firme; fortalezas foram construídas em diversas partes do país, e funcionários egípcios administraram os assuntos na região. Nas cartas de el-Amarna, datadas de um século antes, há a informação de que uma unidade de cinquenta soldados egípcios era grande o bastante para apaziguar qualquer agitação em Canaã. E ao longo do período do Novo Império os extensos exércitos marcharam através de Canaã para o norte, até o rio Eufrates, na Síria. ([151])

151 FINKELSTEIN e SILBERMAN, 2003, p. 90.

Apenas para ilustrar e mostrar que nem mesmo as datas que os faraós reinaram são unânimes, por isso poder-se-á encontrar datas discrepantes nesse estudo. Vejamos:

19ª DINASTIA	
Ramsés I	1292-1290
Seti I	1290-1279
Ramsés II	1279-1213
Merneptah	1213-1204

Fonte: ([152]).

Pelo que conseguimos juntar nas pesquisas para nosso estudo, e apresentadas neste texto, a conclusão, que se pode chegar, não é outra senão que a narrativa bíblica não representa a verdade dos fatos. Não passa de uma ficção literária inventada pelos autores. Entretanto, quando especificamente à questão do povo hebreu no Egito há uma possibilidade que sejam os hicsos que foram expulsos por lá por volta de 1570 a.C. ([153]), mas isso colocaria o Êxodo por volta de 1440 a.C., período em que reinava Tutmés III.

Isso tudo nos leva a também desacreditar na história sobre a suposta ordem do Faraó de matar crianças dos hebreus.

---

152 National Geographic, p. 49, baseado em pesquisas de Rolf Krauss, do Museu Egípcio de Berlim.

153 FINKELSTEIN e SILBERMAN, 2003, p. 75.

Moisés, o Libertador

> *"Vem, agora, e eu te enviarei a Faraó, para que tireis o meu povo, os filhos de Israel, do Egito."* (Êxodo 3,10)

Antigamente, em quase todas as pequenas cidades do interior, invariavelmente, existia um cinema, por pequeno que fosse, pois era o único meio de diversão do povo. Hoje, o cinema foi substituído pela TV. Antes, saíamos sempre para ir ao cinema; atualmente, ficamos em casa defronte à "máquina de fazer doido", horas e horas a fio.

Foi nesse tempo que tivemos a oportunidade de assistir a um filme que contava a história de Moisés. Ficamos deveras impressionados com este personagem, pois, ao que tudo parecia, tinha mesmo parte com Deus, tantos os prodígios que fazia em nome Dele. Filme épico, que mostrava a história do povo hebreu, escravo no Egito, sendo libertado por esse nosso personagem.

Criado no palácio real, teve uma formação cultural comum somente à nobreza. Devia ter conhecimento de todos os segredos que eram reservados somente aos iniciados.

Mas, sempre ficamos a questionar se foi realmente verdadeira a história, que assistíramos boquiabertos. Hoje, querendo descobrir algo sobre este nosso herói, fomos pesquisar na Bíblia, a sua vida, para responder alguns

questionamentos que nos saltaram à mente.

1) A história de Moisés é uma lenda?

Em Ex 2,1-4, lemos:

> *"Um homem da família de Levi casou-se com uma mulher de seu clã. A mulher concebeu e deu à luz um filho. Vendo que era um lindo bebê, guardou-o escondido durante três meses. Não podendo escondê-lo por mais tempo, pegou uma cestinha de papiro, calafetou com betume e piche, pôs nela a criança e deixou-a entre os juncos na margem do rio. A irmã do menino postou-se a pouca distância para ver o que lhe aconteceria."*

Encontramos a seguinte explicação para esta passagem:

> **O relato do nascimento e salvamento de Moisés se assemelha à lenda contada a respeito de Sargão,** o conquistador da Mesopotâmia (3º milênio AC). Nascido de pai desconhecido e de uma mãe que o abandonou nas águas do Eufrates numa cesta de vime calafetada com betume, foi salvo e criado por um jardineiro real. Depois, amado pela deusa Istar, se tornou rei durante 56 anos. **Lendas semelhantes** contam-se sobre a origem de Ciro, rei da Pérsia, e de Rômulo e Remo, fundadores de Roma. Com recurso a um tal clichê literário Moisés é colocado entre os grandes personagens da história. ([154]) (grifo nosso)

Veja bem: se o relato do nascimento e salvamento de Moisés se assemelha a uma lenda e que lendas semelhantes

154 Bíblia Sagrada – Vozes, p. 97.

contam-se a respeito de outras pessoas, podemos concluir que, por esse pensamento, a história de Moisés é também uma lenda.

2) Quem lhe apareceu na sarça?

Para responder esta questão teremos que recorrer ao que consta narrado em Êxodo 3,1-6:

> *"Moisés [...] chegou ao monte de Deus, o Horeb. Apareceu-lhe o* ***anjo do Senhor numa chama de fogo no meio de uma sarça****. [...] Moisés se aproximava para observar e* ***Deus o chamou do meio da sarça****: [...] Moisés cobriu o rosto, pois temia olhar para Deus."* (grifo nosso)

Ora, as passagens abaixo não dizem a mesma coisa:

> Atos 7,30*: "Passados quarenta anos,* ***um anjo apareceu a Moisés*** *no deserto do Monte Sinai, entre as chamas da sarça ardente."* (grifo nosso)
>
> Atos 7,35-36: *"[...] Moisés [...] Mas Deus é que o enviou como guia e libertador,* ***por meio do anjo que lhe apareceu na sarça****. Então, o anjo conduziu o povo para fora, realizando milagres e prodígios no Egito, no Mar Vermelho e no deserto, durante quarenta anos'."* (grifo nosso)
>
> Atos 7,38: "*Foi ele quem [...]* ***foi mediador entre o anjo que lhe falava no Monte Sinai*** *[...]."* (grifo nosso)

Afinal, quem apareceu a Moisés, foi o próprio Deus ou foi um dos seus anjos?

3) Falava face a face com Deus ou não?

Vejamos em Êxodo 33,11: *"O Senhor se entretinha **com Moisés face a face**, como um homem fala com o seu amigo."* (grifo nosso)

Mas, em outra passagem se diz que ninguém poderá ver a face de Deus e continuar vivo, conforme consta em Êxodo 33,20: *"Mas, ajuntou o Senhor, **não poderás ver a minha face**: pois o homem não me poderia ver e continuar a viver."* (grifo nosso)

E, mais importante ainda, o próprio Jesus afirma que *"ninguém jamais viu a Deus"* (João 1,18). Então, o que será que realmente aconteceu com Moisés?

4) Era um mago ou um profeta?

Os prodígios que Moisés fez, nos colocaram essa dúvida; vejamos as narrativas:

> Êxodo 7,10-12: *"[...] Moisés e Arão [...] fizeram assim como o **SENHOR ordenara**; e **lançou Arão a sua vara diante de Faraó**, e diante dos seus servos, e **tornou-se em serpente**. E Faraó também **chamou os sábios e encantadores; e os magos** do Egito **fizeram também** o mesmo com os seus encantamentos. [...]."* (grifo nosso)
>
> Êxodo 7,19-22: "*Disse mais o SENHOR a Moisés: Dize a Arão: Toma tua vara, e estende a tua mão sobre as águas do Egito, [...] E Moisés e Arão fizeram assim como o **SENHOR tinha mandado**; e Arão **levantou a vara, e feriu as águas** [...] e **todas as águas do rio se tornaram em sangue**, [...] **Porém os magos do Egito também fizeram o mesmo com os seus***

***encantamentos**; […].”* (grifo nosso)

> Êxodo 8,1-3: ***Disse mais o SENHOR** a Moisés: Dize a Arão:... E Arão **estendeu a sua mão sobre as águas** do Egito, e **subiram rãs**, e cobriram a terra do Egito. Então **os magos fizeram o mesmo com os seus encantamentos**, e fizeram subir rãs sobre a terra do Egito.* (grifo nosso)

Se Moisés já havia transformado as águas do rio em sangue, como é que os magos do faraó fizeram o mesmo? É o que queremos saber e ainda não encontramos uma resposta lógica para isso.

Estas passagens descrevem o cumprimento da determinação de Deus por Moisés e seu irmão Arão, para convencerem o Faraó a deixar o povo hebreu partir, liberto da escravidão, em busca da Terra Prometida.

Ao analisá-las, ficamos numa dúvida cruel. Ora, se os magos do Faraó também conseguiram fazer essas proezas que Moisés e Arão fizeram, de duas uma: ou teremos que admitir que o deus do Faraó era tão prodigioso, que conseguia fazer tudo quanto o Deus de Moisés fez, ou deveremos entender que Moisés e Arão eram, na verdade, magos, iguais aos que acompanhavam o Faraó, já que eles conseguiram produzir esses mesmos fenômenos.

A primeira hipótese é absurda, pois há um só Deus. Assim, teremos que, inevitavelmente, ficar com a segunda, ou seja, somos constrangidos a admitir que Moisés e Arão eram magos; isso se não formos daqueles que o fanatismo cega. Se bem que pelos textos, quem produziu os fenômenos foi

somente Arão; Moisés era apenas um espectador. Admitindo isso, estas passagens se conflitam com a determinação contida em Dt 18,9-12, que, entre várias coisas, Deus proibia a magia. E aí, quem consegue sair desse dilema, sem usar qualquer tipo de apelação?

Você, meu caro leitor, poderá até ponderar que essa determinação é posterior aos acontecimentos narrados. É um fato, e não temos como contestar; entretanto, também não temos como admitir Deus mudando de opinião, pois, para nós, Ele é imutável, e todas as Suas determinações são para todos os tempos e povos, a exemplo de: *"Não matarás"*, *"Honrar pai e mãe"*, *"não furtarás"*, ou o *"não adulterarás"*!

5) Realizou milagres?

Mas, e os tais milagres realizados por Moisés, de que tanto se fala, ocorreram ou não? Para buscar a resposta, vamos ver as narrativas:

> Êxodo 14,21-22: *"Moisés estendeu a mão sobre o mar, e durante a noite inteira o Senhor fez soprar sobre o mar um vento oriental muito forte, fazendo recuar o mar e transformando-o em terra seca. As águas se dividiram, e os israelitas entraram pelo meio do mar em seco, enquanto as águas formavam uma muralha à direita e outra à esquerda."*

A explicação para essa passagem está da seguinte forma:

> A descrição da **passagem pelo mar Vermelho** corresponde a um **fenômeno de ordem natural**, como

> o sugere a menção do ‘vento forte’ que põe o mar, isto é, uma região pantanosa, em seco. Tal fenômeno foi providencial para salvar os israelitas e fazer perecer os egípcios: de madrugada as condições climáticas foram favoráveis à passagem segura dos israelitas; de manhã mudaram bruscamente e os egípcios pereceram. Nisto Israel viu a mão providencial de Deus, expressa pela nuvem e pelo fogo, pelas águas que formaram alas para os israelitas passarem e pela vara milagrosa de Moisés. ([155]) (grifo nosso)

Assim, podemos concluir, que, na realidade, a passagem do Mar Vermelho, quando o mar abriu-se em duas muralhas, é, nada mais nada menos, que um fenômeno de ordem natural. Mas, por que continuam a afirmar que se trata de um milagre?

Vejamos agora a narrativa de Ex 16,13*: “De tarde, realmente veio um bando de codornizes e cobriu o acampamento; [...].”*

A explicação dada a essa passagem foi: “**As codornizes** são aves migratórias que, duas vezes por ano, aparecem em abundância na península do Sinai, tanto no Golfo arábico como na costa mediterrânea. **Exaustas do longo voo, podem ser facilmente apanhadas”**. ([156])

Nós aqui de Minas Gerais, diríamos: Uai! Então não foi milagre? Não entendemos porque ainda dizem que foi.

Outra passagem para análise é a seguinte:

---

155 Bíblia Sagrada – Vozes, p. 99.

156 Bíblia Sagrada – Vozes, p. 99.

Êxodo 16,14-15: *"Quando o orvalho evaporou, na superfície do deserto apareceram pequenos flocos, como cristais de gelo sobre a terra. Ao verem, os israelitas perguntavam-se uns aos outros: 'Que é isto?', pois não sabiam o que era."*

Explicam-nos que:

> Da pergunta 'que é isto?', em hebraico man hú, a etimologia popular fez derivar o nome de maná. **O maná é o produto da secreção de certos insetos** que se alimentam da seiva de uma variedade de tamareira do deserto**.** Em forma de gotas de orvalho, o maná cai no chão donde é ajuntado, peneirado e guardado para servir de alimento. Os árabes ainda hoje chamam a essa substância açucarada, man. ([157]). (grifo nosso)

Noooossa! Então o maná também não foi um milagre.

Essa ocorrência, como as anteriores, são simples fenômenos de ordem natural. Como explicar que os teólogos sempre disseram que todas elas são milagres?

Ficamos a pensar quantas outras coisas que estão na Bíblia podem ser apenas fenômenos naturais, vistos, pelos conhecimentos da época, como milagres.

Desculpe-nos, caro leitor, se transferimos a você as nossas dúvidas.

---

157 Bíblia Sagrada – Vozes, p. 99.

Mar Vermelho: a travessia que nunca existiu

> “Na verdade, nada é definitivo na busca do conhecimento. Hipóteses, teorias e suposições podem ser descartadas sumariamente algum dia, simplesmente porque se tornaram inválidas perante fatos resultantes de novas descobertas.” (Hermínio C. Miranda)

Relatam-nos os textos sagrados, que o povo hebreu, ao sair do Egito, defrontou-se com o Mar Vermelho, que se dividiu em duas muralhas após Moisés estender a mão sobre ele, de modo que todo o povo atravessou-o a pé enxuto. Os egípcios, que o perseguiam, foram tomados pelas águas, quando elas se juntaram novamente, perecendo todo o exército do Faraó.

Apesar desse “milagre” nos impressionar, nunca deixamos de questionar se realmente isso aconteceu, tal como se encontra relatado na Bíblia. Pelo que vimos nos filmes épicos, é muita água! Veremos, neste estudo, se conseguiremos desvendar esse mistério.

Das várias Bíblias, fonte de nossa pesquisa, somente a intitulada *Bíblia de Jerusalém* traz a verdadeira denominação do local da passagem. Optamos por colocar todas as narrativas que iremos mencionar dela, uma vez que a equipe formada para sua tradução foi composta por tradutores católicos e protestantes; portanto, uma versão de consenso que, segundo pensamos, evita, muito mais que qualquer outra, textos

adaptados à conveniência religiosa de um segmento específico.

> Êxodo 13,17-18: "*Ora,* ***quando o Faraó deixou o povo partir,*** *Deus não o fez ir pelo caminho no país dos filisteus, apesar de ser o mais perto, porque Deus achara que diante dos combates o povo poderia se arrepender e voltar para o Egito. Deus, então, fez o povo dar a volta pelo caminho do deserto do* ***mar dos Juncos****, e os israelitas saíram bem armados do Egito."* (grifo nosso)

Já temos o nosso primeiro problema: qual foi o verdadeiro motivo pelo qual os hebreus saíram do Egito? A razão da pergunta é bem simples: temos três alternativas para escolher; senão vejamos:

a) Em Êxodo 13,17, fala que o Faraó os deixou partir;

b) Em Êxodo 14,5, diz que fugiram do Egito; e

c) Em Êxodo 21,39, afirma que foram expulsos.

Mas, por incrível que possa parecer, surgiu um dogmático que defende ter acontecido todas elas; haja fanatismo! O que não se faz para sustentar que os textos bíblicos são verdadeiros... Caso contrário, a crença de que a Bíblia é inerrante cai por terra.

Russel N. Champlin e J. M. Bentes têm uma opinião bem interessante que consta de uma das obras *Enciclopédia de Bíblia, teologia e filosofia*, que transcrevemos:

> Finalmente, devemos lembrar que **as declarações de que a Bíblia não contém erro alicerçam-se sobre**

> **o dogma humano** e levaram séculos para se desenvolver. **A própria Bíblia não reivindica isso para si mesma**. Em consequência, **ao negarmos elementos fantásticos da Bíblia, estamos meramente repelindo os dogmas humanos**, e não o que a Bíblia diz por si mesma […]
>
> […] Mas, supor que eles [os autores sagrados] tivessem de estar certos em tudo não passaria de dogmas humanos que precisavam de séculos para se desenvolver. **Os próprios autores não reivindicaram inerrância; e mesmo que o tivessem feito, não poderiam comprová-la. Aquele que precisa apelar para o mito da inerrância é um infante espiritual que precisa de mamadeira adredemente preparada.** A espiritualidade não se parece com isso. De fato, a espiritualidade (em seu aspecto de conhecimento) é uma aventura, uma inquirição. Existem grandes verdades subjacentes como Deus, a existência e a sobrevivência da alma, e muitos detalhes dotados de base histórica. Porém, é vão tentar encaixar historicamente e sem erros tudo quanto encontramos na Bíblia. ([158]) (grifo nosso)

É parece que os autores não se afinam com os fanáticos, que, piamente, acreditam que tudo quanto está na Bíblia é totalmente verdadeiro.

Sobre Êxodo 13,17-18, passo que estamos analisando, em nota de rodapé, explicam os tradutores:

> A designação **"o mar dos Juncos", em hebraico *yam sûf***, é acréscimo. **O texto primitivo dava apenas uma indicação geral**: os israelitas tomaram o caminho

158 CHAMPLIN e BENTES, 1995a, p. 36.

> do deserto para o leste ou o sudeste. – o sentido desta designação e a localização do “mar de Suf” são incertos. Ele não é mencionado na narrativa de Ex 14, que fala apenas do “mar”. O único texto que menciona o “mar de Suf” ou “mar dos Juncos” (segundo o egípcio) como cenário do milagre é Ex 15,4, **que é poético**. ([159]) (grifo nosso)

Veremos, mais à frente, que Werner Keller, autor do livro *E a Bíblia tinha razão...,* reforça essa afirmativa sobre a designação desse local.

> Êxodo 14,21-28: “*Então Moisés estendeu a mão sobre* ***o mar****. E Iahweh, por* ***um forte vento oriental*** *que soprou toda aquela noite, fez* ***o mar*** *se retirar. Este se tornou terra seca, e as águas foram divididas. Os israelitas entraram pelo meio do* ***mar*** *em seco; e as águas formaram como um muro à sua direita e à sua esquerda. Os egípcios que os perseguiam entraram atrás deles, todos os cavalos de Faraó, os seus carros e os seus cavaleiros, até o meio do* ***mar****... Moisés estendeu a mão sobre o* ***mar*** *e este, ao romper da manhã, voltou para o seu leito. Os egípcios, ao fugir, foram de encontro a ele. E Iahweh derribou os egípcios no meio do mar. As águas voltaram e cobriram os carros e cavaleiros de todo o exército de Faraó, que os haviam seguido no* ***mar****; e* ***não escapou um só deles****.”* (grifo nosso)

Transcrevemos da nota de rodapé a seguinte explicação:

---

159 Bíblia de Jerusalém, p. 121.

> Esta narrativa apresenta-nos o milagre de duas maneiras: 1º) Moisés levanta a sua vara sobre o mar, que se fende, formando duas muralhas de água entre as quais os israelitas passam a pé enxuto. Depois, quando os egípcios vão atrás deles, as águas se fecham e os engolem. Esta narrativa é atribuída à tradição sacerdotal ou eloísta. 2º) Moisés encoraja os israelitas fugitivos, assegurando-lhes que nada têm que fazer. Então, Iahweh faz soprar um vento que seca o "mar", os egípcios ali penetram e são engolidos pelo seu refluxo. Nesta narrativa, atribuída à tradição javista, somente Iahweh é que intervém; não se fala de uma passagem do mar pelos israelitas, mas apenas da miraculosa destruição dos egípcios. Esta narrativa representa a tradição mais antiga. É somente a destruição dos egípcios que afirma o canto muito antigo de Ex 15,21, desenvolvido no poema de 15,1-18. Não é possível determinar o lugar e o modo deste acontecimento; mas aos olhos das testemunhas apareceu como uma intervenção espetacular de "Iahweh guerreiro" (Ex 15,3) e tornou-se um artigo fundamental da fé javista (Dt 11,4; Js 24,7 e cf. Dt 1,30; 6,21-22; 26,7-8). Este milagre do mar foi posto em paralelo com outro milagre da água, a passagem do Jordão (Js 3-4); a saída do Egito foi concebida de maneira secundária à imagem da entrada em Canaã, e as duas apresentações misturam-se no cap. 14. A tradição cristã considerou este milagre como uma figura da salvação, e mais especialmente do batismo (1Cor 10,1). ([160])

Muitas vezes explicam certas passagens bíblicas de um jeito, mas não levam em consideração as suas próprias explicações para análise de outros textos. Por isso, insistem que tal ocorrência se trata de "milagre"; mas, como já

160 Bíblia de Jerusalém, p. 121-122.

deixamos transparecer, logo de início, só se por delírio poético do autor bíblico.

Ficamos em dúvida de como as coisas realmente aconteceram, já que, pelo relato, Moisés estendeu a mão sobre o mar, enquanto que o historiador Flávio Josefo, dizendo sobre o que se encontra nos Livros Santos, narra da seguinte forma:

> Este admirável guia do povo de Deus, depois de ter acabado a sua oração, **tocou o mar com sua vara maravilhosa** e no mesmo instante ele se dividiu, para deixar os hebreus passar livremente, atravessando-o a pé enxuto, como se estivessem andando em terra firme. ([161]) (grifo nosso)

Assim, temos duas versões para o mesmo fato. Por outro lado, Josefo registra de forma espetacular o retorno das águas ao leito do mar, com o perecimento dos egípcios, o que não encontramos na Bíblia da mesma forma. Vejamos:

> O vento juntara-se às vagas para aumentar a tempestade: **grande chuva caiu dos céus; os relâmpagos misturaram-se com o ribombo do trovão, os raios seguiram-se aos trovões** e para que não faltasse nenhum sinal dos mais severos castigos de Deus, na sua justa cólera, punindo os homens, uma noite sombria e tenebrosa cobriu a superfície do mar; do modo que, de todo esse exército, tão temível, **não restou um único homem que pudesse levar ao Egito a notícia da horrível catástrofe**. ([162]) (grifo nosso)

---

161 JOSEFO, 2003, p. 87.

162 JOSEFO, 2003, p. 87.

Em seu cântico entoado a Deus, Moisés, a certa altura, diz: “Soprastes com o teu vento, e o mar os cobriu; afundaram-se como chumbo em águas impetuosas” (Ex 15,10), referindo-se ao retorno ao estado normal das águas do mar, que cobriram os egípcios. Em nota de rodapé, o tradutor da Bíblia, Russell Philip Shedd (1929-2016), teólogo evangélico, assim explica:

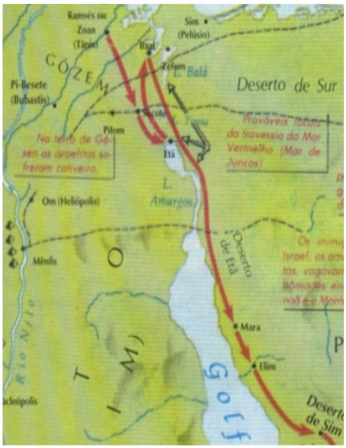
> Ex 15,10: *Sopraste.* Ex 14,21 nos mostra que **as águas do mar foram afastadas por um forte vento; então era uma mudança de vento que deixou voltar a maré**, que agora se tornou em arma contra os perseguidores. ([163]) (grifo nosso)

Então o afastamento das águas foi por conta de um forte vento, nada tem a ver com um suposto milagre realizado por Moisés.

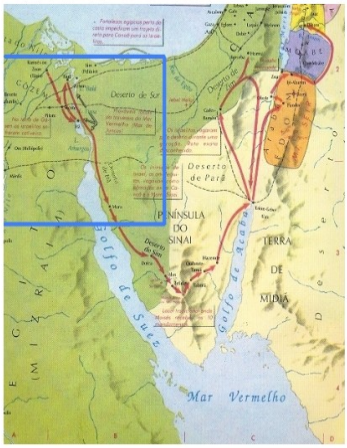
A rota inicial do êxodo está toda traçada na narrativa. Inicialmente partiram de Ramsés para Sucot, daí seguiram a Etam, de onde foram até Piairot, ponto em que partiram e atravessaram o mar, acampando em Mara, no Deserto de Etam. (Êxodo 13,20; 14,2.9.15; 15,22; Números 33,5-8). Ver no mapa 2 abaixo, essa rota traçada em linha vermelha:

---

163 Bíblia Shedd, p. 95.



Mapa 1: Ampliação do local da passagem



Mapa 2: Visão global da rota do êxodo

Observe no Mapa 1 (destaque da área realçada no retângulo azul no Mapa 2) que, na região da passagem pelo "Mar Vermelho", existe até uma rota comercial (linha pontilhada), demonstrando que não se necessitava de nenhum milagre para passar pelo local. Keller, num mapa colocado em seu livro *E a Bíblia tinha razão...*, informa que essa área é denominada de "mar dos Juncos", o que de fato pode-se confirmar no mapa acima que foi retirado da Bíblia Anotada, Mundo Cristão.

Bem abaixo, ainda no Mapa 1, na região indicada como de ajuntamento de água, se refere ao Golfo de Suez. Não se trata especificamente do Mar Vermelho, que fica bem mais abaixo, conforme se pode ver mais claramente no Mapa 2, que, segundo nossos cálculos, dista cerca de 360 km do local da passagem.

Temos, então, pela geografia da região, que o Mar

Vermelho é, vamos assim dizer, dividido pela Península do Sinai em dois golfos, o Golfo de Suez e Golfo de Acaba. Como se diz popularmente “cada um é cada um”, ou melhor, geograficamente falando, golfo é golfo, não é o mar propriamente dito.

Russel N. Champlin e J. M. Bentes, são categóricos, dizendo:

> A comparação entre Êxodo 14 e 15:22, observando-se o paralelismo poético em 15:4, deixa claro que **o “mar” atravessado pelos hebreus em Êxodo 14 era o “mar dos juncos”, que corresponde ao egípcio “alagadiço de papiros”, particularmente no nordeste do delta do Nilo**. ([164]) (grifo nosso)

Essa localização leva-nos, justamente, à parte destacada do mapa 1, uma região pantanosa, na qual, provavelmente, os hebreus, na condição de escravos, colhiam os papiros para serem processados e transformados em folhas, visando servirem para os registros escritos.

Veja, caro leitor, que explicação interessante encontramos:

> Ex 12,37: *Sucot.* Parece ser a cidade de Pitom, bem ao norte do Mar Vermelho. As grandes estradas centrais, guardadas por fortificações, se achavam muito mais para o norte (cf 13,17). **Parece que até dois mil anos atrás, o Mar Vermelho se estendia quase até lá**.

---

164 CHAMPLIN e BENTES, 1995d, p. 118.

([165]) (grifo nosso).

Vê-se que o tradutor Russell Philip Shedd procurou uma saída honrosa para justificar a passagem do Mar Vermelho, levantando a hipótese de que, naquela época, ele se estendia até a cidade de Sucot. Até hoje, ele foi a única pessoa que disse isso, dentre os inúmeros exegetas que já tivemos oportunidade de ler. Segundo sua explicação: "Sucot, nome genuinamente hebraico, que parece ser a cidade de Tell-el-Maskhuta, situada a cerca de 25 km a sudeste de Ismaília, que se acha às margens do canal de Suez, mais ou menos na metade. (Paulinas 1980, p. 88). O que faz situá-la às margens do canal de Suez, conferindo com o que se vê nos mapas acima.

O historiógrafo Laurence Gardner (1943-2010), escritor britânico, deu a seguinte opinião sobre isso:

> **Ao estudar o relato do Êxodo no Antigo Testamento e a travessia do Mar Vermelho**, cujas águas se partiram, tornando-se "qual muro à sua direita e à sua esquerda (Êxodo 14:22), **descobrimos que, na verdade, não havia mar para que os israelitas cruzassem.** Contam-nos que Moisés levou o povo de Avaris (pi-Ramsés) na planície de Goshen, no Delta do Nilo, de onde viajaram ao Sinai (Êxodo 16:1) por um caminho para Midiã (Êxodo 18:1). Mas **essa rota atravessa o deserto a norte do Mar Vermelho, onde o Canal artificial de Suez, de 165 km, aberto em 1869, está atualmente.** Logicamente, isso coloca a história da divisão das águas por Moisés no mesmo reino mítico do

165 Bíblia Shedd, p. 91.

conto do cesto de juncos. ([166]) (grifo nosso)

Fora as que já fornecemos, logo após as passagens anteriormente transcritas, seria ainda interessante lermos outras que se nos apresentam.

> **O local da travessia** do *Mar Vermelho* foi provavelmente a extensão **norte do Golfo de Suez**, ao sul do atual porto de Suez. Embora **a expressão literal seja "mar dos Juncos",** a referência é ao mar Vermelho, não simplesmente a alguma região alagadiça. ([167]) (grifo nosso)

> *Mar Vermelho*: lit. **"mar dos Juncos". A expressão designa** tanto o atual mar Vermelho como **também a região pantanosa e de lagunas, atravessada hoje pelo canal de Suez.** É o cenário da passagem dos israelitas pelo "mar Vermelho". ([168]) (grifo nosso)

> **A descrição da passagem pelo mar Vermelho corresponde a um fenômeno de ordem natural**, como o sugere a menção do "vento forte" (v.21) **que põe o mar, isto é, uma região pantanosa**, em seco. Tal fenômeno foi providencial para salvar os israelitas (v.24) e fazer perecer os egípcios (v.27): de madrugada as condições climáticas foram favoráveis à passagem segura dos israelitas; de manhã mudaram bruscamente e os egípcios pereceram. Nisto Israel viu a mão providencial de Deus (v.31), expressa pela nuvem e pelo fogo (13,21), pelas águas que formam alas para os israelitas passarem (14,22) e pela vara milagrosa de

166 GARDENER, 2004, p. 61.

167 A Bíblia Anotada, em relação à Êxodo 13,18, p. 98.

168 Bíblia Sagrada – Vozes, em relação à Êxodo 10,19, p. 91.

Moisés (v.16.21.26). ([169]) (grifo nosso)

> **Em toda essa narração da passagem do mar Vermelho é difícil estabelecer o que haja de verdadeiramente histórico e o que haja de fruto de reelaborações épicas**. Tampouco é possível indicar o ponto exato em que se deu a travessia. Por certo, há uma intervenção milagrosa de Deus que, embora servindo-se de fenômenos naturais, pode ordená-los no tempo e lugar para que facilitassem a fuga dos hebreus e o castigo dos egípcios. Em todo o A.T. a passagem do mar Vermelho foi sempre considerada como o exemplo mais esplêndido do socorro providencial de Deus, e em o N.T. é ainda considerada como a figura da salvação, mediante a ablução batismal. ([170]) (grifo nosso)

Mesmo que em algumas delas se reconheça que não é realmente o mar Vermelho, mas o mar dos Juncos, ou que o que aconteceu foi um fenômeno de ordem natural, cujo efeito foi colocar a região pantanosa em seco, não deixam de envidar esforços, em seus argumentos, para levá-lo à conta de milagre, contrariando o bom senso, base da fé racional, em detrimento da fé cega.

A Arqueologia confirma os fatos? Agora, sim, é que iremos ver o que Keller tem mesmo a nos dizer sobre esse assunto. Vejamos:

> Esse “milagre do mar” tem ocupado incessantemente a atenção dos homens. O que até agora nem a ciência nem a pesquisa conseguiram esclarecer não é de modo

169 Bíblia Sagrada – Vozes, em relação à Êxodo 14,21-31, p. 97.
170 Bíblia Sagrada – Vozes, em relação à Êxodo. 14,15-31, p. 97.

algum a fuga, para a qual existem várias possibilidades reais. A controvérsia que persiste é sobre o cenário do acontecimento, que ainda não foi possível fixar com certeza.

A primeira dificuldade está na tradução. **A palavra hebraica *"Yam suph"* é traduzida ora por "mar Vermelho", ora por "mar dos Juncos"**. Repetidamente se fala do *"mar dos Juncos": "Ouvimos que o Senhor secou as águas do mar dos Juncos [171] à vossa entrada, quando saístes do Egito…"* (Josué 2.10). No Velho Testamento, até o profeta Jeremias, fala-se em *"mar dos Juncos".* O Novo Testamento diz sempre "mar Vermelho" (Atos 7.36; Hebreus 10.29).

Às margens do mar Vermelho não crescem juncos. O mar dos juncos propriamente ficava mais ao norte. Dificilmente se poderia fazer uma reconstituição fidedigna do local – e essa é a segunda dificuldade. A construção do **Canal de Suez** no século passado modificou extraordinariamente o aspecto da paisagem da região. **Segundo os cálculos mais prováveis, o chamado "milagre do mar" deve ter acontecido nesse território**. Assim, por exemplo, o antigo lago de Ballah, que ficava ao sul da estrada dos filisteus, desapareceu com a construção do canal, transformando-se em pântano. Nos tempos de Ramsés II, existia ao sul uma ligação do golfo de Suez com os lagos amargos. Provavelmente chegava mesmo até mais adiante, até o lago Timsah, o lago dos Crocodilos. Nessa região existia outrora um mar de juncos. **O braço de água que se comunicava com os lagos amargos era vadeável em diversos lugares.** A verdade é que foram encontrados alguns vestígios de passagens. A fuga do Egito pelo mar dos Juncos é, pois,

171 N.T.: As traduções em português consultadas citam sempre "mar Vermelho". (N. do T.)

perfeitamente verossímil. ([172]) (grifo nosso)

As observações de Keller, perfeitamente, se encaixam com algumas das explicações dadas pelos tradutores, ficando, desta forma, sem propósito qualquer argumento contrário, a não ser que algum dia a ciência venha em socorro dos que querem enxergar as coisas sob um ponto de vista religioso, sustentando os fatos como milagres.

É bom deixar registrado que, enquanto que em outras bíblias a palavra Mar Vermelho aparece vinte e nove vezes, na Bíblia de Jerusalém ([173]), encontramos: dezessete vezes usando **Mar dos Juncos**, apenas sete vezes como **Mar Vermelho**, três vezes lê-se **Mar de Suf** e uma vez é citado **Mar dos Caniços**.

A respeito da passagem do Mar Vermelho, Josefo nos relata outro acontecimento idêntico:

> […] ninguém deve considerar como coisa impossível, que homens, que viviam na inocência e na simplicidade desses primeiros tempos, tivessem encontrado, para se salvar, uma passagem no mar, que se tenha ela aberto por si mesma, quer isso tenha acontecido por vontade de Deus, pois **a mesma coisa aconteceu algum tempo depois aos macedônios, quando passaram o mar da Panfília, sob o comando de Alexandre**, quando Deus se quis servir dessa nação para destruir o império dos

172 KELLER, 2000, p. 146.

173 **Mar dos Juncos**: Êxodo 10,19; 13,18; 15,4; 15,22; 23,31; Números 33,10; 33,11; Josué 2,10; 4,23; 24,6; Juízes 11,16; 1 Reis 9,26; Neemias 9,9; Salmo 106,7; 106,9; 106,22; 136,13; **Mar Vermelho**: Deuteronômio 11,4; Judite 5,13; 1 Macabeus 4,9; Sabedoria 10,18; 19,7; Atos 7,36; Hebreus 11,29; **Mar de Suf**: Números 14,25; 21,4; Deuteronômio 1,40; 2,1; **Mar dos Caniços**: Jeremias 49,21.

> persas, como o narram os historiadores que escreveram a vida desse príncipe. Deixo, no entanto, a cada qual que julgue como quiser. ([174]) (grifo nosso)

Observe que nesta fala de Josefo é dito dum fato semelhante acontecido com os macedônios, que também a pé enxuto passaram o mar da Panfília.

No livro de Josué (3,14-17) o povo de Israel atravessou o rio Jordão, após as suas águas terem se dividido, fato semelhante à narrativa da passagem do Mar Vermelho. Muitos também têm esse episódio como um milagre. Entretanto, vejamos as seguintes notas explicativas dos tradutores:

> **Sabemos que as águas do Jordão, no seu leito estreito e profundo, vão minando as margens, provocando de vez em quando grandes desabamentos de terras que podem obstruir por completo, a torrente**. A partir desse lugar, o leito permanece seco até que as águas rompem uma passagem e encontram de novo o seu caminho. A história conta-nos que isso aconteceu em 1267, 1914 e 1927. Em nada diminuiria a ação de Deus se se tivesse servido miraculosamente, nesse momento exato, destes elementos locais. ([175]) (grifo nosso)

> Relaciona-se esse **fato com o ocorrido em 1267**, segundo o cronista árabe [de nome Huwairi, conforme Ed. Paulinas, pág. 222] **o Jordão cessou de correr durante dez horas, porque desmoronamentos do terreno** haviam obstruído o vale, precisamente na

---

174 JOSEFO, 2003, p. 87.

175 Bíblia Sagrada – Santuário, em relação à Josué 3, 16, p. 286.

> região de Adamá-Damieh. ([176]) (grifo nosso)
>
> […] **O Jordão**, de fato, é um pequeno rio que, em alguns lugares, **permite a travessia a pé enxuto, principalmente graças à abundância de pedras em seu leito**. ([177]) (grifo nosso)
>
> Js 3,15-17: ***O Jordão transbordava*** **nos meses de maio e junho**. Em Adã, cidade 25 km ao norte, **o Jordão corre entre ribanceiras de barro de 13 m de altura, sujeitas a desmoronamento**. Podia ter sido o método que Deus usou para estancar as águas e deixar passar o povo, na hora determinada por Ele. ([178]) (grifo nosso)

Portanto, esse "milagre" das águas do rio Jordão separar é um fenômeno de ordem natural e não uma "ação divina" a favor dos israelitas; como se Deus fizesse algum tipo de exceção em suas leis...

Sempre que estivermos pesquisando algo para saber o que de fato aconteceu, é recomendável vermos outras fontes. Temos uma outra versão da saída dos hebreus do Egito:

> *"Estas são as etapas que os israelitas percorreram, desde que saíram da terra do Egito, segundo os esquadrões, sob a direção de Moisés e Aarão. Moisés registrou os seus pontos de partida, quando saíram sob as ordens de Iahweh. Estas são as etapas, segundo os seus pontos de partida. Partiram de Ramsés no primeiro mês. No décimo quinto dia do primeiro mês, no dia*

176 Bíblia de Jerusalém, em relação à Josué 3, 16, p. 317.
177 Bíblia Sagrada – Vozes, em relação à Josué 4, 3, p. 238.
178 Bíblia Shedd, p. 308-309.

> *seguinte à Páscoa, partiram de mão erguida, aos olhos de todo o Egito. [...] Os israelitas partiram de Ramsés e acamparam em Sucot. Em seguida partiram de Sucot e acamparam em Etam, que está nos limites do deserto. Partiram de Etam e voltaram em direção de Piairot, que está diante de Baal-Sefon, e acamparam diante de Magdol. Partiram de Piairot e alcançaram o deserto, depois de terem atravessado o mar, e depois de três dias de marcha no deserto de Etam acamparam em Mara. Partiram de Mara e chegaram a Elim. Em Elim havia doze fontes de água e setenta palmeiras; ali acamparam.* ***Partiram de Elim e acamparam junto ao mar dos Juncos. Em seguida partiram do mar dos Juncos e acamparam no deserto de Sin****. Partiram do deserto de Sin e acamparam em Dafca. Partiram de Dafca e acamparam em Alus. Partiram de Alus e acamparam em Rafidim; o povo não encontrou ali água para beber. Partiram de Rafidim e acamparam no deserto do Sinai."*

Nessa versão, que reproduzimos só até a chegada ao Sinai, não há a menor menção à abertura do mar Vermelho; não é interessante?! Mas poderia alguém nos perguntar: de onde você a retirou? Responderemos serenamente: da Bíblia! Como, da Bíblia? Sim; é isso mesmo; essa passagem do versículo 1 ao 15 foi transcrita dela; se quiser comprovar que então leia Números 33,1-49. Com qual das versões ficaremos como sendo a verdadeira? Como se vê pela descrição contida em Números 33, a passagem pelo mar dos Juncos foi coisa normal, e não poderia ser de outra forma, pois já existia uma rota comercial passando por aquele local, conforme poder-se-á comprovar pela linha pontilhada no mapa 1.

Para nós existem conflitos inexplicáveis. Primeiramente,

ficamos sem saber por qual motivo os hebreus saíram do Egito. O Faraó os deixou sair (Êxodo 13,17)? Ou será que, ao invés disso, foram expulsos (Êxodo 12,39)? Quem sabe, se não fugiram (Êxodo 14,5)? Ou, talvez, teria sido o próprio Deus quem os tirou da servidão, conforme Ele afirma (Êxodo 20,2)?...

O mais provável que tenha acontecido é que houve uma fuga, razão pela qual não seguiram o caminho mais indicado, que ligava o Egito à Ásia, pois nele havia uma fortaleza egípcia (Muralha dos Príncipes). Isso é levantado por Keller:

> A primeira parte do caminho seguido pelos fugitivos é fácil de acompanhar no mapa. Ele não conduzia – convém notá-lo – em direção ao que se chamou mais tarde "caminho dos filisteus" (Êxodo 12.17), a grande estrada que se estendia do Egito à Ásia, passando pela Palestina. Essa grande estrada para caravanas e colunas militares seguia quase paralela à costa do mar Mediterrâneo e era o caminho mais curto e melhor, mas também o mais bem vigiado. **Um exército de soldados e funcionários, estabelecido no forte da fronteira, exercia rigoroso controle de todas as entradas e saídas**.
>
> **Esse caminho, portanto, oferecia grande perigo. Por esse motivo, o povo de Israel seguia para o sul**. […]. ([179]) (grifo nosso)

Para quem estava fugindo, o melhor caminho era aquele onde não havia nenhuma tropa do exército do Faraó para guarnecê-lo, razão pela qual essa hipótese torna-se a mais provável. Poderemos ainda corroborá-la com a perseguição

179 KELLER, 2000, p. 145.

levada a efeito pelo Faraó (Êxodo 14,6-9); isso não aconteceria se ele tivesse deixado os hebreus saírem, mas plenamente justificável se houvesse uma fuga, fato que tornaria o passo Êxodo 14,5 como tendo sido o ocorrido. Com isso, também não ficaria fora de propósito no caso de os hebreus terem saído sem levar nenhuma provisão de alimentos para a jornada, conforme narrado em Êxodo 12,39, embora, nessa passagem, se afirme que eles foram expulsos.

Continuando, leiamos as seguintes passagens:

> Êxodo 14,6-9*: "O Faraó mandou aprontar o seu carro e tomou consigo o seu povo; tomou seiscentos carros escolhidos e todos os carros do Egito, com oficiais sobre todos eles. E Iahweh endureceu o coração de Faraó, rei do Egito, e este perseguiu os israelitas, enquanto saíam de braço erguido. Os egípcios perseguiram-nos, com todos os cavalos e carros de Faraó, e os cavaleiros e o seu exército, e os alcançaram acampados junto ao mar, perto de Piairot, diante de Baal Sefon."*
>
> Êxodo 14,23: *"Os egípcios que os perseguiam entraram atrás deles, todos os cavalos de Faraó, os seus carros e os seus cavaleiros, até o meio do mar."*
>
> Êxodo 14,28*: "As águas voltaram e cobriram os carros e cavaleiros de todo o exército de Faraó, que os haviam seguido no mar; e* ***não escapou um só deles****."* (grifo nosso)

O primeiro conflito é: como os egípcios poderiam estar ainda usando os cavalos, uma vez que, quando a peste grassou, uma das pragas divinas, os atingiu fazendo morrer todos os seus animais (Êxodo 9,6)?

O segundo é em relação ao Faraó. Conforme os estudiosos, é provável que o Faraó daquela época tenha sido Ramsés II. O relato diz que todos morreram, exército e Faraó, não escapando um só. Mas será que um evento desse, envolvendo o próprio Faraó, não teria sido registrado pelos egípcios? Será que houve uma lamentável falha entre os historiadores daquela época? Apesar de nossos esforços em procurar saber como Ramsés II morreu, só encontramos essas referências:

> **Ramsés morreu com aproximadamente 90 anos** e gerou pelo menos 90 filhos. Quando estudaram a múmia de Ramsés, viram grandes problemas com seus dentes. Pode ser que tenha morrido por infecção. Sabe-se que nos seus últimos dias sofreu bastante. ([180]) (grifo nosso)

> Como o grande Ramsés morreu? **Provavelmente de velhice**. ([181]) (grifo nosso)

> Ramsés II morreu em agosto de 1213 a.C., **com cerca de 90 anos**. ([182]) (grifo nosso)

Entretanto, fosse sua morte provocada pela maneira descrita na Bíblia, fatalmente haveria registro disso em outras fontes. Por conseguinte, caso o Faraó não tenha morrido afogado, o que vimos ser o mais provável, então o relato bíblico é fictício; eis o dilema.

---

180 Viajante do Tempo (site): Ramsés II, o grande Faraó, disponível em: http://viajantedotempo.com/ramses/

181 National Geografic, Ed 26ª, texto de Rick Gore, in *Ramsés, o Grande*, p. 35.

182 National Geografic, Ed. 26ª, texto de Kent R. Weeks, in *Vale dos Reis*, p. 60.

De nada adianta usar interpretações tendenciosas de muitas das religiões tradicionais para sustentar esses fatos, pois, ao homem inquiridor dos dias atuais, alegações desse tipo não convencem, já que ele prefere que se busque a verdade dos fatos. Devemos, mesmo à custa de muita indignação por parte de algumas pessoas, apontar os equívocos de interpretação, as interpolações, bem como as deliberadas adulterações, para mostrar a verdade limpa e pura, que muito mais agrada que uma afirmação contraditada pelos fatos.

Devem, pois, os teólogos rever seus conceitos, conceitos esses que, diga-se de passagem, em sua maioria, são dum passado remoto e que, por força dos conhecimentos atuais, tornaram-se obsoletos. “A verdade ainda que tardia”, diria Tiradentes numa situação dessa.

Finalizando, veremos a opinião de Baruch de Espinosa (1632-1677) a respeito de milagres desse tipo:

> **O homem comum chama, portanto, milagres ou obras de Deus aos fatos insólitos da natureza** e, em parte por devoção, em parte pelo desejo de contrariar os que cultivam as ciências da natureza, **prefere ignorar as causas naturais das coisas** e só anseia por ouvir falar do que mais ignora e que, por isso mesmo, mais admira. Isso, porque **o vulgo é incapaz de adorar a Deus e atribuir tudo ao seu poder e à sua vontade, sem elidir as causas naturais ou imaginar coisas estranhas ao curso da natureza**. Se alguma vez ele admira a potência de Deus, é quando imagina como que a subjugar a potência da natureza. ([183]) (grifo nosso)

183 ESPINOSA, 2003, p. 96.

O que temos dito é que o maior milagre, no caso da travessia do Mar Vermelho, não é propriamente abrir as águas em duas muralhas, mas o seu deslocamento, por cerca de 360 km, para atribuir a essa travessia o caráter de milagre. Então para nós é válida essa fala de Paulo: *"[...] se recusarão a dar ouvidos à verdade, entregando-se às fábulas"* (2 Timóteo 4, 4).

E aconteceu no Sinai

> "Na própria essência de nosso esforço de compreensão está o fato, de, por um lado, tentar englobar a grande e complexa variedade das experiências humanas, e de, por outro lado, procurar a simplicidade e a economia nas hipóteses básicas." (ALBERT EINSTEIN)

Há tempos que estamos pensando em fazer um estudo específico sobre os acontecimentos no Monte Sinai, mas acabávamos sendo envolvidos por outros assuntos; por isso, este foi sendo postergado. Entretanto, essa ideia ainda nos persegue. Vejamos, então, o que poderemos fazer.

Primeiramente, devemos dizer porque tal ideia surgiu. Como sempre estamos lendo textos da Bíblia, em certa oportunidade, deparamos com um que afirmava que as "Leis do Sinai" haviam sido promulgadas pelos anjos. Isso nos despertou a curiosidade, pois, até então, sabíamos, por informações dos teólogos, que Deus pessoalmente teria passado essas leis a Moisés.

Mas, antes de entrar no assunto, vejamos o seguinte relato a respeito dos fenômenos ocorridos naquela ocasião:

> Êxodo 19,16-20: *"Três dias depois, pela manhã,* ***houve trovões e relâmpagos e uma nuvem espessa desceu sobre a montanha****, enquanto o toque da*

> *trombeta soava fortemente. O povo que estava no acampamento começou a tremer. Então Moisés tirou o povo do acampamento para receber Deus. E eles se colocaram ao pé da montanha.* ***Toda a montanha do Sinai fumegava****, porque Javé tinha descido sobre ela* ***no fogo****; a fumaça subia, como fumaça de fornalha.* ***E a montanha toda estremecia****. O som da trombeta aumentava cada vez mais, enquanto Moisés falava e Deus lhe respondia com o trovão. Javé desceu no topo da montanha do Sinai e chamou Moisés lá para o alto."* (grifo nosso)

Chamamos sua atenção, caro leitor, para *"trovões, relâmpagos, nuvem espessa, o Sinai fumegava, o fogo, a montanha toda estremecia"* coisas que, presumimos, estariam bem próximas de uma ocorrência natural, tipo vulcânica. Essa região, que faz parte da placa tectônica Africana, fica bem próxima dos limites das placas da Grécia e da Arábica e, como sabemos, é no encontro delas que ocorrem as manifestações vulcânicas. Se nessa região esses fenômenos não acontecem nos dias de hoje poderia muito bem ter acontecido naquela ocasião, uma vez que a mesma possui as condições geológicas para tal e, por outro lado, a própria narrativa nos leva a isso.

Destaquemos as seguintes passagens:

> Números 16,32: "*Logo que Moisés acabou de falar, o chão rachou debaixo dos pés, a terra abriu a boca e os engoliu com suas famílias, junto com os homens de Coré e todos os seus bens*."
>
> Números 16,35: "*Saiu um fogo da parte de Javé e devorou os duzentos e cinquenta homens*."

Observe que os fatos como *"o chão rachou debaixo dos pés"* e *"um fogo devorou",* que nos levam a ter que esses acontecimentos estão próximos de ocorrências naturais em regiões vulcânicas? Não é esse o caso daquela região? Esses dois acontecimentos se deram em Cades, local situado cerca de 230 km a nordeste do Monte Sinai; portanto, dentro do que se poderia esperar para uma região deste tipo.

Podemos, ainda, para corroborar essas ocorrências na região, apresentar fatos históricos narrados por Flávio Josefo. Esse historiador hebreu relata, em *Antiguidades Judaicas* (capítulo 7 do Décimo Quinto Livro), um abalo sísmico ocorrido acerca de 380 km do Sinai, mais precisamente na cidade de Jerusalém, acontecido, segundo pudemos levantar, entre os 26 e 36 d.C ([184]):

> **No sétimo ano do reinado de Herodes**, que era o mesmo em que dera a batalha de Ácio, entre Augusto e Antônio, **aconteceu na Judeia o maior terremoto de que jamais ali se soube**; a maior parte do gado morreu e perto de dez mil homens ficaram esmagados sob as ruínas das casas. ([185]) (grifo nosso)

Ressaltamos que, sendo esse *"o maior terremoto que jamais ali se soube",* pode-se perfeitamente disso concluir que:

a) terremotos eram fatos comuns àquela região;

---

184 Temos informações de que ocorreram dois terremotos: "um terremoto em 31 a.C. e **um evento sísmico no início do primeiro século que aconteceu em algum momento entre 26 e 36 d.C**." (VIEGAS, link: https://www.livescience.com/20605-jesus-crucifixion.html, grifo nosso)

185 JOSEFO, 2003, p. 355.

b) entre vários outros, esse especificamente foi o maior.

Tendo em vista essa catástrofe, Herodes faz um discurso para levantar o ânimo dos soldados, apesar de que nada sofreram de mal nessa ocorrência. Vejamos a narrativa de Josefo, da qual transcrevemos o trecho:

> Nossos males não foram, sem dúvida tão grandes como eles e outros os apregoam, pois **esse terremoto não foi causado pela cólera de Deus, contra nós; mas por um daqueles acidentes que as causas naturais produzem**. E mesmo que tivesse acontecido pela vontade de Deus, poderíamos nós duvidar de que sua cólera não se tenha satisfeito com esse castigo, pois de outro modo, Ele não o teria feito cessar, nem manifestado, como fez, com sinais evidentes, que Ele aprova a justa guerra que empreendemos? ([186]) (grifo nosso)

E, como naquela época o nível de conhecimento desses fenômenos da natureza era completamente nulo, deviam ficar bem apavorados com essas ocorrências. Alguns deles julgavam ser a manifestação da ira de Deus, conforme podemos claramente ver pelo discurso de Herodes.

Muitos desses fenômenos aconteciam no céu, local onde acreditavam ser a morada de Deus, assim, pressupunham que tudo que vinha de lá era proveniente do Criador; como exemplo, citamos: *"enquanto Moisés falava e Deus lhe respondia com o trovão"* (Êxodo 19,19)*;* fica aí a comprovação da ignorância desses fenômenos, como neste exemplo de

---

186 JOSEFO, 2003, p. 356

considerar o trovão como a voz divina, que são de ordem natural; mas naquele tempo eram considerados como sobrenaturais, representando, para eles, o estado de humor do Pai Supremo.

Na sequência da narrativa, que estamos analisando, é que Moisés recebe em duas tábuas os Dez Mandamentos: *"Quando Javé terminou de falar com Moisés no monte Sinai, entregou-lhe as duas tábuas da aliança; eram tábuas de pedra, escritas pelo dedo de Deus".* (Êxodo 31, 18).

Até aqui as coisas não estavam tão complicadas, a não ser pelos fenômenos ocorridos no monte Sinai e, por isso, em tudo acreditávamos sem qualquer conflito. Entretanto, inesperadamente, as coisas "estremeceram", depois de lermos no livro Atos dos Apóstolos:

> Atos 7,38: *"Foi ele* [Moisés]*, na assembleia do deserto, quem serviu de intermediário entre* ***o anjo que lhe falava no monte Sinai*** *e os nossos pais. Ele recebeu as palavras de vida, para transmiti-las a nós."* (grifo nosso)

A narrativa diz **"o anjo"** e, pela concepção da época, isso significava que o próprio Deus teria se manifestado; entretanto, nessa passagem, segundo o que pensamos, não seria essa a ideia a prevalecer. Um pouco antes, está narrado: *"Quarenta anos depois, apareceu-lhe no deserto do monte Sinai* ***um anjo*** *na chama de uma sarça que ardia"* (Atos 7,30) e, posteriormente, no versículo 53 se dirá anjos, fugindo, portanto, do conceito tradicional. E, se não estivermos

enganados, em Atos 7,38 deveria estar **“um anjo”,** em vez de **“o anjo”,** já que, no primeiro caso, seria o artigo indefinido ficando, portanto, condizente com o que consta em Atos 7,30.

Em outras oportunidades encontramos a confirmação de que as leis foram passadas pelos anjos, no plural mesmo, indicando terem sido mais de um. Concluímos que, é bem provável, seja essa a realidade, pois não concebemos o próprio Deus, criador do Universo infinito, vir pessoalmente entrar em contato com os seres humanos, uma vez que usaria para isso os seus mensageiros ou anjos, pois *“não são todos eles espíritos encarregados para um serviço, enviados para servir àqueles que deverão herdar a salvação?”* (Hebreus 1,14). Vejamos, então, as seguintes passagens:

> Atos 7,53: “*Vocês receberam a **Lei, promulgada através dos anjos,** e não a observaram!”* (grifo nosso)
>
> Gálatas 3,19: *“[...] **A Lei foi promulgada pelos anjos** e um homem serviu de intermediário”*. (grifo nosso)
>
> Hebreus 2,2: *“De fato, se a **palavra transmitida por meio dos anjos** se mostrou válida, e toda transgressão e desobediência recebeu um justo castigo, [...].”* (grifo nosso)

Assim, na própria Bíblia, encontramos elementos que nos levam à conclusão de que não foi realmente Deus quem esteve no monte Sinai. Pelo próprio conteúdo dessas leis já questionávamos sobre isso.

Em *História dos Hebreus*, Josefo narra o discurso de Herodes aos soldados, no qual o rei afirma que “recebemos de

Deus nossas santas leis, **pelo ministério dos anjos** que são seus arautos e mensageiros [...]" ([187]) (grifo nosso), o que corrobora o teor das passagens acima. É bom lembrar que o rei Herodes era judeu.

Essa Lei a que se refere, certamente, são os Dez mandamentos. Dentre eles nos é passado o nono como *"não cobiçar a mulher do próximo"*; mas duas coisas nós podemos colocar sobre ele. Primeiro, Deus jamais diria um absurdo desse, pois, se trata, com certeza, de uma determinação altamente machista, atitude incompatível com a criação do ser humano por Deus, já que, quando Ele o criou os fez macho e fêmea. Além disso, partindo do pressuposto de que o que não é proibido é permitido, diríamos que a mulher poderá cobiçar o marido da outra sem nenhum problema, o que demonstra um "furo" nessa Sua determinação. O segundo, é que, apesar de sempre o colocarem dessa forma, na verdade, esse mandamento é mais abrangente:

> Êxodo 20,17: *"Não cobice a casa do seu próximo, **nem a mulher do próximo**, nem o escravo, nem a escrava, nem o boi, nem o jumento, nem coisa alguma que pertença ao seu próximo."* (grifo nosso)

Isto posto, diremos que não há como não concordar com o pensamento do escritor Hélio Pinto que diz que os Dez Mandamentos na realidade são nove. No texto bíblico, a mulher é colocada como propriedade do homem, coisa que naquela época era normal; não nos dias de hoje. E, além desse novo

---

187 JOSEFO, 2003, p. 355.

absurdo, podemos ainda dizer que uma Lei, para ser de origem divina, deve ser, acima de tudo “atemporal”, ou seja, serve para todos os tempos; também deve servir para todos os povos, o que não ocorre como se encontra escrita na passagem em relação a escravo, boi ou jumento, pois eram coisas de muito valor na época, já que, por exemplo, o jumento era instrumento de transporte (hoje temos os automóveis), ter bois significava ser alguém de posses; e quanto aos escravos, nos tempos atuais, dá até cadeia para quem escravizar alguém.

Nossa surpresa maior foi quando nos deparamos com a seguinte afirmativa: “Os babilônios desenvolveram as **leis morais mais tarde incorporadas por Moisés nos Dez Mandamentos** e que ainda hoje constituem os alicerces do cristianismo”. ([188]) (grifo nosso)

Mas será que é isso mesmo? Entretanto, pesquisas posteriores acabaram por nos revelar a verdade. Holger Kersten, por exemplo, nos passa a seguinte informação:

> Moisés continua a ser considerado um grande legislador, porém, é fato sabido que os Dez Mandamentos nada mais eram que o resumo de leis que vigoraram entre povos do Oriente Próximo e da Índia, muito antes do nascimento de Moisés e que eram comuns também na Babilônia, já há 700 anos. A famosa lei do rei babilônico de Hamurabi (1728-1686 a.C.), inspirada no Rig-Veda dos hindus, já continha todos os dez mandamentos. ([189])

---

188 VAN LOON, 1981, p. 103.

189 KERSTEN, 1988, p. 56.

Vejamos a correlação de algumas leis moisaicas com as estabelecidas no Código de Hamurabi:

Leis Mosaicas	Código de Hamurabi
Não tenha relações sexuais com sua mãe. Ela é de seu pai, e é sua mãe; não tenha relações sexuais com ela. (Lv 18,7).	Se alguém for culpado de incesto com sua mãe depois de seu pai, ambos deverão ser queimados.
Se alguém ferir o seu próximo, deverá ser feito para ele aquilo que ele fez para o outro:	Se um homem quebrar o osso de outro homem, o primeiro terá também o seu osso quebrado.
fratura por fratura,	Se homem arrancar o olho de outro homem, o olho do primeiro deverá ser arrancado (olho por olho).
olho por olho,	Se um homem quebrar o dente de um seu igual, o dente deste homem também deverá ser quebrado (dente por dente).
dente por dente.	Se alguém “apontar o dedo” (enganar) a irmã de um deus ou a esposa de outro alguém e não puder provar o que disse, esta pessoa deve ser levada frente aos juízes e sua sobrancelha deverá ser marcada.
A pessoa sofrerá o mesmo dano que tiver causado a outro: (Lv 24,29-30).	
Os juízes deverão fazer cuidadosa investigação. Se a testemunha for falsa e tiver caluniado o seu irmão, então vocês a tratarão do mesmo modo como ela própria maquinava tratar o seu próximo. Desse modo, você eliminará o mal do seu meio.	

(Dt 19,18-20).

Se um homem for pego em flagrante tendo relações sexuais com uma mulher casada, ambos serão mortos, tanto o homem como a mulher. Desse modo, você eliminará o mal de Israel. (Dt 22,22).	Se a esposa de alguém for surpreendida em flagrante com outro homem, ambos devem ser amarrados e jogados dentro d'água, mas o marido pode perdoar a sua esposa, assim como o rei perdoa a seus escravos.

Isso já tinha desestruturado todas as nossas convicções a respeito do assunto, não precisava de mais nada; entretanto, mais uma informação chega às nossas mãos. Foi a gota d'água que veio, por definitivo, mudar conceitos antigos, que aprendemos como se fossem verdades absolutas.

Desta vez o autor foi Werner Keller, que, no seu livro *e a Bíblia tinha razão...* demonstrou, de forma categórica, tudo quanto já tínhamos visto anteriormente. Vejamos suas colocações:

> Era perfeitamente possível concluir pela singularidade das leis morais, dadas por Deus ao povo de Israel, sem modelo nem paralelo no antigo Oriente, antes da descoberta dos elementos, indicando clara e inequivocamente que, precisamente em um dos seus trechos de maior relevo, ou seja, os Dez Mandamentos e demais leis promulgadas para Israel, a Bíblia não está sozinha, pois sobretudo ali ela se revela como imbuída do espírito do antigo Oriente. Assim, os Dez Mandamentos representam uma espécie de "documento de aliança", ou a "lei básica" da aliança entre Israel e seu Deus. Em absoluto, não surpreende o fato de

corresponder, perfeitamente, aos acordos de vassalagem, celebrados no antigo Oriente, para regulamentar os vínculos entre um soberano e os reis vassalos, por ele instituídos para governar os povos subjugados. Os textos desses contratos de vassalagem sempre começavam citando o nome, título e os méritos do respectivo "grão-rei". Correspondentemente, a Bíblia reza: "*Eu sou o Senhor teu Deus, que te tirei do Egito, da casa da servidão"* (Êxodo 20.2). Logo, também, ali cita-se primeiro o nome (a palavra "Senhor", segundo a praxe bíblica, substituindo o nome verdadeiro de Jeová, cujo pronunciar era proibido), o título ("Deus") e o mérito decisivo (*"que te tirei da terra do Egito"*) do grão-rei; só que, neste caso específico, tratava-se do divino "grão-rei" de Israel, do Deus da aliança. Ademais, os vassalos eram proibidos de estabelecer relações com soberanos estrangeiros. A isso corresponde o mandamento "*Não terás outros deuses diante de Mim"* (Êxodo 20.3). A forma imperativa de "tu deves", "tu não deves" está sempre presente nos acordos entre um grão-rei e seus vassalos; portanto, ao contrário do que supõem alguns cientistas, ela absolutamente não se restringe aos Dez Mandamentos bíblicos. Por exemplo, um daqueles tratados de vassalagem reza: "Não cobiçarás nenhuma região do país de Hatti", conquanto a Bíblia diga: "*Não cobiçarás a casa do teu próximo..."* (Êxodo 20.17). Foram apuradas ainda outras concordâncias, como as referentes à guarda das tábuas como os mandamentos na arca da aliança (as cópias dos contratos de vassalagem também eram guardadas no interior do santuário), bem como à selagem dos contratos, respectivamente, dos mandamentos, com bênção e maldições, pois também Moisés falou (Deuteronômio 11.26 a 28): "*Eis que eu ponho hoje diante dos vossos olhos a benção e a maldição; a benção, se observardes aos mandamentos do Senhor vosso Deus, que eu hoje vos prescrevo; a maldição, se não obedecerdes aos*

mandamentos do Senhor vosso Deus, mas vos apartardes do caminho que eu hoje vos mostro..." Aliás, o renomado cientista católico, pesquisador de Bíblia, Roland de Vaux, já mencionado por várias vezes, encontrou em diversos acordos de vassalagem hititas a disposição de ler, em intervalos regulares, o texto do acordo, as leis bíblicas deveriam ser lidas em público, pois "*todos os sete anos, no ano da remissão, na solenidade dos tabernáculos, quando todos os filhos de Israel se juntarem para aparecer diante do Senhor teu Deus… lerás as palavras desta lei diante de todo o Israel, o qual ouvirá… para que, ouvindo, aprendam e temam o Senhor vosso Deus, e guardem e cumpram todas as palavras desta lei"* (Deuteronômio 31.1,10 a 12).

Tudo isso refere-se somente à forma externa dos Dez Mandamentos. No entanto, o que há em relação ao seu conteúdo espiritual? Tampouco, quanto a isso, faltam paralelos. Assim, na Assíria, um sacerdote, ao exorcizar os "demônios" de um doente, teve de perguntar: "Será que ele (o doente) ofendeu um deus? Menosprezou uma deusa?… Menosprezou seu pai e sua mãe? Menosprezou a irmã mais velha?… Teria ele falado 'não é assim', ao invés de 'é assim' (ou vice-versa)?… Teria ele feito pesagem falsa? Invadido a casa do seu próximo? Ter-se-ia aproximado demasiadamente da mulher do seu próximo? Teria vertido o sangue do seu próximo?…"

Por fim, seguem-se ainda alguns exemplos, tirados do chamado "ensinamento de Amenemope', em uso no antigo Egito:

> "Não retirarás a pedra demarcando os limites do campo e não alterarás a linha, seguida pela fita do metro; não cobiçarás nem um côvado de terra e não derrubarás a demarcação das terras de uma viúva".

“Não cobiçarás a propriedade de um homem de posses modestas e não terás fome do seu pão”.

“Não regularás a balança de maneira errada, não adulterarás os pesos e não diminuirás as peças da medida dos cereais”.

“Não farás a desgraça de ninguém perante o tribunal e não corromperás a justiça”.

“Não darás risada de um cego, não farás troça de um anão e não desfarás os planos de um paralítico”.

Da mesma forma, o “exemplo clássico” que hoje em dia costuma ser citado pelos pesquisadores da Bíblia é a chamada “confissão negativa”, mencionada na introdução ao centésimo vigésimo quinto capítulo do Livro dos Mortos. No antigo Egito era crença que o defunto ingressaria em uma “sala de justiça”, onde, perante quarenta e dois juízes dos mortos, deveria fazer as seguintes declarações:

“Não fiz adoecer ninguém.

Não fiz chorar ninguém.

Não matei ninguém.

Não fiz mal a ninguém.

Não diminuí os alimentos nos templos.

Não maculei os pães oferecidos aos deuses.

Não roubei os pães destinados aos mortos, como oferendas fúnebres.

Não tive relações sexuais (proibidas).

Não tive relações sexuais contrárias à natureza”.

E assim por diante.

Em outra parte veremos ainda que, graças às pesquisas mais recentes, hoje em dia já se tornou bem menos acentuada a diferença, outrora gritante, entre

> conceitos: “Aqui, a sublime fé monoteísta – ali, a multidade bizarra de deidades”. Em certa época, pelo menos nos tempos primitivos, aquela multidade de deidades existiu, inclusive em Israel, conquanto a ideia da grandiosidade de figuras divinas, reais, fosse divulgada igualmente nas crenças religiosas de outros povos, habitando as imediações da Terra Santa. Da mesma forma, cumpre fazer constar que também alhures houve moralidade; além das fronteiras de Israel, o povo era igualmente responsável, tinha modos, observava os preceitos da lei, ordem, ética e moral, e também ali as normas regendo o comportamento humano encontravam uma expressão que, tanto no espírito quanto na letra, correspondia perfeitamente aos regulamentos sagrados vigentes em Israel. E, mais uma vez, a Bíblia tem razão, no sentido de que, nos seus textos jurídicos, cuja peça principal são os Dez Mandamentos, ela nos transmite um trecho pertinente, comprovado por respectivos paralelos na história cultural e moral do antigo Oriente. O quadro assim constituído, e de modo a dificultar que fosse mantida a outrora levantada pretensão da singularidade das leis bíblicas, talvez confunda e intrigue a mente de algumas pessoas. Lamentavelmente, não há condições de eliminar tal confusão e insegurança. No entanto, hoje em dia, a confirmação extrabíblica dos respectivos textos bíblicos revela o relacionamento de Israel com seu ambiente cultural e histórico, bem como suas máximas, de uma maneira bastante mais clara e precisa do que antes... ([190])

Foi aqui, finalmente, que jogamos, de vez, “a toalha no chão”, vamos assim dizer, não resistindo aos inapeláveis argumentos históricos desenvolvidos por Keller.

---

190 KELLER, 2000, p. 157-160.

Não bastasse isso, ainda nos pipocava na mente, mais um fato acontecido naquela ocasião. Leiamos:

> Êxodo 32,1-6: *"Quando o povo notou que Moisés estava demorando para descer da montanha, reuniu-se em torno de Aarão, e lhe disse: 'Vamos! Faça para nós um deus que caminhe à nossa frente, porque não sabemos o que aconteceu com esse Moisés que nos tirou do Egito'. Aarão respondeu-lhes: 'Tirem os brincos de ouro de suas mulheres, filhos e filhas, e tragam aqui'. Então todo o povo tirou os brincos e os levou para Aarão. Este recebeu o ouro, fundiu-o num molde e fez a estátua de um bezerro. Então eles disseram: 'Israel, este é o seu deus, que tirou você do Egito'. Quando Aarão viu isso, construiu um altar diante da estátua, e proclamou: 'Amanhã será festa em honra de Javé'. No dia seguinte, levantaram-se bem cedo, ofereceram holocaustos e levaram sacrifícios de comunhão. O povo sentou-se para comer e beber, e depois se levantou para se divertir."*

Para um povo que sempre se dizia ser adorador de um Deus único, bastou um mês e pouco a fim de que O trocasse por um bezerro de ouro. Explicam-nos:

> **O "bezerro" de ouro**, assim chamado por ironia, é de fato imagem de novilho, **um dos símbolos divinos do antigo Oriente**. Um grupo concorrente com o grupo de Moisés, ou fracção dissidente desse grupo, **quis ou pretendeu ter como símbolo da presença do seu Deus uma figura de touro em vez da arca da Aliança**. […]. ([191]) (grifo nosso)

191 Bíblia de Jerusalém, p. 148

Percebe-se claramente, nessa explicação, a intenção de amenizar o fato, querendo atribuir a imagem do bezerro de ouro, a uma condição de objeto substituto para a arca da Aliança, quando é provável que tal coisa aconteceu tendo em vista a possibilidade deles não terem, como sempre se diz, Javé como sendo o seu Deus. Observemos que, pelo texto, Aarão, irmão de Moisés, atende ao pedido do povo para fazer uma imagem, sem qualquer tipo de contestação; inclusive, é ele quem sugere o ouro para a confeccionar, fato que sugere que isso era coisa comum entre eles.

Apenas para que o leitor não se perca, é bom lembrar que entre os deuses egípcios havia um de nome Ápis que era nada mais nada menos que um touro. Também “em Canaã e na Síria, o touro servia para representar a divindade” ([192]). Assim, “este tipo particular de idolatria foi um retrocesso à sua vida no Egito” ([193]).

O pior é que isso não é um fato isolado, pois Jeroboão I (933-911 a.C.), rei de Israel, também mandou fundir dois bezerros deste nobre metal, conforme se pode comprovar em 1 Reis 12,28.

Diante disso não nos resta alternativa senão a de ver como contraditória a atitude de Moisés, pois, por conta dessa idolatria, Deus queria exterminar o povo deixando apenas ele para fazer uma grande nação, só não o fazendo porque ele suplicou não o fizesse. Entretanto, parece que Moisés

192 Bíblia Sagrada – Vozes, p. 115.
193 A Bíblia Anotada, p. 125.

“incorporou” a indignação divina e mandou matar, a fio de espada, *“parentes, amigos ou vizinhos”* (Êxodo 32,27), de sorte que, “*naquele dia tombaram cerca de três mil homens do povo”* (Êxodo 32,28). Esse é o preço para incutir naquele povo que o seu Deus é que deveria ser adorado.

Pode ser que eventualmente isso venha a chocar a muitos; entretanto, muitas vezes, acontece isso mesmo, quando ficamos sabendo da verdade. Alguns, com certeza nos chamarão de heréticos, como se isso fosse mudar os fatos. Além de que, se o somos, estaríamos muito bem acompanhados, pois Jesus foi também herético no seu tempo. Outros, talvez, dirão que estamos possuídos por satanás, aos quais pedimos estudar mais a história, pois irão ver que esse ser foi incorporado, na Bíblia, por influência da cultura persa, pela doutrina de Zoroastro.

Deveríamos fazer um estudo mais aprofundado desses assuntos bíblicos, demonstrando, por separação, a realidade da fantasia, sob pena de, no futuro, ninguém mais dar valor algum a ela. Pelos estudos que temos feito da Bíblia, a conclusão que inevitavelmente estamos chegando é que, apesar dela ter sido imposta como sendo “a palavra de Deus”, ela é sim um livro histórico, em que também se encontram registrados os conceitos religiosos do povo hebreu, muitas vezes, cheios de superstições, misturadas com mitologia, lendas e conceitos pagãos; daí a necessidade de seu estudo sem preconceitos. Ressalva faremos apenas ao Evangelho de Jesus.

Mas, apesar disso tudo, ainda poderemos aceitar que os Dez Mandamentos são realmente de inspiração divina. Entretanto, teremos que identificar quem foi o “Moisés” que antes os recebeu, já que, de certa forma, eles constam de culturas religiosas bem anteriores à do líder hebreu, conforme evidenciado no decorrer desse estudo.

Deuteronômio – lei divina ou mosaica?

> *"[…]* ***o Senhor escreveu nas tábuas****, […]* ***os dez mandamentos****, […] e* ***pus as tábuas na arca*** *[…] como o Senhor me ordenou."* (Deuteronômio 10,2-5)
>
> *Também o* ***Senhor me ordenou ao mesmo tempo que vos ensinasse estatutos e preceitos****, para que* ***os cumprísseis*** […]. (Deuteronômio 4,13-14)
>
> *[…] tendo* ***Moisés acabado de escrever num livro todas as palavras desta lei****, deu ordem […]* ***ponde-o ao lado da arca*** *do pacto do Senhor. […].* (Deuteronômio 31,24-26)

Como sempre, usam desse livro bíblico para condenar o Espiritismo, afirmando que a evocação dos mortos é proibida por Deus. Assim, resolvemos, por agora, desenvolver uma análise para saber até onde assiste razão aos que assim pensam.

Em abril 2006, um bispo católico apresentou aos fiéis o nosso livro *A Bíblia à Moda da Casa*, isso durante uma missa em que ele era o celebrante, dizendo a seu público guanhanense: "A pessoa que o escreveu é muito inteligente, mas esse livro só podia ser de um espírita". Não poucas vezes ouvimos essa mesma cantilena. Entretanto, não ficamos chateados com isso, pois estamos certos de que realmente só poderia mesmo vir de um espírita, pois ao espírita é dito para não aceitar as coisas

passivamente, que deve questionar tudo, uma vez que os que não agem assim são encabrestados pelos que se julgam donos de um determinado conhecimento.

O Sr. bispo recomendou às suas ovelhas que não lessem o tal livro. Engraçado, como são as coisas, pois, para nós, quando nos proíbem de ler algo é porque não estão tão certos da verdade que acreditam proteger, porquanto, quem tem certeza de estar com ela, não teme absolutamente nada, nem mesmo pensamentos contrários. Há, ainda, aqueles que buscam mesmo é escondê-la, sem nenhum rubor no rosto.

Como nós estamos constantemente a procurá-la, como joia rara, não tememos ler nenhum livro ou artigo que seja contrário ao que achamos por certo, pois se os argumentos colocados nos convencerem de que a verdade está ali, abandonamos nosso pensamento anterior sem qualquer tipo de constrangimento: *"conhecereis a verdade e a verdade vos libertará"* (João 8,32)

É no livro Deuteronômio que buscam a base para a condenação do Espiritismo. Nós procuraremos demonstrar que são completamente incoerentes nessa assertiva, uma vez que, além de confundirem o objeto da proibição, nem eles mesmos fazem questão de cumpri-lo, usando, portanto, de dois pesos e duas medidas.

Primeiramente é importante saber o que significa Deuteronômio:

O título grego do livro significa segunda lei ou

> **cópia da lei:** lei, porque o livro tem muito de código legal; segunda, porque outra a precedeu. Os judeus o chamavam debarim, ou seja, palavras: porque o livro, até o final do capítulo 33, é um longo discurso de Moisés. Um discurso no qual cabem muitas coisas. Se nos limitarmos a indicações programáticas, apontaríamos: começa o retrospectivo (1,1); começa a legislação (4,44); começa a aliança (28,69); começam as bênçãos (33,1). ([194]) (grifo nosso)

O que contém:

> O Código deuteronômico contém também prescrições alheias ao Código da Aliança e por vezes arcaicas, que provêm de fontes desconhecidas. ([195])

> Antes de morrer, Moisés dá início ao assentamento das tribos. Promulga um código que prevê e decide as situações mais importantes da comunidade: monarquia, sacerdócio, profetismo, culto, justiça social, guerra e paz, família, escravidão e sociedade, direito civil, processual e penal. ([196])

> 12,1-26,19. A *Lei deuteronômica* contém leis que se referem aos vários aspectos da vida nacional, como leis sociais, cultuais e criminais. ([197])

> O livro não é uma simples repetição da legislação contida nos livros precedentes, mas além de leis novas, oferece complementos, esclarecimentos e modificações às primeiras. É, de certo modo, uma segunda lei,

194 Bíblia do Peregrino, p. 292.
195 Bíblia de Jerusalém, p. 30.
196 Bíblia do Peregrino, p. 292.
197 Bíblia Sagrada – Vozes, p. 211.

> promulgada no fim da longa peregrinação dos israelitas, paralela à lei dada no Sinai e destinada a regular mais de perto a vida do povo escolhido, no solo da Terra Prometida à qual eles estavam para chegar e dela tomar posse definitiva. ([198])

Qual é a sua verdadeira origem? Resposta: "**O Decálogo**, dentro da Aliança, **é a única Lei** que provém diretamente de Deus; **tudo o mais vem de Moisés**. ([199]) (grifo nosso)

Quem quiser pode confirmar, que várias prescrições contidas nele podem ser encontradas no Código de Hamurabi, escrito cerca de 1780 antes de nossa era:

> "A lei sobre os escravos já aparece no Código da Aliança (Ex 21,1-5), como aparece também no Código de Hamurabi (art. 117), mas é fácil ver-se a grande diferença com a escravatura greco-romana". ([200])

> "A lei de talião assenta-se em instituições sedentárias (Ex 21,24; Lv 24,19), contra os costumes nômades baseados nas represálias (Gn 4,15-24). O equilíbrio dos clãs exigia a lei de talião, em que o culpado é posto no lugar de sua vítima, existente no Código de Hamurabi (195, 197, 200, 210, 230)". ([201])

> "O código de Hamurabi (par. 129) é mais benigno para estes casos que a lei de Israel". ([202])

---

198 Bíblia Sagrada – Paulinas, p. 183.
199 Bíblia Sagrada – Santuário, p. 242.
200 Bíblia Sagrada – Santuário, p. 255.
201 Bíblia Sagrada – Santuário, p. 260.
202 Bíblia Sagrada – Santuário, p. 264.

Entendemos que, se esse livro, o Deuteronômio, fosse mesmo todo de origem divina, os que têm a Bíblia como fundamento de sua religião, não deveriam deixar de segui-lo. Entretanto, não é o que observamos, já que, entre várias outras coisas, não cumprem:

> Deuteronômio 21,15-16: "***Se um homem tiver duas mulheres***, *uma a quem ama e outra a quem aborrece, e uma e outra lhe derem filhos, e o primogênito for da aborrecida, no dia em que fizer herdar a seus filhos aquilo que possuir, não poderá dar a primogenitura ao filho da amada, preferindo-o ao filho da aborrecida, que é o primogênito*." (grifo nosso)
>
> Deuteronômio 21,18-21: "***Se alguém tiver um filho contumaz e rebelde***, *que não obedece à voz de seu pai e à de sua mãe, e, ainda castigado, não lhes dá ouvidos, pegarão nele seu pai e sua mãe e o levarão aos anciãos da cidade, à sua porta, e lhes dirão: Este nosso filho é rebelde e contumaz, não dá ouvidos à nossa voz: é dissoluto e beberrão. Então todos os homens da sua cidade o* ***apedrejarão, até que morra****; assim eliminarás o mal do meio de ti: todo o Israel ouvirá e temerá."* (grifo nosso)
>
> Deuteronômio 22,10: "***Não lavrarás com junta de boi e jumento***." (grifo nosso)
>
> Deuteronômio 22,23-24: "*Se* ***houver moça virgem****, desposada, e um homem a achar na cidade e* ***se deitar com ela****, então trareis ambos à porta daquela cidade, e* ***os apedrejareis****, até que morram; a moça, porquanto não gritou na cidade, e o homem, porque humilhou a mulher do seu próximo; assim eliminarás o mal do meio de ti."* (grifo nosso)

> Deuteronômio 23,2: "*Aquele a quem **forem trilhados os testículos**, **ou cortado o membro viril, não entrará na assembleia do Senhor**."* (grifo nosso)
>
> Deuteronômio 23,3: "***Nenhum bastardo entrará na assembleia do Senhor**; nem ainda a sua décima geração entrará nela*." (grifo nosso)
>
> Deuteronômio 23,14: "***Dentre as tuas armas terás um pau**; e quando te abaixares fora, cavarás com ele, e, volvendo-te, **cobrirás o que defecaste***." (grifo nosso)
>
> Deuteronômio 25,5: "***Se irmãos morarem juntos**, **e um deles morrer**, sem filhos, então a mulher do que morreu não se casará com outro estranho, fora da família; **seu cunhado a tomará e a receberá por mulher**, e exercerá para com ela a obrigação de cunhado*." (grifo nosso)
>
> Deuteronômio 25,11-12: "***Quando brigarem dois homens**, um contra o outro, e a **mulher de um** chegar para livrar o marido da mão do que o fere, e ela estender a mão, e o **pegar pelas suas vergonhas**, **cortar-lhe-ás a mão**: não a olharás com piedade*." (grifo nosso)

Diante do exposto, só mesmo por um fundamentalismo exacerbado pode-se atribuir tais passagens como fruto de inspiração divina.

Jesus disse, por várias vezes, *"aprendeste o que foi dito"* (leia-se: com Moisés), eu porém vos digo, conforme narra Mateus (5,21.27.31.33.38.43); sendo que algumas delas foram radicalmente contra o que se constava na legislação anterior, lei mosaica, como a questão do olho por olho, a do adultério e sobre o divórcio (Deuteronômio 19,21; 22,22; 24,1). Ele

recomendou-nos amar até os inimigos, enquanto Moisés permitia odiá-los (Levítico 19,18 e Mt 5,43).

Entretanto quanto aos Dez Mandamentos, Jesus não os altera ou modifica, apenas os vincula, como dependentes destes dois princípios: *"amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a ti mesmo"* (Mateus 22,37-40). E quando lhe perguntam o que fazer para herdar a vida eterna, ele, primeiramente, cita que se deve cumprir os Dez Mandamentos, para depois também ressaltar a caridade em favor do próximo (Lucas 18,18-22).

Há uma passagem muito clara quanto ao tempo em que vigoraram a lei e os profetas; leiamos: *"A lei e os profetas vigoraram até João; desde então é anunciado o evangelho do reino de Deus, e todo homem forceja por entrar nele."* (Lucas 16,16) logo, podemos concluir que a partir dele, Jesus, o que prevalece é o Evangelho.

Mas, apesar de tudo isso, uma passagem é sempre citada como sendo a corroboração de Jesus em relação a se seguir o Antigo Testamento: *"Não penseis que vim destruir a lei ou os profetas; não vim destruir, mas cumprir."* (Mateus 5,17). Entretanto, falta aos que assim pensam um maior conhecimento bíblico, pois Jesus com o "a lei ou os profetas", se é que disse isso, estava se referindo às profecias, que acreditavam existir a seu respeito, como podemos comprovar em:

> Lucas 24,44-48: *"Depois lhe disse: São estas as palavras que vos falei, estando ainda convosco**, que importava***

> ***que se cumprisse tudo o que de mim estava escrito na Lei de Moisés, nos Profetas e nos Salmos****. Então lhes abriu o entendimento para compreenderem as Escrituras; e disse-lhes:* ***Assim está escrito*** *que o Cristo padecesse, e ao terceiro dia ressurgisse dentre os mortos; e que em seu nome se pregasse o arrependimento para remissão dos pecados, a todas as nações, começando por Jerusalém. Vós sois testemunhas destas coisas."* (grifo nosso)

E para que não paire nenhuma dúvida que Moisés implantou diversas leis que, para dar sustentação à sua liderança frente ao povo judeu, disse terem vindo de Deus; vemos que, quando guarda as leis divinas dentro da Arca da Aliança (Deuteronômio 10,5), ele só coloca os Dez Mandamentos, gravados nas duas tábuas; as outras, as que ele mesmo instituiu, nitidamente reguladoras das relações sociais, foram deixadas do lado de fora da Arca (Deuteronômio 31,26), numa evidente demonstração da superioridade das primeiras em relação às segundas, já que ele nem ousou guardá-las dentro da Arca, consciente de que não provinham mesmo de Deus. As seguintes passagens confirmam o que estamos falando:

> Deuteronômio 4,1-2.5-6: *"Agora, pois ó Israel, ouve* ***os estatutos e as normas que eu hoje vos ensino a praticar****, a fim de que vivais e entreis para possuir a terra que vos dará Iahweh, o Deus de vossos pais. Nada acrescentareis ao que eu vos ordeno, e nada tirareis também: observareis os mandamentos de Iahweh vosso Deus tais como vo-los prescrevo.* ***Eis que vos ensinei estatutos e normas, conforme Iahweh meu Deus me ordenara****, para que os ponhais em prática na terra*

> *em que estais entrando, a fim de tomardes posse dela. Portanto, cuidai de pô-los em prática, pois isto vos tornará sábios e inteligentes aos olhos dos povos."* (grifo nosso)
>
> Deuteronômio 4,13-14: *"Ele vos revelou então a Aliança que vos ordenara cumprir: as Dez Palavras, escrevendo-as em duas tábuas de pedra.* ***Nessa ocasião Iahweh ordenou-me ensinar-vos estatutos e normas****, para que os cumprais na terra para a qual passais, a fim de tornardes posse dela."* (grifo nosso)
>
> Jeremias 7,21-22: *"Assim diz o SENHOR dos Exércitos, o Deus de Israel: Ajuntai os vossos holocaustos aos vossos sacrifícios, e comei carne. Porque* ***nunca falei a vossos pais, no dia em que os tirei da terra do Egito, nem lhes ordenei coisa alguma acerca de holocaustos ou sacrifícios****."* (grifo nosso)

Observe que é clara a separação entre os Dez Mandamentos e os estatutos e normas, obviamente porque são frutos do pensamento de Moisés, não sendo, portanto, de inspiração divina. Quanto aos holocaustos ou sacrifícios em Êxodo e Levítico há inúmeras determinações sobre esse ritual, certamente instituído por Moisés, uma vez que em Jeremias 7,21-22 Deus nega ser o autor disso.

Em algumas Bíblias percebemos que os tradutores sabem muito bem dessa separação, veja:

> O autor distingue as "Dez Palavras" (cf. 5,4s), escritas pelo próprio Deus sobre as tábuas de pedras (Ex 34,18; Dt 5,22), e os "estatutos e normas", isto é, o

Código Deuteronômico (cf. 12,1; 26,16). ([203])

> Conforme a concepção do Dt, Moisés recebeu no Horeb só as "dez palavras" (5,22). Recebeu também a ordem genérica de dar mais tarde aos israelitas uma série articulada de "mandatos e decretos". No deserto, os israelitas se atêm aos dez mandamentos; em Moab, Moisés promulga novos decretos, que de algum modo especificam e comentam o Decálogo (como veremos). ([204])

Continuando com as passagens:

Deuteronômio 4,44: *"**Esta é a Lei que Moisés promulgou** para os israelitas. **São estes os testemunhos, os estatutos e as normas que Moisés comunicou** aos israelitas, quando saíram do Egito."* (grifo nosso)

Deuteronômio 5,22: *"Tais foram **as palavras** que, em voz alta, **Iahweh dirigiu** a toda a vossa assembleia no monte, do meio do fogo, em meio a trevas, nuvens e escuridão. Sem nada acrescentar, **escreveu-as sobre duas tábuas** e as entregou a mim."* (grifo nosso)

Deuteronômio 10,1-5: *"Iahweh disse-me então: 'corta duas tábuas de pedra como as primeiras e sobe até mim, na montanha. Faze também uma arca de madeira. Escreverei sobre as tábuas as palavras que estavam sobre as primeiras tábuas que quebraste, e tu as colocarás na arca'". [...] Ele, então, **escreveu sobre as tábuas o mesmo texto que havia escrito antes, as Dez Palavras** que Iahweh vos tinha falado na*

---

203 Bíblia de Jerusalém, p. 263.

204 Bíblia do Peregrino, p. 301.

> *montanha, do meio do fogo, no dia da assembleia. A seguir Iahweh entregou-as a mim. Depois voltei-me, desci da montanha e* ***coloquei as duas tábuas na arca*** *que eu havia feito. E elas permaneceram lá, conforme Iahweh me ordenara."* (grifo nosso)
>
> Deuteronômio 10,12-13: *"E agora, Israel, o que é que Iahweh teu Deus te pede? Apenas que temas a Iahweh teu Deus, andando em seus caminhos, e o ames, servindo a Iahweh teu Deus com todo o teu coração e com toda a tua alma, e que* ***observes os mandamentos de Iahweh*** *e* ***os estatutos que eu te ordeno hoje****, para o teu bem."* (grifo nosso)
>
> Deuteronômio 31,24-26: *"****Quando acabou de escrever num livro esta Lei*** *até o fim. Moisés ordenou aos levitas que carregavam a Arca da Aliança de Iahweh: 'Tomai este livro da Lei e* ***colocai-o ao lado da Arca da Aliança*** *de Iahweh vosso Deus. Ele estará ali como um testemunho contra ti'."* (grifo nosso)

Passagens que não deixam dúvidas quanto à questão de existir a Lei de Deus, de caráter moral e permanente, consubstanciada nos Dez Mandamentos, e as leis mosaicas de cunho cerimonial e transitório.

Quando do término do templo construído por Salomão, introduzem a Arca da Aliança para seu interior; aí é confirmado o que contém a Arca; leiamos: "*Nada havia na arca, senão as duas tábuas de pedra, que Moisés ali pusera, junto a Horebe, quando o Senhor, fez um pacto com os filhos de Israel, ao saírem eles da terra do Egito."* (1 Reis 8,9)

Então o que continha a Arca era exatamente as duas tábuas com os Dez Mandamentos, que ninguém duvidava que

seriam provenientes da vontade de Deus, já que esse objeto era sagrado e por esse motivo nele se guardava o que reputavam como sendo da divindade.

O que aqui colocamos são elementos suficientes para convencer aos de mente aberta, os que não estão presos a dogmas ou “verdades” estabelecidos pela liderança religiosa, que nada mais refletem senão os seus interesses financeiros, já que a esmagadora maioria dela vive de sua religião, quando deveriam viver para a mesma.

E reafirmando ainda mais o que já dissemos, diremos que realmente não é a palavra de Deus, já que não fazem também questão de manter a fidelidade ao texto original, o que seria improvável de se fazer, caso pensassem mesmo serem tais determinações provindas do Criador. Se **“A verdade não pode existir em coisas que divergem.”**, como afirmara S. Jerônimo, então aguardaremos que alguém nos aponte qual delas é a mais verdadeira que as outras, aquela em que poderemos confiar ser fielmente tal e qual aos originais. Vejamos o seguinte quadro:

Deuteronômio 18,10-11: a respeito da proibição de consultar os mortos **Análise das três últimas recomendações citadas nessa passagem:**			
Bíblias Católicas			
de Jerusalém	interrogue espíritos	adivinhos	invoque os mortos
Barsa	consulte Píton	adivinhos	nem quem indague dos mortos a verdade

Ave-Maria	espiritismo	à adivinhação	à evocação dos mortos
Paulinas	quem consulte aos nigromantes	adivinhos	indague dos mortos a verdade
Santuário	espiritismo	aos sortilégios	à evocação dos mortos
do Peregrino	espiritistas	adivinhos	nem necromantes
Vozes	consulte médiuns	interrogue espíritos	evoque os mortos
Pastoral	consulte espíritos	adivinhos	invoque os mortos
Bíblias Protestantes			
SBB	quem consulte um espírito adivinhante	mágico	quem consulte os mortos
Novo Mundo	alguém que vá consultar um médium espírita	um prognosticador profissional de eventos	consulte os mortos
Mundo Cristão	necromante	mágico	consulte os mortos

O que vemos aqui é uma pequena amostra das modificações e adulterações grosseiras dos textos sagrados, para se ajustarem às suas conveniências doutrinárias ou objetivando perseguir a uma determinada corrente religiosa, no caso, o Espiritismo. Para os que não sabem os termos **Espiritismo**, **espiritista** e **médium** foram criados por Allan Kardec, trazidos a público em 18 de abril de 1857, quando da primeira publicação de *O Livro dos Espíritos;* inclusive tais termos não existem na língua hebraica, grega e latina,

conforme nos informa o escritor Severino Celestino da Silva, em *Analisando as Traduções Bíblicas*.

Se fosse mesmo proibida por Deus a comunicação com os mortos, então Jesus teria infringido uma lei divina, quando, no monte Tabor, estabelece contato com os espíritos Moisés e Elias; e não nos venham com a falácia de que Jesus pode! Como Jesus não infringiu nós, os espíritas, também não estamos infringindo, pois não disse ele que *"tudo o que eu fiz vós podeis fazer e até coisas inda maiores"* (João 14,12), nos colocando no mesmo plano dele? Paulo disse: "*Sede meus imitadores, como também eu sou de Cristo"* (1 Coríntios 11,1). Então, se houve mesmo uma proibição à evocação de mortos, esse episódio é a revogação plena dessa determinação.

Fica-nos a dúvida se os que se apegam à proibição de necromancia acreditam que os mortos possam se comunicar, pois nos parece incoerente proibir-se algo que não possa acontecer. No entanto, o episódio da Transfiguração revela ser possível essa comunicação, enquanto o episódio de Saul com a necromante nos mostra que o objeto da proibição (necromancia) se deve, ao que nos parece, à finalidade e à forma de evocação e não ao fato em si. E se os mortos não se comunicam, quem se apresentou se fazendo passar por Jesus, três dias após sua morte? O demônio disfarçado? Ilusão dos discípulos? Ficção dos "inspirados" autores bíblicos? Deixamos essas perguntas para reflexão do leitor.

Raciocinemos: se nós, simples mortais, não criamos algo que só venha, o tempo todo, a nos causar aborrecimento, por

ser absolutamente ilógico, por que, então, admitimos a possibilidade de ser abominável para Deus a comunicação com os mortos? Ora, se os mortos se comunicam conosco, foi porque Ele criou uma lei para o intercâmbio entre os dois mundos. Além disso, é forçoso admitir a realidade do fato, porquanto, também seria ilógico proibir algo que não pudesse acontecer.

Nota: texto em parceria com Vladimir Vitoriano da Silva.

Jericó: a cidade palco de feitos inauditos

> "*Desviarão os ouvidos da verdade, orientando-os para as fábulas."* (2 Timóteo 4,4)

Sempre nos chamou a atenção o épico bíblico sobre a conquista da cidade de Jericó pelos hebreus, narrada no livro de Josué.

Para que possamos nos situar diante dessa história, vamos, dentro do possível, resumir sua narrativa até chegar a esse ponto da conquista. O povo hebreu pernoitava às margens do rio Jordão, já se preparando para receber a posse da terra que Deus lhe havia prometido (aliás, eliminando os donos para dá-la a ele) tem pela frente, a cidade de Jericó. Josué, que o liderava, manda dois espiões para examinarem a cidade, que são recebidos por Raab, uma prostituta. Ela os esconde do rei de Jericó, tendo deles a promessa de salvá-la quando do ataque final à cidade. Depois disso Josué instrui que, na travessia do Jordão, os sacerdotes deveriam ir à frente, carregando a Arca da Aliança; e um fato extraordinário acontece, então: o rio se divide em dois; vejamos o relato:

> Josué 3,14-17*: "Quando o povo deixou as tendas para* ***atravessar o Jordão****, os sacerdotes que levavam a arca da aliança caminhavam na frente do povo. Chegando ao Jordão, quando os sacerdotes que levavam a arca molharam os pés na beira da água – pois o Jordão transborda sobre as margens durante o tempo da ceifa –*

> ***a água que vinha de cima parou, levantando-se num só monte****, bem longe, em Adam, cidade que fica ao lado de Sartã; e a água que descia ao mar da Arabá, o mar Morto, escoou totalmente, de modo que o povo pôde atravessar diante de Jericó.* ***Os sacerdotes****, que levavam a arca da aliança de Javé,* ***ficaram parados no leito seco, no meio do Jordão, enquanto todo o Israel atravessava a pé enxuto****, até que todos acabaram de atravessar."* (grifo nosso)

Estamos diante do nosso primeiro problema, qual seja, a divisão das águas do rio Jordão. Estaria repetindo-se o acontecido no Mar Vermelho? Vamos elucidar essa questão.

Em se referindo ao fato, os tradutores Pe. Matos Soares (?-?), João Ferreira de Almeida (1628-1691) e os missionários capuchinhos de Portugal disseram:

> A grandiosidade do milagre pode ser arguida pelo fato de que se verificou no tempo e lugar preanunciado, quando o rio – por causa do degelo das neves do monte Hermon – estava em cheia e, portanto, com o dobro da largura que habitualmente tem, cerca de 60m, com águas vorticosas e rápidas que dificilmente se podia atravessar. **Segundo cronista árabe Nuwairi, em 1267 as águas do Jordão interromperam o curso durante dez horas por causa de um deslizamento que lhe obstruíra o leito**. Nada obsta que Deus se tenha servido de uma causa natural para conseguir seus fins. ([205]) (grifo nosso)

> O Jordão transbordava nos meses de maio e junho. Em Adã, cidade 25 km ao norte, **o Jordão corre entre**

205 Bíblia Sagrada – Paulinas, 1980, p. 222-223.

> **ribanceiras de barro de 13m de altura, sujeitas a desmoronamento**. Podia ter sido o método que Deus usou para estancar as águas e deixar passar o povo, na hora determinada por Ele. ([206]) (grifo nosso)
>
> A descrição das águas a amontoarem-se e as do sul a escoarem-se para o Mar Morto **não nos deve levar a uma imagem pueril de duas colunas de água**, por meio das quais passaram os israelitas. Vê-se que o autor pretende mostrar a intervenção miraculosa de Deus em favor do seu povo, no momento preciso e na medida necessária. Isto não exclui que Deus se tenha servido dos elementos naturais da região. **Sabemos que as águas do Jordão, no seu leito estreito e profundo, vão minando as margens, provocando de vez em quando grandes desabamentos de terras que podem obstruir por completo, a torrente**. A partir desse lugar, o leito permanece seco até que as águas rompem uma passagem e encontram de novo o seu caminho. A história conta-nos que isso aconteceu em 1267, 1914 e 1927. Em nada se diminuiria a ação de Deus se se tivesse servido miraculosamente nesse momento exato, destes elementos locais. ([207]) (grifo nosso)

É interessante como se faz questão de enxergar milagre em todos os fenômenos de ordem natural, como se Deus fosse um mágico retirando variados objetos de sua cartola.

Em Josué 2,7 fala-se em “vaus do Jordão”, ou seja, havia, nesse rio, trechos rasos, pelos quais se podia passar a pé ou a cavalo. Explicado isso, vejamos o que sobre o assunto disse

---

206 Bíblia Shedd, p. 309.

207 Bíblia Sagrada – Santuário, 1984, p. 286.

Werner Keller:

Hoje há uma pequena ponte sobre o vau. **O Jordão é estreito, muito estreito, e sempre apresentou muitos vaus. A população local conhece-os perfeitamente**. Próximo de Jericó, as águas sujas de lama amarela durante a seca mal atingem dez metros de largura.

Quando Israel chegou ao Jordão, o rio estava cheio. *"Porque o Jordão, sendo tempo de ceifa, inundava as margens do seu leito"* (Josué 3.15). Como acontece todos os anos, havia começado o degelo das neves do Hermon. "As águas, que vinham de cima, pararam num só lugar, e levantando-se à maneira de um monte..." - como que se empilharam - "... perto da cidade de Adom... e todo o povo de Israel ia passando pelo leito do rio a pé enxuto" (Josué 3.26 e 17). El Damiyeh, um vau muito usado no curso médio, lembra esse sítio de Adom. **Se as águas crescerem subitamente, poderá se formar nesse lugar raso, durante um breve período, uma espécie de açude natural, enquanto o curso inferior se mantém quase inteiramente seco**.

Entretanto, **o represamento da água do Jordão, que tem sido testemunhado diversas vezes, é devido sobretudo a terremotos**. O último dessa espécie aconteceu em 1927. Devido a um violento abalo desmoronaram-se as margens do rio, e grandes massas de terra das pequenas colinas que se erguem ao longo de todo o curso serpeante rolaram para o rio. A água ficou inteiramente represada durante vinte e uma horas. Em 1924, ocorreu a mesma coisa. Em 1906, o Jordão entulhou-se de tal modo devido a um terremoto, que o leito do rio abaixo de Jericó ficou inteiramente seco durante vinte e quatro horas. Narrativas árabes falam de

> um acontecimento semelhante em 1267 da nossa era. ([208]) (grifo nosso)

Eis as explicações da arqueologia, contra a qual não adiantará protestar. Demonstrado, portanto, o caso como fenômeno de ordem puramente natural, causado por terremotos na região, que fazem com que se deslizem, para o leito do rio Jordão, grande quantidade de terra.

Estamos agora do outro lado do rio, perto de Jericó, quando Josué tem uma grata surpresa:

> Josué 5,13-14: *"[...] Josué levantou os olhos e viu em pé diante de si um homem com a espada desembainhada na mão. Josué se aproximou dele e perguntou: 'És a nosso favor ou a favor dos nossos inimigos?' Ele respondeu: 'Eu sou o chefe do exército de Javé, e acabo de chegar'. Então Josué prostrou-se com o rosto por terra e o adorou [...]."*

Como se diz: gente, com uma ajuda dessa quem não ganharia uma guerra? Veja bem, caro leitor, o próprio "Chefe do Exército de Javé" (nem sabia que existia esse cargo) desce para ajudar o povo hebreu, evidenciando a tomada de partido por Deus, contrariando o fato de que *"Deus não faz acepção de pessoas"* ([209])

Agora sim, estamos diante do dia "D"; leiamos:

---

208 KELLER, 2000, p. 176-177.

209 Deuteronômio 10,17; 2Cr 19,7; Atos 10,34; 15,9; Romanos 2,11; Gl 2,6; 3,8; Efésios 6,9; Colossenses 3,25 e 1 Pedro 1,17.

> Josué 6,1.5: "*Jericó estava rigorosamente fechada por causa dos israelitas. Ninguém saía e ninguém entrava. Quando derem um toque prolongado, quando ouvirdes o som da trombeta, todo o povo lançará um grande grito; o muro da cidade virá abaixo, e o povo subirá, cada um à sua frente*."

É a única cidade conquistada literalmente no grito, de que temos conhecimento. Vejamos as opiniões dos tradutores bíblicos sobre isso:

> O cap. 6 oferece algumas dificuldades quanto à conservação do texto e quanto à crítica literária. É, entretanto, evidente que pretende mostrar a coragem dos guerreiros e principalmente o auxílio sobrenatural. As procissões têm uma finalidade religiosa: invocar a ajuda de Deus e implorar a maldição sobre a cidade. É natural que ao mesmo tempo servissem para atemorizar os habitantes de Jericó e para os distrair, enquanto os hebreus preparavam os seus dispositivos para o ataque. De fato, em 24,11 fala-se de combate em Jericó. A narrativa, em estilo épico, não nos permite saber com exatidão como foi tomada a cidade. **As repetidas escavações arqueológicas em Jericó não nos dão informações muito precisas quanto ao período a que se refere o texto sagrado, ou seja cerca de 1210 a.C**. Recentemente sugere-se a hipótese de um grande túnel aberto pelos hebreus para entrarem na cidade. A poeira levantada pelas procissões não teria permitido aos habitantes que se apercebessem desses trabalhos. Como quer que fosse, a tomada de Jericó foi na mente do autor sagrado um grande milagre de Javé em favor do seu povo. ([210]) (grifo nosso)

---

210 Bíblia Sagrada – Santuário, 1984, p. 289.

Na origem deste relato há uma tradição do santuário de Guilgal que testemunhava uma liturgia ao redor de Jericó ao som de trombetas, clamores, circum-ambulação durante sete dias. Essa liturgia celebrava a providência de Deus que tinha feito desmoronar a muralha, sinal da invencibilidade das cidades. O relato antigo foi transformado tanto para acentuar seu aspecto litúrgico (arca, sacerdotes), como para dele fazer um relato de guerra sacral (Anátema); não é um relato guerreiro. O texto hebraico é notavelmente mais longo que o da LXX, omite numerosas expressões (entre parêntesis no texto). Mesmo sob sua forma primitiva, **o relato não é histórico como relato de conquista**, mas testemunha a seu modo a entrada das tribos em Canaã. A primeira cidade encontrada já estava destruída. **A arqueologia não fornece nenhuma indicação de uma destruição de Jericó pelo fim do séc. XIII a.C**. ([211]) (grifo nosso)

O relato da tomada de Jericó é uma espécie de modelo da estratégia usada na conquista das cidades-estado de Canaã. **Na ocasião da conquista, Jericó não tinha muralhas, e talvez já nem fosse habitada, pois tinha sido destruída fazia dois séculos**. Provavelmente, foi nesse lugar que começou a ser celebrada a representação ritual de uma guerra santa com pormenores *litúrgicos* (arca, procissão, sacerdotes, sete dias, toque de trombeta) e *guerreiros* (arca, guerreiros, grito de guerra, toque de trombeta). ([212]) (grifo itálico do original, negrito nosso)

Por ocasião da conquista, Jericó não tinha muralhas e talvez nem fosse habitada, pois já fora destruída há dois séculos. Temos aqui uma

---

211 Bíblia de Jerusalém, p. 319.

212 Bíblia Sagrada – Pastoral, p. 246-247.

> comemoração festiva de *caráter litúrgico* (arca, procissão, sacerdotes, 7 dias, grito, toque de trombeta) e *guerreiro* (arca, tropas de guerra, grito, toque de trombeta, talvez a representação ritual de uma guerra santa. O tema central é a conquista maravilhosa da cidade: Deus venceu o inimigo para dar a Terra ao seu povo. ([213]) (grifo nosso)

Chama-nos a atenção o fato de que sabem muito bem que o acontecimento bíblico não ocorreu; mas, mesmo assim, afirma-nos tratar-se de um milagre, como é caso desta tradução, que, em se referindo a passo Js 6,20-21, diz:

> **A queda dos muros de Jericó** não se deveu nem ao grito de guerra, nem ao som das trombetas, e **não se pode explicar senão como um milagre**. Portanto, toda outra interpretação deve ser rejeitada como falsa e arbitrária (Hebr. 11,30). O autor quer fazer ressaltar a intervenção divina. ([214]) (grifo nosso)

Nem os que professam a mesma religião não se entendem, pois esse último pertence ao mesmo segmento religioso dos outros citados um pouco antes. Mas não vamos deixar os católicos sozinhos, pois, certamente nos acusariam de parcialidade; portanto, vejamos a opinião dos protestantes:

> **A tentativa de asseverar-se que a queda de Jericó ocorrera devido a qualquer causa que não seja um milagre**, é totalmente contrária à natureza deste

213 Bíblia Sagrada – Vozes, 1989, p. 241.

214 Bíblia Sagrada – Paulinas, 1980, p. 225.

> capítulo. Fala-se de um terremoto, da queda dos muros, de um assalto súbito depois de ter dado aos guardas, sobre os muros, a impressão de que se tratava apenas de procissões religiosas. O que deu força aos invasores foi verificar que Deus estava cumprindo, de maneira bem dramática as Promessas concedidas a Abraão, a Moisés e a Josué. **Sem um milagre desta natureza**, a poderosa fortaleza nunca cederia perante aquelas tribos do deserto, e os israelitas nunca poderiam ter tomado ânimo para empreender uma conquista, que nem mesmo o império do Egito tinha poder para realizar naquela época. ([215]) (grifo nosso)

E a arqueologia, o que ela nos diz a respeito disso? É o que veremos agora em duas obras especializadas em assuntos dessa ciência:

> Teria ela [Jericó] caído vítima de quaisquer conquistadores, posteriormente integrados ao reservatório humano chamado "Israel" e cujas conquistas acabaram por passar para a Bíblia, conforme o relato bíblico da "tomada da terra"? Se, de fato, somente na época da "tomada da terra", ou seja, em **meados ou fins do século XIII a.C., os israelitas alcançam Jericó, então nem precisavam conquistá-la, pois ela já havia sido abandonada por seus habitantes**! ([216]) (grifo nosso)

> Jericó estava entre as mais importantes. Como já observamos, as cidades de Canaã não eram fortificadas, e não existiam muralhas que pudessem desmoronar. **No caso de Jericó, não havia traços de**

---

215 Bíblia Shedd, p. 312.

216 KELLER, 2000, p.180.

> **nenhum povoamento no século XIII a.C.**, e o antigo povoado, da Idade do Bronze anterior, datando do século XIV a.C., era pequeno e modesto, quase insignificante, e não fortificado. Também não havia nenhum sinal de destruição. **Assim, a famosa cena das forças israelitas marchando ao redor da cidade murada** com a Arca da Aliança, provocando o desmoronamento das poderosas muralhas pelo clangor estarrecedor de suas trombetas de guerra, **era para simplificar, uma miragem romântica**. ([217]) (grifo nosso)

Confirma, portanto, o que alguns tradutores já haviam colocado. Mas, se a cidade não era habitada, a narrativa da conquista de Jericó compromete a Bíblia quanto ao seu valor histórico. Pior ainda fica quanto à sua suposta inspiração divina agindo sobre os que a escreveram.

Pelo relato bíblico, depois de incendiarem completamente a cidade, Josué mandou alguns homens até Hai, a fim de espionar a terra. Voltaram dizendo que apenas um dois o três mil homens seriam suficientes para derrotá-la (Josué 7,2-3). Entretanto...: “Hai devia estar em ruínas já no tempo de Josué, mas podia servir de refúgio e habitação para algumas pessoas.” ([218]). O que também pode-se confirmar com: “Hai (nome que significa 'a ruína' é atualmente et-Tell (que em árabe tem o mesmo sentido). O lugar estava em ruínas há muito tempo, na época de Josué, e é difícil atribuir a esta narrativa valor histórico”. ([219]) Pior ainda se quisermos atribui-lo

---

217 FINKELSTEIN e SILBERMAN, 2003, p. 119.

218 Bíblia Sagrada – Santuário, 1980, p. 290.

219 Bíblia de Jerusalém, 2002, p. 321.

como algo de inspiração divina.

Conforme sugestão, foram enviados os três mil homens para combater Hai; entretanto, foram derrotados. Josué ficou “possesso”, chegando a questionar Deus de tê-los deixado passar o Jordão para morrer nas mãos dos amorreus. A resposta não tardou, foram acusados por Deus de terem tomado coisas consagradas ao anátema. A questão seguinte seria descobrir o culpado disso, que teria como pena ser queimado; para isso lançaram-se as sortes. A maioria das pessoas que leem a Bíblia não faz a menor ideia do que seja isso, ou seja, “as sortes”; mas é interessante explicar. Os sacerdotes carregavam duas pedras, tidas como sagradas, chamadas de urim e tumim, com as quais faziam as suas consultas à divindade. Feita a pergunta, lançavam-se essas duas pedras e, de acordo com a maneira que caíam, era obtido um sim ou um não, como resposta de Deus. Simplesmente, um verdadeiro “cara ou coroa”.

Mediante desse processo, o culpado foi identificado como Acã, filho de Zara. Esse pobre coitado, junto com toda a sua família, foi queimado no fogo. Dessa forma, Israel reconciliou-se com Deus, aplacando a Sua ira.

Em Josué 8,1-29 trata exatamente da conquista de Hai; entretanto, como acabamos por adiantar, a coisa não ocorreu bem assim; vejamos o que nos explicam os tradutores bíblicos:

> Como Jericó, **Hai já estava em ruínas no tempo da conquista**. Provavelmente, a narrativa visa mostrar outra estratégia de guerra usada contra as cidades-

> estado de Canaã. O comando de Javé não dispensa a prudência e o emprego de estratégias no momento oportuno. ([220]) (grifo nosso)
>
> **Hai, como Jericó, não era habitada por ocasião da conquista**. O episódio assemelha-se a Jz 20,14-48; é possível que um episódio a famoso de conquista, do tipo estratagema, foi pouco a pouco localizado, graças ao nome sugestivo do lugar (*'Ay*, em hebraico, significa ruina, cf. v. 28). ([221]) (grifo nosso)

Ainda bem, pois seria mais uma carnificina onde passaram a fio de espada todos os habitantes de Hai; ao total doze mil pessoas, entre homens e mulheres (Js 8,24-25), sendo que o rei foi enforcado (Js 8,29).

Espalhado o terror pela região, não restou alternativa aos reis da Cisjordânia senão se unirem para combater os hebreus. Os gabaonitas tentaram uma aliança com os hebreus; entretanto, foram transformados em escravos, é o que consta no capítulo nove, fato que provocou a união dos cinco reis amorreus – os reis de Jerusalém, de Hebron, de Jarmut, de Laquis e de Eglon – que marcharam contra Gabaon, afim de a atacarem. Nessa situação drástica os gabaonitas recorreram a Josué, que marchou contra eles. Neste ponto, para garantir aos hebreus a vitória, acontece mais um extraordinário fenômeno:

> Josué 10,13-14: "*E o sol se deteve e a lua ficou parada, até que o povo se vingou dos inimigos. No Livro do Justo*

---

220 Bíblia do Peregrino, p. 249.

221 Bíblia Sagrada – Vozes, 1989, p. 243.

> *está escrito assim: 'O sol ficou parado no meio do céu e um dia inteiro ficou sem ocaso. Nem antes, nem depois houve um dia como esse, quando Javé obedeceu à voz de um homem. É porque Javé lutava a favor de Israel'"*.

Eis aí a prova de que consideravam a Terra como o centro do Universo. Entretanto, o que não sabiam era que o Sol não para, porém, mesmo que parasse não aumenta o dia em um minuto sequer, pois o que faz o ciclo "dia e noite" é a Terra girar em torno do seu próprio eixo. Fato desconcertante para quem acredita piamente em tudo que está escrito na Bíblia. Deus, o supremo criador do cosmo infinito, que estabeleceu todas as leis, que fazem esse maravilhoso mecanismo girar, não sabia desse pequeno, mas importante detalhe.

Na sequência do livro de Josué só vemos os hebreus matando: homens, mulheres e crianças, dominando toda a região. Disso resultou na morte de trinta e um reis, que, juntos com os seus respectivos povos, foram passados a fio de espada; somente se salvaram os gabaonitas; mas foram submetidos à escravidão.

Assim, temos a descrição da empreitada de conquista pelos hebreus, da terra prometida, que se tem como sendo *"desse modo, Javé deu a Israel toda a terra que jurara dar a seus antepassados. Eles tomaram posse e nela se estabeleceram"* (Josué 21,43). Sei que é estranho, mas foi o próprio Javé quem disse aos hebreus: *"Eu dei a vocês uma terra que não lhes custou nada, [...]."* (Josué 24,13). Absurdo pagamento de promessa: manda matar todos os povos de uma

região para entregá-la aos hebreus como cumprimento de uma promessa feita; nem um ser humano faria uma coisa dessa... Será que as vidas das pessoas não valiam nada?

Quanto mais estudamos a Bíblia, maior fica a nossa convicção que ela não pode, sem prejuízo de amesquinhar a Deus, ser a Sua palavra. Só mesmo por fanatismo não se enxerga isso. Diria Jesus: “Pai, perdoa-lhes! Eles não sabem o que estão fazendo!” (Lucas 23,34).

Os dois milagres de ordem cósmica

> "A sabedoria do homem sagaz é descobrir o seu próprio caminho…" (Provérbio 14,8)

Os que estudam a Bíblia, sem se prenderem às conveniências dogmáticas, devem estranhar certos acontecimentos, que ferem ao mais elementar senso de lógica. Ficamos perplexos, quando deparamos com as narrativas de dois fenômenos de ordem cosmológica; são as duas extraordinárias ocorrências com o Sol; uma quando ele para; e outra quando ele voltando a um ponto anterior faz a sombra retroceder; se acredita serem "milagres" divinos.

O Sol parou?

Diante dos amorreus Deus realiza um "milagre" fenomenal, fez com que o Sol ficasse parado, de tal sorte que a claridade do dia aumentou consideravelmente. Vejamos a narrativa:

> Josué 10,12-14*: "Josué falou ao Senhor no dia em que ele entregou os amorreus nas mãos dos filhos de Israel, e disse em presença dos israelitas: 'Sol, detém-te sobre Gabaon. E tu ó lua, sobre o vale de Ajalon'. E o Sol parou e a lua não se moveu até que o povo se vingou de seus inimigos. Isto acha-se escrito no Livro do Justo.* ***O Sol parou no meio do céu, e não se apressou a pôr-se pelo espaço de quase um dia inteiro****. Não houve, nem antes nem depois, um dia como aquele, em que o Senhor tenha obedecido à voz de um homem, porque o*

Senhor combatia por Israel.” (grifo nosso)

Supomos que quem fez todas as leis naturais, ou seja, Deus deve ter pleno conhecimento do funcionamento delas; mas, nesse caso, será que isso acontece? Bom; é interessante como os dogmáticos não fazem a mínima questão de analisar os textos; apenas interpretam da maneira como aprenderam, de tal forma que erros teológicos do passado vão se perpetuando.

Haverá de aparecer um “herético” para mudar esse estado de coisas. Nos candidatamos a essa função, já que não correremos mais o risco de alguém nos fazer abjurar isso publicamente sob pena de nos colocar numa fogueira ou “por piedade” nos dê a opção de tomar alguma bebida letal.

Quem redigiu o texto bíblico além de demonstrar não possuir o mínimo de conhecimento da realidade cósmica, certamente estava preso à antiga crença de que a Terra era o centro do Universo. Atualmente, agarrar-se a essa crença é querer, no mínimo, tornar-se ridículo.

Observe, caro leitor, que aqui fazemos questão de tirá-lo à conta de inspiração divina, pois, se isso tivesse mesmo acontecido, o Sol poderia ficar parado para todo o sempre, que o dia não aumentaria sua claridade em um minuto sequer. Por que?! É bem simples; porque a lei natural, que produz o ciclo dia e noite, é o movimento de rotação da Terra sobre o seu próprio eixo e não o Sol girando em torno dela, como pensou o autor bíblico. Assim, para essa ocorrência, ou seja, o dia aumentar um número qualquer de horas, pouco importa a

questão do Sol estar parado ou não, porquanto é algo que somente aconteceria se fosse a Terra que viesse a parar.

E se esse fato inverossímil tivesse mesmo ocorrido, ele fatalmente refletiria em todo o globo terrestre, o que deixaria perplexos todos os povos existentes no planeta, pois, consequentemente, a dia ou a noite teriam sido aumentada em sua duração no mesmo número de horas em todo o globo terrestre. Será que um fenômeno tão extraordinário desse, com repercutindo em todo o planeta, não tenha sido registrado por mais ninguém, a não ser pelos hebreus?! Isso, certamente, é algo que também depõe contra tal relato.

O que aconteceria caso a Terra parasse? Peter James e Nick Thorpe ([222]), autores da obra *O livro de Ouro dos mistérios da antiguidade, respondem*: "[...] Se a Terra fizesse uma parada abrupta, seus habitantes seriam arremessados ao chão violentamente e estariam sujeitos a terremotos e inundações de uma escala sem precedentes, mas não seriam lançados em órbita. [...]." ([223])

Mas ainda assim, boquiabertos, vemos que o fanatismo faz com que muitas pessoas tentem explicar o inexplicável, como, por exemplo, o tradutor bíblico Russell P. Shedd, que em se referindo a Josué:

> 10,12 *Josué falou ao Senhor… Sol detém-te … e tu, lua …* Há quem afirme que o episódio não passa de

222 **Peter James** escreve sobre história antiga e arqueologia e **Nick Thorpe** é arqueólogo, especializado em pré-história europeia. (orelha da contracapa)

223 JAMES e THORPE, 2001, p. 132.

> uma simples narração poética, tendo de real somente a intervenção de Deus em favor de Israel. Mas **não há motivo para se rejeitar a interpretação literal**; Deus faz grandes milagres que os homens de ciência mal compreendem; para Ele nada é impossível (Lc 1.37). A palavra heb *daman* não significa só "detém-te", mas também "silencia-te", "acaba" e "para". **Uma vez que não há referência a este milagre na história de outras nações, há possibilidade de que Deus fez o milagre só nesta região**. Em vez de paralisar o movimento da Terra em seu eixo, há a possibilidade de se prolongar o dia pela refração da luz. […]. ([224]) (grifo nosso)

Apesar do tradutor Shedd ter percebido a incoerência científica, tenta suavizá-la usando de sofisma para não ter que abdicar da "inerrância" da Bíblia, coisa que, veementemente, advoga.

Cita Lucas, que põe na boca de Jesus, a fala de Jeremias de que "para Deus nada é impossível" (Jeremias 32,17), que por sua vez, também coloca o próprio Deus dizendo: "*Existe algo impossível para mim?*" (Jeremias 32,27), numa atitude totalmente orgulhosa e descabida para sua "personalidade". Poderíamos responder afirmando: Há algumas coisas impossíveis para Deus, como por exemplo, mudar suas leis, porquanto, fazendo isso, provar-se-á que não as fez perfeitas. E, além disso, seria o caso de se perguntar: poderia Deus pecar?

Pasme diante dessa afirmação, ao final do texto bíblico:

---

224 Bíblia Shedd, p. 318.

*"**O dia em que Deus obedeceu a um homem**"*; o que nos obriga a afirmar: "Não houve, nem antes nem depois, **nem nunca haverá**, um dia como aquele*".*

Há um questionamento bem interessante do espírito François Arago: "se Josué ordenou um dia ao sol parar, não se vê em nenhuma parte que ele tenha mandado que retornasse seu curso" ([225]), então, em razão disso o Sol deveria estar parado até hoje.

Allan Kardec faz alguns comentários sobre o capítulo "Do Sobrenatural" da obra *A Igreja e a sociedade cristã em 1861* de François Pierre Guillaume Guizot (1787–1874), dos quais transcrevemos o seguinte parágrafo:

> Um fato muito menos importante, apesar das perseguições das quais foi a fonte, é o de Josué detendo o Sol para prolongar o dia de duas horas. Que seja o Sol ou a Terra que tenha parado, o fato não é por isso menos tudo o que há de mais sobrenatural; **é uma derrogação a uma das leis mais capitais, a da força que arrasta os mundos**. Acreditou-se escapar à dificuldade reconhecendo que é a Terra que gira, mas contara-se sem a maçã de Newton, a mecânica celeste de Laplace e a lei da gravitação. **Que o movimento da Terra seja suspenso, não por duas horas, mas por alguns minutos, a força centrífuga cessa, e a Terra vai se precipitar sobre o Sol; o equilíbrio das águas em sua superfície é mantido pela continuidade do movimento; cessando o movimento, tudo é transtornado**; ora, a história do mundo não faz menção do menor cataclismo nessa época. Não contestamos

225 KARDEC, 1999, p. 382.

> que Deus haja podido favorecer Josué prolongando a claridade do dia; que meio empregaria? Nós o ignoramos; isso poderia ser uma aurora boreal, um meteoro ou qualquer outro fenômeno que não mudaria nada na ordem das coisas; mas, **seguramente, esse não foi aquele do qual se fez, durante séculos, um artigo de fé**; que outrora se haja acreditado, é bastante natural, mas hoje isso não é possível, a menos que se renegue a ciência. ([226]) (grifo nosso)

Qualquer explicação é válida, desde que não se apele para o sobrenatural, que, na realidade, acaba transformando Deus num mágico circense.

Jomar Fernandes Pereira Filho, formado em Estudos Sociais na UEMA (Universidade Estadual do Maranhão) de Imperatriz, nos dá uma informação bem interessante:

> O SOL PARADO NA HISTÓRIA MITOLÓGICA DO EGITO
>
> Alguns estudiosos lembram que **na Batalha de Kadesh (1285 a.C.), o faraó Ramsés II para conseguir fugir do Hititas, pediu ao *deus* Amon que parasse o dia por algumas horas**. **Os israelitas** passaram 400 anos no Egito. Quando eles escreveram o Livro Reto com os feitos de seus heróis, **trouxeram essa história egípcia e a adaptaram para Josué**. Observem que o episódio da parada do Sol parece uma interpolação. Javé já havia matado quase todos os amorreus, com pedras caídas do céu e com a espada dos israelitas. O que havia sobrado dos exércitos inimigos estava em fuga desesperada. E então, sem necessidade, aparece o pedido para que o Sol e a Lua

226 KARDEC, 1993g, p. 23.

> parem seu (aparente) curso no céu. **Fica evidente que esse trecho, tirado de um livro de cânticos militares, foi introduzido no livro de Josué para engrandecer o *deus* de Israel perante os outros povos**. ([227]) (grifo nosso)

Então, a história do Sol parado, segundo o autor, nada mais é que um plágio da mitologia egípcia. Fantástico! Melhor que isso não precisávamos.

Mas há, pelo menos, duas outras culturas nas quais também relatam esse acontecimento, são elas: “os chineses relatam que no tempo do Imperador Yahou 'dizia-se que aconteceu de o Sol não se pôr durante um período de dez dias, que as florestas queimaram e se produziu uma multidão de vermes.” e “Os astecas do México perseveravam a curiosa história de uma certa manhã em que o Sol pairou no horizonte e levantou muitas horas até, de fato, se levantar.” ([228])

A sombra voltou atrás?

Vejamos a outra narrativa desses fenômenos que estamos analisando:

> Isaías 38,1-8: *“Naquele tempo, Ezequias esteve doente, quase à morte. O profeta Isaías, filho de Amós, veio ter com ele e lhe disse: 'Eis o que disse o Senhor: Põe em ordem a tua casa porque vais morrer, não te restabelecerás'. Então Ezequias voltou-se para a parede e se pôs a orar ao Senhor; 'Senhor, disse ele, lembrai-vos de que tenho andado diante de vós com lealdade,*

227 PEREIRA FILHO, 2013, p. 168.

228 JAMES e THORPE, 2001, p. 130.

> *de todo o coração segundo a vossa vontade'. E chorava abundantemente. Depois a palavra do Senhor foi dirigida a Isaías nestes termos: 'Vai dizer a Ezequias; Eis o que diz o Senhor, o Deus de Davi, teu pai: Ouvi tua oração e vi tuas lágrimas, prolongarei tua vida por quinze anos, livrar-te-ei, a ti e a esta cidade, das mãos do rei da Assíria. Protegerei esta cidade.* ***E eis o sinal****, da parte do Senhor, para convencer-te de que cumprirá a promessa:* ***Farei a sombra recuar os dez graus que o Sol já lhe fez descer no relógio solar de Acaz'. E o Sol voltou dez graus para trás.****"* (ver tb 2 Reis 20,1-11) (grifo nosso)

Ficamos estarrecidos diante de tanta injustiça, quantas pessoas, talvez até mais fiéis a Deus que Ezequias, não foram livradas da morte, apesar de terem implorado a Deus para que não morressem... Quantas mães virtuosas choraram a morte de seus filhos, porque Deus ficou insensível às suas orações?... Será que o *"Deus não faz acepção de pessoas"* (Atos 10,34) foi deixado de lado?

Analisando o fenômeno, podemos supor, já que é a única coisa que nos resta fazer, que o escritor bíblico, preso à crença geocêntrica, deduziu que o Sol voltando um pouco faria com que a sombra também voltasse, o que justificaria o "milagre", cujo objetivo era um sinal para provar a Ezequias que Deus faria o que tinha prometido. Entretanto, conforme nossa explicação anterior, isso nada adiantaria, pois a sombra continuaria avançando sempre para a frente, obedecendo à lei cósmica irrevogável de rotação da Terra sob seu próprio eixo e também à que rege o seu movimento de translação.

Resta-nos, na tentativa de salvar a narrativa, considerar

que, então, talvez a Terra é que tenha voltado, já que é o único fato que faria a sombra retroceder. Mas o que aconteceria se isso viesse ocorrer? É fácil analisar as consequências. Vamos dar um exemplo. Suponhamos que temos, em nossas mãos, uma bacia cheia de água e que, inicialmente, comecemos a caminhar, para ir, gradativamente, apertando o passo até que, em determinado momento, estivéssemos a correr. Imagine a cena. Agora, imaginemos que fizéssemos uma parada brusca e, imediatamente, voltássemos a um ponto qualquer lá atrás. O que aconteceria com a água dentro da bacia? Faça uma comparação em relação à água do mar e tire as suas conclusões sobre o que poderia suceder com ela. E ainda mais, o que ocorreria conosco; seríamos, talvez, lançados para o espaço sideral, caso a ocorrência viesse provocar alguma desestabilização da lei de gravidade?

O que será que acontece com as pessoas? O que as faz abdicar do sagrado dever de usar a inteligência que Deus deu a cada um de nós? Digo sagrado dever, pois é ela que nos difere dos animais. Por que agimos com preguiça mental de estudar, analisar e de pesquisar, simplesmente aceitando tudo quanto nos passam como verdade sem o mínimo questionamento? Até quando se agirá dessa forma? Já não é hora de acordarmos e caminharmos por nossas próprias pernas, em busca dos conhecimentos necessários para a nossa libertação definitiva do jugo dessa liderança religiosa, que só se preocupa com o seu “ganha-pão” (dízimo é claro!)? Já não passou do momento de entender Jesus na recomendação: *“Conhecereis a verdade e a verdade vos libertará*”? Não estaria Ele falando justamente

disso que ocorre conosco, quando nos submetemos ao que nos dizem os outros?

A verdade, caro leitor, é que nós só a encontraremos quando questionarmos tudo; mas absolutamente tudo: *“Examinai tudo, retende o que é bom”* (1 Tessaloniceses 5,21). Os que ficam nos proibindo de ler isso ou aquilo, podemos ter certeza, é porque não estão com a verdade, já que a proibição é fruto do medo de alguém descobrir que ele não está com a verdade; entretanto, uma coisa é certa: mais cedo ou mais tarde, inevitavelmente, ela aparecerá por uma pessoa que irá iluminar-lhes as consciências.

A morte de Saul

> "O que você vê é resultado direto daquilo em que acredita." (Paul Ferrini)

Pouco depois que os hebreus saíram do Egito, onde ficaram 430 anos em escravidão, já no deserto, dois meses e pouco após iniciar o êxodo (aproximadamente 1.250 a.C.), os amalecitas os atacam, tentavam, com isso, impedi-los de passar pelo seu território. Sob o comando de Josué, o povo israelita, derrota Amalec (neto de Esaú), e passa a fio de espada toda a tropa do inimigo.

Neste dia, Javé faz um juramento: *"Escreva isso num livro como memória e diga a Josué que eu vou apagar a memória de Amalec debaixo do céu"* (Êxodo 17,14), porque ficou muito indignado com a ação dos amalecitas de fazerem guerra ao "povo escolhido", vindo a prejudicar a chegada dos hebreus à Terra prometida.

Entre os anos de 1.030 a 1.010 a.C., no reinado de Saul (primeiro rei de Israel), é que Javé resolve levar adiante seu juramento e traça o plano de vingança, contra Amalec, determinando Saul a sua execução:

> 1 Samuel 15,2-3: *"Assim diz Javé dos exércitos: Vou pedir contas a Amalec pelo que ele fez contra Israel, cortando-lhe o caminho, quando Israel subia do Egito. Agora, vá, ataque, e condene ao extermínio tudo o que*

> *pertence a Amalec.* ***Não tenha piedade: mate homens e mulheres, crianças e recém-nascidos, bois e ovelhas, camelos e jumentos***.” (grifo nosso)

Saul atende à determinação de Javé e ataca os amalecitas, matando todo o povo; entretanto, ao invés de exterminar, captura a Agag, rei dos amalecitas. E, além disso, poupa o gado gordo e os cordeiros, só abatendo os que não tinham valor.

Javé, pela boca do profeta Samuel, alega não ter gostado da atitude de Saul, e diz: *“Estou arrependido de ter feito Saul rei, porque ele se afastou de mim e não executou as minhas ordens”* (1 Samuel 15,11). E, apesar de Saul ter-se justificado que o gado e os cordeiros que não tinha matado eram para serem oferecidos em sacrifício a Javé, e que o rei dos amalecitas fora capturado, ele não aceita a justificativa, e diz: *“Javé arranca hoje de você o reinado sobre Israel e o entrega a outro mais digno do que você”* (1 Samuel 15,28).

Algum tempo depois, os filisteus reuniram-se para atacar Israel. Diante disso, Saul ficou desesperado, fez de tudo para saber o que lhe aconteceria diante da iminente guerra. Consultou a Javé, e não obteve nenhuma resposta; aí então resolve procurar uma necromante, indo até Endor. Chegando à casa da mulher, Saul pede para ela adivinhar o futuro, evocando o espírito de Samuel, que morrera, havia algum tempo. E Samuel-espírito se manifesta, por intermédio da necromante, e repete o que já lhe havia dito quando vivo, ou seja, que Javé iria entregá-lo, junto com seus filhos e seu povo, ao inimigo.

Mesmo depois disto, Saul entra em guerra com os filisteus. Foi uma fulminante derrota, pois os filisteus ganharam a batalha, matando muita gente, entre eles os filhos de Saul. Os arqueiros atingiram a Saul, e ele, não querendo cair vivo nas mãos dos inimigos, pede a seu escudeiro que o mate com uma espada. Como não foi atendido, pois o escudeiro se recusou a matar o seu rei, não lhe restou outra alternativa, senão pegar a sua própria espada e lançar-se sobre ela, morrendo em seguida (1 Samuel 31,4). Assim, **a morte de Saul foi por suicídio**.

A segunda versão diferente da morte de Saul, nós vamos encontrá-la em 2 Samuel 1, quando **um homem** dizendo-se **amalecita** relata a Davi a morte de Saul e seus filhos, da seguinte forma:

> 2 Samuel 1,6-10: *"[...] Eu estava casualmente no monte Gelboé e vi Saul apoiado em sua própria lança, enquanto os carros e cavaleiros se aproximavam. Saul virou-se, me viu, e me chamou. [...] Então Saul me disse: 'Aproxime-se e mata-me, pois estou agonizando e não acabo de morrer'. Então **eu me aproximei dele e o matei**, porque eu sabia que ele não iria mesmo sobreviver depois de caído." (grifo nosso)*

A terceira versão, da morte de Saul está narrada em 2 Samuel 21,12: *"Então Davi foi pedir os ossos de Saul e de seu filho Jônatas aos cidadãos de Jabes de Galaad, que os tinham levado da praça de Betsã, onde **os filisteus os haviam enforcado**, quando venceram Saul em Gelboé." (grifo nosso)*

Até aqui ficamos sem saber como realmente Saul morreu: suicidou-se? Teria pedido a um amalecita que o

matasse? Ou será que foi enforcado? Três versões diferentes para um só fato. Por isso, se dissermos que toda a Bíblia é de inspiração divina, teremos que admitir que o próprio Deus tenha ditado as três versões; não há como sair deste absurdo.

Eis que nos aparece um salvador da pátria, para explicar essa última versão da morte de Saul; leiamos:

> No dia seguinte, depois desse grande combate, os vencedores, despojando os mortos, **reconheceram o corpo de Saul e os de seus filhos. Cortaram a cabeça de Saul**, e depois de terem anunciado a morte dele por todo o país e consagrado as almas no Templo de Astarote, seu falso deus, **penduraram os corpos em forcas**, perto da cidade de Bete-Seã, que hoje se chama Scitópolis. […]. ([229]) (grifo nosso)

Pelo que aqui nos conta o historiador hebreu Flávio Josefo, o "enforcamento" foi realizado apenas com o corpo morto de Saul, e não que ele tenha sido enforcado.

No primeiro livro de Crônicas (10,1-12), é relatada a morte de Saul, exatamente como está narrada em 1 Samuel, capítulo 31, primeira versão. Entretanto, nos versículos 13 e 14, foi colocada como causa da morte de Saul, o seguinte:

> 1 Crônicas 10,13-14: "*Saul morreu por ter sido infiel a Javé:* ***não seguiu a ordem de Javé e foi consultar uma mulher que invocava os mortos****, em vez de consultar a Javé. Então Javé o entregou à morte e passou o reinado para Davi, filho de Jessé."* (grifo nosso)

---

229 JOSEFO, 2003, p. 172.

Nessa última narrativa, apesar dela vir a coincidir com uma anterior, a causa da morte de Saul não corresponde ao fato ali narrado. E veja a que conclusão nos leva essa narrativa. Por ela se tem a impressão de que Saul morreu porque não cumpriu a determinação divina de não evocar os mortos, fato completamente contrário ao acontecido, pois acreditamos que a questão da infidelidade de Saul que o cronista queria passar seria a de que Saul não tinha exterminado os amalecitas exatamente como Javé tinha ordenado. Quanto à questão de não ter consultado a Deus, está narrado que ele O consultou. Nesse caso, deve ter havido uma interpolação, para associar a morte de Saul ao fato de que ele teria ido consultar a necromante, cujo objetivo seria fazer da morte de Saul um castigo de Javé, por ele, Saul, ter-se comunicado com Samuel-espírito.

Quem quer que busque a verdade, encontrará essas e muitas outras incoerências na Bíblia. Mas, ainda existem muitos que querem, a ferro e fogo, manter a Bíblia como sendo, toda ela, de total inspiração divina. Não se apercebem de que, com esse exagero, o número dos incrédulos aumenta cada vez mais. E esse número só não é maior, porque ainda existem muitas pessoas que preferem ser encabrestadas por líderes religiosos, os quais insistem, a todo custo, em fazer com que, por medo de Deus, não se ponham a questionar alguns pontos da Bíblia, sob o argumento de ser ela de “inspiração divina”, esquecendo-se de que foram os homens que a escreveram e nela colocaram seus pensamentos conforme o seu conhecimento da época, incluindo nela lendas, coisas da mitologia antiga, misturadas, é

óbvio, às muitas revelações provindas de Deus.

E é pelo “temor” de desagradarem a Deus, que, quando buscam a verdade que possa estar contida na Bíblia, não enxergam essas falhas dos seus autores. E isso, com a complacência de muitos de seus dirigentes que, muitas vezes, apercebem-se dessas falhas, mas preferem o silêncio – para manterem na ignorância interessada, os seus fiéis – ao esclarecimento deles, pois esclarecê-los poderá causar prejuízos aos interesses particulares desses dirigentes.

Entretanto, temos por nós, que, se Deus dotou o homem de inteligência, é para que ele a use em plenitude; não devemos, pois, agir como se fôssemos “avestruzes”, escondendo a “cabeça” diante da verdade pura e cristalina!

Os mortos estariam mesmo dormindo?

> “Nós temos uma tendência à inércia mental, a nos fixarmos em dogmas, em princípios tradicionais e a permanecermos, por assim dizer, enleados nesses princípios sem conseguirmos avançar na compreensão real das coisas.” (HERCULANO PIRES)

Se não fosse trágico, seria até hilariante, pois os que tomam tudo ao pé da letra não se dão conta de que, muitas vezes, caem no ridículo. É o caso daqueles que acreditam que os mortos estão dormindo. Bibliólatras desse tipo não abrem mão da literalidade bíblica e, se lhes pedirmos, apontarão inúmeras passagens para corroborar a sua forma de interpretação. Via de regra, são pessoas que só leem livros que tenham o referendo de sua liderança religiosa, não sabem que: “quem ouve um sino só escuta um som, não podendo, portanto, saber se ele está afinado” (LETERRE, 2004)

Cabe-nos, por compromisso com a verdade, demonstrar que pensam erradamente; entretanto, nosso objetivo não é convertê-los, já que dificilmente abrirão mão daquilo que pensam, mas explicar aos de mente aberta como deveriam ser interpretadas as passagens que falam sobre isso, isto sim, sentimo-nos no dever de fazê-lo.

No sentido que estamos a questionar, a palavra **“dormiu”** aparece, na Bíblia, dependendo da tradução, por 36

vezes [230]; concentrando sua maioria no livro de Reis (I e II) e no de Crônicas (II). Para evitar a repetição, citaremos apenas os seguintes exemplos:

> 1 Reis 2,10: "*Depois Davi **dormiu** com seus pais, e foi sepultado na cidade de Davi."* (grifo nosso)
>
> 1 Reis 11,43: "*E Salomão **dormiu** com seus pais, e foi sepultado na cidade de Davi, [...]."* (grifo nosso)
>
> 1 Reis 14,20: "*E o tempo que Jeroboão reinou foi vinte e dois anos. E **dormiu** com seus pais; [...]."* (grifo nosso)
>
> 1 Reis 14,31: *E Roboão **dormiu** com seus pais, e foi sepultado com eles na cidade de Davi [...]."* (grifo nosso)
>
> 1 Reis 15,8: "*Abião **dormiu** com seus pais, e o sepultaram na cidade de Davi [...]."* (grifo nosso)

Se falássemos de alguém usando uma destas expressões: abotoou o paletó, apagou, bateu as botas, bateu a caçoleta, comeu capim pela raiz, desceu ao túmulo, desocupou o beco, disse adeus ao mundo, empacotou, entregou a alma ao Diabo, espichou a canela, esticou o cambito, fechou os olhos, foi para a cidade dos pés juntos, foi para o beleléu, passou desta para melhor, pifou, vestiu o pijama de madeira, virou presunto, foi pro andar de cima, etc.; o que se entenderia? Iríamos tomá-las ao pé da letra ou entendê-las no sentido figurado?

---

230 **1Rs** 2,10; 11,43; 14,20; 14,31; 15,8;·15,24; 16,6; 16,28; 22,40; 22,50; **2Rs** 8,24; 10,35; 13,9; 13,13; 14,16; 14,22; 14,19; 15,7; 15,22; 15,28; 15;38;.16,20; 20,21; 21,18; 24;6; **2Cr** 9,31; 12,16; 14,1; 16;13; 21,1; 26,2; 26,23; 27,9, 28,27; 32,33; **At** 13,36. (Bíblia Eletrônica v. 1 – RkSoft Desenvolvimentos).

Sabemos que certas palavras, quer pelo uso comum, quer por ter se tornado uma gíria, assumem significado diferente do sentido normal, para adquirir um outro; por isso, devemos ter o cuidado de verificar qual é o seu verdadeiro sentido no texto. De igual modo, vemos nessas passagens, em relação à palavra dormir, que não há outra maneira senão de interpretá-la como morrer; portanto, não quer dizer que alguém literalmente esteja dormindo.

Pesquisando essas passagens em outras Bíblias encontramos em lugar de dormiu o seguinte: repousou, morreu, adormeceu, desceu ao sepulcro, descansou, deitou-se e foi reunir-se, deixando claro que se trata apenas de expressões para designar mesmo a morte. Vejamos uma passagem:

> Atos 7,57-60*: "Então eles deram fortes gritos, taparam os ouvidos e avançaram todos juntos contra Estêvão. Arrastaram-no para fora da cidade e começaram a apedrejá-lo. As testemunhas deixaram seus mantos aos pés de um jovem chamado Saulo.* ***Atiravam pedras em Estêvão****, que repetia esta invocação: 'Senhor Jesus, recebe o meu espírito'.* ***Depois dobrou os joelhos*** *e gritou forte: 'Senhor, não os condenes por este pecado'. E, ao dizer isso,* ***adormeceu****"*. (grifo nosso)

Não há dúvida alguma que o significado de "adormeceu" é realmente morreu, entendimento que vale para todas as outras palavras usadas, incluindo, obviamente, "dormiu".

Por outro lado, se matematicamente, na multiplicação, a ordem dos fatores não altera o produto, aqui não vale essa proposição. Isso porque a morte, por ser uma ocorrência

natural, obedece a Razão Maior, chamada Deus; e esse fenômeno é o último a que o homem é submetido no plano físico. Assim, se alguma analogia houver a ser feita com uma operação matemática, a morte corresponderá ao sinal de igualdade (=), após o que vem o resultado: ser enterrado, cremado, etc. A ordem, no sentido de sequência, é: primeiro dormiu, depois foi enterrado, onde, forçosamente, o significado de dormir é morrer, e não foi enterrado e dormiu, que muito bem poderia ser entendida como os bibliólatras entendem em relação à outra forma.

Quem examina a Bíblia, e não apenas lê, percebe que a ideia que os judeus faziam da vida após a morte era imprecisa. Pensavam que todos os mortos, bons e maus, iriam para o sheol (= hades ou inferno), lugar onde não teriam mais consciência; daí autores bíblicos dizerem:

> Salmo 88,11-13: *"Farás maravilhas pelos mortos? As sombras se levantarão para te louvar? Falarão do teu amor nas sepulturas, e da tua felicidade no reino da morte? Conhecem tuas maravilhas na treva, e a tua justiça na terra do esquecimento?"*
>
> Salmo 115,17: *"Os mortos já não louvam a Javé, nem os que descem ao lugar do silêncio."*
>
> Eclesiastes 9,5-6.10: *"Os vivos estão sabendo que devem morrer, mas os mortos não sabem nada, nem terão recompensa, porque a lembrança deles cairá no esquecimento. Seu amor, ódio e ciúme se acabam, e eles nunca mais participarão de nada que se faz debaixo do Sol. Tudo o que você puder fazer, faça-o enquanto tem forças, porque no mundo dos mortos, para onde você vai, não existe ação, nem pensamento, nem*

ciência, nem sabedoria."

Entretanto, essa ideia vai sendo discutida nos textos, e se modificando aos poucos, até que em Jesus ela é elucidada definitivamente, já que, em se referindo a Abraão, Isaac e Jacó, ele afirma que Deus não é Deus de mortos, mas de vivos (Mateus 22,31-32). E quem está vivo tem consciência, pensamento, sabedoria e existe ação; não é mesmo?

Um parêntese. Já em Eclesiástico, nós encontramos essas duas interessantes passagens:

> Eclesiástico 18,7-14: *"O que é o homem, e para que serve? Qual é o seu bem e qual é o seu mal? A duração de sua vida é de cem anos no máximo. Como gota no mar e grão na areia, tais são os seus poucos anos frente a um dia da eternidade. É por isso que o Senhor tem paciência com os homens, e derrama sobre eles a sua misericórdia. Ele vê e reconhece que o fim deles é miserável, e por isso multiplica para eles o seu perdão. A misericórdia do homem é para o seu próximo, porém a misericórdia do Senhor é para todos os seres vivos. Ele repreende, corrige, ensina e dirige, como o pastor conduz o seu rebanho. Ele tem compaixão dos que aceitam a correção, e dos que se esforçam para lhe cumprir os mandamentos."*
>
> Eclesiástico 30,17: "*É melhor a morte do que viver com amargura, e o descanso eterno vale mais do que doença crônica."*

Como conciliar a ideia do inferno eterno com a primeira passagem? Pela segunda, poderemos concluir que o autor faz apologia ao suicídio para as pessoas amarguradas ou as com

doença crônica. Assim, fica claro que não podemos pegar tudo ao pé da letra e, muito menos, aceitar como revelação divina, já que é flagrante que muita coisa se trata de opinião do autor bíblico; certo?

Continuando, vamos agora analisar algumas passagens bíblicas que demonstram que os mortos não estão dormindo.

Em 1 Samuel 28,3-21 é narrado o episódio em que Saul vai a Endor e, através da pitonisa, põe-se a conversar com o espírito Samuel, que lhe prediz o fim como resultado da guerra com os filisteus, fato confirmado no livro Eclesiástico, onde é afirmado que Samuel, mesmo depois de morto, profetizou (Eclesiástico 46,13-20). Até onde sabemos, isso não poderia acontecer se o espírito Samuel estivesse mesmo dormindo e não fosse consciente, no sentido que querem dar ao vocábulo. A não ser que se pretenda usar esse entendimento para justificar que não foi Samuel que se apresentou a Saul através da médium de Endor.

Não podemos deixar de citar o célebre momento da transfiguração de Jesus no monte Tabor, em que conversa com os espíritos Moisés e Elias, na presença de Pedro, Tiago e João (Mateus 17,1-9), numa evidente prova de consciência e atividade após a morte.

Segundo dizem alguns teólogos, quem se manifesta são os demônios, e não os espíritos das pessoas que aqui viveram. Se assim for, Jesus foi enganado pelo “demo”? Por outro lado, onde estaria, na própria Bíblia, a regra, clara e incontestável, em que se diz que os homens, depois de mortos, estão sempre

dormindo; e os demônios, sempre acordados? Será que Deus permite aos demônios ficarem acordados influenciando o homem terreno ao mal, enquanto os espíritos daqueles que sempre praticaram o bem são obrigados a ficarem dormindo? Não existe algo de estranho nisso?

Há uma passagem interessante onde Jesus narra a situação depois da morte de um pobre e de um rico. Embora seja bem conhecida, vamos transcrevê-la:

> Lucas 16,19-31: "*Havia um homem rico que se vestia de púrpura e linho fino, e dava banquete todos os dias. E um pobre, chamado Lázaro, cheio de feridas, que estava caído à porta do rico. Ele queria matar a fome com as sobras que caíam da mesa do rico. E ainda vinham os cachorros lamber-lhe as feridas. Aconteceu que o pobre morreu, e os anjos o levaram para junto de Abraão. Morreu também o rico, e foi enterrado. No inferno, em meio aos tormentos, o rico levantou os olhos, e viu de longe Abraão, com Lázaro a seu lado. Então o rico gritou: 'Pai Abraão, tem piedade de mim! Manda Lázaro molhar a ponta do dedo para me refrescar a língua, porque este fogo me atormenta'. Mas Abraão respondeu: 'Lembre-se, filho: você recebeu seus bens durante a vida, enquanto Lázaro recebeu males. Agora, porém, ele encontra consolo aqui, e você é atormentado. Além disso, há um grande abismo entre nós: por mais que alguém desejasse, nunca poderia passar daqui para junto de vocês, nem os daí poderiam atravessar até nós'. O rico insistiu: 'Pai, eu te suplico, manda Lázaro à casa de meu pai, porque eu tenho cinco irmãos. Manda preveni-los, para que não acabem também eles vindo para este lugar de tormento'. Mas Abraão respondeu: 'Eles têm Moisés e os profetas: que os escutem!' O rico insistiu: 'Não, pai Abraão! Se um dos*

> *mortos for até eles, eles vão se converter'. Mas Abraão lhe disse: 'Se eles não escutam a Moisés e aos profetas, mesmo que um dos mortos ressuscite, eles não ficarão convencidos'.”*

Apesar de ser uma parábola, podemos perceber que o texto não diz que Abraão e Lázaro estavam inconscientes e dormindo; ao contrário, dá-se para concluir que estavam bem ativos, já que é narrado o diálogo que Abraão teve com o rico, que, por sua vez, também não estava dormindo.

Aos que tomam tudo ao pé da letra, perguntaremos: Se o juízo final não aconteceu, como podemos explicar que Abraão esteja no céu? A passagem coloca que, imediatamente após a morte tanto o rico como Lázaro tiveram seu destino, fatalmente delineado por um julgamento. Mas, qual julgamento, se o dia do juízo final não havia chegado?

Em João 11,1-44, conta-se sobre a morte e ressurreição de Lázaro, irmão de Marta e Maria (não confundi-lo com o da passagem anterior). Supondo-se que Lázaro tenha verdadeiramente morrido, Jesus ao chamá-lo de volta não disse: “Lázaro, acorde e saia para fora”? Assim, a conclusão é que o amigo de Jesus não estava dormindo e nem inconsciente.

Vale lembrar que, se Lázaro estava realmente morto, conforme crença geral, então Jesus, ao mandá-lo sair do sepulcro, nada mais fez que conversar com os mortos. Esta foi a conclusão a que chegou o Pastor Nehemias Marien (1933-2007), bispo da Igreja Presbiteriana Bethesda, sabidamente o brasileiro com maior conhecimento de Bíblia nos tempos atuais.

É aceito por todos nós que Jesus morreu e após sua morte apareceu aos discípulos, fato que vem comprovar que os mortos não ficam dormindo coisa nenhuma; e muito menos permanecem na inconsciência; inclusive, sabemos que Jesus foi pregar o Evangelho *"até aos mortos"* (1 Pedro 4,6).

Ora, isso só poderia acontecer se esses mortos, para os quais Jesus pregou, estivessem conscientes. Por outro lado, é evidente que há possibilidade de conversão ao Evangelho após a morte; senão Jesus teria pregado em vão...

Esperamos, caro leitor, que nosso estudo tenha possibilitado uma melhor compreensão de qual é a realidade após a morte. Obviamente, não estamos impondo nosso ponto de vista a ninguém; somente apresentamos as nossas conclusões, tiradas do estudo da Bíblia. Gostaríamos de ressaltar, ainda, que para nós é importante não ficarmos presos às interpretações dogmáticas ou as equivocadas, que mais demonstram a precariedade de suas análises dos textos, sem a mais leve crítica, que sempre produzem interpretações completamente fora do contexto da narrativa.

Os arrebatamentos: de Henoc e de Elias

> “Se não se convencem pelos fatos, menos o fariam pelo raciocínio.” (KARDEC)

Primeiramente, vamos procurar, nos textos bíblicos, o significado para o termo arrebatar; um deles é com o sentido de morrer; vejamos:

> Salmo 102,25: *“Então eu disse: 'Meu Deus, **não me arrebates na metade dos meus dias**'. Teus anos duram gerações de gerações.”* (grifo nosso)
>
> Sabedoria 14,15: *“Um pai, atormentado por um luto prematuro, manda fazer uma imagem do **filho tão cedo arrebatado**. Agora honra como deus aquele que antes era apenas um homem morto, e transmite para as pessoas de sua casa ritos secretos e cerimônias.”* (grifo nosso)

Pela forma como estão redigidos os textos podemos, sem medo algum de errar, entender que o significado de arrebatar, neles empregado, é o de **levar morto**.

Existem relatos onde um espírito é quem faz o arrebatamento; vejamos:

> Ezequiel 3,14: *“**O espírito me ergueu e me arrebatou**. Eu fui amargurado e irritado, pois a mão de Javé pesava sobre mim.”* (grifo nosso)
>
> Ezequiel 43,5: *“Então **o espírito me arrebatou** e levou para o pátio interno: [...].”* (grifo nosso)

> Atos 8,39: *“[...]* ***o Espírito arrebatou Filipe****, e o eunuco não o viu mais [...] foi parar em Azoto; [...].”* (grifo nosso)

De pronto, já nos causou estranheza o fato de que, nos dois primeiros passos, o substantivo espírito está grafado com “e” minúsculo, enquanto que em Atos se usou “E” maiúsculo, inclusive, indo mais longe em algumas traduções tratando-o de Espírito do Senhor, e outras de Espírito Santo, quando todos sabemos que esse personagem foi criação dos teólogos, para justificar a Trindade.

Em algumas traduções bíblicas encontramos, para:

a) Ezequiel 3,14 - *“ergueu e me levou”*, *“me transportou e me levou”* e *“me levantou, e me levou”;*

b) Ezequiel 43,5 - *“ergueu-me e trouxe-me”*, *“levou-me e transportou-me”* e *“levantou-me e me levou”;*

c) Atos 8,39 – *“arrebatou”*, somente;

o que nos leva a deduzir que arrebatar também tem os significados dos termos empregados nesses passos.

O que poderíamos entender dessas passagens? Seria, talvez, um fenômeno de transporte, considerando que os envolvidos foram corporalmente parar num outro lugar? Embora seja um fenômeno extraordinário demais, ele é o mais provável para que se possa explicar o acontecido, tomando-se os relatos como verdadeiros.

Pelo texto no qual se fala do arrebatamento de Elias, entendemos que o significado seria transportar para algum

outro local, tomando-se como base o que os discípulos de Eliseu disseram: "*Aqui, entre seus servos, você pode contar com cinquenta homens valentes. Permita que eles saiam para procurar seu mestre. Talvez o espírito de Javé* ***o tenha arrebatado e jogado sobre algum monte ou dentro de algum vale***." (2 Reis 2,16), portanto, fica claro que, no contexto, o verbo arrebatar, não é ir para o "céu", mas ser levado para algum outro lugar aqui na Terra mesmo.

Temos, ainda, mais duas passagens; entretanto são um tanto quanto problemáticas. A primeira é a do livro de Ezequiel:

> Ezequiel 8,1-3: *"No dia cinco do sexto mês do ano seis, eu estava sentado em casa, com os anciãos de Judá sentados em minha presença, quando sobre mim pousou a mão do Senhor Javé.* ***Tive nesse momento uma visão****: era uma figura com aparência de homem. [...] Ele estendeu uma espécie de mão e me pegou pelos cabelos.* ***O espírito me carregou entre o céu e a terra*** *e, em visões divinas, levou-me a Jerusalém, até o lado de dentro da porta que dá para o norte, lá onde estava a imagem que tanto provocava o ciúme."* (grifo nosso)

Tudo nos leva a crer que, em princípio, trata-se de um desdobramento, ou seja, o espírito do profeta se desloca do corpo e é levado por um anjo até Jerusalém, onde vê os acontecimentos. Alguns tradutores bíblicos têm o fenômeno como vidência ([231]). Na *Bíblia Shedd*, encontramos em Ez 8,3 a expressão "em visões de Deus", a qual explicam:

---

231 Bíblia Sagrada – Paulinas, p. 928 e Bíblia Sagrada – Vozes, p. 1040.

> Esta frase põe fim ao debate sobre como Ezequiel podia ter sido transportado para Jerusalém e responde às teorias que dizem que o profeta nunca foi para a Babilônia, mas, sim, estava vendo os acontecimentos em Jerusalém e profetizando para os cativos na Babilônia. **Trata-se de visões, da qualidade de vidência, coisa que sempre existiu entre os orientais**, e já que são visões que vieram diretamente de Deus, é claro que o profeta sentira que foi uma situação verídica, de acontecimentos atuais em Judá. ([232]) (grifo nosso)

Com isso, acabamos por ficar na dúvida em relação ao acontecido com Ezequiel; se temos um fenômeno de desdobramento ou uma vidência à distância (clarividência), pois as duas situações poderiam explicar o acontecido.

A outra nós vamos encontrá-la no capítulo 14 do livro de Daniel, que, juntamente com o 13, não faz parte das bíblias protestantes; somente das de cunho católico. Segundo pudemos constatar esses dois capítulos são adições gregas ([233]). Dito, isso, leiamos:

> Daniel 14,33-39: *"Entretanto, o profeta Habacuc estava na Judeia. Ele havia acabado de cozinhar um caldo e de dividir pães em pedaços numa cesta, e se dispunha a ir ao campo a fim de os levar aos ceifeiros. Disse então o anjo do Senhor a Habacud: 'Leva a refeição que tens até Babilônia, à cova dos leões, para Daniel'. Retrucou Habacuc: 'Senhor, nunca vi Babilônia, e não conheço essa cova!' Mas* ***o anjo do Senhor, segurando-o pelo***

232 Bíblia Shedd, p. 1160-1161.

233 Bíblia de Jerusalém, p. 1579.

> ***alto da cabeça, transportou-o pelos cabelos até Babilônia, à beira da cova****, na impetuosidade do seu espírito. Gritou então Habacuc, dizendo: 'Daniel, Daniel, toma a refeição que Deus te enviou! E Daniel disse: 'Tu te recordaste de mim, ó Deus, e não abandonaste os que te amam'. Depois, levantando-se, Daniel comeu. Entretanto, o anjo do Senhor imediatamente reconduziu Habacuc ao seu lugar."* (grifo nosso)

Sobre o profeta Habacuc temos esta informação: "Nada sabemos desta personagem, a não ser uma referência legendária em Dn 14,33-39" ([234]). Portanto, podemos concluir que a referência a ele nessa passagem é lenda pura. Não bastasse isso, ainda temos sérios problemas com o outro personagem dessa história.

Enquanto alguns datam que Daniel tenha vivido próximo do ano 605 a.C., os acontecimentos relatados em Daniel, fora a primeira parte (caps. 1-6) teriam ocorrido na época de Antíoco Epífanes, ou seja, entre 167 a 164 a.C., o que nos dá uma longevidade extraordinária ao profeta Daniel. A coisa é tão alarmante que até tradutores bíblicos questionam sobre a realidade dos fatos narrados no livro que leva esse nome:

> O livro divide-se em duas partes distintas: cc. 1-6, onde se narra a vida de Daniel na corte da Babilônia, e cc. 7-12 que contém quatro visões sobre a derrocada dos reinos terrestres e a implantação final do reino de Deus. O livro termina com os cc. 13-14 (apenas na versão grega) que relatam as histórias de Susana, dos sacerdotes de Bel e do dragão.

---

234 MONLOUBOU e DU BUIT, 1997, p. 336.

> **A situação histórica coloca o nosso Daniel no reinado do Antíoco IV Epífanes, que determinou o extermínio da religião judaica e a consecutiva helenização da Palestina**. O autor do livro de Daniel (a nós desconhecido) **serve-se de histórias antigas, segundo o gênero *agádico*, então muito em voga (cc. 1-6; 13-14), para inculcar esperança e fé aos judeus perseguidos por Antíoco IV**. Assim como Deus protegeu Daniel e os seus companheiros de todos os perigos, assim acontecerá com os judeus que forem fiéis à Lei e às tradições religiosas. **O autor não tem em vista escrever fatos históricos, mas histórias moralizadoras**, que poderiam, na realidade, ter um fundo ou um núcleo histórico, mas de segunda importância. **Os dados internos do livro, linguístico, histórico e teológico obrigam-nos a datar o livro por altura da morte do rei Antíoco IV (165-164 a.C.)**. Os cc. 7-12 são do gênero apocalíptico, muito diferentes, portanto, da tradição profética. Os apocalipses, cuja característica é a pseudonímia, nascem nesta altura e prolongam-se até aos sécs. II-III d.C. Ao longo do livro daremos as diversas explicações nas notas respectivas, quer sobre problemas de gênero literário, histórico, problemas linguísticos, de canonicidade etc. ([235]) (grifo nosso)

Com esses dois problemas, ou seja, que Habacuc e Daniel tenham vivido na época de Antíoco IV, o relato do livro não deve ser tomado à conta de uma realidade objetiva:

> Os principais recursos do **gênero e do livro são a ficção narrativa e a alegoria**. O autor conhece o passado em grandes linhas, estiliza-o e conta-o como

235 Bíblia Sagrada – Santuário, p. 1313.

> profecia. Para isso, inventa um personagem passado, a quem dá um nome ilustre, pondo-lhe na boca a história passada como profecia do futuro. **A ficção é basicamente uma inversão de perspectiva**. Outros recursos narrativos envolvem a ficção. ([236]) (grifo nosso)

Não podemos deixar de citar a passagem na qual relata-se a tentação de Jesus. Transcrevemo-la nas versões de cada um dos evangelistas:

> Mateus 4,1-2.5.8.11: *"Então **o Espírito conduziu** Jesus ao deserto, para ser tentado pelo diabo. Jesus jejuou durante quarenta dias e quarenta noites, e, depois disso, sentiu fome. Então o diabo o levou à **Cidade Santa**, colocou-o na parte mais alta do Templo. O diabo tornou a levar Jesus, agora para um **monte muito alto**. Mostrou-lhe todos os reinos do mundo e suas riquezas. Então o diabo o deixou. E os anjos de Deus se aproximaram e serviram a Jesus."* (grifo nosso)
>
> Marcos 1,12-13: *"Em seguida **o Espírito impeliu** Jesus para o deserto. E Jesus ficou no deserto durante quarenta dias, e aí era tentado por Satanás. Jesus vivia entre os animais selvagens, e os anjos o serviam."* (grifo nosso)
>
> Lucas 4,1-2.5.9: *"Repleto do Espírito Santo, Jesus voltou do rio Jordão, e **era conduzido pelo Espírito** através do deserto. Aí ele **foi tentado pelo diabo durante quarenta dias**. Não comeu nada nesses dias e, depois disso, sentiu fome. O diabo **levou Jesus para o alto**. Mostrou-lhe por um instante todos os reinos do mundo. Depois o diabo levou Jesus a **Jerusalém**, colocou-o na parte mais alta do Templo. E lhe disse: 'Se tu és Filho de*

---

236 Bíblia do Peregrino, p. 2126.

Deus, joga-te daqui para baixo.'" (grifo nosso)

Esse acontecimento está narrado após o batismo de Jesus. Entretanto João Evangelista, que, apesar de também mencioná-lo, não fala absolutamente nada sobre esse episódio da tentação, que não conseguimos decifrar se foi só um fato isolado ou se Jesus foi tentado durante os quarenta dias, visto os textos se conflitarem nesse ponto.

A ideia que se tem é que, após receber o Espírito Santo, Jesus foi por ele levado ao deserto para ser tentado, fato que julgamos totalmente estranho; diríamos, até, "mui amigo" quem o levou. Uma coisa que quase ninguém fala é da impossibilidade de Jesus ter sido tentado, caso ele seja, como creem, a própria divindade, pois está escrito: *"Deus não pode ser tentado pelo mal"* (Tiago 1,13).

Por outro lado, mesmo sem o considerar assim, parece-me que não se leva em conta que os demônios sabiam de sua origem; então, como poderiam afrontá-lo? Diante dele o que normalmente acontecia era: *"De muitas pessoas também saíram demônios, gritando: '**Tu és o Filho de Deus**'. Jesus os ameaçava, e não os deixava falar, porque os demônios sabiam que ele era o Messias"* (Lucas 4,40-41).

Há ainda mais uma situação de arrebatamento: essa acontecida com Paulo, o apóstolo dos gentios, que assim a descreveu:

> *"Conheço um homem em Cristo, que há catorze anos foi arrebatado ao terceiro céu. Se estava em seu corpo, não sei; se fora do corpo, não sei; Deus o sabe. Sei apenas*

> *que esse homem – se no corpo ou fora do corpo não sei; Deus o sabe! – foi arrebatado até o paraíso e ouviu palavras inefáveis, que não são permitidas ao homem repetir."* (2 Coríntios 12,2-4)

Pelo que conhecemos dos fenômenos mediúnicos, certamente poderemos classificar essa ocorrência com Paulo como sendo o da emancipação de sua alma, comumente chamada de desdobramento. O espírito se desloca temporariamente do corpo e vai para um outro lugar, que lhe atrai ou no qual tenha uma tarefa a fazer, podendo, inclusive, adquirir novos conhecimentos ou receber instruções daqueles que se encontram no plano espiritual.

Há vida física no mundo espiritual? Esse primeiro questionamento é importante, pois da sua resposta poderemos aceitar ou não que algum ser humano possa viver fisicamente na dimensão espiritual. Temos dois motivos que nos levam a crer que a resposta será negativa; vejamos:

O primeiro é que tendo Jesus dito que "*O espírito é que dá vida, a carne não serve para nada.*" (João 6,63), não vemos razão alguma para que nós, seres humanos, tenhamos que ir para um outro plano da vida que é completamente diferente daquele em que vivemos – mundo material –, levando o nosso corpo físico. Consideramos isso tão absurdo quanto querer voar sem ter asas ou viver na profundeza dos mares, sem qualquer tipo de aparelho ou equipamento, que nos forneça o oxigênio, elemento vital para sobrevivermos nessa condição. Uma boa noção disso seria um astronauta, após ter voltado da ISS (*International Space Station*), não querer tirar o traje, que usou

para ir ao espaço, pretendendo viver, aqui na Terra, o seu dia a dia com ele. É exatamente assim a relação que o nosso corpo físico terá com o espírito na dimensão espiritual, pois "Cada forma de vida é adaptada ao seu meio ambiente" ([237]).

Por outro lado, se temos Jesus afirmando que *"Deus é Espírito"* (João 4,24); então, segundo acreditamos, ficaremos novamente diante de um outro absurdo, qual seja: na dimensão espiritual, nós seremos ainda matéria, enquanto que o próprio Criador é, estritamente, um ser espiritual. Acrescentamos ainda: Jesus, pouco antes de expirar, disse: *"Pai, em tuas mãos entrego o meu espírito"* (Lucas 23,46). Por que será que ele não entregou o corpo? Foi por pura coerência, já que antes havia dito que a carne de nada serve; não é mesmo?

Não se pode alegar ignorância dessa realidade, pois, até mesmo no Antigo Testamento, encontramos a indiscutível separação entre corpo e espírito; vejamos: *"O pó volte à terra, onde estava, e o espírito volte para Deus, seu autor."* (Eclesiastes 12,7)

O segundo motivo, temo-lo em Paulo, que explicou detalhadamente aos coríntios (1 Coríntios 15,35-49), que, para as variadas situações em que vivem os seres, Deus deu um corpo apropriado a cada uma delas, e, em relação a nós, afirmou, sem rodeios, que temos dois corpos: o animal e o espiritual; e que esse último é que seria o corpo da ressurreição. Ao final, concluiu de forma taxativa: *"Mas isto vos digo, irmãos: a carne e o sangue não podem possuir o Reino de*

---

237 CHAMPLIN, 2005e, p. 622.

Deus, nem a corrupção herdará a incorrupção" (1 Coríntios 15,50), não dando, portanto, margem a alguma outra opção de interpretação.

Não está afirmando, em outras palavras, que é o espírito que vai herdar o reino de Deus? Pouco antes havia dito: *"Pois, se há um corpo animal, há também um corpo espiritual"* (1 Coríntios 15,44), quando explicava a eles qual era o corpo da ressurreição. Sem falar que a lei do Criador não permite que um corpo físico se mantenha no mundo espiritual, porquanto esse corpo físico só tem condições de se manter através da ingestão de elementos também orgânicos.

Russell Norman Champlin manifestando-se sobre 1 Coríntios 15,50, que acabamos de mencionar, dentre várias coisas que disse, destacamos:

> *Um absurdo a ser repelido*
>
> 1. **É um absurdo pensar-se, como fazem alguns, que o corpo ressurrecto será "físico"**, ou com o materialismo crasso, que supõe que esse corpo terá ossos e carne, mas não sangue, conforme alguns supõem.
>
> 2. **Para tal espécie de corpo, seria impossível a habitação em elevadas dimensões espirituais**. Pois seria ele totalmente consumido. Pelo contrário, **o corpo espiritual é exatamente isso, feito de substância espiritual, e não material**. Ressuscita "corpo espiritual" […] Assim, sendo, **o corpo ressuscitado, transcenderá a qualquer substância terrena, penetrando no terreno espiritual puro. Somente essa modalidade de corpo pode servir de veículo no nível**

> **espiritual da existência**. O mais provável é que qualquer coisa inferior a isso seria literalmente consumida ou destruída em um nível superior, caracterizado por uma forma de vida inteiramente diferente. **Daí se deriva a *impossibilidade* que qualquer forma de corpo material venha a herdar o reino de Deus, já que essa impossibilidade não é apenas moral ou espiritual (embora envolva esses aspectos também), mas é igualmente uma impossibilidade fisiológica**. ([238]) (grifo nosso)

Champlin, como se vê, não deixa margem a dúvida, quanto a impossibilidade do corpo físico herdar o "reino de Deus"; razão para isso ele encontrou justamente em Paulo. Qualquer estudioso verá isso; mas, antes, há que se despir dos dogmas impostos pelos teólogos do passado que, por mais bem-intencionados que fossem, não tinham as informações e nem os conhecimentos que dispomos agora sobre os relatos bíblicos.

Diante de tudo isso é que, agora, temos condições de analisar os arrebatamentos narrados na Bíblia, porquanto já ficou claro que "ir para o céu" nem sempre quer dizer que é para "viver" com Deus. Vamos, portanto, questioná-los.

Comecemos pelo primeiro: Henoc teria sido arrebatado?

Sim! Seria a resposta que, rapidamente, daria a grande maioria dos seguidores submissos à literalidade dos textos bíblicos, e, certamente, de forma bem retumbante. Nós, porém, não, porquanto temos dúvida, por julgarmos que a um espírito

---

238 CHAMPLIN, 2005d, p. 268.

é totalmente impossível a sua manifestação da vida no plano espiritual se ainda estiver preso a um corpo físico, conforme acabamos de ver.

Vejamos, pela versão da *Bíblia de Jerusalém*, a narrativa bíblica, na qual consta que, supostamente, Henoc ([239]) teria sido arrebatado:

> Gênesis 5,21-24: "*Quando Henoc completou sessenta e cinco anos, gerou Matusalém. Henoc andou com Deus. Depois do nascimento de Matusalém, Henoc viveu trezentos anos, e gerou filhos e filhas. Toda a duração da vida de Henoc foi de trezentos e sessenta e cinco anos.* ***Henoc andou com Deus, depois desapareceu, pois Deus o arrebatou***." (grifo nosso)

Apesar de já termos lido esse passo, por diversas vezes, ainda não tínhamos despertado para um significativo detalhe que consta nele, que é a afirmação de que "ao todo, Henoc viveu 365 anos"; ficamos a matutar se, por esse "viveu", não seria o caso de se concluir que o autor bíblico tinha plena consciência da morte de Henoc, porquanto esse tempo verbal se aplica a quem não vive mais, ou seja, já morreu; é fora de lógica aplicá-lo a quem continua vivo, seja lá onde for. A sua morte é a melhor alternativa, que passamos a ver, como a hipótese mais provável do que realmente ocorreu com Henoc.

Note o leitor que, seguindo a sabedoria popular, quando não queremos falar em morte, dizemos: "Deus levou fulano" em lugar de dizer que "fulano morreu". Veja que levar tem o

---

239 Algumas traduções trazem Enoc ou Enoque.

mesmo significado de arrebatar, com uma pequena diferença, já que arrebatar significa levar, mas de forma repentina, fato que ocorreu até com Jesus quando Ele foi impelido pelo Espírito para ser tentado no deserto.

Ademais caso tivesse sido mesmo levado para o céu, como querem alguns, não se teria dito “desapareceu”, como consta no texto da maioria das traduções bíblicas.

Como sempre fazemos, cuidamos de pesquisar em outras versões bíblicas, para ver como o episódio é narrado nelas. A nossa surpresa foi que o termo “arrebatou” só o encontramos na *Bíblia Pastoral* e na *de Jerusalém*; todas as outras, em número de treze (86,6%), aparecem, em seu lugar, os termos “levou” ou “tomou”, conforme a opção do tradutor.

Vejamos o texto na versão da *Bíblia Sagrada Barsa*, no qual pode-se ler:

> Gênesis 5,21-24: “*Enoc em idade de sessenta e cinco anos gerou a Matusalém. E Enoc andou com Deus, e viveu trezentos anos depois do nascimento de Matusalém, e gerou filhos, e filhas. E todo o tempo de vida de Enoc foram trezentos e sessenta e cinco anos.* ***Ele andou com Deus, e não apareceu mais porque Deus o levou***.” (grifo nosso)

Como o versículo 24 (em negrito) muda completamente de sentido nos dois textos, que espelham o que constam nas outras versões bíblicas. Vejamos esta explicação:

> Gn 5,21-24. Henoc levou uma vida de amizade com Deus, moral e religiosamente perfeita, mas viveu apenas

> 365 anos. O número significa a perfeição de uma vida igualável ao número dos dias de um ano completo. Em vista de sua vida perfeita foi arrebatado para junto de Deus. **Tal maneira de descrever um fim de vida corresponde à expressão popular "Deus o levou", referindo-se à morte de pessoas bondosas e queridas**. ([240]) (grifo nosso)

Vemos toda uma lógica nisso que os tradutores da *Bíblia Sagrada Vozes* entenderam do versículo 24, pois não há como aceitar que alguém tenha ido para o céu de corpo e alma; no mínimo, por cinco bons motivos:

1º) é modificar o sentido do texto que taxativamente diz "*e todo o tempo de vida de Enoc foram trezentos e sessenta e cinco anos*", pois a afirmação "**todo o tempo de vida**" não caberia se ele não tivesse morrido;

2º) o "Céu", não é um local geográfico, mas tão somente um estado de consciência, daí Jesus ter dito que "o *reino de Deus está dentro de vós*" (Lucas 17,21) ([241]);

3º) não condiz com o "*és pó, e ao pó tornarás*" (Gênesis 3,19), lei natural à qual o corpo físico está submetido, uma vez que não exceção nas leis divinas;

4º) que as condições do mundo espiritual sendo diferentes das do mundo físico, não justificam a crença de que viveremos no primeiro com um corpo que só serve para o

---

240 Bíblia Sagrada – Vozes, p. 33.

241 A Bíblia Anotada; Bíblia Sagrada Santuário; Bíblia Sagrada Barsa e Bíblia Shedd, para as outras Bíblias, que traduzem "no meio ou entre vós", apresentamos esta explicação: "*No meio de vós*: outra tradução: *dentro de vós*, isto é, nos vossos corações". (*Bíblia Sagrada – Ave-Maria*, p. 1372).

último; por isso Paulo asseverou: "*é semeado corpo animal, mas ressuscita corpo espiritual*" (1 Coríntios 15,44);

5º) contraria frontalmente esta afirmação peremptória de Paulo: "*a carne e o sangue não podem receber em herança o Reino de Deus*" (1 Coríntios 15,50).

É por isso que não podemos levar em conta explicações como esta:

> Enoque é uma exceção ao lúgubre refrão (e morreu) deste capítulo. Ele *andou* (i.e. viveu) com *Deus* e, em vez de deixá-lo morrer, Deus o tomou para si (a mesma palavra hebraica é usada com respeito ao translado de Elias, 2Rs 2:3, 5; cf. He 11,5). Em outras palavras, **Enoque foi levado diretamente ao céu sem morrer**. ([242]) (grifo nosso).

Uma outra opção se pode ter para, com ela, se explicar o fato:

> **É tradição que Henoc não tenha morrido, mas tenha sido levado por Deus para fora do mundo** (Sab 4,10; Hebr 11,5), como Elias (2Rs 2,3-12). Os poucos dados conhecidos desse patriarca fizeram dele um protótipo de piedade hebraica e seu nome aparecerá como autor de numerosos apócrifos. ([243]) (grifo nosso)

Bom, o que é tradição não quer, necessariamente, dizer que é fato verdadeiro; fica, portanto, restrita ao campo da

---

242 A Bíblia Anotada, p. 14.

243 Bíblia Sagrada – Paulinas 1977, p. 30.

crença a sua aceitação ou não.

A suposição de que Henoc tenha sido levado "**para fora do mundo**", cabe até a possibilidade de acreditar-se que ele tenha sido abduzido, por alguma nave espacial; aí, sim, o "arrebatamento físico" teria algum sentido.

Certamente, aparecerão os bibliólatras que farão de tudo para se apoiarem em Eclesiástico e em Hebreus:

> Eclesiástico 44,16: "*Henoc agradou ao Senhor e foi arrebatado, exemplo de conversão para as gerações.*"
>
> Eclesiástico 49,14: "*Ninguém sobre a terra foi criado igual a Henoc, ele foi arrebatado da terra.*"
>
> Hebreus 11,5: "*Foi pela fé que Henoc foi arrebatado, a fim de escapar da morte; e não o encontraram, porque Deus o arrebatou. Antes de ser arrebatado, porém, recebeu o testemunho de que foi agradável a Deus.*"

Em relação ao Eclesiástico, é melhor deixar os católicos e protestantes chegarem a um acordo sobre se devemos acreditar nele ou não, porquanto, nas Bíblias desses últimos, não tem esse livro. E aqui ficamos a pensar: será que de todas as almas criadas por Deus, somente Henoc mereceu ir para o céu de corpo e alma? Nenhum patriarca, nenhum profeta, biblicamente excluindo-se o caso Elias, recebeu esse privilégio, porque "*Deus não faz acepção de pessoas*" ([244])? Isso não é motivo suficiente para duvidar de tal disparate?

Quanto a Hebreus, cujo autor é desconhecido, podemos

---

244 Deuteronômio 10,17; 2 Crônicas 19,7; Atos 10,34; 15,9; Romanos 2,11; 10,12; Gálatas 2,6; Efésios 6,9; Colossenses 3,25 e 1 Pedro 1,17.

usá-lo para dizer: “**foi pela fé** que se acreditou que Henoc foi arrebatado”, nada mais que isso.

Em se falando de fé, lembramos que a crença dos antigos é a de que o céu era sólido, conforme os tradutores das seguintes Bíblias nos informam: “Os antigos **imaginavam que acima do firmamento, ou da abóbada do céu, feita de material sólido**, [...].” ([245]) (grifo nosso) e “A 'abobada' aparente do céu era para os antigos semitas uma cúpula sólida, [...].” ([246]) Ora, se o céu era sólido, admitir que alguém vá para ele fisicamente é até razoável. Assim, os que hoje querem sustentar tal ideia, podem ficar à vontade, baseando-se nessa crença da solidez do céu.

Na obra *Estudo perspicaz das Escrituras*, entre várias coisas ditas sobre Henoc, destacamos as seguintes:

> […] “Enoque prosseguiu andando com o verdadeiro Deus” (Gên 5:18,21-24; He 11:5; 12,1). Como profeta de Jeová, predisse que Deus viria com Suas santas miríades para executar o julgamento nos iníquos. (Ju 14,15). É provável que tenha sido perseguido por causa do seu profetizar. No entanto, Deus não permitiu que os oponentes matassem Enoque. Antes, **Jeová “o tomou”, isto é, abreviou sua vida à idade de 365 anos**, uma idade muito inferior à da maioria dos seus contemporâneos. **Enoque foi “transferido para não ver a morte”, o que talvez signifique que Deus o pôs num transe profético e então terminou a vida de Enoque enquanto estava no transe, de modo que não sofreu as *agonias* da morte**. (Gên 5,24; He

245 Bíblia Sagrada – Vozes, p. 35.

246 Bíblia de Jerusalém, p. 33.

> 11,5,13). No Entanto, **não foi levado para o céu, em vista da expressa declaração de Jesus, em João 3:13.** Parece que, como se deu no caso do corpo de Moisés, Jeová fez desaparecer o corpo de Enoque, pois "não foi achado em parte alguma". – De 34,5; Ju 9). ([247]) (grifo nosso).

Muito bem, aqui já temos explicações que nos dão conta de que Henoc, na verdade, não foi levado ao céu de corpo e alma. Vejamos o teor do versículo citado do evangelho de João:

> João 3,13: "*Ninguém subiu ao céu, a não ser aquele que desceu do céu: o Filho do Homem*".

Realmente, o seu teor inviabiliza qualquer tentativa de se colocar uma pessoa indo para o céu de corpo e alma, seja ela quem for. É também por esse motivo que não comungamos com a suposição de que, além de Henoc, o profeta Elias teria sido arrebatado de corpo e alma, como se acredita.

Informação bem interessante nos dão os missionários capuchinhos de Portugal, tradutores da *Bíblia Sagrada Santuário*, quando analisam Gênesis 5,24:

> *Desaparição de Henoc*: Não sabemos o sentido exato desta desaparição misteriosa. A Bíblia refere ainda o caso de Elias (2Rs 14,8). **Na literatura pagã fala-se de dois casos análogos: a desaparição de Utnapistim** ([248])**,**

247 *Estudo Perspicaz das Escrituras*, 1990, p. 813.

248 Parece-nos que a grafia correta é **Utnapishtim**, faltou, portanto, o "h" entre as letras "s" e "t".

> **o Noé dos sumérios; e a de Rômulo, lendário fundador de Roma**. Muitos passos da Escritura e da literatura judaica extra-bíblica referem-se a Henoc (cf. Heb 11,5; Eclo 44,16; 49,14, Jd 14). Há ainda um livro não canônico, chamado "Livro de Henoc". Assim nasceu a tradição de que Henoc e Elias viriam na aurora dos tempos messiânicos. Mas Jesus declarou que Elias era João Batista (Mt 17,10; Lc 1,17). ([249]) (grifo nosso)

Ora, se a Bíblia narra, em relação a seus personagens, fatos semelhantes aos acontecidos com personalidades de culturas pagãs, anteriores à cultura judaica, não será demais deduzir que o caso de Henoc não é outra coisa senão cópia de crenças pagãs, embora saibamos que essa nossa dedução, fatalmente, vai desagradar a muitos. Talvez esteja aí a origem da crença que resultou na criação do personagem bíblico Henoc.

Uma vez que foi mencionado o *Livro de Henoc*, obra apócrifa, iremos citá-lo, mais adiante, pois, se não estivermos forçando a barra, pode estar nele uma outra opção para a origem dessa tradição sobre o suposto arrebatamento.

Se algo é sustentado por uma crença e não pelo que realmente é, então, Ian Stevenson (1918-2007) estava completamente correto ao afirmar:

> […] Existe uma história sobre um fazendeiro americano ignorante que, por insistência de alguns

249 Bíblia Sagrada – Santuário, p. 11.

> amigos, certa vez visitou um zoológico e aproximou-se do espaço onde um camelo ficava. Depois de olhar para o camelo por muito tempo, ele se virou, murmurando para si mesmo: “Esse animal não existe”. **Assim, as crenças podem vencer as experiências.** ([250]) (grifo nosso).

Perverte-se, assim, a máxima “contra fatos não há argumentos”, transformando-a em u'a mera pretensão dogmática: “contra crença não há argumentos”.

Buscando entender melhor a ocorrência, vamos recorrer aos tradutores da Bíblia – Vozes, que nos dão a seguinte explicação, constante de nota de rodapé:

> Henoc levou uma vida de amizade com Deus, moral e religiosamente perfeita, mas **viveu apenas 365 anos**. O número significa a perfeição de uma vida igualável ao número dos dias de um ano completo. **Em vista de sua vida perfeita foi arrebatado para junto de Deus**. Tal maneira de descrever um fim de vida **corresponde à expressão popular “Deus o levou”, referindo-se à morte de pessoas bondosas e queridas**. ([251]) (grifo nosso)

Percebe-se, claramente, que o termo arrebatamento se trata de uma figura de linguagem do narrador bíblico, para dizer que ele, Henoc, por ser uma pessoa tão boa, “Deus o levou”, para “uma melhor”, ou seja, morreu mesmo. Em apoio a essa nova perspectiva do fato podemos trazer, para

---

250 STEVENSON, 2011, p. 348.

251 Bíblia Sagrada – Vozes, p. 33.

corroborá-la, essa passagem do livro Sabedoria:

> Sabedoria 4,7-15: "*Ainda que **morra prematuramente**, o justo encontrará repouso. [...] O justo agradou a Deus, e Deus o amou. Como ele vivia entre os pecadores, **Deus o transferiu. Foi arrebatado**, para que a malícia não lhe pervertesse os sentimentos, ou para que o engano não o seduzisse. De fato, o fascínio do vício obscurece os verdadeiros valores, e a força da paixão perverte a mente que não tem malícia. Amadurecido em pouco tempo, o justo atingiu a plenitude de uma vida longa. **A alma dele era agradável ao Senhor, e este se apressou em tirá-lo do meio da maldade**. Muita gente vê isso, mas não compreende nada; não reflete que a graça e a misericórdia de Deus são para os seus escolhidos, e a proteção dele é para os seus santos."* (grifo nosso)

O livro Sabedoria, como todos sabemos, não consta das Bíblias protestantes. Por ele fica nítida a informação sobre o sentido figurado dado ao termo arrebatar, que acabamos de falar. Inclusive, mais à frente, nesse mesmo livro, narra-se:

> Sabedoria 14,15: "*Um pai, atormentado por **um luto prematuro,** manda fazer uma imagem do filho **tão cedo arrebatado**. [...]."* (grifo nosso)

O sentido que aqui encontramos só vem reforçar, ainda mais, a conclusão à qual estamos chegando no decorrer desse estudo.

E, em Eclesiástico, outro livro que não consta do Cânone protestante, lemos:

> Eclesiástico 44,16: “***Henoc agradou ao Senhor e foi arrebatado****, tornando-se modelo de conversão para as gerações*.” (grifo nosso)

Mantêm-se, portanto, o emprego do sentido figurado, conforme acontece nas outras passagens citadas. Provavelmente, o mesmo que estamos falando de Henoc servirá para Elias, o profeta que dizem ter, também, sido arrebatado:

> 1 Macabeus 2,58: “*Elias foi arrebatado ao céu, por causa do seu ardente zelo pela Lei”*.

Até parece ironia do destino, mas também este livro de Macabeus não consta das Bíblias protestantes. E, são eles, os que mais defendem o arrebatamento de ambas as pessoas citadas, para negar a reencarnação. Em função dessas exclusões passou-nos pela ideia: será que foi em decorrência desses fatos que esses livros foram retirados das Bíblias protestantes?

Encontramos uma passagem no Novo Testamento, na qual se afirma algo sobre o assunto; vejamo-la com o teor da *Bíblia Sagrada Pastoral*:

> Hebreus 11,5: “*Pela fé, Henoc foi levado embora, **para que não experimentasse a morte**. E não foi mais encontrado, porque **Deus o levou;** e antes de ser levado, foi dito que ele agradava a Deus.”* (grifo nosso)

Nas outras Bíblias em lugar de “levou” encontramos “arrebatou ou trasladou”; prato cheio para os bibliólatras, que

tentarão justificar como fato real o arrebatamento de Henoc. Temos aqui o cumprimento do ditado “quem conta um conto, aumenta um ponto”, pois vemos que nada mais é do que a transformação de uma metáfora numa realidade.

Por outro lado, recomendamos muito cuidado aos que, porventura, venham a se agarrarem a esse livro de Hebreus, pois nele também se diz, de forma bem clara, que, em virtude da fraqueza, da inutilidade e das falhas, o Antigo Testamento foi declarado antiquado e substituído por algo tanto mais excelente quanto melhor, que é a nova Aliança, ou seja, o Novo Testamento (Hebreus 7,18-19; 8,6-7.12).

Antigamente, pensava-se que o seu autor fosse Paulo (possivelmente seja o motivo pelo qual entrou no Cânon do Novo Testamento); entretanto, hoje, tem-se que é de autoria de uma pessoa totalmente desconhecida. Acreditamos que, se tivessem prestado mais atenção nisso aí, isto é, o que nele se afirmou sobre o Antigo Testamento, seria bem provável que tal livro não tivesse sido incluído entre os livros que compõem o Novo Testamento.

A pesquisa que levamos a efeito, visando saber quem foi Henoc, nos colocou diante de novos problemas.

No *Dicionário Bíblico Universal*, lemos:

> **A descrição bíblica de Henoc tem os contornos imprecisos do estilo mítico**. Henoc pertence a **duas genealogias diferentes: é filho de Caim e de Jared** (Gn 4,17; 5,18). **Viveu 365 anos, tantos quantos os dias de um ano solar**. Difere dos outros patriarcas,

> entre os quais é apresentado: elogiado por sua fidelidade a Deus, não morreu, "mas desapareceu, porque Deus o levou" (Gn 5,22-24). ([252]) (grifo nosso)

Suspeitamos que a frase "a descrição bíblica de Henoc tem os contornos imprecisos do estilo mítico", foi algo calculadamente trabalhado para suavizar o fato, ou seja, para não o colocar de forma tão evidente como proveniente da mitologia; o que é inclusive confirmado pelo fato do tempo de vida dele corresponder a um ano solar.

Mas, por mais fantástico que possa parecer, fomos conferir, e não deu outra: Henoc tem mesmo "dois pais"! Veja:

> Gênesis 4,17-18: *"**Caim** se uniu à sua mulher, que concebeu e deu à luz **Henoc**. [...]. Henoc gerou Irad, e Irad gerou Maviael; Maviael gerou **Matusael**, e Matusael gerou **Lamec**."* (grifo nosso)
>
> Gênesis 5,18.21.25: *"Quando **Jared** completou cento e sessenta e dois anos, gerou **Henoc**. Quando Henoc completou sessenta e cinco anos, gerou **Matusalém**. Quando **Matusalém** completou cento e oitenta e sete anos, gerou **Lamec**."* (grifo nosso)

Embora os passos sejam divergentes em relação ao pai de Matusael/Matusalém, em ambos os textos, este foi quem gerou Lamec; portanto, não adiantaria nada tentar justificar tal situação alegando que os passos falam de duas pessoas distintas com o nome de Henoc; entretanto, por mais paradoxal que seja, temos que o nosso personagem, Henoc, tem dois

---

252 MONLOUBOU e DU BUIT, 1997, p. 348.

pais. (Ou duas histórias dando origem a um mesmo personagem?).

Voltando ao assunto tempo de vida de Henoc, vemos a seguir mais uma contradição nos textos bíblicos. Vejamos estas informações sobre outros personagens bíblicos e ele:

> Gênesis 5,5: "*Ao todo, Adão viveu novecentos e trinta anos. E morreu*."
>
> Gênesis 5,8: "*Ao todo, Set viveu novecentos e doze anos. E morreu*."
>
> Gênesis 5,11: "*Ao todo, Enós viveu novecentos e cinco anos. E morreu*."
>
> Gênesis 5,14: "*Ao todo, Cainã viveu novecentos e dez anos. E morreu*."
>
> Gênesis 5,17: "*Ao todo, Malaleel viveu oitocentos e noventa e cinco anos. E morreu*."
>
> Gênesis 5,20: "*Ao todo, Jared viveu novecentos e sessenta e dois anos. E morreu*."
>
> Gênesis 5,23: "*Ao todo, Henoc viveu trezentos e sessenta e cinco anos*."
>
> Gênesis 5,27: "*Ao todo, Matusalém viveu* ***novecentos e sessenta e nove anos.*** *E morreu*." (grifo nosso)
>
> Gênesis 5,31: "*Ao todo, Lamec viveu setecentos e setenta e sete anos. E morreu"*.
>
> Gênesis 9,29: "*Ao todo, Noé viveu novecentos e cinquenta anos. E morreu*."

Temos dois questionamentos:

1º) se "*Deus não faz acepção de pessoas*" ([253]), por qual motivo todos esses "privilegiados" listados acima viveram tanto tempo?;

2º) se não bastasse tanta longevidade, ainda nos deparamos com o grave problema de que Deus já tinha estabelecido que o homem não viveria mais do que 120 anos (Gênesis 6,3); será que teria se esquecido disso? Ou quem sabe se mesmo apesar de ter dito "*Porque eu, o Senhor, não mudo*" (Malaquias 3,6), tenha mudado?

A nosso ver, aqui nessa lista, encontramos essas duas contradições bíblicas.

Um terceiro questionamento nos sugere um amigo: Se Henoc foi realmente arrebatado, por que em Gênesis 5,3 não diz nada disso? Não seria o mais óbvio, caso verdadeiro, a narrativa constar algo próximo disso: "Ao todo, Henoc viveu trezentos e sessenta e cinco anos **e foi arrebatado por Deus**".

Também não deixou de passar pela nossa mente a possibilidade de o autor bíblico (ou um copista posteriormente), por um lapso, ter deixado de colocar no versículo 23 a expressão "e morreu", diferentemente de todas as outras passagens; mas o que nos deixa mais intrigado, ainda, é o fato de um fenômeno tão extraordinário, como o arrebatamento de uma pessoa, não ter sido mencionado no versículo 23, enquanto o normal, que é a morte, foi mencionado em relação

253 Deuteronômio 10,17; 2 Crônicas 19,7; Atos 10,34; 15,9; Romanos 2,11; 10,12; Gálatas 2,6; Efésios 6,9; Colossenses 3,25 e 1 Pedro 1,17.

aos demais personagens.

Assim, esse “cochilo” do autor (ou de um dos copistas) propiciou as mais variadas hipóteses para o que aconteceu com Henoc, até a possibilidade dele ter ido para o Céu em corpo e alma; entretanto, como naquele tempo não havia veículos (e muito menos pressurizados) para esse tipo de transporte interplanetário de pessoas, o que implicaria na morte do corpo físico ao passar pelas camadas mais altas da atmosfera, antes de atingir o espaço interplanetário, de condições mais adversas ainda à vida animal.

Por outro lado, constatamos que, de todos os da lista, Henoc foi o que viveu menos tempo; supondo-se que ter “vida longa” é pelo motivo de “estar na graça de Deus”; então, nesse caso, quem deveria ter sido arrebatado seria o seu filho Matusalém, que está em primeiro lugar da lista dos “longa-vida”.

Na verdade, ninguém viveu tanto tempo; é uma figura de linguagem para significar que a pessoa era, de um modo especial, cumpridora dos preceitos divinos e, como não tinham a crença numa vida após a morte, que é ideia relativamente recente no judaísmo ([254]), a retribuição divina aos justos seria “longos dias de vida” (Pr 3,2); portanto, “Morrer após uma vida longa e feliz era a recompensa prometida aos que seguissem os conselhos da sabedoria e observassem a Lei de Deus.” ([255])

Retornando ao ponto anterior, vejamos, agora, o que

254 BORG, e CROSSAN, 2007.
255 Bíblia Sagrada – Vozes, p. 541.

consta no *Dicionário Prático - Barsa*, que já considera o filho de Caim como um outro Henoc:

> 2. Filho de Jared e pai de Matusalém. Depois de viver 365 anos "Henoc andou com Deus e não foi visto mais, porque o Senhor o levou" (Gen 5,18-24). Por causa desta frase e de algumas outras referências a ele na Bíblia (Eclo 44,16; Hebr 11,5), **muitos pensam que não tenha morrido, mas que tenha sido "arrebatado" por Deus como o foi o profeta Elias** (4Rs 2,3.9.10); como querem também alguns que Henoc e Elias sejam os "dois testemunhos" do Apocalipse (11,3ss). **Nada disto é certo.** Henoc é também o suposto autor de um livro apócrifo, citado por S. Judas (Jud 14,15), mas é também possível que o Apóstolo esteja baseado na tradição oral. ([256]) (grifo nosso).

Vê-se que, num primeiro momento, o autor dessa explicação não assume que Henoc não tenha morrido, apenas é dito que "muitos pensam"; porém, ao final, é categórico: "nada disto é certo"; portanto, deixa para o campo da suposição essa crença.

Vejamos agora o que podemos encontrar nos livros apócrifos, ou seja, não canônicos, uma vez que foram citados; porém antes é necessário explicar que:

> […] Os escritos apócrifos sempre tentam preencher os hiatos, sobre os quais nada se conhece. **Os livros a ele atribuídos (ver sobre *Enoque, Livros de*), de acordo com alguns são os mais importantes entre**

256 Dicionário Barsa, p. 119.

> **os livros pseudepígrafos, por servir de pano de fundo ao Novo Testamento**. Comumente diz-se que os autores do Novo Testamento não se utilizaram dos livros apócrifos e pseudepígrafos; mas, **qualquer pessoa que tenha examinado o Novo Testamento, versículo após versículo, sabe que há algumas citações, muitas alusões e muitas ideias extraídas daquelas obras**. […]. ([257]) (grifo nosso)

Os livros apócrifos, segundo afirmam, não foram inspirados; entretanto, partes deles são citadas no Novo Testamento que é inspirado; como pode isso acontecer, sem ferir ao bom senso e à lógica? Veja, caro leitor, até onde chegam com suas "explicações":

> *Enoque.* **Embora esta profecia se encontre no livro extracanônico de Enoque (1;9), a profecia original foi proferida pelo Enoque da Bíblia** (Gn 5:19-24); cf. Hb 11:5-6), sendo mais tarde expandida e incorporada ao livro (pseudepigráfico) de Enoque. ([258]) (grifo nosso)

Com isso tentam justificar a citação do nome de Henoc no passo Judas (1,14-15), em que lemos:

> Judas 1,14-15: "***Também Henoc, o sétimo depois de Adão****, profetizou sobre esses indivíduos, quando disse: 'Eis que o Senhor veio com seus exércitos de anjos para fazer o julgamento universal e convencer todos os ímpios de todas as suas impiedades criminosas e de*

257 CHAMPLIN e BENTES, 1995b, p. 381.

258 A Bíblia Anotada, p. 1586.

> *todas as palavras insolentes que os pecadores ímpios proferiram contra ele*'." (grifo nosso)

O primeiro apócrifo que vale a pena verificarmos é o intitulado *Livro da ascensão de Isaías*, que no capítulo IX, versículo 9, diz:

> **Vi Enoch e todos aqueles que, com ele, despojaram-se de seu hábito da carne**; vi-os revestidos de um hábito celeste; eram como anjos, envoltos por um esplendor infinito. (Isaías teria sido elevado por um anjo "ao éter do sétimo céu"). ([259]) (grifo nosso)

Veja bem, caro leitor, o que se está afirmando aqui é que "Isaías viu Enoch e todos aqueles que, como ele, despojaram-se de seu hábito de carne", ou seja, todos "como Henoc" morreram, deixando o corpo físico para repasto dos vermes. Ora, tudo isso, s.m.j., torna totalmente improvável a sua subida ao "céu" de corpo e alma, lenda que para muitos se tornou realidade.

Vê-se, também, que todos, incluindo Henoc, eram anjos, pois revestiram-se de um hábito celeste; quer dizer, tornaram à condição de espíritos; consequentemente, envoltos no perispírito (= corpo espiritual).

Voltamos a Champlin, que, judiciosamente, disse:

> […] O corpo físico do indivíduo perece, e não demora

---

259 TRICCA, 1995a, p. 90.

> a dissolver-se. Entretanto, isso não representa o fim da personalidade. A alma subiu, porquanto **a alma jamais morre**, visto que se compõe de um princípio vivo puro. **Todavia, a alma não é completa isoladamente, mas precisa de um revestimento. Por essa razão é que surge a fruição, isto é, o corpo espiritual que revestirá a alma**, da mesma maneira que a semente, quando germina, é "revestida", e se manifesta com glória e beleza de vida. A vida, assim ressurgida, é uma manifestação da alma, a qual não pode permanecer despida, isto é, sem revestimento. E assim, quando da ressurreição, será a alma revestida por um veículo apropriado. E **é a fusão da alma e do novo corpo espiritual que comporá a imortalidade; e essa é a germinação da semente que fora plantada no solo, dentro da ilustração apresentada pelo apóstolo dos gentios.** ([260]) (grifo nosso)

Esse corpo espiritual citado por Champlin, e, vigorosamente, defendido por Paulo, é exatamente aquele que nós, os espíritas, entendemos ser o corpo perispiritual.

No *Livro de Enoch* (*1 Enoch*), temos a informação de como ele foi conduzido aos céus, um a um até ao décimo: "Depois o meu espírito foi arrebatado, e subi ao céu" [...]." ([261]). Aqui já temos uma informação importante; é que nesse momento Henoc foi arrebatado em espírito e não em corpo e alma.

Em o *Livro dos segredos de Enoch* é que vemos ele indo de "céu em céu" até o décimo. No capítulo I, já temos:

---

260 CHAMPLIN, 2005d, p. 261.
261 TRICCA, 1996, p. 160.

“Naquele tempo, disse ele, quando completei cento e sessenta e cinco anos, gerei Matusalém. Depois disso, **vivi** duzentos anos e, ao todo, minha vida foi de trezentos e sessenta e cinco anos” (v. 2-3). O termo “**vivi**” é passado. Presume-se que essa afirmação é de alguém que morreu, caso contrário, teria dito: “estive vivendo ou morando na terra”, que é uma fala para quem não passou pela morte. Dessa forma, também vai para o espaço essa ideia de ter sido arrebatado de corpo e alma.

Algo bem interessante que encontramos é Henoc ter dito “Quem sou eu, um mortal, para que possa orar aos anjos?” ([262]), significando, que, ele mesmo, não se considerava imortal; logo, se morreu, como não acreditam, é isso que ele era: mortal. Ora, até onde sabemos, quem tem essa condição de imortalidade é somente a alma (ou espírito), enquanto o corpo físico irá dissolver-se, devolvendo à natureza os elementos que dela tomou emprestado.

E, já no décimo céu, Henoc tem notícia dessa ordem do Senhor ao anjo Micael: “Vai e despoja Enoch de suas vestes terrestres e unge-o com meu doce bálsamo, e veste-o com os vestidos de minha glória.” ([263]) Não vemos outra coisa senão que era chegado o momento de sua morte, pois “despojar de suas vestes terrestres”, não pode significar senão isso. Deus dá-lhe trinta dias para avisar seus filhos de tudo que viu e do que foi informado, antes de o levar definitivamente; fato que Henoc estava bem consciente: “[...] Meus filhos, a hora de eu

262 TRICCA, 1995a, p. 26.
263 TRICCA, 1995a, p. 49.

voltar ao céu se aproxima: olhai, os anjos estão diante de mim.” ([264])

O capítulo LXVII, onde Henoc é levado, tem o seguinte teor:

> 1. Quando Enoch falou ao povo, o Senhor enviou as trevas para a terra, e as trevas se estabeleceram, cobrindo aqueles homens que ali se encontravam falando com Enoch, e **Enoch foi levado para o céu mais elevado**, onde se encontra o Senhor, que o recebeu e o colocou diante de sua face, e as trevas deixaram a terra, e a luz voltou novamente.
>
> 2. **Mas o povo viu e não entendeu como Enoch foi levado para glorificar a Deus**, e eles encontraram um pergaminho enrolado no qual estava escrito: “O Deus invisível”!, e todos foram para casa. ([265]) (grifo nosso)

Mas aqui não é dito que foi levado de corpo e alma; até mesmo, segundo nos parece, os que estavam lá não entenderam nada, justamente por isso, pois se o corpo de Henoc estava ali, “como Deus o levou”? É o que pudemos deduzir do texto acima.

A grande questão é: se quando ele foi arrebatado aos céus (dez), ainda enquanto vivo, o foi em espírito, por que motivo, então, a sua ida definitiva teria que ser de corpo e alma? Falta lógica e coerência, se acreditarmos nessa hipótese.

De nossa parte, pelo que aqui levantamos, tudo é bem

---

264 TRICCA, 1995a, p. 59.

265 TRICCA, 1995a, p. 63.

claro agora; nunca houve arrebatamento físico – nem quando Henoc foi ao céu em caráter temporário, nem, muito menos, quando em definitivo, já que todos nós temos que passar pela morte, pois não há outra forma de se retornar ao plano espiritual, do qual viemos, para, temporariamente, habitar este atual corpo físico. Por isso, responderemos, sem mais hesitação, à pergunta título desse estudo com um sonoro: NÃO!

E quanto a Elias, teria sido mesmo arrebatado?

O episódio do arrebatamento de Elias, sempre é utilizado, especialmente pelos dogmáticos, para negar que João Batista seja Elias reencarnado. Em verdade, negam a Jesus, pois foi ele quem disse: *"E se quiserdes aceitá-lo, ele* (João Batista) *é o Elias, que há de vir".* Como sabia que a incredulidade ainda viria a vigorar por muito tempo, completa: *"Quem tem ouvidos ouça".* (Mateus 11,14-15)

Por outro lado, é difícil para nós aceitarmos esse arrebatamento, porquanto, além das razões já mencionadas e outras que iremos expor logo abaixo, uma outra afirmativa de Jesus não deixa a mais leve sombra de dúvida: *"Ninguém subiu ao céu, senão o que desceu do céu: o Filho do homem."* (João 3,13)

Quando se afirma que Elias foi arrebatado, o que querem dizer? Baseados numa passagem bíblica, que veremos um pouco mais à frente, sustentam que Elias foi levado por Deus ao Céu, de "corpo e alma", ou seja, pensam que na verdade Elias não morreu (???). Se Elias não morreu, ficamos em dúvida por não ter como explicar esse privilégio, pois até

mesmo Jesus, o Cristo, que lhe era muito superior, morreu, e ainda, pregado numa cruz.

Por outro lado, ficamos, também, sem entender o que Elias faria com o corpo físico no mundo espiritual. Seria o mesmo que mandarmos alguém viver debaixo d'água do jeito que ele vive aqui na superfície, sem lhe dar nenhum equipamento apropriado àquele lugar. A coisa não lhe parece absurda? Entretanto é o que esperam em relação a Elias, ou seja, que ele vá viver numa outra dimensão, totalmente diferente daquela que é adequada à matéria, como se nessa dimensão fosse necessário o corpo físico para se viver a vida do espírito.

Vamos, agora, ver a passagem em que é citado o tal do arrebatamento de Elias, que está narrado no segundo livro de Reis:

> 2 Reis 2,11: *"Ora, enquanto seguiam pela estrada conversando, de repente apareceu um carro de fogo com cavalos também de fogo, separando-os um do outro, e* ***Elias subiu para o céu no turbilhão****."* (grifo nosso)

Depois disso, os irmãos profetas "*mandaram cinquenta homens, que procuraram Elias durante três dias e não o entraram*" (2 Reis 2,17). Interessante colocarmos as explicações dos tradutores da *Bíblia de Jerusalém* acerca disso:

> A busca infrutífera certifica apenas que Elias não é mais deste mundo; seu destino é mistério que Eliseu não quer desvendar. **O texto não diz que Elias não**

> **morreu**, **mas facilmente se pode chegar a essa conclusão.** ([266]) (grifo nosso).

Para nós o texto em negrito dessa nota, não sabemos se proposital, ou não, mais complica do que explica; esclarecemos: A primeira parte do texto em negrito diz o seguinte: **O texto não diz que Elias não morreu,** sem expressar qualquer opinião, ou informar a que conclusão chegou, dizendo na sua segunda parte: **mas facilmente se pode chegar a essa conclusão.** Nesse caso perguntamos: mas a que conclusão?!

Se se pretende que a conclusão seja a de que Elias não morreu, esse enunciado está errado, pois, para que a conclusão fosse a de que Elias não morreu, o enunciado deveria ser o seguinte: **O texto não diz** que Elias **morreu**; ora, como **não diz** que **morreu** é porque **não morreu;** nesse caso, poder-se-ia dizer que Elias teria ido vivo ao Céu (em corpo e alma).

Entretanto, o enunciado é: **O texto não diz** que Elias **não morreu;** ora, como **não diz** que **não morreu** é porque **morreu;** assim, a conclusão é semelhantemente inversa, isto é, como **não diz** que **não morreu** é porque **morreu;** nesse caso, **não se poderá** dizer que Elias não morreu; consequentemente, a conclusão aí, sim, é a de que Elias **morreu.**

E a nossa conclusão, com base nessa nota da Bíblia de Jerusalém, é a de que, realmente, Elias morreu, posto que, para

---

266 *Bíblia de Jerusalém*, p. 508-509.

a interpretação ser no sentido que muitos pretendem dar, de que Elias **não morreu**, o texto em negrito, repetimos, deveria estar redigido assim: **O texto não diz que Elias morreu**, **mas facilmente se pode chegar a essa conclusão.**

Mas como diz: **O texto não diz que Elias não morreu**, **mas facilmente se pode chegar a essa conclusão,** a única conclusão que, facilmente, podemos chegar, com base no texto, evidentemente, é a de que Elias **morreu**.

Vejamos agora a nota da *Bíblia Tradução Ecumênica – TEB* sobre o versículo 18, que narra a volta dos irmãos profetas, sem terem tido sucesso:

> Nem a informação dos filhos de profetas sobre o arrebatamento de Elias ao céu (v. 5), nem o fato de ter presenciado o milagre operado por Eliseu com o manto de Elias (vv. 14-15) foram suficientes para dissipar a dúvida sobre a sorte reservada a Elias, **o espírito do Senhor arrebata o profeta não se sabe para onde** (1Rs 18,12) ([267]) (grifo nosso).

Antes de dizermos qualquer coisa a respeito desta nota, convém transcrever o diálogo de Abadias (ou Obadias) com Elias narrado em 1 Reis 18,7 e seguintes, de onde destacamos: "*E poderia ser que, apartando-me eu de ti, o Espírito do Senhor te tomasse, não sei para onde, e, vindo eu a dar as novas a Acabe, e não te achando ele, me mataria; porém eu, teu servo, temo ao Senhor desde a minha mocidade*" (1 Reis 18,12). Veja caro leitor, que Elias era dado a se movimentar de um lado

---

267 A Bíblia Tradução Ecumênica – TEB, p. 407.

para outro aqui na Terra, por “arrebatamento”, como Abadias demonstra o temor disso acontecer, em relação à possibilidade de, ao ele sair, Elias ser “tomado” pelo espírito do SENHOR, e fosse levado “não sei para onde”, o que poderia implicar na morte dele, Abadias, se Acabe não encontrasse Elias.

A partir daí, desenrola-se um diálogo entre Elias e Abadias, resultando no encontro de Acabe com Elias, conforme mencionado no versículo 17, desenrolando-se, em seguida, acontecimentos que resultaram na morte de 450 profetas de Baal, que foram levados ao ribeiro do Quison por ordem de Elias e lá foram por ele degolados, conforme descrito no versículo 40, do mesmo capítulo 18.

Como se vê, a expressão “o espírito do Senhor arrebata o profeta não se sabe para onde” constante da nota da *TEB*, expressa, nada mais, nada menos, o porquê do temor de Abadias em ser morto quando, ao voltar com Acabe, este não encontrasse Elias.

Além disso, há que se destacar o fato de Elias ter degolado, ele mesmo, os 450 profetas de Baal, ato não muito condizente com um profeta, por desobedecer ao “não matarás”; mas, mesmo assim, insistem em dizer que ele tenha sido levado ao Céu e, mais ainda, em corpo e alma, inclusive contrariando o motivo que justificou ter sido Henoc levado ao Céu – estar sempre com Deus; não é interessante – um porque sempre obedeceu a Deus e o outro que quebrou um dos seus mandamentos, justamente o “não matarás”?!

Pelos acontecimentos anteriores a esse arrebatamento,

narrados em 2 Reis 2, lemos que Eliseu, discípulo de Elias, pressentindo o final do seu mestre, lhe faz um pedido: *"Eu gostaria de receber uma porção dupla de teu espírito"* (v. 9). Ao que lhe respondeu Elias*: "Fizeste um pedido difícil. Mas se me vires ao ser arrebatado do teu lado, terás o que pediste; se não me vires, não o terás"* (v 10). O que será que aconteceu? Não deixaremos para o próximo capítulo, caro leitor, pois não o queremos ver "morrendo" de curiosidade. Bom; a única coisa que sobrou de Elias, após o tal arrebatamento, foi o seu manto. Eliseu pega esse manto e bate com ele na água do rio Jordão, que fez com que suas águas se dividissem em duas partes, fato que os outros profetas da comunidade viram. Diante desse fenômeno incomum, e como Elias já tinha também feito isso, disseram: *"O espírito de Elias repousou sobre Eliseu"* (v. 15). O que numa linguagem popular ficaria assim: "O espírito de Elias **baixou** em Eliseu". Por isso, nós diremos que, de fato, Elias morreu, pois ficaria comprovado que, do plano espiritual, exerceu influência sobre Eliseu.

Na narrativa bíblica sobre esse arrebatamento, é afirmado que Elias foi levado num turbilhão (ou redemoinho, segundo algumas traduções). Será que o acontecido não teria sido um fenômeno produzido pela natureza como um tufão, um ciclone ou um tornado? Nós sabemos que nesses fenômenos são tragados até mesmo objetos de peso considerável; Seria este o caso de Elias? Sinceramente, ficamos inclinados a aceitar essa hipótese, pois, se não foi assim, teremos que aceitar que Elias foi levado pelo demônio! Como? Veja que a narrativa diz que apareceu um carro de fogo com cavalos de fogo. Ora, não

se afirma que todas as coisas do demônio são de fogo? Assim, podemos pressupor que ele, o demo, em pessoa, veio, em seu exuberante veículo de transporte, buscar Elias, deu uma voltinha com ele no céu (o azul) e o levou diretamente para "a fornalha ardente do inferno. (Cruz!!!)

Será que alguém conseguirá provar o contrário? Provar não, mas acreditar numa outra hipótese? Os aficionados em disco voador, por exemplo, poderão, com certa razão, dizer que Elias foi abduzido por um OVNI; também aqui ninguém poderá provar o contrário.

Por outro lado, considerando que no mesmo capítulo 2, no versículo 16 consta: *"[...] Talvez o espírito do Senhor o tenha levado e jogado num desses montes ou vales"*, fica evidente, que, naquela época, ainda não se entendia que o corpo de Elias tenha ido para os céus. Mas há um outro fato que será uma ducha de água fria nessa crença. É o que veremos na sequência.

Esclarecemos, inicialmente, que, nas várias traduções bíblicas, os dois personagens, a que iremos nos referir, são tratados ora como Jorão, ora como Jeorão. Fizemos um levantamento em quinze Bíblias, obtendo o seguinte resultado:

Jorão de Israel e Jorão de Judá: *Paulinas* 1980, *Santuário*, *Paulinas* 1957, *De Jerusalém*, *Vozes*, *Ave-Maria*, *do Peregrino*, *Barsa*, *Paulinas* 1977 e *Pastoral*. (dez ao todo). (todas católicas).

Jorão de Israel e Jeorão de Judá: *SBB*, *SBTB*, *Shedd* e *Anotada* (quatro ao todo)(Todas protestantes)**.**

Jeorão de Israel e Jeorão de Judá: *Tradução Novo Mundo* (uma) (protestante).

Portanto, em nossas citações, adotaremos o nome de Jorão para ambos, porquanto é o utilizado na maioria das traduções bíblicas. Quanto houver alguma citação, prevalecerá a que o autor usou.

Falaremos, então, da carta comprometedora de Elias, que antes foi objeto de um texto isolado, que julgamos por bem incorporá-lo a esse estudo.

O escritor Paulo Finotti, autor do livro intitulado *Ressurreição*, dá-nos uma informação interessantíssima. Diz ele:

> […] Posteriormente, a Bíblia informa que Jeorão recebeu uma carta de Elias (II Crônicas, 21:12/15).
>
> Assim, quando Jeorão, rei de Judá, começou a reinar, já havia ocorrido o que está escrito em II Reis 2:11,12, e se Elias ainda podia enviar uma carta ao rei Jeorão é porque, após a sua "ascensão", continuava aqui na terra profetizando para o reino de Judá. ([268])

Engraçado como muitas vezes não enxergamos o óbvio, pois, realmente, segundo a narrativa bíblica citada, Elias, depois de ter sido supostamente arrebatado, enviou mesmo uma carta a Jorão, filho e sucessor de Josafá, de Judá. Confirmam isso os tradutores da *Bíblia de Jerusalém*, quando nos oferecem a seguinte explicação para essa passagem:

---

268 FINOTTI, 1971, p. 26-27.

> De acordo com a cronologia de 2Rs, Elias tinha desaparecido antes do reinado de Jorão de Israel (2Rs 2; 3,1) e, portanto, antes de Jorão de Judá (2Rs 8,16; cf. no entanto 2Rs 1,17). O cronista deve utilizar uma tradição apócrifa. ([269])

Uma tentativa de se explicar o caso:

> **2 CRÔNICAS 21:12 – Como Elias poderia ter enviado uma carta muito depois de sua partida para o céu?**
>
> **PROBLEMA**: Quando Jeorão se tornou rei em Judá, ele "fez altos nos montes de Judá, e seduziu os habitantes de Jerusalém à idolatria, e fez desgarrar a Judá" (2Cr 21:11). O versículo seguinte diz que, em reposta aos pecados de Jeorão, Elias enviou-lhe uma carta. Entretanto, se Elias tinha sido trasladado antes do reinado de Jeorão, filho de Josafá, então como poderia ter ele enviado essa carta a Jeorão?
>
> **SOLUÇÃO**: Elias foi trasladado num certo dia durante o reinado de Jorão, filho de Acabe, que reinou em Israel de cerca de 852 a 841 a.C. Jeorão, filho de Josafá, reinou em Judá de 848 a 841. Portanto, como Elias somente foi trasladado num certo dia durante o reinado de Jorão de Israel, é perfeitamente razoável que ele tenha enviado aquela carta a Jeorão de Judá. ([270]) (grifo do original)

Os dois autores são especialistas em usar de sofismas para tentar explicar o inexplicável; a obra que escreveram deveria ter o título de "Manual Popular de sofismas" em vez de

---

269 Bíblia de Jerusalém, p. 607.

270 GEISLER e HOWE, 1999, p. 218.

Manual Popular de dúvidas, enigmas e "contradições" da Bíblia. O que eles não informaram corretamente é que o ministério de Elias foi somente até o ano de 853 a.C., no reinado de Acazias, o que pode ser confirmado em Josefo; portanto, antes do reinado de Jorão de Israel e do de Jorão de Judá.

Vamos traçar a cronologia dos fatos, para que a sua visualização possa nos dar condições de entender quando se deu o suposto arrebatamento de Elias. Vejamos como ficou essa cronologia nos baseando nos dados que retiramos do livro *História de Israel*, de Samuel J. Schultz (1914-2005).

Ano	**Israel**			**Judá**		
874	Acab-1º					
873	Acab-2º		Elias			
872	Acab-3º		Elias	Josafá-1º		
871	Acab-4º		Elias	Josafá-2º		
870	Acab-5º		Elias	Josafá-3º		
869	Acab-6º		Elias	Josafá-4º		
868	Acab-7º		Elias	Josafá-5º		
867	Acab-8º		Elias	Josafá-6º		
866	Acab-9º		Elias	Josafá-7º		
865	Acab-10º		Elias	Josafá-8º		
864	Acab-11º		Elias	Josafá-9º		
863	Acab-12º		Elias	Josafá-10º		
862	Acab-13º		Elias	Josafá-11º		
861	Acab-14º		Elias	Josafá-12º		
860	Acab-15º		Elias	Josafá-13º		
859	Acab-16º		Elias	Josafá-14º		

Ano	Israel			Judá		
858	Acab-17º		Elias	Josafá-15º		
857	Acab-18º		Elias	Josafá-16º		
856	Acab-19º		Elias	Josafá-17º		
855	Acab-20º		Elias	Josafá-18º		
854	Acab-21º		Elias	Josafá-19º		
853	Acab-22º/ Acazias-1º		Elias	Josafá-20º		
852	Acazias-2º	Jorão-1º		Josafá-21º		
851		Jorão-2º		Josafá-22º		
850		Jorão-3º		Josafá-23º		
849		Jorão-4º		Josafá-24º		
848		Jorão-5º		Josafá-25º	Jorão-1º	
847		Jorão-6º			Jorão-2º	
846		Jorão-7º			Jorão-3º	
845		Jorão-8º			Jorão-4º	
844		Jorão-9º			Jorão-5º	
843		Jorão-10º			Jorão-6º	
842		Jorão-11º			Jorão-7º	Elias (1)
841		Jorão-12º		Acazias	Jorão-8º	
(1) Época provável em que Jorão de Judá recebeu a carta de Elias, repreendendo-o por seu comportamento e na qual se prevê sua morte por uma doença grave que consumiria os seus intestinos, o que ocorreu dois anos depois. (2Cr 21,12-20).						
FONTE: SCHULTZ, 1995, p. 169-182.						

É em Schultz, também, que nos baseamos para calcular a época provável que Jorão teria recebido a carta de Elias:

> Elias, o profeta, repreendeu severamente a Jeorão

> em forma escrita (veja 2Cr 21:11-15). Por meio disso, Jeorão **foi avisado do juízo iminente** que lhe sobreviria por ter morto a seus irmãos e por ter conduzido Judá pelos caminhos pecaminosos do reino do Norte. O melancólico futuro guardava uma prova para Judá, e uma doença incurável para o próprio rei. ([271]) (grifo nosso).

Visando corroborar essa cronologia, aqui apresentada, trazemos os dados constantes nestes outros documentos:

Bíblia	**Reino de Israel**			**Reino de Judá**	
	Acab	**Acazias**	**Jorão**	**Josafá**	**Jorão**
1 – de Jerusalém	874-853	853-852	852-841	870-848	848-841
2 – Do Peregrino	874-853	853-852	852-841	870-848	848-841
3 – Vozes	874-853	853-852	852-841	871-848	848-841
4 – Ave-Maria	873-853	853-852	852-842	870-848	848-841
5 – Santuário	873-853	853-852	852-842	870-848	848-841
6 – Shedd	874-853	853-852	852-841	870-848	848-841
7 – Anotada	874-853	853-852	852-841	873-848	848-841

Como se vê, as divergências são poucas e nada influem no que se refere à época do suposto arrebatamento de Elias e à de sua carta a Jorão. Observar, especialmente, quanto ao início dos reinados de Jorão de Israel e de Jorão de Judá, os quais são iguais nessas fontes.

Vejamos as datas relativas aos fatos listados nas narrativas bíblicas:

---

271 SCHULTZ, 1995, p. 183.

2 Reis 2,11: suposto arrebatamento de Elias – fato acontecido por volta do ano 853 a.C.;

2 Reis 3,1: Começa o reino de Jorão em Israel – início em 852 a.C.;

2 Reis 8,16: Começa o reino de Jorão em Judá – início em 848 a.C.;

2 Crônicas 21,12: Elias escreve uma carta para o rei Jorão de Judá – por volta de 842 a.C.

Assim, vemos que **a carta de Elias foi escrita cerca de dez a onze anos depois de seu sumiço**, que se deu, segundo crença, por ele ter sido arrebatado ao céu de corpo e alma. Isso nos parece totalmente ilógico e fora da realidade dos que viviam àquela época, pois, se assim pensassem, não teriam sugerido a Eliseu a mandar procurá-lo em algum lugar como, de fato, aconteceu, e se encontra narrado em 2 Reis 2,15-16:

> *"[...] vieram ao seu encontro e se prostraram por terra, diante dele. Disseram-lhe: "Há aqui com teus servos cinquenta homens valentes. Permite que saiam à procura de teu mestre;* ***talvez o Espírito de Iahweh o tenha arrebatado e lançado sobre algum monte ou em algum vale****'. Mas ele respondeu: 'Não mandeis ninguém'."* (grifo nosso)

Trata-se de Eliseu, a pessoa aqui citada, pois foi ele o profeta que assumiu o lugar de Elias.

Em relação a Elias temos a confirmação de que ele sumiu no tempo de Acazias, filho de Acab, conforme nos atesta o historiador Flávio Josefo: "Foi sob seu reinado que Elias

desapareceu sem que jamais se tenha podido saber o que aconteceu a ele". ([272]). Isso nós confirmamos pelo *Dicionário Prático Barsa*, que assim afirma: "Elias viveu no tempo de Acab, rei de Israel (872-854 a.C.) e seu sucessor Oczias" ([273]). Portanto, na época em que Jorão de Judá reinou, levando-se em conta os dados um pouco mais acima, Elias já havia desaparecido.

Analisando os textos bíblicos com maior acuidade, percebemos um conflito entre os dois passos que falam do reinado de Jorão de Judá. Leiamo-los:

> 2 Reis 1,17: *"E ele morreu, conforme a palavra de Iahweh, pronunciada por Elias. Jorão tornou-se rei em seu lugar, no segundo ano de Jorão, filho de Josafá, rei de Judá, uma vez que ele não tinha filhos."*
>
> 2 Reis 8,16: *"No quinto ano de Jorão, filho de Acab, rei de Israel – sendo Josafá rei de Judá, Jorão, filho de Josafá, tornou-se rei de Judá."*

Ora, essas duas passagens não podem ser consideradas simultaneamente, por evidente conflito; isso porque, utilizando-nos da tabela cronológica vemos que Jorão de Judá iniciou o seu reinado em 848 a.C.; então, segundo 2 Reis 1,17, Jorão de Israel teria iniciado em 846 a.C., já que assumiu o seu reinado no segundo ano do outro Jorão em Judá; mas a cronologia nos aponta o ano de 852 a.C., que corresponde a 2 Reis 8,16, como

---

272 JOSEFO, 2003, p. 225.

273 Dicionário Prático Barsa, p. 86.

o dessa ocorrência.

Portanto, se juntarmos as informações desses dois textos não dá para se estabelecer cronologia alguma, pois, se por um deles (2 Reis 1,17), Jorão de Israel iniciou seu reinado no 2º ano do de Jorão de Judá, este não pode, ao mesmo tempo, ter iniciado o seu num período de reinado de Jorão de Israel (quinto ano, conforme 2 Reis 8,16). Para um melhor entendimento, vamos colocar isso numa tabela cronológica.

Ano	**Israel**			**Judá**		
1ª Opção: 2Rs 1,17: Jorão de Israel subiu ao trono no 2º ano de Jorão de Judá						
855	Acab-20º		Elias	Josafá-18º		
854	Acab-21º		Elias	Josafá-19º		
853	Acab-22º/ Acazias-1º		Elias	Josafá-20º	Jorão-1º	
852	Acazias-2º	Jorão-1º		Josafá-21º	Jorão-2º	
851		Jorão-2º		Josafá-22º	Jorão-3º	
850		Jorão-3º		Josafá-23º	Jorão-4º	
849		Jorão-4º		Josafá-24º	Jorão-5º	
848		Jorão-5º		Josafá-25º	Jorão-6º	
847		Jorão-6º			Jorão-7º	Elias
846		Jorão-7º			Jorão-8º	
...		...				
841		Jorão-12º		Acazias		
2ª Opção: 2Rs 8,16: Jorão de Judá subiu ao trono no 5º ano de Jorão de Israel						
855	Acab-20º		Elias	Josafá-18º		
854	Acab-21º		Elias	Josafá-19º		

Ano	Israel			Judá		
853	Acab-22º/ Acazias-1º		Elias	Josafá-20º		
852	Acazias-2º	Jorão-1º		Josafá-21º		
851		Jorão-2º		Josafá-22º		
850		Jorão-3º		Josafá-23º		
849		Jorão-4º		Josafá-24º		
848		Jorão-5º		Josafá-25º	Jorão-1º	
847		Jorão-6º			Jorão-2º	
846		Jorão-7º			Jorão-3º	
845		Jorão-8º			Jorão-4º	
844		Jorão-9º			Jorão-5º	
843		Jorão-10º			Jorão-6º	
842		Jorão-11º			Jorão-7º	Elias
841		Jorão-12º		Acazias	Jorão-8º	

Vemos, então, que as duas opções são inconciliáveis; para manter-se a cronologia dos fatos, de duas uma: ou Jorão de Judá iniciou seu reinado em 852 ou em 848; isso porque, os dois anos de início, ao mesmo tempo, tomando-se os dois passos (2 Reis 1,17 e 2 Reis 8,16), coloca-nos diante de um evidente conflito, que só com abdicação da capacidade de raciocinar poder-se-á aceitar como verdadeiro esse claro erro ou contradição na Bíblia. Pode até ser que não haja problema algum caso os tradutores da *Bíblia de Jerusalém* tenham razão quando afirmam, em relação a 2 Reis 1,17, que “Este dado, que não combina com 3,1, pertence a outro sistema cronológico”

([274])

No que se refere ao passo 2Rs 8,16, alguns textos bíblicos, como os das *Bíblias Shedd*, *Vozes*, *Anotada* e *de Jerusalém*, narram que, quando Jorão assumiu o poder, Josafá, seu pai, ainda estava reinando; entretanto, nenhuma delas, ao citar o período de reinado dos envolvidos, coloca qualquer tipo de corregência; talvez tenham se baseado no livro de Crônicas, que nada fala do assunto ou, quem sabe, se em Flávio Josefo. Fora isso, ainda temos que tal procedimento (corregência) não era costume entre os judeus.

A primeira opção (2 Reis 1,17) é a que Champlin e Bentes adotam na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* ([275]); aliás, até o presente, a única que encontramos dessa forma, que tem o passo 2 Reis 1,17 como base para o início do reinado de Jorão de Judá, enquanto que a segunda (2 Reis 8,16) é a adotada por vários exegetas e tradutores bíblicos, conforme mencionado anteriormente. Mesmo que a considerássemos como sendo a verdadeira, ainda resta um espaço de tempo entre "o sumiço" de Elias e a sua carta a Jorão de Judá, que, calculamos, foi por volta de 5 a 6 anos, como poder-se-á ver na tabela.

Mas o que há de extraordinário nisso? Bom; se as passagens mencionadas forem verdadeiras, e aqui os defensores da inerrância bíblica, por coerência, não podem aceitá-las de outro modo, estaremos diante de duas

---

274 Bíblia de Jerusalém, p. 507.

275 CHAMPIN e BENTES, *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia,* vol. I, 1995a, p. 1005-1006.

alternativas conflitantes:

1ª) que Elias não foi arrebatado, aos céus, mas, sim, na forma entendida pelos servos de Eliseu, isto é, que Elias tenha sido levado para algum monte ou algum vale, já que envia uma carta. Isso, para nós, é o mais provável que tenha de fato ocorrido, uma vez que é difícil sustentar que alguém tenha sido arrebatado de corpo e alma, levando-se em conta que, se *"Deus é espírito"* (João 4,24), nós também somos seres espirituais, já que fomos criados à Sua imagem e semelhança. Por outro lado, se *"o espírito é que dá vida, a carne não serve para nada"* (João 6,63) e que *"a carne e o sangue não podem herdar o reino dos céus"* (1 Coríntios 15,50), não há como compatibilizar corpo físico na dimensão espiritual.

2ª) por certo, essa poderá deixar alguns fanáticos perplexos; é que, se aceitarmos que não há exceção nas Leis Divinas, Elias morreu, fato que acontece com todo ser humano; daí, por força das circunstâncias, teremos que admitir que, do plano espiritual, ele envia uma carta ao rei. Portanto, uma ocorrência mediúnica, com alguém servindo de médium para receber essa carta e entregá-la ao destinatário, significando isso uma autêntica psicografia.

A título de curiosidade, observamos que os termos usados nessa narrativa aparecem, nas diversas traduções bíblicas, ora como "uma carta", ora como "uma mensagem" e ora como "um escrito"; mas, no fundo, tudo isso é a mesma coisa. Lembramo-nos aqui do saudoso Chico Xavier (1910-2002) que recebia, com facilidade, uma imensidão de cartas

dos que já haviam sido “levados por Deus”, como se diz para mencionar os que já morreram.

Na primeira hipótese citada, não há nenhum fato bíblico entre “os arrebatados” que possa sustentar a possibilidade de que, em algum momento, um deles tenha se comunicado, por qualquer meio, com os encarnados. Entretanto, quanto à segunda hipótese, ou seja, a de que Elias mandou a mensagem após ter morrido, podemos comprovar biblicamente, por dois acontecimentos, os quais vêm apoiar uma ocorrência dessa ordem.

O primeiro é um fenômeno mediúnico de psicofonia, que se encontra narrado em 1 Samuel 28,1-25, onde se relata a ida do rei Saul a Endor, para que, através de uma pitonisa (médium), que residia nessa localidade, pudesse aconselhar-se com o profeta Samuel, já desencarnado. Como estava numa situação angustiante, pois se encontrava cercado pelo exército dos filisteus, queria saber do espírito Samuel, que, quando encarnado, fora profeta em seu próprio reinado, sobre o seu futuro em relação a essa iminente batalha.

O segundo, sempre “esquecido” pelos contraditores da possibilidade de comunicação com os “mortos”, é quando os espíritos de Moisés e Elias apareceram a Jesus, Pedro, Tiago e João, e conversaram com o Mestre ([276]). Classificamos esse fenômeno mediúnico como de “materialização”, pois esses dois espíritos também foram vistos pelos três discípulos que testemunharam o fato, os quais, ao que tudo indica, deviam ser

---

276 Ver: Mateus 17,1-9; Marcos 9,2-10; Lucas 9,28-36.

os médiuns doadores da energia necessária para a produção do fenômeno, a qual chamamos de ectoplasma. Inclusive, podemos observar que, nos principais fenômenos mediúnicos produzidos por Jesus, vistos por alguns como milagres, os três apóstolos citados eram convidados por Ele, para deles participarem; certamente porque Jesus sabia que, só os três, entre os que O seguiam, possuíam essa energia de forma mais acentuada.

Há ainda um outro evento, que nunca é falado, pois não teria como ser negado: trata-se do acontecido com o próprio Jesus, que, depois de morto, se comunicou com inúmeras pessoas. E, numa paráfrase do que o apóstolo dos gentios disse aos coríntios, diríamos: **Pois se os mortos não se comunicam, também Cristo não se comunicou. Se Cristo não se comunicou, ilusória é a nossa fé**.

Assim, com essa carta de Elias, acreditamos estar diante de mais uma ocorrência bíblica, que vem provar a comunicação entre os dois planos da vida, embora negada sistematicamente por alguns, mas que pode ser considerada como corroborada pela própria Bíblia, quando Moisés proíbe a comunicação com os mortos (Deuteronômio 18,9-14), já que Moisés não era tão louco assim para proibir o que não pudesse acontecer... Está, portanto, comprovada, biblicamente, a realidade da comunicação entre os habitantes do mundo espiritual com os do mundo físico. E como diria Jesus: *"Quem tem ouvidos, ouça."* (Mateus 11,15)

Voltemos a três passagens bíblicas citadas

anteriormente, quando das considerações iniciais:

> Ezequiel 3,14: *"**O espírito me ergueu e me arrebatou**. Eu fui amargurado e irritado, pois a mão de Javé pesava sobre mim."* (grifo nosso)
>
> Ezequiel 43,5: *"Então **o espírito me arrebatou** e levou para o pátio interno: [...]."* (grifo nosso)
>
> Atos 8,39: *"[...] **o Espírito arrebatou Filipe**, e o eunuco não o viu mais [...] foi parar em Azoto; [...]."* (grifo nosso)

Delas extraímos a possibilidade do arrebatamento ser um fenômeno de transporte, no qual os envolvidos foram, por ação de um espírito, corporalmente transportados para um outro lugar. E dai questionamos: não seria exatamente isso o que aconteceu com Elias? E que até os filhos dos profetas entenderam, quando se dirigiram a Eliseu pedindo para mandar procurar Elias. Ora, pelo que percebemos, tal ocorrência não era totalmente estranha aos que o conheciam. Leiamos:

> 1 Reis 18,11-12: *"E agora, o senhor me manda dizer ao meu patrão que Elias está aqui?! Quando eu sair daqui, **o espírito de Javé transportará** o senhor não sei para onde. Eu irei informar Acab, e ele, não o encontrando, me matará. E seu servo teme a Javé desde a juventude."* (grifo nosso)

Explicam-nos os tradutores da Bíblia de Jerusalém: "Esses desaparecimentos repentinos parecem ter sido um dos traços da história de Elias (2Rs 2,16) até o seu arrebatamento

definitivo (2Rs 2,11s)". ([277]) Com isso, poderemos entender o porquê de os irmãos profetas, que moravam em Betel e os que moravam em Jericó, terem dito a Eliseu: "*Você está sabendo que Javé hoje mesmo vai levar embora seu mestre, nos ares, por cima da sua cabeça?"* (2 Reis 2,3.5), obtendo dele a resposta: *"Claro que eu sei. Mas fiquem quietos."* (2 Reis 2,3.5). Ou seja, todo mundo já sabia o que ia acontecer a Elias.

Podemos, ainda, ver a tranquilidade com que Elias via essa questão, não ficando temeroso em relação ao seu iminente "arrebatamento", inclusive, dizendo a Eliseu que ele poderia lhe pedir o que quisesse antes que ele fosse arrebatado (2 Reis 2,8). E, na sequência, ele, Elias, subiu ao céu no redemoinho, após o aparecimento de um carro de fogo com cavalos de fogo que o separou de Eliseu (2 Reis 2,11). Os cinquenta profetas que estavam acompanhando o desenrolar dos fatos (2 Reis 2,7), se propuseram a enviar alguns homens valentes para procurar Elias, dizendo: *"Talvez o espírito de Javé o tenha arrebatado e jogado sobre algum monte ou dentro de algum vale"* (2 Reis 2,16). Só que Eliseu, retrucou: *"Não mandem ninguém"* (2 Reis 2,16). A questão é: se pensassem mesmo que Elias tivesse ido literalmente para o céu, essa ideia de procurá-lo não teria o menor sentido. O fato de Eliseu não ter concordado, talvez, se explique que ele não fazia questão de que achassem Elias, porquanto, ele, como seu discípulo, é quem iria substitui-lo no cargo de "profeta oficial", vamos assim dizer.

---

277 Bíblia de Jerusalém, p. 497.

Então, Elias poderia ter sido levado (arrebatado) para um outro lugar? É provável, pois em 2 Crônicas 21,12-15, conforme vimos, está narrado que depois desse episódio com Elias, Jeorão (sua forma abreviada é Jorão), rei de Judá, recebeu uma carta dele.

Supondo-se tal fato verdadeiro, conforme já o dissemos, Elias somente poderia ter sido transportado a um outro local aqui na Terra, como entenderam os filhos dos profetas, conforme consta de 2 Reis 2,16; caso contrário seria a outro mundo igual ao nosso (e em nave interplanetária, por causa da falta de atmosfera no espaço sideral), pois teria que continuar vivendo da mesma forma que vivia aqui na Terra (alimentando, saciando a sua sede, respirando, dormindo, etc), provando aí, então, a existência de outros mundos iguais ao planeta Terra, caso Deus não tenha criado um lugar só para Elias.

Diante da ignorância dos fatos, para os quais não tinham explicação diante de seus conhecimentos, buscaram arrimo no "poder" de Deus, levando-os à conta de milagres, não tendo, em razão disso, outra justificativa a não ser reputá-los como sobrenaturais. Assim, passou-se a considerar o arrebatamento de Elias como sendo um fenômeno de ordem sobrenatural, pelo qual, ele, de corpo e alma, teria sido literalmente levado para o céu, apesar disso, conforme várias vezes já o dissemos, contrariar os passos: *"a carne e o sangue não podem herdar o reino dos céus"* (1 Coríntios 15,50) e *"o reino dos céus está dentro de vós"* (Lucas 17,21), como também não se compatibilizar com *"o Espírito é que dá vida, a carne não serve para nada"* (João 6,63). O que se fará com ela, a carne, numa

dimensão espiritual, onde até o próprio *“Deus é Espírito”* (Jo 4,24)? E não vale o chavão: “mistérios de Deus”!

De nossa parte ficamos convictos de que Elias não foi arrebatado coisíssima nenhuma. Mas sabemos que isso ainda não será uma realidade para os dogmáticos.

Diante de tudo quanto colocamos, não nos resta alternativa senão a de colocar os arrebatamentos de Henoc e Elias à conta de tradição; não como fato verdadeiro. Sabemos que aquilo que aprendemos dos líderes religiosos e que julgamos verdade, nos oferece sério obstáculo para abrir os nossos olhos para podermos enxergar a verdade “verdadeira”, e não a dos teólogos, que têm compromisso apenas em perpetuar aquilo que dizem ser verdade, sob pena de caírem totalmente em descrédito. Não foi sem razão que Jesus, citando Isaías, disse; “*Eles são duros de ouvido e fecharam os olhos, para não ver com os olhos, e não ouvir com os ouvidos, não compreender com o coração e não se converter.*” (Mateus 13,15)

A Lenda Bíblica de Jó

> “Examinem tudo e fiquem com o que é bom.” (Paulo de Tarso, 1 Tessalonicenses 5,21)
>
> “Os erros não deixam de ser erros só porque todos os cometem ao mesmo tempo.” (FOX, 1996)

Em busca da solução para a dor e o sofrimento, os povos primitivos inventaram uma lenda com a qual pensavam justificá-los. Daí, para os hebreus, surgiu a lenda de Jó. Não, caro leitor, nós ainda não estamos necessitando ser dominados com uma camisa de força; mas usaremos a força dos argumentos para provar o que estamos falando com essa análise que faremos desse livro bíblico.

O primeiro problema que nos surge é a questão das contradições existentes nesse livro, apontadas por Bart D. Ehrman:

> […] Como já anunciei, o que se revela uma surpresa para muitos leitores da Bíblia é que algumas dessas respostas não são as que eles esperariam, e que **algumas das respostas entram em choque com outras.** Vou tentar mostrar, por exemplo, que **o livro de Jó tem dois conjuntos de respostas para o problema do sofrimento** (uma é a história de Jó no início e no final do livro, e a outra está nos diálogos entre Jó e seus amigos que ocupam a maior parte dos capítulos). **Essas duas visões são contraditórias entre si. Mais ainda,**

> **as duas visões diferem das visões dos profetas.** E a resposta profética – encontrada ao longo de boa parte da Bíblia hebraica – **entra em contradição com as visões de "apocaliptistas" como Daniel, Paulo e mesmo Jesus**. ([278]) (grifo nosso)

Não bastasse isso, ainda temos o que alguns tradutores bíblicos afirmam, colocando o livro de Jó não como inspirado, mas, sim, como lendário:

> A literatura sapiencial floresceu em todo o Antigo Oriente. Ao longo de sua história, o Egito produziu escritos de sabedoria. **Na Mesopotâmia, desde a época sumérica, foram compostos provérbios, fábulas e poemas sobre o sofrimento que se assemelham ao livro de Jó**.
>
> […].
>
> **Não é de admirar que as primeiras obras sapienciais de Israel se pareçam muito com a de seus vizinhos:** todas elas provêm do mesmo ambiente. ([279]) (grifo nosso)

> [...] **o autor usa uma antiga lenda sobre a retribuição** (1,1-2,13; 42,7-17), omitindo o final (42,7-17) e substituindo-o por uma série de debates que mostram o absurdo da teologia em voga, incapaz de atender à nova situação (3,1-42,6). ([280]) (grifo nosso)

> **O autor toma como ponto de partida uma lenda comum na época** e, **com leves retoques**, a relata em

278 EHRMAN, 2008, p. 24.

279 Bíblia de Jerusalém, p. 797.

280 Bíblia Sagrada – Edição Pastoral, p. 639.

1,1-2,13. O final primitivo dessa lenda se encontra em 42,7-17. A intenção é substituir o final da lenda pelo debate que se encontra em 3,1-42,6. ([281]) (grifo nosso)

Da natureza poética do livro se segue que **não se deve insistir na veracidade histórica de cada passo da discussão**. Além disso, a própria índole do diálogo supõe que o autor não tenha querido aprovar todas as ideias expressas pelos interlocutores. A chave da composição conexa está em 42,1-8: Jó, embora tendo um conceito elevado de Deus, pecou por presunção e violência; aos seus amigos, pelo contrário, faltou o conceito adequado de Deus e de sua Providência.

O prólogo e o epílogo são ficções literárias. **Discute-se a historicidade da pessoa de Jó; a opinião mais plausível é a de que também seja uma personagem fictícia**, pois o objetivo da obra não é contar a história de um sofredor, e sim, oferecer uma solução e um consolo a todos os que sofrem… ([282]) (grifo nosso)

O livro de Jó, obra-prima entre os livros sapienciais, digna de figurar entre as melhores obras da literatura universal, **é um poema dramático-religioso** que discute, em profundidade e com veemente paixão retórica, o tema universal da transformação do homem. Em conexão com esse tema, trata do sentido do sofrimento na vida humana e da doutrina da retribuição. […].

Origem e acréscimos: Diversidades no vocabulário, no estilo e no ambiente cultural e religioso dão a entender que o livro foi escrito por etapas. Resquícios de vocabulário do período persa e algumas

281 Bíblia Sagrada – Edição Pastoral, p. 640.

282 Bíblia Sagrada – Edições Paulinas, p. 579.

> circunstâncias históricas e culturais fazem supor que ele tenha surgido no século V ou IV a.C., após o exílio babilônico, e seus acréscimos, no mais tardar, no século III a.C. **O prólogo e o epílogo são reformulação literária de um conto didático da tradição oral dos sábios do antigo Oriente Médio não israelita**. Não poucos detalhes sugerem que o autor (os autores) tenha vivido na Palestina. Certamente inspirado em Jeremias, no livro das Lamentações e nos Salmos de lamentação, o autor compôs seu drama com objetivo profético-pastoral, à semelhança das exortações de Ezequiel. ([283]) (grifo nosso)

> Jó 1,1-5: Essa seção se abre apresentando o protagonista Jó, e se encerra apresentando seus amigos interlocutores.
>
> Embora **não saibamos com certeza onde se encontra Hus,** sabemos que não é território israelita. Ou seja, o autor escolheu um estrangeiro como herói da sua história ou drama. Por quê?
>
> Para respeitar a tradição ou a lenda – comentam alguns. Ezequiel 14 menciona Noé, Daniel e Jó como protótipos de santidade. Conhecemos Daniel pela literatura cananeia. **Talvez a lenda contasse a vida paciente e heroica de um Jó de tempos patriarcais, antes que Israel existisse**. O autor teria tomado a figura para protagonista de sua obra, respeitando o perfil ou vários elementos da tradição. ([284]) (grifo nosso)

Observamos que todos os tradutores e exegetas envolvidos nas Bíblias citadas nos dão conta de que o livro de Jó foi tomado de uma antiga lenda da Mesopotâmia; por isso,

---

283 Bíblia Sagrada – Vozes, p. 631.

284 Bíblia do Peregrino, p. 1062.

julgamos importante a origem da informação, porquanto, vindo depor contra a presumida inspiração divina dos textos bíblicos, certamente, não seria colocada, caso isso não tivesse sido comprovado.

Como se vê, desde tempos imemoriais, os “donos” das religiões sempre fizeram suas interpolações (usando até lendas, como aqui) e que, para fortalecerem-nas, atribuíam-nas à divindade a que eles prestavam culto.

Orígenes, considerado um dos pais da Igreja, afirmou que o livro de Jó é mais antigo do que Moisés ([285]); isso, em outras palavras, quer dizer que esse livro já existia muito antes do início da História do povo hebreu; portanto, anteriormente à existência da Bíblia, pois, segundo dizem, Moisés foi o autor de seus cinco primeiros livros, apesar de no último deles estar narrada a sua morte.

Não poderemos também deixar de trazer opiniões de historiadores e estudiosos da Bíblia, visando corroborar o que vimos, um pouco atrás, em relação aos tradutores. Leiamos:

> Job não entende, mas resigna-se ao destino. Não discute. Aceita.
>
> Mas quando se encontra com três de seus velhos amigos, ocorre aquele memorável diálogo que **faz o Livro de Job tão caro a todos os amantes da literatura de ficção.** ([286]) (grifo nosso)

---

285 ORÍGENES, 2004, p. 495.

286 VAN LOON, 1981, p. 118.

> […] Os livros de Jó ou Jonas ou Rute ou Ester **foram, desde o início, fábulas ou ficções**: **foram criados por seus autores**. […]. ([287]) (grifo nosso)

> Muitas das histórias contadas no Antigo Testamento são compilações melhoradas, adaptadas ou aumentadas de outros saberes e culturas, principalmente do Egito e da Mesopotâmia. **Como é o caso de Jó, o babilônico, que se aproxima das ideias, angústias e questionamentos sobre a vida e a morte de Jó bíblico**, sendo o primeiro muito mais antigo. ([288]) (grifo nosso)
>
> É interessante ressaltar a coincidência de alguns pontos entre **as crenças dos povos mesopotâmicos e as dos hebreus que, sendo seus vizinhos, naturalmente foram influenciados pela tradição regional**. Destacamos, entre outros pontos de contato, a analogia de Utnapishtim e Noé, do pobre inominado e Jó, a gula de Enkil e o episódio da Serpente, e entre o Éden e o Dilum. ([289]) (grifo nosso)

> […] **Entre os mitos da Suméria figura a história do homem de nome desconhecido, rico, judicioso e afortunado com a família e os amigos, que um dia se encontrou sozinho e enfermo por motivos que ele não era capaz de compreender**. […] O homem lastima a sua sorte, exclamando: “Minha palavra honrada transformou-se em mentira... Uma doença maligna cobre meu corpo... Deus meu... por quanto tempo me abandonarás, me deixarás sem proteção?”. A história desse Jó sumeriano tem um desfecho feliz, porque o deus lhe ouviu as preces e fez que as provações terminassem tão abruptamente como haviam começado.

---

287 FOX, 1993, p. 336.

288 MARQUES, 2005, p. 101.

289 KRAMER, 1983, p. 114.

> **Mas as questões fundamentais do sofrimento humano e da justiça divina – formuladas pelo sumério e ainda com maior pungência pelo seu descendente bíblico – ainda nos desafiam**. ([290]) (grifo nosso)

> Um desses heróis distantes, venerado na Babilônia como exemplo de paciência e sofrimento, foi Jó. **Após o exílio, um dos sobreviventes usou essa lenda antiga** para formular perguntas fundamentais sobre a natureza de Deus e sua responsabilidade pelos sofrimentos humanos. **Nessa lenda, Jó é testado por Deu**s e, como suporta com paciência suas imerecidas tribulações, recupera a antiga prosperidade. **Na nova versão, o autor divide ao meio a velha lenda e faz Jó vociferar contra Deus**. Junto com seus três consoladores, Jó ousa questionar os decretos divinos e trava um feroz debate intelectual. […]. ([291]) (grifo nosso)

Temos, portanto, a confirmação de que a história de Jó não passa mesmo de uma lenda, que o autor bíblico tomou emprestada de outros povos, adaptando-a, obviamente, à mensagem que queria passar.

Encontramos até o Jó babilônico, vejam:

> Além do mais, havia também as inevitáveis decepções daquelas almas devotas que, como Jó, tinham cumprido até em demasia todas as obrigações religiosas, apenas para serem abatidas horrivelmente, como foi **o caso de um velho rei devoto, Tabi-utul-Enlil, de cerca de 1750 a.C., conhecido como o Jó da**

290 KRAMER, 1983, p. 123.
291 ARMSTRONG, 2008, p. 89.

Babilônia. Seu lamento e testemunho merecem ser citados:

Meus globos oculares ele obscureceu, trancando-os sob cadeado;

Meus ouvidos ele bloqueou, como os de um surdo.

De rei eu fui transformado em escravo,

E como um louco sou maltratado pelos que estão à minha volta.

tempo de vida designado eu tinha atingido e ultrapassado;

Para onde quer que eu me virasse via maldade sobre maldade.

A miséria crescia, a justiça perecia,

Eu supliquei a meu deus, mas ele não mostrou sua face;

Implorei à minha deusa, mas ela não levantou sua cabeça.

O sacerdote-adivinho não conseguiu prever o futuro através de uma visão,

O necromante com uma oferenda não conseguiu justificar meu caso.

Apelei para o sacerdote oracular: ele não revelou nada.

O mestre exorcista com seus ritos não conseguiu libertar-me da maldição.

Algo igual jamais tinha sido visto:

Para onde quer que eu me virasse, havia sofrimentos pela frente.

Como se eu nunca tivesse reservado a porção do

deus

E não tivesse invocado a deusa na refeição,

Não tivesse inclinado minha cabeça e pago meu tributo:

Como se eu fosse um cuja boca não expressa constantemente súplicas e orações;

Não tivesse reservado o dia do deus; tivesse negligenciado a festa da lua nova;

Sido negligente, ou desprezado suas imagens,

Não tivesse ensinado a seu povo reverência e temor,

Não tivesse invocado sua divindade, ou tivesse comido alimentos do deus,

Negligenciado sua deusa e deixado de fazer a libação:

Sou comparado com o opressor que esqueceu seu senhor

E profanou o sagrado nome de seu deus.

No entanto eu pensava apenas em súplicas e orações;

A oração era minha prática, o sacrifício minha lei,

O dia de adoração dos deuses, o júbilo de meu coração,

O dia de devoção à deusa, mais [valia] para mim do que as riquezas;

Prece real – essa era minha alegria;

Sua celebração – meu deleite.

Ensinei meu país a guardar o nome de deus,

Acostumei meu povo a honrar o nome da deusa.

A glorificação do rei, eu tomei igual à de um deus,

E por temor ao palácio, eu instruí o povo.

Achava que tais coisas fossem agradáveis a um deus…

Aqui temos o problema deste pobre velho. E agora vem a resposta usual, já conhecida da Babilônia por volta de 1750 a.C.

O que, entretanto, parece bom a si mesmo, a um deus desagrada,

E o que é rejeitado encontra as boas graças junto a um deus.

Quem é que pode saber a vontade dos deuses no céu?

O plano de um deus, pleno de mistério – quem pode entendê-lo?

Como podem os mortais descobrir a vontade de um deus?

Pois o homem não passa de uma coisa insignificante,

enquanto os deuses são importantes.

O homem que ontem estava vivo hoje está morto;

Em um instante ele pode enlutar, de repente, ser aniquilado.

Pois, enquanto um dia ele canta e se diverte,

No outro chora como as carpideiras.

O estado de espírito do homem muda como o dia e a noite;

Quando tem fome, é como um cadáver;

Satisfeito, julga-se igual a seu deus;

Quando as coisas vão bem, gaba-se de subir ao céu,

Quando em dificuldades, queixa-se de descer ao inferno.

Como Jó, entretanto, que enfrentaria esse mesmo problema cerca de 1.500 anos mais tarde, o velho rei Tabi-utul-Enlil, embora submetido a severa provação, não foi abandonado por seu deus, mas viu aumentada sua fortuna. Primeiramente, entretanto, para tornar clara a extensão do milagre de seu deus, temos que ouvir toda a litania de seus males:

Um demônio perverso saiu de sua toca,

E, de amarelado, minha enfermidade deixou-me lívido.

Ele golpeou meu pescoço, quebrou minha espinha,

Dobrou minha altura como um álamo;

De maneira que fui arrancado como uma planta do brejo e atirado de costas.

A comida tomou-se amarga – pútrida.

E a doença prolongou seu curso…

Recolhi-me a minha cama, incapaz de deixá-la,

E minha casa tomou-se minha prisão.

Como algemas do meu corpo, minhas mãos ficaram impotentes.

Como cotos de asa, meus pés esmoreceram,

Meu desconcerto era grande, minha dor intensa.

Uma correia de muitas voltas afligia-me,

Uma lança pontuda trespassava-me.

E o perseguidor atormentou-me o dia inteiro;

E por toda a noite não me deu sossego:

Como que deslocadas, minhas juntas estavam e dilaceradas,

Meus membros, despedaçados, ficaram impotentes.

Em meu estábulo passei a noite como um boi,

Imerso como uma ovelha em meus próprios excrementos.

O mal de minhas juntas aturdiu o principal esconjurador,

Para o vaticinador meus presságios eram obscuros;

O exorcista não conseguiu encontrar o caráter da minha doença,

Tampouco o adivinho determinar o limite de meus males.

Mesmo assim nenhum deus veio em meu socorro, tomando-me pela mão,

Nenhuma deusa teve compaixão de mim, ficando a meu lado.

A cova foi aberta, meu sepultamento, ordenado,

embora não morto, já estava sendo pranteado.

O povo de meu país já tinha pronunciado “ais!”

sobre meu corpo.

A face de meu inimigo resplandeceu quando ele soube.

Quando as notícias foram anunciadas, seu fígado se regozijou,

E eu sabia que tinha chegado o dia em que toda minha família,

Dependente da proteção de nossa divindade, estaria em apuros.

Mas então, quando tudo estava perdido e o velho rei, acamado, paralisado, cego, surdo, incapaz de comer e atormentado por dores incessantes chegou à beira do desespero, então veja! **O virtuoso sofredor não foi abandonado**, mas em sua hora mais sombria, veio até ele em um sonho o mensageiro de sua divindade – “um forte herói ornado com uma coroa” – **e tudo o que lhe tinha sido tomado lhe foi devolvido**.

O deus enviou uma forte tempestade até a base da montanha celeste,

Para as profundezas da terra ele dirigiu-a

E obrigou aquele demônio perverso a voltar para o abismo…

Com a maré ele me livrou do calafrio.

Ele arrancou a raiz de meu mal como uma planta.

O mau sono, que tinha impedido meu repouso,

encheu e escureceu os céus como fumaça…

E meus olhos, que tinham sido cobertos pelo véu da noite,

Com um forte vento que levou o véu ele fez brilhar.

De meus ouvidos, que tinham estado fechados e bloqueados,

como os de uma pessoa surda,

Ele removeu a surdez, abrindo sua audição.

A boca que tinha estado tapada, com dificuldade de exprimir sons,

Ele purificou, e como o cobre a fez brilhar.

Os dentes que tinham estado presos, apertados uns contra os outros,

Ele soltou, fortalecendo suas raízes.

Da língua inchada que não podia mover-se,

Ele removeu a intumescência e a fala retomou.

Minha garganta, que tinha estado comprimida como a de um cadáver,

Ele curou e meu peito ressoou como uma flauta…

Meu pescoço tinha sido torcido e pendia:

Ele tornou-o ereto como um cedro erguido.

Minha estatura ele tornou perfeita;

E liberto do demônio, ele poliu minhas unhas.

Ele curou meu escorbuto, livrou-me da coceira…

Todo meu corpo ele restabeleceu.

Pois o velho rei, agarrado à sua fé, tinha sido levado, à maneira de um devoto que vai a Lourdes ou ao Ganges, a uma água sagrada, onde **o poder do deus o curou** imediatamente:

Ele limpou as manchas, tomando o corpo inteiro radiante. A carcaça estropiada recuperou seu esplendor.

Às margens do rio onde os homens são julgados

A marca da escravidão foi apagada e os grilhões retirados.

Daí a seguinte lição:

Deixa aquele que peca contra o templo aprender

comigo:

Na mandíbula do leão prestes a devorar-me, Enlil inseriu um bocado.

Enlil capturou o laço do meu perseguidor:

Enlil sitiou a cova do demônio. ([292]) ([293]) (grifo nosso)

Apenas um detalhe para que não passe despercebido: o Jó babilônico é bem mais antigo do que o Jó judeu.

Lembramo-nos muito bem, quando, nos primeiros contatos com as letras, nossa professora primária, para entreter a turma e desenvolver-lhes a imaginação, contava as famosas histórias infantis. Invariavelmente iniciava assim: **"Era uma vez..."** buscando atrair a atenção dos alunos e criando, desde o início, um clima de expectativa. Bom, poderá nos perguntar: mas o que tem isso a ver com o assunto que você se propõe a falar? O que estamos propondo, caro leitor, é uma relação direta entre essas histórias e a história de Jó; veja como se inicia o relato bíblico, na versão da Bíblia Sagrada Pastoral ([294]):

> Jó 1,1: ***"Era uma vez*** *um homem chamado Jó, que vivia no país de Hus. Era um homem íntegro e reto, que temia a Deus e evitava o mal."*

É estonteante a correlação entre as histórias infantis e essa que estamos citando. Aliás, sobre esse país de Hus instala-

---

292 N.T.: Winternitz, op. Cit. Vol. III, p. 127.

293 CAMPBELL, 1994, p. 116-120.

294 Na maioria das outras Bíblias, lemos: "*Havia na terra de Hus, um homem chamado Jó...*", cujo sentido é o mesmo.

se cizânia geral sobre onde se localiza:

> Hus, **não identificada**, mas por certo, situada ao oriente da Palestina. Há quem a coloque no Hauran, sul de Damasco (cf. Gen. 36,28; Lam 4,21),… ([295]) (grifo nosso)

> - **embora não saibamos com certeza onde se encontra Hus**, sabemos que não é território israelita. ([296]) (grifo nosso)

> - Terra de Hus **é** o território de Edom, fora de Israel… ([297]) (grifo nosso)

> - … Jó, que viveu em Hus, **provavelmente** a sudoeste do Mar Morto,… ([298]) (grifo nosso)

> - **ficava** a sudeste da Palestina, na Idumeia ou Edom (cf. Lm, 4,21). ([299]) (grifo nosso)

> - **certamente** ao sul de Edom (cf. Gn 36,28; Lm 4,21). ([300]) (grifo nosso)

No fundo, ninguém tem certeza de onde é, mas, para escapar dessa dúvida, alguns querem situá-la num lugar conhecido, esperando que os néscios acreditem neles. Consultamos vários mapas bíblicos e em nenhum deles encontramos a localização de Hus, obviamente por não

---

295 Bíblia Sagrada – Edições Paulinas, p. 580.
296 Bíblia do Peregrino, p. 1062.
297 Bíblia Sagrada – Vozes, p. 634.
298 Bíblia Sagrada – Santuário, p. 733.
299 Bíblia Sagrada – Barsa, p. 389.
300 Bíblia de Jerusalém, p. 803.

saberem mesmo onde era ou, conforme acreditamos, não passa de uma ficção literária.

Mas, continuando:

> Jó 1,2-5: *"Tinha sete filhos e três filhas. Possuía também sete mil ovelhas, três mil camelos, quinhentas juntas de bois, quinhentas mulas e grande número de empregados. Jó era o mais rico dos homens do Oriente. Os filhos de Jó costumavam fazer banquetes, um dia na casa de cada um, e convidavam as três irmãs para comer e beber com eles. Quando terminavam esses dias de festa, Jó os mandava chamar, para purificá-los. Ele madrugava e oferecia um holocausto para cada um deles, pensando: 'Talvez meus filhos tenham pecado, ofendendo Deus em seu coração'. E Jó fazia assim todas as vezes."*

Tal qual as estórias infantis, aqui também é realçada a riqueza de Jó e um pouco de sua vivência diária. Interessante, nesse relato, é que não são citados os nomes de seus filhos, como seria de se esperar, caso o relato fosse verdadeiro; nem mesmo o de sua mulher. Observe as quantidades citadas nos vv. 2 e 3, pois na análise da última passagem (Jó 42,12-15) desse livro, nós a citaremos numa comparação.

Embora não seja o que pretendemos abordar, vale uma digressão para um outro assunto, não menos curioso. É a questão de satanás, como sendo o deus do mal; leiamos:

> Jó 1,6-12: "*Certa vez, foram os filhos de Deus apresentar-se ao Senhor; entre eles veio também Satanás. O Senhor, então, disse a Satanás: 'Donde vens?' - 'Dei uma voltas pela terra, andando a esmo',*

> *respondeu ele. O Senhor lhe disse: 'Reparaste no meu servo Jó? Na terra não há outro igual: é um homem íntegro e reto, teme a Deus e se afasta do mal'. Satanás respondeu ao Senhor: 'Mas será por nada que Jó teme a Deus? Porventura não levantaste um muro de proteção ao redor dele, de sua casa e de todos os seus bens? Abençoaste seus empreendimentos e seus rebanhos cobrem toda a região. Mas estende a mão e toca em todos os seus bens; eu te garanto que te lançará maldições em rosto!' Então o Senhor disse a Satanás: 'Pois bem, tudo o que ele possui, eu o deixo em teu poder, mas não estendas a mão contra ele!' E Satanás saiu da presença do Senhor*."

A expressão satanás (ou satã, segundo algumas traduções), conforme nos informam vários tradutores bíblicos, quer dizer "acusador", não sendo, portanto, um ser, mas apenas uma função. Imaginemos num Tribunal de Júri, o promotor de justiça que age na linha de acusação do réu, exatamente o que, no texto, se atribui a esse anjo. Confirmamos o que dizemos pela nota a seguir, relativa a essa passagem: "A corte celeste, que decide os rumos da história, se reúne no estilo de uma corte oriental. Satã, que significa adversário no tribunal, não é aqui a personificação do mal, e sim uma espécie de investigador..." ([301])

Observemos que, se na narrativa está se afirmando que entre os anjos, que se apresentaram a Javé, estava também satanás, é porque ele, evidentemente, era um deles. E se estava junto com os outros não era anjo-mau coisíssima nenhuma. Seria o mesmo que se dizer que o Promotor Público,

---

301 Bíblia Sagrada – Edição Pastoral, p. 640.

que é o outro polo de que necessita a sociedade para o equilíbrio da Justiça, é um advogado mau, pelo simples fato de exercer a função de acusador.

Entretanto, não sabemos de onde a teologia retira que ele, satanás, é um anjo-mau. Só por pura extrapolação, pois, pelo que se vê do relato bíblico, a única coisa que fez foi ferir um pouco o orgulho de Javé. Isso porque, quando Javé disse que Jó era um homem íntegro, o anjo respondeu que ele era assim só porque "os braços" de Javé se estendiam sobre ele, protegendo-o e proporcionando-lhe as regalias terrenas, mas que, se não tivesse isso, talvez Jó não se comportasse daquele modo. Aí Javé deixa que o anjo retire de Jó tudo quanto tinha para ver se assim ele ainda se manteria firme na sua integralidade, como se em algum momento Deus pudesse ter dúvida sobre qualquer coisa ou sentisse a necessidade de alguém lhe provar algo que pensava ser verdadeiro.

Muitos têm a Jó como o "paciente sofredor"; mas será mesmo? Veja:

> Jó 3,1-4: *"Então Jó abriu a boca e amaldiçoou o dia do seu nascimento, dizendo: 'Morra o dia em que nasci e a noite em que se disse: 'Um menino foi concebido'. Que esse dia se transforme em trevas; que Deus, do alto, não cuide dele e sobre ele não brilhe a luz."*

A pergunta é: uma pessoa paciente amaldiçoa o dia em que nasceu? Ou isso é típico dos impacientes? Como se diz; perguntar não ofende...

Mas, não bastasse isso, continua o impaciente e já

revoltado Jó:

> Jó 3,11-16: *“Por que não morri ao sair do ventre de minha mãe, ou não pereci ao sair de suas entranhas? Por que dois joelhos me receberam, e dois peitos me amamentaram? Agora eu repousaria tranquilo e dormiria em paz, junto com os reis e governantes da terra, que construíram túmulos suntuosos para si, ou com os nobres que possuíram ouro e encheram de prata seus mausoléus. Agora eu seria um aborto enterrado, uma criatura que não chegou a ver a luz.”*

O nosso amigo apelou feio, pois disse ter sido preferível que tivesse sido abortado. Atitude compreensível para os que, advogando a vida única, não encontra explicação para a dor e o sofrimento, cujo entendimento só poderá ser justificado se aceitarmos a reencarnação como única situação em que a justiça de Deus se manifesta em plenitude. Mas, apesar disso tudo, encontramos em Jó verdades que bem se aplicam aos que acreditam na reencarnação:

> Jó 4,8: “*Pelo que eu sei, os que cultivam injustiça e semeiam miséria, são esses que as colhem.”*
>
> Jó 5,7: “*E o homem gera seu próprio sofrimento, como as faíscas voam para cima.”*

Dessa fala de Jó retiramos a Lei de Causa e Efeito, comumente denominada de carma, cuja relação com a reencarnação é direta; quem acredita em uma delas acredita também na outra.

Há em Jó uma afirmação que os teólogos fazem de tudo

para mudar-lhe o sentido. Leiamo-la:

> Jó 4,15-16: "*Então **um espírito** passou por diante de mim; fez-me arrepiar os cabelos do meu corpo; parou ele, mas não lhe discerni a aparência; um vulto estava diante de meus olhos; houve silêncio, e ouvi uma voz:...*" (grifo nosso)

Aqui fica evidente, por demais, o fato de Jó ter percebido um espírito; entretanto, os não comprometidos com a verdade, mas com seus próprios dogmas, mudam a palavra "um espírito" por **"um sopro"** ([302]) ou por **"um vento"** ([303]). Lamentável!

Um bom conselho de Jó:

> Jó 8,8-10*: "Consulte as gerações passadas e observe a experiência de nossos antepassados. Nós nascemos ontem e não sabemos nada. Nossos dias são como sombra no chão. Os nossos antepassados, no entanto, vão instruí-lo e falar a você com palavras tiradas da experiência deles"*.

Mesmo não sendo o sentido que daremos, é, por sinal, um sábio conselho, pois os nossos antepassados podem nos orientar com suas experiências pessoais, de modo que não venhamos a errar em coisas que poderemos ter conhecimento para fazer da forma certa. Considerando que àquela época havia muito pouca coisa escrita, como consultar as gerações passadas se seus componentes já morreram e levaram para o

---

302 Bíblias: Vozes, Ave-Maria, de Jerusalém.

303 Bíblia Sagrada – Pastoral.

sepulcro seus conhecimentos? Simples: Evocando-os para lhes consultar o espírito, e, evidentemente, estamos falando aos que acreditam na possibilidade da comunicação com os mortos. Aos que não acreditam, perguntaremos: Teria algum sentido Moisés proibir de se comunicar com os mortos se isso não existisse ou não fosse possível?

Muitos acreditam que o homem ainda vem pagando pelo pecado de Adão e Eva; e disso tiram que os filhos pagam pelos erros dos pais; mas Jó parece não concordar com isso:

> Jó 21,19-21: *"Dizem que Deus castiga os filhos do injusto! Ora, faça que o injusto mesmo pague e aprenda: que veja com seus próprios olhos a desgraça, e beba a ira do Todo-poderoso. Pois, o que lhe importa a sua família depois de morto, quando o tempo de sua vida tiver chegado ao fim?"*

Pena que, em sua justificativa, Jó demonstra não acreditar na vida após a morte, evidenciando uma posição incontestavelmente materialista: "morreu acabou".

Um ponto fundamental levantado por Jó, mas, infelizmente, ainda não assimilado pela grande maioria das pessoas:

> Jó 34,11-12: *"Deus paga ao homem conforme as suas obras e retribui a cada um conforme a sua conduta. Deus, na verdade, não age de modo injusto. O Todo-poderoso nunca viola o direito."*

E mesmo assim, alguns ainda acham que, por pertencerem a determinada corrente religiosa ou por aceitarem

Jesus como seu Senhor e salvador, já estejam salvos. Doce ilusão! A justiça é clara: *"a cada um segundo suas obras"* (Mateus 16,27).

Diante da afirmação acima de que Deus *"retribui a cada um conforme sua conduta"*, como explicar que alguém tenha nascido aleijado se *"Deus corrige o homem também com o sofrimento na cama"* (Jó 33,19)? Explicação lógica somente se acreditarmos na preexistência do espírito e na reencarnação; aliás, para nós, é o grande problema insolúvel de Jó: mesmo justo ainda sofre. Como não podiam atribuir esse sofrimento a Deus, por ser injusto, inventaram esse "teste de paciência".

A falta de conhecimento das leis da natureza fazia com que o povo hebreu atribuísse a uma atitude de Deus determinados fenômenos naturais como, por exemplo:

> Jó 36,32-33: *"Enche as mãos com raios e atira-os no alvo certo. O trovão anuncia a chegada dele, e a sua ira se acende com a injustiça."*

E ainda há quem diga que a Bíblia é totalmente de inspiração divina. Ô, coitado! Mas a coisa fica bem pior, quando atribuem solidez ao céu (firmamento):

> Jó 37,18: *"Por acaso você já estendeu com ele o firmamento,* ***sólido como espelho de metal fundido****?"* (grifo nosso)

A palavra firmamento vem de firme, já que acreditavam que o céu, esse azul que vemos acima de nossas cabeças, era totalmente sólido. Para o povo hebreu havia de ser assim, pois

era a única maneira de explicar a existência das águas que caíam por ocasião das chuvas, já que não conheciam o fenômeno da evaporação da água. É interessante observarmos que em Gêneses já encontramos essa ideia:

> Gênesis 1,6-8*: "Deus disse: 'Que exista* ***um firmamento no meio das águas*** *para separar águas de águas!' Deus fez o firmamento* ***para separar as águas*** *que estão acima do firmamento das águas que estão abaixo do firmamento. E assim se fez. E Deus* ***chamou ao firmamento 'céu'****."* (grifo nosso)

Essa é também mais uma das inúmeras passagens que não podemos atribuir como sendo de inspiração divina, já que são evidentemente frutos da cultura daquela época.

Muito curioso é que algumas passagens sugerem a ideia da preexistência da alma, bem como, a reencarnação, como essa, por exemplo:

> Jó 38,21: *"Certamente você sabe disso tudo, pois já então havia nascido e já viveu muitíssimos anos."*

Como alguém poderia ter vivido muitíssimos anos senão reencarnando várias vezes? É uma boa pergunta para quem defende vida única.

Se alguém nos descrevesse um animal dessa forma:

> Suas costas são fileiras de escudos, ligados com lacre de pedra; são tão unidos uns com os outros, que nem ar passa entre eles; cada um é tão ligado com o outro, que ficam travados e não se podem separar. Seus

> espirros lançam faíscas, e seus olhos são como a cor rosa da aurora. De sua boca irrompem tochas acesas e saltam centelhas de fogo. De suas narinas jorra fumaça, como de caldeira acesa e fervente. Seu bafo queima como brasa, e sua boca lança-chamas. Em seu pescoço reside a força, e diante dele dança o terror.

Que ideia nós iríamos ter desse animal? Exato: um dragão! Pois é, caro leitor, na Bíblia há a descrição de um animal assim... Veja:

> Jó 40,25-41,26: *"Por acaso você é capaz de pescar o Leviatã com anzol e amarrar-lhe a língua com uma corda? Você é capaz de furar as narinas dele com junco e perfurar sua mandíbula com gancho? Será que ele viria até você com muitas súplicas ou lhe falaria com ternura? Será que faria uma aliança com você, para você fazer dele o seu criado perpétuo? Você brincará com ele como se fosse um pássaro, ou você o amarrará para suas filhas? Será que os pescadores o negociarão, ou os negociantes o dividirão entre si? Poderá você crivar a pele dele com dardos ou a cabeça com arpão de pesca? Experimente colocar a mão em cima dele: você se lembrará da luta, e nunca mais repetirá isso! Veja! Diante dele, toda segurança é apenas ilusão, pois basta alguém vê-lo para ficar com medo. Ninguém é tão corajoso para provocá-lo. Quem poderia enfrentá-lo cara a cara? Quem jamais se atreveu a desafiá-lo, e saiu ileso? Ninguém debaixo de todo o céu**. **Não deixarei de descrever os membros dele, nem sua força incomparável**. Quem abriu **sua couraça** e penetrou por sua dupla armadura? Quem abriu as duas portas de **sua boca**, rodeadas de dentes terríveis? **Suas costas** são fileiras de escudos, ligados com lacre de pedra; são tão unidos uns com os outros, que nem ar passa entre eles; cada um é tão ligado com o outro, que ficam*

travados e não se podem separar. ***Seus espirros*** *lançam faíscas, e* ***seus olhos*** *são como a cor rosa da aurora.* ***De sua boca irrompem tochas acesas*** *e saltam centelhas de fogo.* ***De suas narinas jorra fumaça****, como de caldeira acesa e fervente.* ***Seu bafo queima como brasa****, e* ***sua boca lança chamas****. Em* ***seu pescoço*** *reside a força, e diante dele dança o terror.* ***Os músculos do seu corpo*** *são compactos, são sólidos e imóveis.* ***Seu coração*** *é duro como rocha e sólido como pedra de moinho. Quando ele se ergue, os heróis tremem e fogem apavorados. A espada que o atinge não penetra, nem a lança, nem o dardo, nem o arpão. Para ele o ferro é como palha, e o bronze como madeira podre. A flecha não o afugenta, e as pedras da funda se transformam em palha para ele. A maça é para ele como estopa, e ele zomba dos dardos que assobiam.* ***Seu ventre****, coberto de escamas pontudas, é uma grade de ferro que se arrasta sobre o lodo. Ele faz ferver o fundo do mar como caldeira, e a água fumegar como vasilha quente cheia de unguentos. Atrás de si deixa uma esteira brilhante, e a água parece cabeleira branca.* ***Na terra ninguém se iguala a ele, pois foi criado para não ter medo.*** *Ele se confronta com os seres mais altivos, e é o rei das feras soberbas*." (grifo nosso)

Vejamos como nos explicam a palavra Leviatã:

> **Leviatã** (ou também o Dragão, a Serpente Fugitiva – cf. 26,13; 40,25+; Is 27,1; 51,9; Am 9,3; Sl 74,14; 104,26) **era, na mitologia fenícia, monstro do caos primitivo** (cf. 7,12+); a imaginação popular podia sempre recear que despertasse, atraído por uma eficaz maldição contra a ordem existente… ([304]) (grifo nosso)

304 Bíblia de Jerusalém, p. 805.

Assim, vemos aqui que a cultura de outros povos, no caso em questão os fenícios, está influenciando um autor bíblico no seu relato. Daí concluirmos que, realmente, não dá para aceitarmos que tudo isso seja mesmo de inspiração divina, deixamos isso para os fanáticos.

Vamos agora analisar a última passagem do livro de Jó:

> Jó 42,12-15*: "E Javé abençoou a Jó, mais ainda do que antes. Ele possuía agora catorze mil ovelhas, seis mil camelos, mil juntas de bois e mil jumentas. Teve sete filhos e três filhas: a primeira chamava-se Rola, a segunda Cássia e a terceira Azeviche. Em toda a terra não havia mulheres mais belas do que as filhas de Jó. E o seu pai repartiu a herança entre elas e os irmãos delas."*

Esse final glorioso do livro de Jó é deveras muito intrigante, pois, enquanto os seus filhos continuaram na mesma quantidade, os seus bens duplicaram em relação à sua situação anterior, veremos isso comparando Jó 1,2 com 42,13 e Jó 1,3 com 42,12, respectivamente. Será que ter bens terrenos é muito mais importante que ter filhos, uma vez que a quantidade de filhos permaneceu a mesma, enquanto que seus bens – ovelhas, camelos, bois e jumentas -, foram todos eles duplicados? Essa é a comparação que falamos, quando, anteriormente, analisamos a passagem Jó 1,2-5.

Outra coisa: para o povo judeu a mulher não tinha nenhum valor; por isso é estranha a citação dos nomes das filhas de Jó, quando o esperado, se fosse para citar algum nome, seriam os dos seus filhos. Por outro lado, elas só

receberiam a herança na falta daqueles, conforme está determinado em Números 27,8.

Por essa passagem fica confirmado que a ideia de uma vida após a morte ainda não era pensamento comum; daí suporem que as bênçãos de Deus deveriam ser dadas em bens terrenos e não em bens espirituais, ou seja, para uma vida no plano espiritual.

A conclusão que chegamos é desnecessário colocar, pois de certa forma a nossa opinião já foi dada no desenrolar deste estudo; por isso, vamos, por termos achado fantástica, transcrever a opinião de Ivo Storniolo (1944-2008) e Euclides Martins Balancin, tradutores da *Bíblia Sagrada – Edição Pastoral*, publicação da Paulus:

> […] percebemos que o livro de Jó é uma crítica de toda teologia que se pretenda definitiva e universal. Essa teologia pode se tornar um verdadeiro obstáculo para a própria experiência de Deus. E aqui o autor dá o seu recado: É preciso pensar a religião a partir da experiência de Deus e não de uma teoria a respeito dele.
>
> […].
>
> **O livro é um convite para nos libertar da prisão das ideias feitas e continuadamente repetidas**, a fim de entrar na trama da vida e da história, onde Deus se manifesta ao pobre e se dispõe a caminhar com ele para construir um mundo novo. Tal solidariedade de Deus se transforma em desafio: Estamos dispostos a abandonar nossas tradições teológicas para nos solidarizar com o

> pobre e fazer com ele a experiência de Deus? ([305]) (grifo nosso)

Como se diz popularmente: falou muito pouco, mas disse tudo.

305 Bíblia Sagrada – Pastoral, p. 639.

Satanás – ser ou não ser, eis a questão.

> “O fato de deturparem a verdade não significa que ela tenha deixado de ser verdadeira. Apenas significa que conseguiram esconder a verdade de si mesmos.” (Paul Ferrini)

Tentaremos fazer uma pesquisa sobre esse tema, para ver se realmente tal ser existe ou não. Primeiramente, devemos buscar conhecer sua origem.

No livro *A História da Bíblia*, Hendrik Willem Van Loon, com tradução de Monteiro Lobato (1882-1948), Cap. XVIII – Judeia, Província Grega, encontramos:

> Durante a longa residência na Pérsia, os judeus travaram conhecimento com um novo sistema religioso. Os persas seguiam um grande mestre de nome Zaratustra, ou Zoroastro.
>
> Zaratustra considerava a vida como uma eterna luta entre o Bem e o Mal. O deus do Bem, Ormuzd, estava sempre em guerra com o deus do Mal e da ignorância - Ariman. Ora, isto era uma ideia nova para a maior parte dos judeus.
>
> Até então haviam eles reconhecido a um senhor único, ao qual deram o nome de Jeová. Quando as coisas corriam mal, quando eles eram derrotados nas batalhas ou assolados por moléstias, invariavelmente atribuíam o desastre à falta de devoção do povo. A ideia de que o pecado proviesse de interferência dum espírito do mal, nunca lhes ocorrera. A própria serpente no

> Paraíso parecia-lhes menos culpada que Adão e Eva, os quais conscientemente haviam desobedecido à vontade divina.
>
> **Sob a influência das doutrinas de Zaratustra, os judeus começaram a crer na existência dum espírito que procurava desfazer a obra de Jeová**. A esse adversário deram o nome de Satã.
>
> Passaram a odiá-lo e temê-lo, e no ano 331 convenceram-se de que Satã andava pela terra. ([306]) (grifo nosso)

Informação importantíssima, traz-nos Hendrik, pois agora sabemos que a cultura persa acabou por influenciar os nossos antepassados no tocante à existência de satanás (letra minúscula é proposital).

A primeira vez que essa palavra aparece na Bíblia é em 1 Crônicas 21,1. Entretanto, a esse respeito podemos citar as observações do Severino Celestino da Silva, autor do livro *Analisando as Traduções Bíblicas*, no qual expõe o seguinte:

> Uma outra observação interessante é que o livro de Samuel foi escrito antes da influência persa no ano de 622 a.C. e, no II livro de Samuel em seu capítulo 24:1, você lê com relação ao Recenseamento de Israêl o seguinte: **'A cólera de IAHVÉH se inflamou novamente contra Israêl e excitou David contra eles, dizendo-lhe; Vai recensear Israêl e Judá'**.
>
> Agora veja esta mesma passagem no I livro das Crônicas, que foi escrito no começo do ano 300 a.C., portanto, já sob a influência do Zoroastrismo persa, com

306 VAN LOON, 1981, p. 122.

> o já conhecimento de **'Ahriman' – 'Satanás'.** No capítulo 21:1 desse livro, está escrito: Recenseamento: **'e levantou-se Satã contra Israêl, e excitou David a fazer o recenseamento de Israêl'**. Portanto, o que era **IAHVÉH** no livro de Samuel aparece agora no livro das Crônicas como **SATANÁS**. (Confira em sua Bíblia).
>
> Assim, está evidenciado que Satanás não é um conceito original da Bíblia, e sim, introduzido nela, a partir do Zoroastrismo Persa. ([307]) (grifo do original)

Desta forma, a prova da incorporação da cultura religiosa persa se nos apresenta de maneira clara. E, a título de informação, o domínio persa sobre os judeus se deu no período de 539 a 400 a.C.

Seguindo, vamos encontrá-lo novamente no livro de Jó, que narra:

> Jó 1,6-12*: "Certa vez, foram os filhos de Deus apresentar-se ao Senhor; entre eles veio também Satanás. O Senhor, então, disse a Satanás: 'Donde vens?' –'Dei umas voltas pela terra, andando a esmo', respondeu ele. O Senhor lhe disse: 'Reparastes no meu servo Jó? Na terra não há outro igual: é um homem íntegro e reto, teme a Deus e se agasta do mal'. Satanás respondeu ao Senhor: 'Mas será por nada que Jó teme a Deus? Porventura não levantaste um muro de proteção ao redor dele, de sua casa e de todos os seus bens? Abençoastes seus empreendimentos e seus rebanhos cobrem toda a região. Mas estende a mão e toca em todos os seus bens: eu te garanto que te lançará maldições em rosto!' Então o Senhor disse a Satanás: 'Pois bem, tudo o que ele possui, eu o deixo*

307 SILVA, 2001, p. 278-279.

em teu poder, mas não estendas a mão contra ele!' Mas Satanás saiu da presença do Senhor."

Informam-nos os tradutores da *Bíblia Sagrada Vozes*, em nota de rodapé, que ***"Satanás não é o demônio da concepção cristã, mas mero personagem funcional da narrativa."*** ([308]) (grifo nosso) Deduzimos, pela informação, que não se trata, portanto, de um ser.

Por volta do ano 520 a.C., em pleno domínio persa, aparece no cenário bíblico o profeta Zacarias. Em seu livro encontramos mais uma vez referência a satanás; vejamos: *"Ele me fez ver o sumo Sacerdote Josué, que estava de pé diante do anjo do Senhor, e Satã, que estava de pé à sua direita para acusá-lo."* (Zacarias 3,1)

Os mesmos tradutores, citados há pouco, nos dão a seguinte informação: **"Satã não é ainda o Espírito do Mal ou o Demônio da concepção cristã. Não é uma pessoa, mas antes alguém que exerce uma função, a de contradizer a Deus; só aos poucos é visto como um ser pessoal."** ([309]) (grifo nosso) Confirmam o que disseram anteriormente, mas agora de uma maneira ainda mais clara que não permite outro tipo de interpretação.

É muito comum citarem numa passagem de Isaías 14, como uma referência a satanás. Vejamo-la:

Isaías 14,12-15: *"Como caíste do céu, ó estrela d'alva,*

---

308 Bíblia Sagrada – Vozes, p. 634.

309 Bíblia Sagrada – Vozes, p. 1161.

> *filho da aurora! Como foste atirado à terra, vencedor das nações! E, no entanto, dizias no teu coração: 'Subirei até o céu, acima das estrelas de Deus colocarei o meu trono, estabelecer-me-ei na montanha da Assembleia, nos confins do norte. Subirei acima das nuvens, tornar-me-ei semelhante ao Altíssimo'. E, contudo, foste precipitado ao Xeol, nas profundezas do abismo."*

Na publicação "Mundo Novo", Bíblia usada pelos protestantes, nós encontramos, em nota de rodapé dos tradutores, que seria uma referência a satanás. ([310]) Já na Bíblia Sagrada Vozes, de orientação católica, a nota diz que essa passagem é "provavelmente uma alusão a um mito cananeu. Há diversos paralelismos com textos da literatura ugarítica, descobertos em Rãs-Shamra." ([311]). Esse trecho pode estar relacionado ao mito cananeu; entretanto, importante dizer que ele, na verdade, é uma sátira que Deus manda Isaías fazer ao rei da Babilônia, conforme podemos verificar no início do texto (13,1 e 14,4). Assim, o contexto não autoriza ninguém a atribuir tal referência a alguém a não ser ao rei da Babilônia.

Igual procedimento fizeram em relação a Ezequiel 28,11-15, que, também, não se refere a satanás, mas a uma lamentação (canto de tristeza) que Deus ordena que se faça sobre o rei de Tiro (v. 12).

O entendimento correto de que satanás quer dizer adversário, podemos confirmar em Mateus:

---

310 A Bíblia Anotada, p. 866.

311 Bíblia Sagrada – Vozes, p. 903.

> Mateus 16,21-23: "*E Jesus começou a mostrar aos seus discípulos que devia ir a Jerusalém, e sofrer muito da parte dos anciãos, dos chefes dos sacerdotes e dos doutores da Lei, e que devia ser morto e ressuscitar ao terceiro dia. Então Pedro levou Jesus para um lado, e o repreendeu, dizendo: 'Deus não permita tal coisa, Senhor! Que isso nunca te aconteça!' Jesus, porém, voltou-se para Pedro, e disse: 'Fique longe de mim, Satanás! Você é uma pedra de tropeço para mim, porque não pensa as coisas de Deus, mas as coisas dos homens!'*"

Por essa passagem podemos ver que Cristo não estava dizendo que Pedro estava com satanás, mas que ele estava exercendo a função de adversário, que expressa o verdadeiro conteúdo semântico dessa palavra. Podemos até ressaltar que em momento algum Jesus expulsou satanás de alguém, mas somente "demônios", ou seja, espíritos maus, provando desta forma que ele não é um ser como querem os teólogos.

Vejamos, agora, a análise mais completa que o Severino Celestino faz em seu livro *Analisando as Traduções Bíblicas*:

> **Satanás**
>
> Satanás é uma figura muito controvertida na Bíblia. A palavra 'Satã' significa acusador.
>
> Aparece, pela primeira vez no livro de Jó, sendo como um promotor celestial. A sua intimidade com Deus e o direito de entrar no **"Céu"**, de ir e vir livremente e dialogar com Ele, torna-o uma figura de muito destaque. Veja o livro de Jó 1:6 **"Um dia em que os filhos de Deus se apresentaram diante do Senhor, veio também Satanás entre eles"**.

O livro de Jó foi escrito depois do Exílio Babilônico. Sabemos que o povo judeu, tendo retornado a Israel com a permissão de Ciro, rei persa, no ano de 538 a.C., assimilou muitos costumes dos persas. Isso ocorreu devido à simpatia e apoio que receberam do rei, que inclusive permitiu a construção do Segundo Templo judaico e ainda devolveu muitos de seus tesouros, que haviam sido roubados.

A religião dos persas, o Zoroastrismo, influenciou sobremaneira o judaísmo.

No Zoroastrismo, existe o Deus supremo **"Ahura-Mazda"** que sofre a oposição de uma outra força poderosa, conhecida como **"Angra Mainyu, ou Ahriman", "o espírito mau"**. Desde o começo da existência, esses dois espíritos antagônicos têm-se combatido mutuamente.

O Zoroastrismo foi uma das mais antigas religiões a ensinar o triunfo final do bem sobre o mal. No fim, haverá punição para os maus, e recompensa para os bons.

E foi do Zoroastrismo que os judeus aprenderam a crença em um **"Ahriman"**, um diabo pessoal, que, em hebraico, eles chamaram de **"Satanás"**. Por isso, o seu aparecimento na Bíblia só ocorre no livro de Jó e nos outros livros escritos após o exílio Babilônico, do ano de 538 a.C. para cá. Nestes livros, já aparece a influência do Zoroastrismo persa. Observe ainda que a tentação de Adão e Eva é feita pela serpente e não por Satanás, demonstrando assim, que o escritor do Gênesis não conhecia Satanás. Os sábios judaicos interpretando o Eclesiastes 10:11, afirmam (***Pirkei de Rabi Eliezer 13***), que na verdade, a cobra que seduziu Adão e Eva era o Anjo Samael que apareceu na terra sob forma de serpente. E que Ele é conhecido como o "dono da língua". O Anjo Samael, que apareceu sob a forma de serpente, usou sua língua, e este poder pode ser usado

somente para dominar o sábio. Ele não pode prevalecer sobre um ignorante.

Uma outra observação interessante é que o livro de Samuel foi escrito antes da influência persa no ano de 622 a.C. e, no II livro de Samuel em seu capítulo 24:1, você lê com relação ao Recenseamento de Israêl o seguinte: **"A cólera de IAHVÉH se inflamou novamente contra Israêl e excitou David contra eles, dizendo-lhe; Vai recensear Israêl e Judá".**

Agora veja esta mesma passagem no I livro das Crônicas, que foi escrito no começo do ano 300 a.C., portanto, já sob a influência do Zoroastrismo persa, com o já conhecimento de **"Ahriman", – "Satanás"**. No capítulo 21:1 desse livro, está escrito: Recenseamento: **"e levantou-se Satã contra Israêl, e excitou David a fazer o recenseamento de Israêl"**. Portanto, o que era **IAHVÉH** no livro de Samuel aparece agora no livro das Crônicas como **SATANÁS**. (Confira em sua Bíblia).

Assim, está evidenciado que Satanás não é um conceito original da Bíblia, e sim, introduzido nela, a partir do Zoroastrismo Persa.

Passa a existir a partir daí, **"uma lenda"** entre o povo judeu de que Satanás é considerado como o rei dos demônios, que se rebelara contra Deus sendo expulso do céu. Ao exilar-se do céu, levou consigo uma hoste de anjos caídos, e tornou-se seu líder. A rebelião começou quando ele, Satanás, o maior dos anjos, com o dobro de asas, recusou prestar homenagem a Adão. Afirmam ainda que esteve por trás do pecado de Adão e Eva, no Jardim do Éden, mantendo relação sexual com Eva, sendo portanto, pai de Caim. Ajudou Noé a embriagar-se com vinho e tentou persuadir Abraão a não obedecer a deus no episódio do sacrifício do seu filho Isaac.

Muitas pessoas acreditam no poder de Satanás e até

> o enaltecem em suas igrejas, razão pela qual, acharmos que seriam fechadas muitas igrejas se os seus dirigentes deixassem de acreditar em Satanás. ([312]) (grifo do original)

Endossamos essas últimas palavras do Severino Celestino.

Somente pessoas retrógradas ou de mente fechada é que podem acreditar na existência de duas potências – a do bem e a do mal – a lutar perpetuamente pela "posse" das almas. De duas uma: ou Deus é tudo ou não é nada. Como não admitimos a segunda hipótese, temos convicção que Deus é tudo. E tudo o que existe é criação sua, e como Deus não criaria o mal, pressupomos que o mal é temporário.

Por outro lado, não poderia criar um ser perfeito que posteriormente viesse a decair, pois, assim, chegaríamos à conclusão de que Deus não o teria criado sem defeito. Ora, sendo o Criador a perfeição absoluta, tudo que faz é perfeito por natureza e origem.

Mas o homem, ainda não compreendendo a grandeza de Deus, vem, infelizmente, perpetuando esse dualismo entre o bem e o mal, principalmente no meio das religiões cristãs tradicionais.

Erro teológico, que a nosso ver é grave, pois é com esse pensamento, que sustentam uma pedagogia negativa, querendo que seus fiéis façam o bem somente por medo do

---

312 SILVA, 2001, p. 277-283.

“tridente de satanás”, ao invés, do que seria óbvio e lógico, fazer o bem por amor ao Pai Celestial.

Jonas e a baleia

> “Os erros não deixam de ser erros só porque todos os cometem ao mesmo tempo.” (ROBIN LANE FOX)
>
> “Para lançar um milagre, basta um mentiroso que o invente e um imbecil que nele creia.” (WASHBURN)

Quanto mais estudamos a Bíblia, mais nos convencemos que ela não é mesmo a palavra de Deus, muito embora possa ter uma coisa ou outra que realmente seja. Partimos do pressuposto de que para um ensinamento ter como origem a divindade ele não poderá ser ambíguo de forma a levar as pessoas a não se entenderem sobre o seu sentido. Espinosa, célebre filósofo do século XVII, muito lucidamente, disse que se a Bíblia fosse um livro de grandes mistérios ela só seria entendida pelos eruditos, ficando sem entendê-la a massa de fiéis; assim, precisaríamos de uma academia de sábios para decifrá-la para nós outros.

É muito interessante, conforme iremos ver mais à frente, como se instala uma verdadeira balbúrdia, quando buscamos a opinião de vários autores sobre determinada passagem bíblica, inclusive, umas contradizendo as outras; é um verdadeiro caos.

Veremos, neste estudo, a história de uma pessoa que foi engolida por uma baleia (ou peixe grande?) que, depois de três dias, foi regurgitada na praia. Isso nos parece ser ocorrência

única, pois não nos lembramos de ter ouvido falar de outro caso igual. Vejamos o relato bíblico:

> **Jonas 1,1-16:** *"A palavra de Iahweh foi dirigida a: Jonas, filho de Amati: 'Levanta-te, vai a Nínive, a grande cidade, e anuncia contra ela que a sua maldade chegou até mim'. E Jonas levantou-se para fugir para Társis, para longe da face de Iahweh. Ele desceu a Jope e encontrou um navio que ia para Társis, pagou a passagem e embarcou para ir com eles para Társis, para longe da face de Iahweh. Mas Iahweh lançou sobre o mar um vento violento, e houve no mar uma grande tempestade, e o navio estava a ponto de naufragar. Os marinheiros tiveram medo e começou a gritar cada qual para o seu deus. Lançaram ao mar a carga para aliviar o navio. Jonas, porém, havia descido para o fundo do navio, tinha-se deitado e dormia profundamente. O comandante do navio aproximou-se dele e lhe disse: 'Como podes dormir? Levanta-te, invoca o teu Deus! Talvez Deus se lembre de nós e não pereceremos'. E eles diziam uns aos outros: 'Vinde, lancemos sortes para saber por causa de quem nos acontece esta desgraça'. Eles lançaram as sortes e a sorte caiu sobre Jonas. E lhe disseram então: 'Conta-nos qual é a tua missão, donde vem, qual a tua terra, a que povo pertences'. Ele lhes disse: 'Sou hebreu e venero a Iahweh, o Deus do céu, que fez o mar e a terra'. Então os homens foram tomados por grande temor e lhe disseram: 'Que é isto que fizeste?' Pois os homens sabiam que ele fugia para longe da face de Iahweh, porque lhes tinha contado. Eles lhe disseram: 'Que te faremos para que o mar se acalme em torno de nós?' Pois o mar se tornava cada vez mais tempestuoso. Ele lhes disse: 'Tomai-me e lançai-me ao mar e o mar se acalmará em torno de vós, porque eu sei que é por minha causa que esta grande tempestade se levantou contra vós'. Então os homens*

remaram para atingir a terra, mas não puderam, pois o mar se tornava cada vez mais tempestuoso contra eles. Eles invocaram então a Iahweh e disseram: 'Ah! Iahweh, não queremos perecer por causa da vida deste homem! Mas não ponhas sobre nós o sangue inocente, pois tu agiste como quiseste'. E tomaram Jonas e o lançaram ao mar e o mar cessou o seu furor. Os homens foram então tomados por um grande temor para com Iahweh, ofereceram um sacrifício a Iahweh e fizeram votos!".

Jonas 2,1-11: *"E Iahweh determinou que surgisse um peixe grande para engolir Jonas. Jonas permaneceu nas entranhas do peixe três dias e três noites. Então orou Jonas a Iahweh, seu Deus, das entranhas do peixe. Ele disse: 'De minha angústia clamei a Iahweh, e ele me respondeu;* ***do seio do Xeol pedi ajuda****, e tu ouviste a minha voz.* ***Lançaste-me nas profundezas****, no seio dos mares, e a torrente me cercou, todas as tuas ondas e as tuas vagas passaram sobre mim: E eu dizia: Fui expulso de diante de teus olhos. Todavia, continuo a contemplar o teu santo Templo!* ***As águas me envolveram até o pescoço****, o abismo cercou-me, e a alga enrolou-se em volta de minha cabeça.* ***Eu desci até às raízes das montanhas****, à terra cujos ferrolhos estavam atrás de mim para sempre. Mas tu fizeste subir da fossa a minha vida, Iahweh, meu Deus. Quando minha alma desfalecia em mim, eu me lembrei de Iahweh, e minha prece chegou a ti, até o teu santo Templo. Aqueles que veneram vaidades mentirosas abandonam o seu amor. Quanto a mim, com cantos de ação de graças, oferecer-te-ei sacrifícios e cumprirei os votos que tiver feito: a Iahweh pertence a salvação!'*

Então Iahweh falou ao peixe, e este vomitou Jonas sobre a terra firme." ([313])

Antes de mostrar as opiniões sobre se essa passagem é um fato real ou ficção, vamos ver dois versículos especiais.

No capítulo 2, o versículo 3 é divergente nas várias bíblias (Barsa, de Jerusalém, Vozes, Santuário, Paulinas, Ave-Maria, do Peregrino e a Anotada), nas quais encontramos os termos: ventre do inferno (uma vez); do seio do xeol (duas vezes); do meio da morada dos mortos (duas vezes); desde o ventre do sepulcro (uma vez) e do ventre do abismo (duas vezes). O que nos leva a concluir que Jonas não dizia do ventre do peixe, mas pensava estar no lugar para onde se acreditava iam todos os mortos. Isso pode ser facilmente confirmado pelo versículo 6, quando o termo usado foi abismo (seis vezes) e oceano (duas vezes), que não tem nada a ver com estar no ventre de algum peixe.

Agora, vejamos algumas opiniões que a coloca como fato não histórico:

> **Este livro não é uma profecia**, mas a história de determinada missão de Jonas a Nínive. Ainda se discute sobre seu gênero literário que parece ser didático. O Espírito Santo, por meio do autor inspirado, **narra uma história fictícia** para ensinar que Deus governa todas as criaturas inclusive os homens, mesmo quando estes não querem obedecer, e que as profecias de castigos futuros visam principalmente a conversão dos interessados mesmo que estes sejam pagãos, além de

313 Texto da *Bíblia de Jerusalém.*

outros muitos ensinamentos que vão aparecendo no desenrolar da história. ([314]) (grifo nosso)

O livro de Jonas **não contém oráculos proféticos**, mas uma narração envolvendo a pessoa de um tal de Jonas filho de Amati. O livro refere-se provavelmente ao mesmo Jonas mencionado em 2Rs 14,25. **Não se trata, porém, de um relato histórico.** O livro de Jonas pertence ao gênero literário midráxico e é um ensinamento didático de caráter sapiencial. ([315]) (grifo nosso)

O livro não é histórico. É evidente que há muitas coisas improváveis. Tampouco é um livro profético. Somente o nome de seu herói, tirado de 2Rs 14,25, e a missão a ele confiada o fizeram entrar no rol dos profetas. O estilo, o vocabulário, os aramaísmos levam a pensar no período pós-exílico. A maioria dos autores pensa no V Século. O Salmo 2,3-10 é um acréscimo.

O livro constitui uma sátira, impregnada de humor sorridente, mas eficaz, do profetismo e de sua mensagem, bem como da consciência israelita educada pelos profetas. […]. ([316]) (grifo nosso)

Muitos perguntam a si mesmos se é preciso tomar à letra a narrativa maravilhosa de Jonas. Com São Gregório Nazianzeno, cremos que é preciso **ver aí um ensinamento** religioso velado **sob as formas de uma parábola**. ([317]) (grifo nosso)

A parábola de Jonas nos oferece um grande ensinamento, por meio de uma ironia sustentada, que

---

314 Bíblia Sagrada – Barsa, p. 748.

315 Bíblia Sagrada – Vozes, p. 1137.

316 MONLOUBOU e DU BUIT, 1997, p. 431.

317 Bíblia Sagrada – Ave-Maria, p. 41.

> num ponto chega a sarcasmo, e conclui com uma pergunta desafiadora. Jonas é o antiprofeta que não quer ir aonde o Senhor o envia, nem dizer o que lhe ordena. Assim se torna o mau, enquanto que os bons são primeiro os marinheiros pagãos, depois os ninivitas agressores. Jonas tem de enfrentar os inimigos mitológicos, o mar e o cetáceo, e aprender que o Senhor os controla e os submete a seu serviço. ([318]) (grifo nosso)

Entretanto, contrariamente, outras opiniões nos dão conta que esse relato é histórico; leiamos:

> História ou Alegoria. Alguns consideram este livro uma alegoria, escrito por volta de 430 a.C. para combater o exclusivismo de Esdras e Neemias. Sob esta ótica, Jonas representa a nação israelita desobediente; o mar representa os gentios; o grande peixe, Babilônia; os três dias no ventre do peixe, o cativeiro dos judeus em Babilônia.
>
> De acordo com 2Rs 14:25, entretanto, além de ser uma pessoa real, Jonas foi também um profeta nacionalmente reconhecido e oriundo de Gate-Hefer, próximo a Nazaré. Além disso, **Jesus tratou Jonas e sua experiência no ventre do peixe como fato histórico** (Mt 12,39-41). E, naturalmente, **o livro apresenta um relato histórico direto e simples**. Isso não exclui a presença de lições, através de tipos, ilustrados pelos incidentes históricos. ([319]) (grifo nosso)
>
> […] Seria, portanto – pode-se perguntar – o livro de Jonas uma parábola, e não o relato de fatos realmente

---

318 Bíblia do Peregrino, p. 2228.

319 A Bíblia Anotada, p. 1126.

> ocorridos? É o que pensam hoje muitos, fora da Igreja católica e também alguns de seus membros. Mas não se apresentam razões decisivas para essa afirmação. Aquilo que a obra nos conta de maravilhoso, não constitui dificuldade para quem admite, como se deve admitir, a possibilidade do milagre. O fim didático funda a possibilidade, não a necessidade de uma ficção literária. Os fatos reais têm igualmente força para instruir a mente e maior eficácia para mover a vontade. Estando assim neste ponto as conclusões, **não é de prudência cristã duvidar da realidade histórica dos fatos**, **levada em conta pelo próprio Jesus**. ([320]) (grifo nosso)

Apesar de aqui se apelar para a veracidade, usando como argumento o fato de Jesus ter citado essa passagem, encontramos, ainda sem sair do âmbito dos tradutores, considerações contrárias a essa alternativa para se afirmar sobre a realidade da narrativa:

> O fato de ter N. Senhor se referido à pregação de Jonas e à sua estadia no ventre de um peixe, como *tipo* ou prefiguração de sua própria pregação (Mt 12,39-41; 16,4; Lc 11,29-32), **não é argumento para provar que esta história não seja uma simples parábola**, pois para a existência de *um tipo bíblico* (q.v) basta a realidade literária como se vê claramente na Hebr 7,3, onde Melquisedec é apresentado como *tipo* do Messias *por não ter sido* (apenas literariamente) princípio nem fim. Aparece Jonas com frequência pintado nas catacumbas como tipo de Jesus Cristo. ([321]) (grifo nosso)

> Em Mt 12,31 e Lc 11,29-42, Nosso Senhor

320 Bíblia Sagrada – Paulinas, 1980, p. 1000-1001.

321 Dicionário Prático Barsa, p. 149.

> apresentará como exemplo a conversão dos ninivitas e Mt 12,30 verá em Jonas encerrado no ventre do monstro uma figura da permanência de Cristo no sepulcro. **Este uso da história de Jonas não deve ser tomado como prova de sua historicidade**: Jesus utiliza este apólogo do Antigo Testamento como os pregadores cristãos se servem das parábolas do Novo; em ambos os casos existe a mesma preocupação de ensinar por meio de imagens familiares aos ouvintes, sem emitir nenhum juízo sobre a realidade dos fatos. ([322]) (grifo nosso)

Como dissemos no princípio, ninguém se entende sobre o que efetivamente é a passagem, uma vez que, preocupados em sustentar a verdade da Bíblia, passam, a passos largos, sobre fatos que a razão e a lógica não aceitam como reais. Vale aqui o que Paulo disse aos coríntios: *"Quando era criança, falava como criança, pensava como criança, raciocinava como criança. Depois que me tornei homem, fiz desaparecer o que era próprio de criança."* (1 Coríntios 13,11)

Sempre nos aparece um fundamentalista desesperado em querer provar por "a" mais "b", que os textos bíblicos são verdadeiros. Para isso, pouco lhe importa a razão e a lógica, desde que seus argumentos, segundo pensa, estejam denotando os daqueles que não acreditam na inerrância bíblica. Vejamos, por exemplo, o que se encontra no *Manual Popular de Dúvidas, Enigmas e "Contradições" da Bíblia*:

> **JONAS 1:1 --O livro de Jonas é uma história real ou é ficção?**

322 Bíblia de Jerusalém, p. 1252-1253.

PROBLEMA: Os eruditos bíblicos tradicionais sustentaram que o livro de Jonas registra acontecimentos que de fato ocorreram na história. Entretanto, devido a seu estilo literário e à narração de surpreendentes aventuras vividas pelo profeta Jonas, muitos eruditos da atualidade propõem que não se trata de um livro que narra fatos reais, mas sim uma história de ficção com o propósito de comunicar uma mensagem. Os fatos narrados no livro de Jonas realmente aconteceram, ou não?

SOLUÇÃO: Há uma boa evidência de que os fatos registrados no livro de Jonas são literais e que aconteceram na vida desse profeta.

Primeiro, a tendência de negar a historicidade do livro de Jonas provém de um preconceito contra coisas sobrenaturais. Se é possível acontecer milagres, não há razão alguma para se negar que o livro de Jonas seja histórico.

Segundo, Jonas e seu ministério profético são mencionados no livro histórico de 2 Reis (14:25). Se sua profecia sobrenatural é mencionada num livro histórico, por que rejeitar então o aspecto histórico de seu livro?

Terceiro, o argumento mais devastador contra a negação da precisão histórica do livro de Jonas é encontrado em Mateus 12:40. Nessa passagem, Jesus prevê a sua própria morte e ressurreição, e provê aos incrédulos escribas e fariseus o sinal que eles lhe pediram. O sinal é a experiência de Jonas. Jesus diz: “Porque assim como esteve Jonas três dias e três noites no ventre do grande peixe, assim o Filho do Homem estará três dias e três noites no coração da terra”. Se a história da experiência de Jonas no ventre do grande peixe fosse apenas uma ficção, isso não daria respaldo profético algum ao que Jesus declarava.

O motivo de Jesus fazer referência a Jonas era que,

> se eles não acreditavam na história de Jonas ter estado no ventre do peixe, também não acreditariam na morte, no sepultamento e na ressurreição de Cristo. Para Jesus, o fato histórico de sua própria morte, sepultamento e ressurreição tinha a mesma base histórica de Jonas no ventre do peixe. Rejeitar uma seria o mesmo que rejeitar a outra (cf. Jo 3:12). De igual modo, se cressem numa dessas bases, teriam de crer na outra.
>
> Quarto, Jesus prosseguiu mencionando detalhes históricos significativos. A sua própria morte, sepultamento e ressurreição era o sinal supremo que atestaria suas reivindicações. Quando Jonas pregou aos gentios descrentes, eles se arrependeram. Mas achava-se Jesus na presença de seu próprio povo, do povo de Deus, e assim mesmo eles recusavam-se a crer. Portanto, os homens de Nínive se levantariam em juízo contra eles, "porque [os de Nínive] se arrependeram com a pregação de Jonas" (Mt 12:41). Se os eventos do livro de Jonas fossem simplesmente parábolas ou ficção, e não uma história real, então os homens de Nínive na realidade nunca teriam se arrependido, e seu juízo sobre os fariseus impenitentes seria injusto e indevido. Por causa do testemunho de Jesus, podemos ter certeza de que Jonas registra uma história real.
>
> Finalmente, há confirmação arqueológica da existência de um profeta de nome Jonas, cujo túmulo encontra-se no Norte de Israel. Adicionalmente, foram desenterradas algumas moedas antigas, com a inscrição de um homem saindo da boca de um peixe. ([323])

As evidências colocadas pelos autores são de uma inconsistência de causar dó. Somente os fanáticos, que são

---

323 GEISLER e HOWE, 1999, p. 315-316.

cegos de entendimento, não percebem isso.

O argumento da existência de milagres, reporta-nos à completa falta de conhecimento das coisas que levava os hebreus a reputar como “milagre” tudo quanto era fenômeno da natureza, admirados que ficavam diante deles. O mais simples fenômeno natural que viesse a acontecer de forma a favorecê-los colocava-o como ação divina a seu favor. A respeito disso, é oportuno relembrar o que disse Baruch de Espinosa:

> O vulgo, com efeito, pensa que a providência e o poder de Deus nunca se manifestam tão claramente como quando parece acontecer algo de insólito e contrário à opinião que habitualmente faz da natureza, em especial se resultar em seu proveito e vantagem. […].
>
> O homem comum chama, portanto, milagres ou obras de Deus aos fatos insólitos da natureza e, em parte por devoção, em parte pelo desejo de contrariar os que cultivam as ciências da natureza, prefere ignorar as causas naturais das coisas e só anseia por ouvir falar do que mais ignora e que, por isso mesmo, mais admira. Isso, porque o vulgo é incapaz de adorar a Deus e atribuir tudo ao seu poder e à sua vontade, sem elidir as causas naturais ou imaginar coisas estranhas ao curso da natureza. Se alguma vez ele admira a potência de Deus, é quando a imagina como que a subjugar a potência natureza. […] E, de fato, isso agradou de tal maneira aos homens que, até hoje, ainda não param de inventar milagres para fazer crer que Deus os ama a eles mais do que aos outros e que são a causa final que levou Deus a criar e a reger continuamente todas as coisas. De quanta presunção se arroga a insensatez do

> vulgo, que não tem de Deus nem da natureza um só conceito que seja correto, que confunde as volições de Deus com as dos homens e que, ainda por cima, imagina a natureza de tal modo limitada que acredita ser o homem a sua parte principal!
>
> […] Se, por conseguinte, acontecesse na natureza algo que repugnasse às suas leis universais, repugnaria, necessária e igualmente, ao decreto, ao entendimento e à natureza de Deus; por outro lado, se admitíssemos que Deus faz alguma coisa contrária às leis da natureza, seríamos também obrigados a admitir que Deus age em contradição com a sua própria natureza, o que é um absurdo. ([324])

Os que, desapaixonadamente, estudam a Bíblia, sabem perfeitamente que os autores bíblicos nunca se preocuparam com os relatos históricos. A eles mais interessava o engrandecimento do povo hebreu, tido como "escolhido de Deus", do que a narração dos fatos como realmente acontecidos. E, como já o dissemos, a falta de conhecimento dos fenômenos da natureza os levava a crer nos maiores absurdos, muitos dos quais são, nos dias de hoje, explicados por argumentos científicos.

Por outro lado, conforme já dito por alguns tradutores bíblicos, o fato de Jesus ter citado o prodígio de Jonas não o torna verdadeiro, porquanto o fato de muitos acreditarem numa lenda isso não a torna real. Aqui vale a frase que citamos no início: "Os erros não deixam de ser erros só porque todos os cometem ao mesmo tempo". (ROBIN LANE FOX).

---

324 ESPINOSA, 2003, p. 95-97.

O historiador hebreu Flávio Josefo, também conta esta fábula; entretanto, quanto ao fato de Jonas no ventre do peixe, ele se exime de dar a sua própria opinião, levando-nos a crer que não acreditava nessa lenda. Senão vejamos:

> Diz-se que uma baleia o engoliu: e depois de ter passado três dias em seu ventre, ela o restituiu vivo e sem ferimento algum à praia do Ponto Euxino onde, depois de ter pedido perdão a Deus, ele foi a Nínive, e anunciou ao povo que ele perderia bem depressa o império da Ásia. ([325])

Esse "diz-se" de Josefo é sintomático: não queria atestar a veracidade do fato. Mas a possibilidade de uma pessoa cair no mar e, dias depois, aparecer na praia não é um fato inacreditável; o que o torna ficção é dizer que ela esteve viva durante três dias no ventre de uma baleia.

Eurípedes Martins Araújo, em *Paradoxo Bíblico*, citando Jacques Cousteau, diz:

> […] o Sr. Jacques Cousteau, o maior oceanógrafo de nossos tempos, falecido em julho de 1997, afirmou que **nenhuma baleia possui a garganta tão grande, capaz de engolir um ser humano**; que somente uma garoupa gigante seria capaz disso. ([326]) (grifo nosso)

E conclui:

---

325 JOSEFO, 2003, p. 235-236.
326 ARAÚJO, 2000, p. 369.

> Entretanto, será que poderíamos acreditar que um ser humano sobrevivesse, 3 dias e 3 noites, no interior de um peixe? Um texto evangélico afirma que Jesus falou sobre “o prodígio de Jonas”. É bem provável que – se Jesus falou mesmo aquilo – foi valendo-se de uma crença popular, para ensinar alguma coisa. Porém **não temos elementos para acreditar nos prodígios atribuídos a Jonas, e nem que realmente Jesus acreditasse naquela história**. ([327]) (grifo nosso)

Qual opinião deverá prevalecer? Para desempatar as opiniões citadas, vamos buscar mais uma, mas baseada nos arquivos históricos, fora, portanto, de qualquer dogmatismo religioso:

> Mas os compiladores dessa grande história nacional não eram historiadores como os entendemos. Muito desleixados quanto ao nome certo de seus senhores de fora. Muito vagos em geografia. Constantemente se referem a lugares que ninguém pode identificar com alguma precisão.
>
> E muitas vezes deliberadamente ocultavam o real sentido de suas palavras. **Empregavam estranhos símbolos**. Referiam-se a uma baleia que engoliu um náufrago e dias depois vomitou em terra firme, **querendo dizer que o grande império da Babilônia conquistara a pequena Judá e depois de meio século foi obrigado a libertá-la**. Isto seria muito compreensível para os homens de vinte e cinco séculos atrás, mas não é claro para os que, como nós, só conhecem a Babilônia como um árido montão de pedras. ([328]) (grifo nosso)

---

327 ARAÚJO, 2000, p. 369.

328 VAN LOON, 1951, p. 103.

Ah!, agora, já no final, lembramos de uma ocorrência semelhante à de Jonas; você também, caro leitor, deve conhecê-la pela história de Pinóquio que salva seu “pai”, o carpinteiro Geppetto, de dentro de uma baleia.

Comunicação com os mortos na Bíblia

> "A maior ignorância é a que não sabe e crê saber, pois dá origem a todos os erros que cometemos com nossa inteligência." (SÓCRATES)
>
> "Tão surpreendente quanto a naturalidade das pessoas em emitirem juízo sobre algo que pouco sabem, é seu desinteresse em melhor informarem-se." (LOEFFLER)

Dentre vários outros, a comunicação com os chamados mortos é um dos princípios básicos do Espiritismo; inclusive podemos dizer que é um dos mais importantes, pois foi dele que surgiu todo o seu arcabouço doutrinário.

Na conclusão de *O Livro dos Espíritos (Edição Especial)*, Allan Kardec argumenta que:

> […] Esses fenômenos […] não são mais sobrenaturais do que todos os fenômenos, cuja explicação a Ciência hoje dá e que pareciam maravilhosos em outra época. Todos os fenômenos espíritas, *sem exceção*, resultam de leis gerais. Revelam-nos uma das forças da Natureza, força desconhecida, ou, melhor dizendo, incompreendida até agora, mas que a observação demonstra estar na ordem das coisas. ([329])

---

329 KARDEC, 2006, p. 561.

Essa abordagem de Kardec é necessária, pois, apesar de muitos considerarem tais fenômenos como sobrenaturais, ao lado de inúmeros outros que os quererem como fenômenos de ordem religiosa, mostra que as duas teses estão incorretas. A origem deles é espontânea e natural e ocorre conforme as leis Naturais, que regem não só o contato entre o mundo material e o espiritual, mas toda a complexa interação que mantém o equilíbrio universal. Por isso não precisaríamos relacioná-los, nem mesmo buscar comprovação de sua realidade entre as narrativas bíblicas, uma vez que elas são apenas de cunho religioso.

A Bíblia, apesar de merecer de todos nós o devido respeito, por ser um livro considerado sagrado por várias correntes religiosas, não é, nunca foi e jamais será um livro que contém todas as leis que regem o Universo, nem tão pouco o que acontece em função das leis naturais, portanto, divinas, já desvendadas pelo homem.

A Ciência vem, ao longo dos tempos, demonstrando a impossibilidade de serem verdadeiros certos fatos narrados pelos autores bíblicos, como também, trazendo outros que nem supunham existir. Assim, a Terra como o centro do Universo, Adão e Eva como o primeiro casal humano, entre inúmeros outros pontos da Bíblia, não poderão ser mais considerados como verdades, uma vez que a Ciência já provou o contrário. A fertilização *in vitro*, a ida do homem ao espaço, a clonagem, o transplante de órgãos, o computador com o qual estamos escrevendo, como milhares de outras maravilhas descobertas pela Ciência, não se encontram citadas nem profetizadas, em

uma linha sequer, das Escrituras Sagradas.

Apesar disso tudo, desenvolveremos esse estudo com a finalidade de constatar que a comunicação dos mortos está na Bíblia, não para nós, mas para mostrar àqueles que insistem em relacionar esses fenômenos como de cunho religioso e que, para serem verdadeiros, teriam que constar nela.

A primeira coisa que teremos que buscar para apoio, é algo que venha nos dar uma certeza da sobrevivência do espírito, pois ela é a peça fundamental nas comunicações. Leiamos:

> Gênesis 15,15: *"Quanto a você* [Abraão], ***irá reunir-se em paz com seus antepassados*** *e será sepultado após uma velhice feliz."* (grifo nosso)
>
> Gênesis 49,33: *"Quando Jacó acabou de dar instruções aos filhos, recolheu os pés na cama, expirou e* ***se reuniu com seus antepassados***." (grifo nosso)
>
> Mateus 8,11: *"Eu digo a vocês: muitos virão do Oriente e do Ocidente, e* ***se sentarão à mesa*** *no Reino do Céu* ***junto com Abraão, Isaac e Jacó***." (grifo nosso)
>
> Mateus 22,31-32: *"E, quanto à ressurreição, será que não leram o que Deus disse a vocês: 'Eu sou o Deus de Abraão, o Deus de Isaac e o Deus de Jacó?'* ***Ora, ele não é Deus dos mortos, mas dos vivos***." (grifo nosso)

Podemos concluir dessas passagens que há no homem algo que sobrevive à morte física. Não haveria sentido algum dizer que uma pessoa, após a morte, irá se reunir com seus antepassados, se não houvesse a sobrevivência do espírito e

nela não se acreditasse. Além disso, para que ocorra a possibilidade de alguém poder *"sentar à mesa no Reino do Céu junto com Abraão, Isaac e Jacó"* teria que ser porque esses patriarcas estão tão vivos quanto nós. A não ser que Jesus tenha nos enganado quando disse, em se referindo a esses três personagens, que Deus "*não é Deus de mortos, mas sim de vivos*" (Mateus 22,32).

Os relatos bíblicos nos dão conta que o intercâmbio com os mortos era algo corriqueiro na vida dos hebreus. Por outro lado, quase todos os povos, com quem mantiveram contato, tinham práticas relacionadas à evocação dos espíritos para fins de adivinhação, denominada necromancia. O *Dicionário Bíblico Universal* nos dá a seguinte explicação sobre ela:

> Meio de adivinhação interrogando um morto. Babilônios, egípcios, gregos a praticavam. Heliodoro, autor grego do III ou do século IV d.C., relata uma cena semelhante àquela descrita em 1Sm (Etíope 6,14). O Deuteronômio atribui aos habitantes da Palestina "a interrogação dos espíritos ou a evocação dos mortos" (18,11). Os israelitas também se entregaram a essas práticas, mas logo são condenadas, particularmente por Saul (1Sm 28,3B). Mas, forçado pela necessidade, o rei manda evocar a sombra de Samuel (28,7-25): patético, o relato constitui uma das mais impressionantes páginas da Bíblia. Mais tarde, Isaías atesta uma prática bastante difundida (Is 8,19): parece que ele ouviu "uma voz como a de um fantasma que vem da terra" (29,4). Manassés favoreceu a prática da necromancia (2Rs 21,6), mas Josias a eliminou quando fez sua reforma (2Rs 23,24). Então o Deuteronômio considera a necromancia e as outras práticas divinatórias como "abominação" diante

> de Deus, e como o motivo da destruição das nações, efetuada pelo Senhor em favor de Israel (18,12). O Levítico considera a necromancia como ocasião de impureza e condena os necromantes à morte por apedrejamento (19,31; 20,27). ([330])

Iremos ver, no decorrer desse estudo, algumas dessas passagens; mas, por hora, apenas destacaremos:

> Levítico 19,31: *"Não se dirijam aos **necromantes**, nem consultem adivinhos, porque eles tornariam vocês impuros. Eu sou Javé, o Deus de vocês."* (grifo nosso)
>
> Levítico 20,6: *"Quem recorrer aos **necromantes** e adivinhos, para se prostituir com eles, eu me voltarei contra esse homem e o eliminarei do seu povo."* (grifo nosso)
>
> Deuteronômio 18,9-14: *"Quando entrares na terra que o Senhor teu Deus te der, não aprenderás a fazer conforme as abominações daqueles povos. Não se achará entre ti quem faça passar pelo fogo o seu filho ou a sua filha, nem adivinhador, nem prognosticador, nem agoureiro, nem feiticeiro; nem encantador, **nem necromante**, nem mágico, **nem quem consulte os mortos**; pois todo aquele que faz tal cousa é abominação ao Senhor; e por tais abominações o Senhor teu Deus os lança de diante de ti. Perfeito serás para com o Senhor teu Deus. Porque estas nações, que hás de possuir, ouvem os prognosticadores e os adivinhadores; porém a ti o Senhor teu Deus não permitiu tal cousa."* (grifo nosso)

As três passagens acima, dizem respeito à adivinhação e

---

330 MONLOUGOU e DU BUIT, 1996, p. 556.

à necromancia - que é um tipo de adivinhação, conforme explicação, já citada, do dicionário -, motivo pelo qual elas se encontram entre as proibições. A preocupação central era proibir qualquer tipo de coisa relacionada à adivinhação, não importando por qual meio fosse realizada, como fica claro pela última passagem onde se diz *"... estas nações, ... ouvem os prognosticadores e os adivinhadores..."*, reunindo assim todas as práticas a essas duas espécies.

Por outro lado, a grande questão a ser levantada é: os mortos atendiam às evocações ou não? Se não, por que da proibição? Seria ilógico proibir algo que não acontece! Assim, teremos que buscar as razões de tal proibição. Duas podemos destacar. A primeira é que consideravam como deuses os espíritos dos mortos. Mais à frente iremos ver sobre isso, quando falarmos de 1 Samuel 28. Levando-se em conta que era necessário manter, a todo custo, a ideia de um Deus único, Moisés, sabiamente, institui a proibição de qualquer evento que viesse a prejudicar essa unicidade divina. As consultas deveriam ser dirigidas somente a Deus; daí, por força das circunstâncias, precisou proibir todas as outras. A segunda estaria relacionada ao motivo pelo qual iam consultar-se com os mortos. Normalmente, eram para coisas relacionadas ao futuro, como no caso de Saul que iremos ver logo à frente, ou para situações até ridículas, quando, por exemplo, do desaparecimento das jumentas de Cis, em que Saul, seu filho, procura um vidente, para que ele lhe dissesse onde poderiam encontrá-las (1 Samuel 9).

A figura do profeta aparece como sendo uma pessoa

que tinha poderes para fazer consultas a Deus, ou receber da divindade as revelações que deveriam ser transmitidas ao povo. Em razão de querer a exclusividade das consultas a Deus, por meio dos profetas, é que Moisés disse que: *"Javé seu Deus fará surgir, dentre seus irmãos,* ***um profeta*** *como eu em seu meio, e vocês* ***o ouvirão".*** (Deuteronômio 18,15). Elucidamos essa questão com o seguinte passo: "*Em Israel, antigamente,* ***quando alguém ia consultar a Deus****, costumava dizer:* '***Vamos ao vidente***'*. Porque, em lugar de* '*profeta*'*, como se diz hoje, dizia-se* '*vidente*'*".* (1 Samuel 9,9). O que é vidente senão quem tem a faculdade de ver os espíritos? Poderá, em alguns casos, ver inclusive o futuro; daí a ideia de que poderia prever alguma coisa, uma profecia, derivando-se daí, então, o nome profeta. Podemos confirmar o que estamos dizendo aqui nesse parágrafo, pela explicação dada à passagem Deuteronômio 18,9-22:

> Contrapõem-se nitidamente duas formas de profetismo ou de mediação entre os homens e Deus. O profetismo de tipo cananeu, com suas práticas para conhecer o futuro, ou vontade dos deuses (v.9-14), visava controlar a divindade, tornado-a favorável ao homem. Contra isso o Dt estabelece a mediação do 'profeta como Moisés' (v.15-22; cf. Ex 20,18-21), a cuja palavra, pronunciada em nome de Deus, o israelita deve obedecer. ([331])

É interessante que, neste momento, venhamos a dizer alguma coisa sobre profeta. Buscaremos as informações com o

331 Bíblia Sagrada – Vozes, p. 217.

escritor Severino Celestino da Silva, que nos diz:

> A palavra profeta, em hebraico, significa **"Navi",** no plural, **"Neviim".** Apresenta ainda outros significados como **"roê"** (videntes). Veja I Samuel 9:9: **"antigamente em Israel, todos os que iam consultar IAHVÉH assim diziam: vinde vamos ter com o vidente (roê); porque aquele que hoje se chama profeta (navi), se chamava outrora vidente (roê)".**
>
> A palavra vidente, em hebraico, também significa **(chozê)**, pois, consultando o texto original, encontramos citações que usam o termo **(roê)** sendo que outras citam **(chozê),** como veremos adiante. O vidente era, portanto, o homem a ser interrogado quando se queria consultar a Deus ou a um espírito e sua resposta era considerada resposta de Deus.
>
> O termo profeta chegou ao português, derivado do grego (???) **"prophétes"** que significa **"alguém que fala diante dos outros".** No hebraico, o significado é bem mais amplo, possui uma raiz acádica que significa **"chamar", "falar em voz alta",** e interpretam-no como **"orador, anunciador"**. ([332]).(grifo do original)

Dito isso, podemos agora concluir que Moisés não era totalmente contra o profetismo (leia-se mediunismo), apenas era contrário ao uso indevido que davam a essa faculdade. Podemos, inclusive, vê-lo aprovando a forma com que dois homens a faziam, conforme a seguinte narrativa em Números:

> Números 11,23-30: *"Moisés saiu e disse ao povo as palavras de Iahweh. Em seguida reuniu setenta anciãos*

---

332 SILVA, 2001, p. 259-260.

dentre o povo e os colocou ao redor da Tenda. Iahweh desceu na Nuvem. Falou-lhe e tomou do Espírito que repousava sobre ele e o colocou nos setenta anciãos. Quando o Espírito repousou sobre eles, profetizaram; porém, nunca mais o fizeram. Dois homens haviam permanecido no acampamento: um deles se chamava Eldad e o outro Medad. O Espírito repousou sobre eles; ainda que não tivessem vindo à Tenda, estavam entre os inscritos. Puseram-se a profetizar no acampamento. Um jovem correu e foi anunciar a Moisés: 'Eis que Eldad e Medad', disse ele, 'estão profetizando no acampamento'. Josué, filho de Nun, que desde a sua infância servia a Moisés, tomou a palavra e disse: 'Moisés, meu senhor, proíbe-os!' Respondeu-lhe Moisés: 'Estás ciumento por minha causa? Oxalá todo o povo de Iahweh fosse profeta, dando-lhe Iahweh o seu Espírito!' A seguir Moisés voltou ao acampamento e com ele os anciãos de Israel."

Fica evidente, então, que, pelo menos, duas pessoas faziam dignamente o uso da faculdade mediúnica (profecia); daí Moisés até desejar que todos fizessem como eles.

Outro ponto importante que convém ressaltar é a respeito da palavra Espírito, que aparece inúmeras vezes na Bíblia. Mas afinal o que é Espírito? Hoje sabemos que os espíritos são as almas dos homens que foram desligadas do corpo físico, pelo fenômeno da morte. Assim, podemos perfeitamente aceitar que, fora as vezes que atribuem essa palavra ao próprio Deus, todas as outras estão incluídas nessa categoria.

Tudo, na verdade, não passava de manifestações dos espíritos, que muitas vezes eram tomados à conta de deuses,

devido a ignorância da época, coisa absurda nos dias de hoje.

Isso fica tão claro que podemos até mesmo encontrar recomendações de como nos comportarmos diante deles, para sabermos suas verdadeiras intenções. Citamos: “*Amados, não acrediteis em qualquer espírito, mas examinai os espíritos para ver se são de Deus.”* (1 Jo~so 4,1).

Disso pode-se concluir que era comum, àquela época, o contato com os espíritos. De fato, já que podemos confirmar isso com o Apóstolo dos gentios, que recomendou sobre o uso dos “dons” (mediunidade), conforme podemos ver em sua primeira carta aos Coríntios (cap. 14). Nela ele procura demonstrar que o dom da profecia é superior ao dom de falar em línguas (xenoglossia), pois não via nisso nenhuma utilidade senão quando, também, houvesse alguém com o dom de interpretá-las.

Ao lado dos espíritos, vemos ainda inúmeras manifestações do demônio. Sobre ele, encontramos a seguinte informação, citada pela Dra. Edith Fiore, a respeito do pensamento do historiador hebreu Flávio Josefo: “Os demônios são os espíritos dos homens perversos.” ([333])

Com isso as manifestações espirituais se ampliam, pois agora se nos apresentam os demônios como espíritos de seres humanos desencarnados, ficando, portanto, provado que a Bíblia está repleta de fenômenos mediúnicos. Onde há mediunidade sempre haverá, manifestações espirituais, pouco importando a denominação que venha a se dar àqueles que se

---

333 FIORE, 1995, p. 29.

apresentam aos encarnados, por essa via.

Vejamos, então, um relato bíblico de um caso específico sobre uma consulta aos mortos. Chamamos a sua atenção para o motivo da consulta, que não poderá passar despercebido, visto já o termos citado como uma das causas da proibição de Moisés. Leiamos:

> 1 Samuel 28,3-20: *“Samuel tinha morrido. Todo o Israel participara dos funerais, e o enterraram em Ramá, sua cidade. De outro lado, Saul tinha expulsado do país os necromantes e adivinhos. Os filisteus se concentraram e acamparam em Sunam. Saul reuniu todo o Israel e acamparam em Gelboé. Quando viu o acampamento dos filisteus, Saul teve medo e começou a tremer. Consultou a Javé, porém Javé não lhe respondeu, nem por sonhos, nem pela sorte, nem pelos profetas. Então, Saul disse a seus servos: 'Procurem uma* ***necromante****,* ***para que eu faça uma consulta****'. Os servos responderam: 'Há uma* ***necromante*** *em Endor'. Saul se disfarçou, vestiu roupa de outro, e à noite, acompanhado de dois homens, foi encontrar-se com a mulher. Saul disse a ela: '****Quero que você me adivinhe o futuro, evocando os mortos****. Faça aparecer a pessoa que eu lhe disser'. A mulher, porém, respondeu: 'Você sabe o que fez Saul, expulsando do país os necromantes e adivinhos. Por que está armando uma cilada, para eu ser morta?' Então Saul jurou por Javé: 'Pela vida de Javé, nenhum mal vai lhe acontecer por causa disso'. A mulher perguntou: 'Quem você quer que eu chame?'* ***Saul respondeu: 'Chame Samuel'.*** *Quando a* ***mulher viu Samuel aparecer****, deu um grito e falou para Saul: 'Por que você me enganou? Você é Saul!' O rei a tranquilizou: 'Não tenha medo. O que você está vendo?' A mulher respondeu: 'Vejo um espírito subindo da terra'. Saul perguntou: 'Qual é a aparência dele?' A mulher*

> *respondeu: 'É a de um ancião que sobe, vestido com um manto'. Então Saul compreendeu que era Samuel, e se prostrou com o rosto por terra.* ***Samuel perguntou a Saul****: '****Por que você me chamou, perturbando o meu descanso****?' Saul respondeu: 'É que estou em situação desesperadora: os filisteus estão guerreando contra mim. Deus se afastou de mim e não me responde mais, nem pelos profetas, nem por sonhos.* ***Por isso, eu vim chamar você, para que me diga o que devo fazer****'. Samuel respondeu: 'Por que você veio me consultar, se Javé se afastou de você e se tornou seu inimigo?* ***Javé fez com você o que já lhe foi anunciado por mim:*** *tirou de você a realeza e a entregou para Davi. Porque você não obedeceu a Javé e não executou o ardor da ira dele contra Amalec. É por isso que Javé hoje trata você desse modo. E Javé vai entregar aos filisteus tanto você, como seu povo Israel. Amanhã mesmo, você e seus filhos estarão comigo, e o acampamento de Israel também: Javé o entregará nas mãos dos filisteus'. Saul caiu imediatamente no chão, apavorado com as palavras de Samuel. [...].".* (grifo nosso)

Inicialmente, se diz que Saul consultou a Javé; como não obteve resposta, resolveu então procurar uma necromante para que, pessoalmente, pudesse consultar-se com um espírito. Isso foi o que dissemos sobre uma das razões da proibição de Moisés. Saul diante da necromante foi taxativo: quero que adivinhe o futuro evocando um morto. Aqui é o próprio rei que vai consultar-se com um morto, pelo motivo de querer saber o futuro. Se os mortos nunca tivessem revelado o futuro, estaria o rei numa situação ridícula dessa?

Mas Saul não desejava consultar-se com um espírito

qualquer, queria especificamente a presença de Samuel. Após a evocação da mulher, o relato confirma que a necromante viu Samuel-espírito aparecer, sem margem a nenhuma dúvida. Quando ela descreve o que vê, o próprio Saul reconhece ser o profeta Samuel que estava ali. Fato confirmado, pela indubitável afirmativa de que foi o próprio Samuel quem fez uma pergunta a Saul. Após a resposta deste, novamente, Samuel responde ao que veio o rei saber.

Algumas Bíblias, no versículo 13, em vez de *"vejo um espírito subindo da terra"* traduzem por *"vejo um deus subindo da Terra"*. A frase dessa maneira nos é explicada:

> A palavra hebraica para significar Deus, também designa os seres supra-humanos e, como neste caso, o espírito dos mortos. **Havia a convicção de que os espíritos dos mortos estavam encerrados no sheol, e este se situaria algures por baixo da terra**. ([334]) (grifo nosso)

Com isso, fica fácil entender por que Saul, após certificar-se de que Samuel-espírito estava ali, se prostra diante dele (v. 14). Atitude própria de quem endeusava os espíritos e, conforme já o dissemos anteriormente, esse foi um dos motivos pelo qual Moisés proibiu a comunicação com os mortos.

A frase "**Javé fez com você o que já lhe foi anunciado por mim"** (v. 17) tem a seguinte tradução em outras Bíblias: *"O Senhor fez como tinha anunciado pela minha*

---

334 Bíblia Sagrada – Santuário, p. 392.

boca", do que podemos concluir que naquele momento ele não estava falando pela sua boca, usava a boca da mulher, pela qual ele, Samuel, confirmou o que tinha falado a Saul quando vivo, não deixando então nenhuma dúvida que era ele mesmo, como espírito desencarnado, quem estava ali.

Estamos dizendo isso, porque com algumas interpretações distorcidas, bem à conveniência dogmática, querem insinuar que quem se manifestou foi o demônio. A isso, poderemos, além do que já dissemos, colocar, para corroborar nosso pensamento, uma explicação dada a 1 Samuel 28,15-19:

> O narrador, embora não aprove o proceder de Saul e da mulher (v. 15), **acredita que Samuel de fato apareceu e falou com Saul: isso Deus podia permitir.** Logo, **não é preciso pensar** em manobra fraudulenta da mulher ou **em intervenção diabólica**… ([335]) (grifo nosso)

Por outro lado, ninguém ainda conseguiu nos provar que, em algum lugar da Bíblia, está dizendo que os demônios aparecem no lugar dos espíritos evocados. Assim, de modo claro e inequívoco, temos essa questão, de que não são os demônios, como definitivamente resolvida.

Não bastasse isso, a própria Bíblia confirma o ocorrido quando, falando a respeito de Samuel, diz: *"**Mesmo depois de sua morte, ele profetizou**, predizendo ao rei o seu fim. **Mesmo do sepulcro, ele levantou a voz**, **numa profecia**,*

335 Bíblia Sagrada – Vozes, p. 330.

para apagar a injustiça do povo". (Eclesiástico 46,20) (grifo nosso) Sabemos que os protestantes não possuem esse livro, mas como os católicos também afirmam que sua Bíblia foi inspirada e não contém erros, pegamos a deles para a confirmação dessa ocorrência.

Ao que parece, a consulta aos mortos era fato tão corriqueiro, que, às vezes, era esperada, conforme podemos ver em Isaías:

> ***Isaías 8,19-20:*** *"Quando disserem a vocês: '**Consultem os espíritos** e adivinhos, que sussurram e murmuram fórmulas; por acaso, um povo não deve **consultar seus deuses** e **consultar os mortos em favor dos vivos**?', comparem com a instrução e o atestado: se o que disserem não estiver de acordo com o que aí está, então não haverá aurora para eles."* (grifo nosso)

Isaías até sabia o que diriam; pois, com certeza, era realidade daquela época. Quanto à expressão ***seus deuses***, explicam-nos que equivale a "***os espíritos dos antepassados***" ([336]), o que vem reforçar a justificativa para a proibição de Moisés, que buscava fazer o povo hebreu aceitar o Deus único. Interessante que essa passagem irá nos remeter a uma outra, que fala exatamente dos antepassados, como uma explicação que nos ajudará a entendê-la. Vejamo-la:

> Jó 8,8-10: *"**Consulte as gerações passadas** e observe a experiência de nossos antepassados. Nós nascemos*

336 Bíblia Sagrada – Ave-Maria, p. 950.

> *ontem e não sabemos nada. Nossos dias são como sombra no chão.* ***Os nossos antepassados****, no entanto,* ***vão instruí-lo e falar a você com palavras tiradas da experiência deles***.” (grifo nosso)

Considerando que à época não se tinha muita coisa escrita, e se tivesse talvez pouco adiantaria, pois raras pessoas sabiam ler, só poderemos entender essa passagem como sendo uma consulta direta às gerações passadas, o que, em bom Português, significa que isso ocorria através da consulta aos seus deuses; em outras palavras, aos espíritos dos antepassados, que, pessoalmente, vinham transmitir-lhes as suas experiências.

É notável que isso é exatamente o que está ocorrendo nos dias de hoje com os Espíritos, que, mesmo não tendo sido evocados para serem consultados, vêm, livremente, com a permissão de Deus, é claro, nos passar as suas experiências pessoais, para que possamos aprender com elas, de modo que evitaremos cair nos erros já cometidos por eles por ignorância das leis divinas.

Uma coisa nós podemos considerar. Se ocorriam manifestações naquela época, por que elas não aconteceriam nos dias de hoje? Veremos agora a mais notável de todas as manifestações de espíritos que podemos encontrar na Bíblia, pois ela acontece, nada mais nada menos do que, com o próprio Jesus. Leiamos:

> Mateus 17,1-9: *“Seis dias depois, Jesus tomou consigo Pedro, os irmãos Tiago e João, e os levou a um lugar à parte, sobre uma alta montanha. E se transfigurou*

> *diante deles: o seu rosto brilhou como o sol, e as suas roupas ficaram brancas como a luz.* ***Nisso lhes apareceram Moisés e Elias****, conversando com Jesus. Então Pedro tomou a palavra, e disse a Jesus: 'Senhor, é bom ficarmos aqui. Se quiseres, vou fazer aqui três tendas: uma para ti, outra para Moisés, e outra para Elias'. Pedro ainda estava falando, quando uma nuvem luminosa os cobriu com sua sombra, e da nuvem saiu uma voz que dizia: 'Este é o meu Filho amado, que muito me agrada. Escutem o que ele diz'. Quando ouviram isso, os discípulos ficaram muito assustados, e caíram com o rosto por terra. Jesus se aproximou, tocou neles e disse: 'Levantem-se, e não tenham medo'. Os discípulos ergueram os olhos, e não viram mais ninguém, a não ser somente Jesus. Ao descerem da montanha, Jesus ordenou-lhes: '****Não contem a ninguém essa visão****, até que o Filho do Homem tenha ressuscitado dos mortos'."* (grifo nosso)

Ocorrência inequívoca de comunicação com os mortos, no caso, os espíritos Moisés e Elias conversam pessoalmente com Jesus. E aí afirmamos que se fosse mesmo proibida por Deus, Moisés-espírito não viria se apresentar a Jesus e seus discípulos, já que foi ele mesmo, quando vivo, quem criou essa proibição, e nem Jesus iria infringir uma lei divina. Portanto, a proibição de Moisés era apenas uma proibição particular sua ou de sua legislação de época. Os partidários do demônio ficam sem saída nessa passagem, pois não podem afirmar que foi o mesmo quem apareceu para Jesus e os apóstolos, pois neste caso, teriam que admitir que o Mestre foi enganado pelo "pai da mentira".

Podemos ainda ressaltar que Jesus nem antes nem depois desse episódio proibiu a comunicação com os mortos; só

disse aos discípulos para que não contassem a ninguém sobre aquela “sessão espírita”, até que acontecesse a sua ressurreição. E se ele mesmo disse: *“tudo que eu fiz vós podeis fazer e até mais”* (João 14,12), os que se comunicam com os mortos, visando o bem do próximo, estão, inelutavelmente, seguindo o exemplo de Jesus. Os cegos até poderão ficar contra, mas os de mente aberta não verão nenhum mal nisso.

Já encontramos pessoas que, querendo fugir do inevitável, afirmaram que Moisés e Elias não morreram, foram arrebatados. A coisa é tão séria, que, no afã de se justificarem, desvirtuam a realidade mudando as narrativas bíblicas, pois, até onde sabemos, existe a passagem falando da morte e sepultura de Moisés, o que poderá ser comprovado em Deuteronômio 34,5-8.

Quanto a Elias é que se diz ter sido arrebatado, rebatemos: acredite quem quiser. Mas o que faremos com o corpo físico na dimensão espiritual? *“O espírito é que dá vida a carne de nada serve”* (João 6,63), *“a carne e o sangue não podem herdar o reino do céu”* (1 Coríntios 15,50). São passagens que contradizem, peremptoriamente, um suposto arrebatamento de Elias de corpo e alma. Convém salientar que, ao que parece, nem os que viveram na época do suposto “arrebatamento” de Elias acreditavam na forma em que se pretende “entender” nos dias de hoje; é só ler o que está escrito em 2 Reis 2,16, onde destacamos: *“pode ser que o Espírito do Senhor o tenha arrebatado e lançado nalgum monte, ou nalgum vale”.*

Por várias vezes, Jesus apresentou a seus discípulos ensinamentos por meio de parábolas. Há uma que poderemos citar, pois nela encontramos algo que nos auxiliará no entendimento daquilo que propomos. Vejamos:

> Lucas 16,19-31: *“Havia um homem rico que se vestia de púrpura e linho fino, e dava banquete todos os dias. E um pobre, chamado Lázaro, cheio de feridas, que estava caído à porta do rico. Ele queria matar a fome com as sobras que caíam da mesa do rico. E ainda vinham os cachorros lamber-lhe as feridas. Aconteceu que o pobre morreu, e os anjos o levaram para junto de Abraão. Morreu também o rico, e foi enterrado. No inferno, em meio aos tormentos, o rico levantou os olhos, e viu de longe Abraão, com Lázaro a seu lado. Então o rico gritou: 'Pai Abraão, tem piedade de mim! Manda Lázaro molhar a ponta do dedo para me refrescar a língua, porque este fogo me atormenta'. Mas Abraão respondeu: 'Lembre-se, filho: você recebeu seus bens durante a vida, enquanto Lázaro recebeu males. Agora, porém, ele encontra consolo aqui, e você é atormentado. Além disso, há um grande abismo entre nós: por mais que alguém desejasse, nunca poderia passar daqui para junto de vocês, nem os daí poderiam atravessar até nós'. O rico insistiu: 'Pai, eu te suplico,* ***manda Lázaro à casa de meu pai****, porque eu tenho cinco irmãos.* ***Manda preveni-los****, para que não acabem também eles vindo para este lugar de tormento'. Mas Abraão respondeu: 'Eles têm Moisés e os profetas: que os escutem!' O rico insistiu: 'Não, pai Abraão! Se um dos mortos for até eles, eles vão se converter'. Mas Abraão lhe disse: 'Se eles não escutam a Moisés e aos profetas,* ***mesmo que um dos mortos ressuscite, eles não ficarão convencidos***'.” (grifo nosso)

Poderemos tirar várias reflexões dessa parábola, mas nos restringiremos ao assunto deste estudo. Uma pergunta nos vem à mente: se não se acreditasse na comunicação entre os dois planos, por que, então, o rico pede a Abraão para enviar Lázaro para alertar a seus irmãos? Da análise da resposta de Abraão podemos dizer que há a possibilidade da comunicação. Entretanto, ela é completamente inútil, pois se nem aos vivos as pessoas deram ouvidos, que dirá aos mortos...

Isso é fato incontestável, que vem acontecendo até nos dias de hoje, já que a grande maioria prefere ignorar a comunicação dos mortos, que vêm nos alertar para que transformemos as nossas ações, de modo que beneficiem ao nosso próximo, a fim de evitar que, depois da morte física, tenhamos que ir para um lugar de sofrimento.

A expressão *"mesmo que um dos mortos ressuscite"* significa que, mesmo que algum dos mortos se apresente na sua condição espiritual, para se comunicar, eles não se convenceriam. O que podemos confirmar em Geza Vermes: "A razão dada é que aqueles que não obedecem à Lei e aos Profetas tampouco ouvirão um mensageiro do outro mundo" ([337]).

Mas, alguém pode objetar dizendo que esse texto implica na necessidade de uma ressurreição corpórea para que ocorra esta comunicação. Isto é um subterfúgio, já que, na própria Bíblia, encontramos indícios de que o termo *ressurreição* também era usado para indicar a influência dos

337 VERMES, 2006, p. 195.

mortos sobre os vivos, conforme podemos confirmar no seguinte passo: *"Alguns diziam: 'João Batista ressuscitou dos mortos. É por isso que os poderes agem nesse homem'"*. (Mateus 14,2; Marcos 6,14)

Quem já teve a oportunidade de ler a Bíblia, pelo menos uma vez, percebe que ela está recheada de narrativas com aparições de anjos. Na ocasião da ressurreição de Jesus algumas delas nos dão conta do aparecimento, junto ao sepulcro, de *"**anjos** vestidos de branco"* (João 20,12; Mateus 28,2), enquanto que outras nos dizem ser *"**homens** vestidos de branco"* (Lucas 24,4; Marcos 16,5), demonstrando que anjos, na verdade, são espíritos humanos de pessoas desencarnadas. Até mesmo os nomes dos anjos são os que, normalmente, usamos aqui na dimensão física: Gabriel, Rafael, Miguel, etc. Vejamos se isso é coerente:

> Atos 12,1-16: *"Nesse tempo, o rei Herodes começou a perseguir alguns membros da Igreja, e **mandou matar** à espada Tiago, irmão de João. Vendo que isso agradava aos judeus, **decidiu prender também Pedro**. Eram os dias da festa dos pães sem fermento. Depois de o prender, colocou-o na prisão e o confiou à guarda de quatro grupos de quatro soldados cada um. Herodes tinha a intenção de apresentar Pedro ao povo logo depois da festa da Páscoa. Pedro estava vigiado na prisão, mas a oração fervorosa da Igreja subia continuamente até Deus, intercedendo em favor dele. Herodes estava para apresentar Pedro. Nessa mesma noite, Pedro dormia entre dois soldados. Estava preso com duas correntes, e os guardas vigiavam a porta da prisão. De repente, apareceu o anjo do Senhor, e a cela ficou toda iluminada. O anjo tocou o ombro de Pedro, o*

> *acordou, e lhe disse: 'Levante-se depressa'. As correntes caíram das mãos de Pedro. E o anjo continuou: 'Aperte o cinto e calce as sandálias'. Pedro obedeceu, e o anjo lhe disse: 'Ponha a capa e venha comigo'. Pedro acompanhou o anjo, sem saber se era mesmo realidade o que o anjo estava fazendo, pois achava que tudo isso era uma visão. Depois de passarem pela primeira e segunda guarda, chegaram ao portão de ferro que dava para a cidade. O portão se abriu sozinho. Eles saíram, entraram numa rua, e logo depois o anjo o deixou. Então Pedro caiu em si e disse: 'Agora sei que o Senhor de fato enviou o seu anjo para me libertar do poder de Herodes e de tudo o que o povo judeu queria me fazer'. Pedro então refletiu e foi para a casa de Maria, mãe de João, também chamado Marcos, onde muitos se haviam reunido para rezar. Bateu à porta, e uma empregada, chamada Rosa, foi abrir. A empregada* ***reconheceu a voz de Pedro****, mas sua alegria foi tanta que, em vez de abrir a porta, entrou correndo para contar que Pedro estava ali, junto à porta. Os presentes disseram: 'Você está ficando louca!' Mas ela insistia. Eles disseram: '****Então deve ser o seu anjo!****' Pedro, entretanto, continuava a bater. Por fim, eles abriram a porta: era Pedro mesmo. E eles ficaram sem palavras."* (grifo nosso)

Com a prisão de Pedro, por Herodes, todos já esperavam que aconteceria com ele o mesmo destino de Tiago, ou seja, que seria morto. Mas um anjo solta-o. Ele se dirige à casa onde os outros estavam reunidos, bate à porta. Rosa, que atende a porta, reconhece a voz de Pedro; espavorida, corre para dentro a fim de contar aos outros, esquecendo-se de abrir a porta. Entretanto, como supunham que Pedro havia morrido disseram a ela: "*Então deve ser o seu anjo"*. Isso vem dizer exatamente o

que estamos querendo demonstrar, que anjo, na verdade, é um espírito de um ser humano que morreu, o que não contradiz a narrativa; antes, ao contrário, é extremamente coerente a ela.

O que podemos concluir, sem sombra de dúvidas, é que, realmente, a comunicação com os mortos pode ser comprovada pela Bíblia, por mais que se esforce em querer tirar dela esse fato.

Apenas para reforçar tudo quanto já dissemos do que encontramos na Bíblia, poderemos ainda enumerar as pesquisas que estão sendo realizadas sobre a comunicação dos espíritos por aparelhos eletrônicos: a Transcomunicação Instrumental – TCI. Buscamos comprovar com isso que, conforme o dissemos no início, tais ocorrências são de ordem natural, dentro, portanto, das leis da natureza, que acontecem até os dias de hoje e que elas vêm despertando grande interesse por parte de inúmeros pesquisadores descompromissados com dogmas religiosos.

A pesquisadora Sonia Rinaldi, em seu livro *Espírito – O desafio da Comprovação*, traz várias gravações de vozes paranormais. Muitas possuem a particularidade de terem sido gravadas também, e simultaneamente, no lado reverso da gravação normal. Isso vem colocar as coisas num nível bem próximo da prova científica, pois ainda não existe tecnologia humana para produzir gravações desse tipo. Resta-nos esperar que cientistas, menos envolvidos com dogmas religiosos, se disponham a realizar essas pesquisas com o rigor científico, com todo o controle e instrumentação técnica necessária para

se chegar a uma conclusão final e definitiva.

Apenas para ressaltar o nível dessas pesquisas: Sonia Rinaldi já dispõe de um laudo técnico de 52 páginas, elaborado por um centro de pesquisas em Bolonha, na Itália, onde foi constatado que a voz gravada por meio da transcomunicação é a mesma constante na secretária eletrônica da pessoa, gravada quando viva. ([338]).

338 FONSECA, LOBATO e MIRANDA, 2006, p. 49-53.

Conclusão Final

Bom do princípio ao fim deste livro, em todos os textos que aqui colocamos, não há um sequer em que não vejamos a necessidade de se rever os conceitos teológicos do passado, cuja principal característica é a prisão dos fiéis aos dogmas. Já nos alertava Paulo que *"[...] o Senhor é o Espírito; e onde se acha o Espírito do Senhor aí existe a liberdade."* (2 Coríntios 3,17), assim podemos concluir que o Espírito do Senhor não se compactua com qualquer tipo de prisão, nem mesmo a prisão mental exercida pela liderança teológica dos tempos hodiernos.

Temos que ser corajosos para denunciar esse tipo de coisa, já que atingiremos interesses religiosos que, ao longo dos tempos, vêm se perpetuando. Mas como diria Jesus *"não se coloca remendo de pano novo e pano velho, nem vinho novo em odres velhos"* (Mateus 9,16-17), por mais que venha a atiçar a ira dos fundamentalistas, isso é necessário. Diante dessa situação é melhor rogarmos a Deus a proteção e inspiração a nós que queremos, acima de tudo, ver estabelecida, na Terra, a Sua Lei de amor, única coisa que unirá todas as criaturas humanas, formando *"um só rebanho e um só Pastor"* (João 10,16).

O homem evoluiu em todos os ramos do conhecimento, de tal forma que ficamos até boquiabertos diante de tanta novidade científica e tecnológica. Entretanto, na questão crucial a todos nós estamos ainda tão atrasados que pouco diferimos

de selvagens que ainda não tiveram contato algum com nós os “civilizados”. Nossa visão do criador do Universo é tão mesquinha que ficamos indignados tal é a ignorância humana em relação a Deus. A maioria O tem não como o Deus do Universo infinito, mas como um deus tribal que somente se preocupa com seus membros e cujas ações são vistas nos fenômenos da natureza. Raios e trovões, nessa visão simplista, significam a ira divina desabando sobre as suas criaturas.

De um Deus de misericórdia fizera-No pior que um carrasco, quando manda para o caldeirão do inferno os infratores de suas leis, numa pena incomensuravelmente maior que o crime, portanto, fora do conceito de justiça, amor e bondade, como nos coloca Jesus. Nesse suplício eterno as criaturas ficam a sofrer indefinidamente diante do irredutível Deus que manda-nos “perdoar setenta vezes sete”, no popular “faça o que eu digo mas não faça o que eu faço”. Absurdo teológico que necessita ser eliminado, para que possamos, enfim, deixar de fazer ou praticar o mal por amor a Deus não pelo temor como ainda persiste na mente da liderança religiosa da atualidade. Essa liderança que visivelmente está mais para defender interesses próprios do que se preocupar com a salvação dos seus fiéis.

É para esse ideal que estamos tentando despertar as pessoas cuja “verdade que liberta” já faz parte de sua maneira de viver. Queremos ver engajados nesse “exército” de “trabalhadores da última hora” todos os que, como nós, sonham com uma nova teologia descompromissada com o passado, mas cujo compromisso seja a verdade, essência da

natureza divina. Diríamos, como bom mineiro: “*Libertas quae sera tamen*”.

Se você, caro leitor, estiver imbuído do espírito de pesquisa, certamente, serão textos que irão lhe interessar, assim torcemos para que tenha um bom proveito.

Referências Bibliográficas

Bíblias:

A Bíblia Anotada, 8ª edição, São Paulo: Mundo Cristão, 1994.

A Bíblia Tradução Ecumênica – TEB, 1ª edição, São Paulo: Loyola; São Paulo: Paulinas, 1996.

Bíblia de Jerusalém, nova edição, revista e ampliada, São Paulo: Paulus, 2002.

Bíblia do Peregrino, edição brasileira, São Paulo: Paulus, 2002.

Bíblia Eletrônica v.1 – RkSoft Desenvolvimentos

Bíblia em Bytes - Shammah – CDRom.

Bíblia Mensagem de Deus - Novo Testamento. São Paulo: Loyola, 1984.

Bíblia Sagrada, 37ª edição, São Paulo: Paulinas, 1980.

Bíblia Sagrada, 3ª edição, São Paulo: Paulinas, 1977.

Bíblia Sagrada, 5ª edição, Aparecida-SP: Santuário, 1984.

Bíblia Sagrada, 68ª edição, São Paulo: Ave-Maria, 1989.

Bíblia Sagrada, 8ª edição, Petrópolis, RJ: Vozes, 1989.

Bíblia Sagrada, 9ª edição, São Paulo: Paulinas, 1957.

Bíblia Sagrada, Edição Barsa, s/ed. Rio de Janeiro: Catholic Press, 1965.

Bíblia Sagrada, Edição Pastoral. 43ª impressão. São Paulo: Paulus, 2001.

Bíblia Sagrada, Edição Revista e corrigida, Brasília, DF: SBB, 1969.

Bíblia Sagrada, s/ed. São Paulo: SBTB, 1994.

Bíblia Shedd, 2ª ed. São Paulo: Vida Nova; Brasília: SBB, 2005.

Escrituras Sagradas, Tradução do Novo Mundo das. Cesário Lange, SP: STVBT, 1986.

Novo Testamento, s/d, São Paulo: Loyola, 1982.

Tanah – Bíblia Hebraica. São Paulo: Editora e Livraria Sêfer, 2012.

Torá – A Lei de Moisés. São Paulo: Editora e Livraria Sêfer, 2001.

Livros:

AQUINO, F. *Falsas Doutrinas – seitas e religiões*. Lorena, SP: Cleófas, 2004.

ARAÚJO, E. M. *Paradoxo Bíblico*, Marica – RJ: Blocos, 2000.

ARMSTRONG, K. *Uma história de Deus: quatro milênios de busca do judaísmo, cristianismo e islamismo.* São Paulo: Companha das Letras, 2008.

CAMPBELL, J. *As máscaras de Deus: Mitologia Oriental*. São Paulo: Palas Athena, 1994.

CAMPBELL, J. *O poder do mito*. São Paulo: Palas Athena, 1997.

CERAM, C.W., *Deuses, Túmulos e Sábios*. São Paulo: Circulo do Livro, s/d.

CHAMPLIN, R. N. e BENTES, J. M. *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia, Vol. 1*. São Paulo: Candeia, 1995a.

CHAMPLIN, R. N. e BENTES, J. M. *Enciclopédia de Bíblia, teologia e filosofia. Vol. 4.* São Paulo: Candeia, 1995d.

CHAMPLIN, R. N. *O Novo Testamento interpretado versículo por versículo*, vol. 2, São Paulo: Hagnos, 2005.

CHAMPLIN, R. N. *O Novo Testamento interpretado versículo por versículo*. Vol. 4. São Paulo: Hagnos, 2005d.

CHAMPLIN, R. N. *O Novo Testamento interpretado versículo por versículo*. Vol. 5. São Paulo: Hagnos, 2005e.

DURANT, W. *História da civilização 1ª parte – Nossa herança oriental*. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1957

EHRMAN, B. D. *O problema com Deus: as respostas que a Bíblia não dá ao sofrimento*. Rio de Janeiro: Agir, 2008.

EHRMAN, B. D. *O que Jesus disse? O que Jesus não disse?*. São Paulo: Prestígio, 2006.

ESPINOSA, B. *Tratado Teológico-Político,* São Paulo; Martins Fontes, 2003.

Estudo Perspicaz das Escrituras. Vol. 1. Cesário Lange, SP: Soc. Torre de Vigia de Bíblias e Tratados, 1990.

FINKELSTEIN, I e SILBERMAN, N. A, *A Bíblia não tinha razão*, São Paulo: A Girafa, 2003.

FINOTTI, P. *Ressurreição*, São Paulo: Edigraf, 1972.

FIORE, E., *Possessão Espiritual*, São Paulo: Pensamento, 1995.

FOX, R. L. *Bíblia: Verdade e ficção*, São Paulo: Cia das Letras, 1996.

GARDNER, L. *Os segredos perdidos da Arca Sagrada*, São Paulo: Madras, 2004.

GEISLER, N e HOWE T., *Manual popular de dúvidas e enigmas e "contradições" da Bíblia*, São Paulo: Mundo Cristão, 1999.

HENNIG, R. *Os grandes enigmas do universo*, Lisboa: Bertrand, 1950.

JAMES, P. e THORPE, N. O livro de ouro dos Mistérios da Antiguidade. Rio de Janeiro: Ediouro, 2001.

JOSEFO, F. *História dos hebreus*, Rio de Janeiro: CPAD, 2003.

KARDEC, A. *A Gênese*, Araras – SP: IDE, 1993a.

KARDEC, A. *A Gênese*. Rio de Janeiro: FEAL, 2018.

KARDEC, A. *A Gênese.* Rio de Janeiro: FEB, 1995.

KARDEC, A. *A Gênese*. Rio de Janeiro: FEB, 2007e.

KARDEC, A. *O Céu e o Inferno,* Araras, SP: IDE, 1993b.

KARDEC, A. *O Céu e o Inferno.* Rio de Janeiro: FEB, 1995.

KARDEC, A. *O Livro dos Espíritos*, Edição Especial, Rio de Janeiro: FEB, 2006.

KARDEC, A. *O Livro dos Espíritos.* Rio de Janeiro: FEB, 1995.

KARDEC, A. *O Livro dos Médiuns.* Rio de Janeiro: FEB, 1996.

KARDEC, A. *Revista Espírita 1862*. Araras, SP: IDE, 1993g.

KARDEC, A. *Revista Espírita 1867.* Araras, SP: IDE, 1999.

KELLER, W. *E a Bíblia tinha razão...* São Paulo: Melhoramentos, 2000.

KERSTEN, H. *Jesus viveu na Índia,* São Paulo: Best Seller, 1988.

KRAMER, S. N. *Mesopotâmia, o berço da civilização*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1983.

KRIJANOWSKY, V. *O Faraó Mernephtah*, São Paulo: Lake,1999.

LETERRE, A., *Jesus e sua Doutrina,* São Paulo: Madras, 2004.

MARQUES, L. A. *História das religiões e a dialética do sagrado*. São Paulo: Madras, 2005.

MELO, M. C. *Da Bíblia aos nossos dias*, Curitiba, FEEP, 1954.

MONLOUBOU L. e DU BUIT, F. M., *Dicionário Bíblico Universal,* Petrópolis – RJ: Vozes; Aparecida – SP: Santuário, 1996.

NOGUEIRA, C. R. F. *O diabo no imaginário cristão*. Bauru, SP: EDUSC, 2002.

ORÍGENES. *Contra Celso*, São Paulo: Paulus, 2004.

PEREIRA FILHO, J. F. *Jesus não é Javé: a identidade do anjo da morte revelada*. São Paulo: Isis, 2013.

RINALDI, S. *Espírito – O desafio da Comprovação*. São Paulo: Elevação, 2000.

SACY, Le Maistre de. La Sainte Bible. Bruxelas, Bel: Société Biblique Britannique et Étrangère, 1885.

SCHULTZ, S*. História de Israel.* São Paulo: Vida Nova, 1995*.*

SILVA, S. C. *Analisando as Traduções Bíblicas*, João Pessoa, PB: Idéia Editora, 2001.

STEVENSON, I. *Crianças que se lembram de vidas passadas*. São Paulo: Vida & Consciência, 2011.

TABOR, J. D. *A dinastia de Jesus: a história secreta das origens do cristianismo*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

TRICCA, M. H. O. *Apócrifos – Os proscritos da Bíblia*. São Paulo: Mercuryo, 1995a.

TRICCA, M. H. O. *Apócrifos II – Os proscritos da Bíblia*. São Paulo: Mercuryo, 1995b.

TRICCA, M. H. O. *Apócrifos III – Os proscritos da Bíblia*. São Paulo: Mercuryo, 1996.

VAN LOON, H. W. *A História da Bíblia*, São Paulo: Cultrix, 1981.

VERMES, G. *O Autêntico Evangelho de Jesus*, Rio de Janeiro: Record, 2006.

VESENTINI, J. W, e VLACH, V, *Geografia Crítica*, vol. 1, Ática, São Paulo, 13ª edição.

Periódicos:

Jornal Folha Universal, nº 803, 26.08 a 01.09.2007.

Revista Conhecer Fantástico, ano 12, nº 9. São Paulo: Arte Antiga, s/d.

Revista Galileu Especial nº 2, Cristianismo: Jesus e os mistérios que a Bíblia não explica, São Paulo: Globo, jul/2003, p. 12-21.

Revista Galileu nº 115. São Paulo: Globo, fevereiro/2001.

revista História Viva – Edição especial temática nº 12– Sob a sombra do Diabo., São Paulo: Duetto, s/d.

Revista *IstoÉ,* nº 1918, São Paulo: Editora Três, 26 de julho de 2006.

Revista Mistério, Enigmas do passado, presente e futuro, nº. 2, São Paulo, Digerati, s/d.

Revista National Geographic Especial nº 26 A, São Paulo: Abril, junho de 2002.

Revista Superinteressante, edição 178. São Paulo: Abril, 2002.

Textos/artigos:

FERRONI, M. O que a Bíblia não conta. *REVISTA GALILEU* nº 115, São Paulo: Globo, fev/2001, p. 56-63.

FONSECA, C., LOBATO, E. e MIRANDA, R. Falando com o Além, *REVISTA ISTOÉ* nº 1918, São Paulo: Editora Três, jul/2006, p. 48-53.

GORE, R. Ramsés, o Grande, REVISTA NATIONAL GEOGRAPHIC Ed. 26 A., São Paulo: Ed. Abril, junho/2002, p. 8-35.

GUIASSETI, R. e CORCI D. Apocalipse, in *Conhecer Fantástico*, ano 12, nº 9., São Paulo: Arte Antiga, s/d.

MACEDO, E. *Dízimo e ofertas*. Folha Universal nº 803, 26.08 a 01.09.2007, p. 2.

VISSIÈRE, L. Personagem em metamorfose. In *História Viva – Sob a sombra do Diabo*. Edição especial temática nº 12, São Paulo: Duetto, s/d.

WEEKS, R. Vale dos Reis, REVISTA NATIONAL GEOGRAPHIC Ed. 26 A., São Paulo: Ed. Abril, junho/2002, p. 36-65.

Internet:

Angelfire (Site) *A Torre de Babel*, disponível em: http://www.angelfire.com/me/babiloniabrasil/torredebabel.html consulta em 27.01.2006, às 21:00h.

GREGÓRIO, S. B. *Anjos e Demônios*, consultado dia 15.01.2007, às 14:30h, no site: http://www.ceismael.com.br/artigo/artigo125.htm.

http://farmaunipmanaus2010.blogspot.com.br/2010/03/simbolo-da-farmacia-janeiro-10th-2010_25.html, acesso em 21.08.2014, às 05:20h.

http://medicinaufs.blogspot.com.br/2010/09/qual-o-verdadeiro-simbolo-da-medicina.html, acesso em 21.08.2014, às 05:20h.

http://www.unificado.com.br/historia/codigo_hamurabi.htm, jan/2004.

Lista de arranha-ceus mais altos do mundo, disponível, em:https://pt.wikipedia.org/wiki/Lista_dos_arranha-c%C3%A9us_mais_altos_do_mundo. Acesso em: 04.03.2019, ás 14:08h.

NETO SOBRINHO, *Os nomes dos títulos dos Evangelhos designam seus autores?*, disponível em: http://www.paulosnetos.net/artigos/summary/6-ebook/10-os-nomes-dos-ttulos-dos-evangelhos-designam-seus-autores0. Acesso em 04.03.2019, às 07:23h.

NETO SOBRINHO, *Toda Escritura é mesmo inspirada?*, disponível em: http://www.paulosnetos.net/artigos/send/6-ebook/184-toda-escritura-mesmo-inspirada-ebook. Acesso em: 04.03.2019, às 9:11h.

Portal dos Deuses (site), *Tábuas e Barras Mesopotâmicas*, disponível em: http://tantettaus.blogspot.com/2013/03/tabuas-e-barras-mesopotamicas.html

SARFATI, J. *O Dilúvio de Noé e o Épico de Gilgamesh*. Disponível em http://considereapossibilidade.wordpress.com/2009/03/05/o-dilvio-de-no-e-o-pico-de-gilgamesh/, acesso em 13.11.2012, às 09:11h.

Taiwan inaugura prédio mais alto do mundo (artigo), disponível em: http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/story/2003/11/031114_edificiobg.shtml, consulta em 27.02.2007 às 16:30h.

Hillman, J. *Em louvor de Babe*l, disponível em: http://www.rubedo.psc.br/artigosb/babel.htm, consulta em 16.09.2006, às 22:00 h.

Viajante do Tempo (site): *Ramsés II, o grande Faraó*, disponível em: http://viajantedotempo.com/ramses/. Acesso em 02.02.2019, às 05:59h.

VIEGAS, J. Quake revela o dia da crucificação de Jesus, disponível em: https://www.livescience.com/20605-jesus-crucifixion.html. Acesso emm 06 mar. 2019, às 09:44h.

Imagens:

Ararat: http://www.leirianet.pt/~fotos03/ararat.jpg

Imagem do mapa geográfico do Mar Vermelho: Bíblia Anotada.

Imagem edifício Taipei 101: http://www.brianmicklethwait.com/culture/taipei101.jpg

Imagem torre de babel: http://pintoresfamosos.juegofanatico.cl/images/bruegel/torre_babel.jpg

Jonas e a baleia: https://s-media-cache-ak0.pinimg.com/236x/7b/50/51/7b5051c64df6fd030ddc207d22907504.jpg, acesso em 26.12.2014, às 07:11h.

Mapa dos quatro rios: World Phisical, © Oxford Cartographes, 2000: Agenda Pombo 2007 – Cenibra.

Noé e a arca: disponível em: https://i.pinimg.com/564x/e8/98/b1/e898b1342cc8314de98aff045f2e7536.jpg. Acesso em 27.03.2020, às 07:20h.

Símbolo Farmácia: http://3.bp.blogspot.com/_-8DcDbwkgvk/S6vAQfEIm2I/AAAAAAAAABI/klr2bTHHX1M/s1600/farmacia.jpg, acesso em 21.08.2014, às 05:20h.

Símbolo Medicina: http://2.bp.blogspot.com/_EhbdSpPg_Y8/TJ5i4QCtFcI/AAAAAAAABDg/doswrxNNK60/s200/bastodeesculpiosmbolodagb1.jpg, acesso em 21.08.2014, às 05:20h.

SARFATI, J. *O Dilúvio de Noé e o Épico de Gilgamesch*, imagem "Tradições Diluvianas", disponível em:http://considereapossibilidade.wordpress.com/2009/03/05/o-dilvio-de-no-e-o-pico-de-gilgamesh/, acesso em 13.11.2012, às 09:11h.

Paulo da Silva Neto Sobrinho é natural de Guanhães, MG. Formado em Ciências Contábeis e Administração de Empresas pela Universidade Católica (PUC-MG). Aposentou-se como Fiscal de Tributos pela Secretaria de Estado da Fazenda de Minas Gerais. Ingressou no movimento Espírita em Julho/87. Escreveu vários artigos que foram publicados em seu site **www.paulosnetos.net** e alguns outros sites Espíritas na Web, entre eles:

- **O Portal do Espírito**: http://www.portalespirito.com/paulosns/paulosns.htm
- **Geec:** http://www.geec.org.br/portal/index.php/articulistas/paulo-neto-estudos-espiritas-e-biblicos
- **Era do Espírito:** http://www.aeradoespirito.net/ArtigosPN/INDICE_ArtigosPN.html

Autor dos livros: ***a) impressos:*** *1) A Bíblia à Moda da Casa, 2) Alma dos Animais: Estágio Anterior da Alma Humana? 3) Espiritismo, Princípios, Práticas e Provas, 4) Os Espíritos Comunicam-se na Igreja Católica, 5) As Colônias Espirituais e a Codificação e 6) Kardec & Chico: dois missionários;* ***b) Ebook:*** *1) Racismo em Kardec?, 2) A Reencarnação tá na Bíblia, 3) Manifestações de Espírito de pessoa viva (em que condições elas acontecem),* 4) *Homossexualidade, Kardec já falava sobre isso, 5) Chico Xavier, verdadeiramente uma alma feminina, 6) Os nomes dos títulos dos Evangelhos designam seus autores? e 7) Apocalipse: autoria, advento e a identificação da besta.*

Belo Horizonte, MG.
e-mail: paulosnetos@gmail.com
Tel.: (31) 3296-8716